

GEORGES BLOND

A AGONIA DA ALEMANHA

1944
1945



A HISTÓRIA
QUE VIVEMOS

FLAMBOYANT



GEORGES BLOND

A AGONIA DA ALEMANHA

1944 — 1945

Tradução de Augusto Sousa

2º Edição

DISTRIBUIDORA RECORD RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Título do original:

L'AGONIE DE L'ALLEMAGNE

Copyright by

F. Brouty, J. Fayard

Todos os direitos reservados pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A. Av. Erasmo Braga, 255 — 8 andar — Rio de Janeiro, GB

Impresso no Brasil

ORELHA

A AGONIA DA ALEMANHA

GEORGES BLOND

Foi entre julho de 1944 e maio de 1945 que se verificou a luta mais sangrenta da história da Europa. Milhões de combatentes e montanhas de material foram empenhados em batalhas de inaudita violência, travadas com meios de destruição incomparavelmente superiores aos da guerra de 1914-1918. O centro daquele continente transformou-se num braseiro.

Para nos contar, ou melhor, para nos fazer reviver essa tragédia, Georges Blond colocou-se no centro do palco, ou seja, no território alemão assaltado, bombardeado, incendiado, invadido, correndo para todos os pontos de onde a ação se revestia de maior intensidade.

Uma enorme documentação existe agora sobre a Segunda Guerra Mundial, não apenas vista do lado aliado mas também do lado alemão, já que todos os arquivos políticos e militares do III Reich foram apanhados intactos. No que respeita às unidades combatentes, a história é completada pelos inúmeros interrogatórios de oficiais, anexos aos processos de Nuremberg, e também pelas cartas de soldados recolhidas pelos Serviços de Informação aliados.

Analisando e confrontando esses documentos, e também os sobreviventes da guerra, foi que Georges Blond conseguiu o material para a sua narrativa, abrangendo desde a conspiração de 20 de julho de 1944 até à rendição final.

Assistimos às deliberações dos grandes chefes do III Reich, vemos os conjurados militares preparar e colocar a bomba destinada a fazer Hitler voar pelos ares. Vivemos os episódios mais pitorescos da guerra em meio aos combatentes: infantaria em retirada na França e na Bélgica, pára-quedistas perdidos na neve das florestas por ocasião da contra-ofensiva alemã das Ardenas, defensores das pontes do Reno desmanteladas pelas bombas e fustigados pela irrupção dos carros de assaltos aliados. . .

Na frente de Leste encontramos-nos sob o dilúvio de aço da artilharia russa, a menor do mundo; vemos chegar a maré irresistível e terrificante do Exército Vermelho, fugimos pelas estradas com as massas da população em êxodo. O crescendo é muito naturalmente conseguido pelo simples respeito à realidade histórica, reconstituída diante de nós como um filme, tendo por ponto culminante o inferno de Berlim, os derradeiros dias apocalípticos: três milhões de habitantes refugiados nos porões enquanto a batalha referve em meio aos incêndios, e nos subterrâneos do metropolitano os russos se batem a metralhadora e punhal com os últimos fanáticos defensores; e, nesse meio-tempo, Hitler lançando das profundidades do famoso bunker da Chancelaria ordens cada vez mais absurdas, numa atmosfera de semiloucura.

Na realidade, dificilmente se concebe um romance ou ficção de autor trágico que possa alcançar o grau de intensidade, dramática desta síntese rigorosamente histórica.

Observação

DE JULHO de 1944 a maio de 1945 travou-se a luta mais sanguinolenta de toda a história da Europa. Milhões de homens viveram batalhas de inaudita violência, com meios de destruição incomparavelmente superiores aos de 1914-1918. O centro de nosso continente ficou transformado num braseiro.

Pareceu-me que para narrar, ou, antes, apresentar esse drama em sua unidade, eu devia colocar-me no âmago da peleja, ou seja, no território alemão. Só daí era possível ver a chegada das vanguardas que avançavam de Leste e de Oeste, e o derradeiro ato apocalíptico não podia ser assistido fora de Berlim.

Desloquei minha objetiva para Leste e para Oeste, tantas vezes quantas foram necessárias, a fim de focalizar os episódios mais dramáticos e significativos da Batalha da Europa. Não pretendo, absolutamente, ter exaurido o assunto num só volume, mas espero nada ter ignorado de essencial.

Existe uma enorme documentação sobre a parte européia da Segunda Guerra Mundial, vista não apenas do lado aliado mas também do lado alemão. Os arquivos do Comando Supremo da Wehrmacht foram apanhados intactos em Flensburg. Durante a invasão e depois dela, os Serviços de Informações dos Exércitos Aliados rebuscaram metodicamente, recolheram e classificaram inumeráveis documentos militares e civis — ordens, informes, relatórios, cartas pessoais, — e interrogaram milhares de alemães. Os arquivos de Nuremberg, com os interrogatórios e anexos, constituem uma mina inesgotável. Vários especialistas franceses e estrangeiros, notadamente os da Historical Division americana, reconstituíram os acontecimentos verificados a Leste com o auxílio dos comunicados do Estado-Maior soviético, de diversas publicações russas e dos relatos de combatentes alemães, húngaros e romenos recuados para o Oeste, ou libertados ou evadidos após o cativeiro. Muitas obras de historiadores apreciáveis foram publicadas sobre os diferentes

setores e aspectos da luta na Europa.

Foi esquadrinhando e confrontando esses documentos e obras, e também interrogando pessoalmente diversos sobreviventes, que pude obter os elementos substanciais destas narrativas. Seria ocioso dizer que nada aqui foi inventado, ou romanceado; por que havia de fazê-lo, quando a realidade histórica me proporcionava, a cada instante, episódios e pormenores mais impressionantes e dramáticos que tudo quanto pudesse imaginar?



A situação em 20 de julho de 1944

CAPITULO I

A conspiração

EM JULHO DE 1944, Berlim já tinha recebido cerca de trinta mil toneladas de bombas explosivas e incendiárias. Numerosos bairros achavam-se completamente devastados, lunares, semeados de crateras gigantescas. Algumas ruas compunham-se apenas de fachadas, outras haviam sido totalmente arrasadas, perdidas em grandes espaços varridos.

Quase todas as noites havia alerta e bombardeio. Ouviam-se as sereias, bombas enormes faziam trepidar o chão, edifícios desmoronavam. Os carros de bombeiros corriam de um incêndio para outro sem dar conta do serviço, à luz das labaredas que se erguiam. As jovens dos grupos de socorro circulavam pelos bairros sinistrados, distribuindo leite e agasalhos, recolhendo crianças perdidas.

Em meio ao desastre quotidiano, mantinha-se uma organização. Uma parte da população fora evacuada, quer para os bairros e subúrbios, quer para a Floresta Negra. As pessoas que por qualquer razão deviam permanecer em Berlim, se sua morada fora destruída, eram alojadas em outra parte, na casa de vizinhos, em abarracamentos ou porões. As autoridades municipais renovavam sem descanso, em bairros inteiros, este tipo de operações.

O racionamento era severo mas os bilhetes eram “respeitados”. O viajante que chegasse a Berlim em pleno dia via as ruínas impressionantes, a enorme cidade quase arrasada; e, entretanto, de modo algum tinha a impressão de estar numa cidade morta. Os estabelecimentos não destruídos continuavam abertos, podia-se jantar no restaurante. As ruas mostravam-se cheias de gente. Nas crateras gigantescas, as crianças — talvez as mesmas que na noite anterior tremiam de pavor nos abrigos, — brincavam, e seria ocioso perguntar de quê:

de guerra.

Era o dia 20 de junho, e a manhã apresentara-se excepcionalmente abafada. Quase tôdas as pessoas que tinham trazido sobretudo, carregavam-no no braço e enxugavam a testa. A multidão berlinense incluía uma enorme percentagem de trabalhadores estrangeiros. Quem passava pela Bendlerstrasse, diante do edifício do Ministério da Guerra, lançava geralmente uma olhadela rápida, cautelosa e impenetrável às sentinelas que guardavam as portas, impecáveis e de arma embalada, para as quais o calor sufocante parecia não existir.

O Ministério inteiro suportava com igual bravura a atmosfera procelosa e as fadigas da guerra. Nas repartições, funcionários e oficiais de estado-maior telefonavam durante horas seguidas sem mesmo descansar sobre o cotovelo ou desapertar o colarinho. As datilografas de avental cinzento bem passado, conservavam-se eretas diante das suas máquinas e papéis escrupulosamente arrumados. Estes predicados são tradicionalmente necessários em todos os organismos do alto comando, que as notícias incendiárias das batalhas devem fazer reagir convenientemente, sem todavia os descontrolar.

Na verdade, o Ministério servia especialmente de ligação entre os teatros de operações e o G.Q.G. de Hitler, instalado em Rastenburg, na Prússia Oriental. Ele recebia, decifrava, filtrava a massa de informações, e dava conta delas ao G.Q.G. Por outro lado recebia do G.Q.G. as ordens supremas, sobre as quais elaborava as centenas de ordens gerais ou especiais destinadas aos exércitos, e que eram difundidas vinte e quatro horas por dia, através de oitocentas linhas telefônicas, bem como pelos teletipos, o telégrafo e o rádio. Por vezes, a Bendlerstrasse ficava interditada: era o Führer enviando diretamente alguma ordem ao campo de batalha.

Numa das salas do Ministério o general Fromm, chefe do Exército do Interior, estava examinando os instantes pedidos de reforços chegados da frente. Os efetivos só podiam ser tirados do Exército Interior e a frente reclamava cada dia mais. Tirando um pouco daqui, outro pouco dali, o general Fromm ia alinhando os algarismos. Em seguida propunha ao G.Q.G. um “plano de movimento de tropas”. De duas em duas vezes, o plano voltava alterado e o problema repetia-se no dia seguinte.

Numa dependência contígua, três homens achavam-se na atitude de pessoas

prestes a separar-se após uma longa conversa. Eram o general Olbricht, chefe adjunto do Exército do Interior, de pés atrás de sua mesa; diante dele o coronel Stauffenberg, chefe de estado-maior do general Fromm, e o tenente von Häftten. Estes dois oficiais iam para o aeródromo, de onde um Junkers os levaria ao G.Q.G. de Rastenburg.

O coronel von Stauffenberg garantia a ligação sempre que o telefone, por motivos de segurança, não convinha ser usado. Era um homem de grande robustez, coberto de condecorações. Acompanhava-o o tenente von Häftten. Levava cada qual sua volumosa pasta de couro. Com a mão desocupada, o coronel enxugava o rosto com um lenço. Podia-se notar que essa mão, a esquerda, tinha apenas quatro dedos. A outra, que segurava a volumosa pasta, era feita de metal articulado.

O rosto, por onde o suor escorria, impressionava constrangedoramente, não só porque lhe faltava o olho esquerdo, como ainda porque as faces eram cavadas e contraídas. É sabido que os fortes calores incomodam muito os feridos cujas chagas são recentes ou mal cicatrizadas. Os ferimentos do coronel von Stauffenberg ainda supuravam, especialmente o coto do braço direito. Uma mina, na Tunísia, jogara o coronel pelos ares.

Além disso, esse oficial vinha sendo submetido, desde alguns dias, a uma tensão nervosa quase insuportável. A pasta de couro presa à sua mão direita artificial, continha uma bomba destinada a dar cabo de Hitler.

Na manhã desse mesmo dia, uma tropa alemã, com efetivo de cerca de uma companhia, batia em retirada na Polônia, pela estrada de Wolkowysk a Bialystock. Aproximadamente, constituía-se dos seguintes elementos: dois tanques Tigre de 56 toneladas com suas tripulações, provenientes da 5 divisão blindada; suboficiais e soldados, ostentando as insígnias de regimento das 296, 6, 383 e 45 divisões de infantaria, que haviam integrado o 35 corpo de exército; homens das 4 e 5 divisões da Luftwaffe combatendo a pé e da 18 divisão de D.C.A., além de auxiliares originários da Ucrânia e da Rússia Branca.

A 5 divisão blindada fora destacada, três semanas antes, do 4 Exército blindado, na Ucrânia setentrional, e lançada ao encontro dos russos que tinham irrompido em Orcha e Mohilev, na Rússia Branca. Esbarrara com o inimigo

em 26 de junho, justamente do outro lado do Berezina, em Studienka, o mesmo lugar onde Napoleão tinha atravessado o rio em 1812. Assaltada nos dois flancos por forças blindadas oito vezes superiores, tivera de recuar deixando no campo três quartas partes de seus efetivos. Em três dias, as tropas alemãs em luta nessa zona haviam perdido 22 500 mortos e 13 000 prisioneiros.

Desde 1 de julho, os restos da 5 divisão blindada estavam em recuo, lutando assim mesmo, a fim de cobrir a retirada de outras unidades contra os blindados russos. Cada tanque transportava na plataforma traseira uma reserva de dois ou três bujões de gasolina, enchidos ou renovados conforme era possível, de modo que, enquanto atravessavam a cidade de Slonin, três dos últimos tanques restantes haviam explodido numa via estreita, ladeada de dois muros de fogo. Todos os demais veículos tinham sido destruídos, restando apenas aqueles dois tanques.

O 35 corpo de exército fora desbaratado a oeste de Rogatchev, nos dias 27 e 28 de junho. Os sobreviventes não capturados atravessaram o Berezina a nado sob o fogo das metralhadoras russas, a fim de alcançar Bobruisk, praça cercada de fortificações e que devia ser defendida. Investida e atacada esta, tinham-se empenhado em combates de rua durante trinta e seis horas.

A artilharia inimiga continuava a bombardear a cidade sem se preocupar com os combatentes russos. Bobruisk era uma fornalha aquecida ao rubro, onde a claridade era tão grande de noite quanto de dia. Os defensores, abrigados atrás de alguns tanques, e sobretudo atrás de montes de escombros e nos porões, tinham os rostos completamente negros de fumaça.

— Os tanques russos achavam-se bloqueados nas ruas em meio às ruínas e nós os destruíamos disparando contra eles — contou o sargento Ernst Stroble, do 151 regimento de infantaria (236 divisão, 35 corpo). — Como posição de defesa, nada melhor que uma cidade em ruínas. Infelizmente, o combustível, as munições e os víveres não tardariam a faltar-nos.

Às 8 horas do dia 29 de junho, oito mil alemães, reunidos na parte norte da cidade, lançando-se num ataque quase suicida, conseguiram abrir na massa soviética uma espécie de corredor, por onde haviam enveredado. Seis mil pereceram sob os fogos cruzados do inimigo no curso dessa surtida. Em seis dias de combates nesse setor os alemães perderam 50 000 mortos, 23 000

prisioneiros, 1 300 canhões e 215 tanques.

Os sobreviventes do cerco de Bobruisk tomaram ou retomaram a direção do oeste, em pequenos grupos, atravessando uma região silvestre mais ou menos deserta; procuravam situar-se em relação à batalha, prestando ouvidos ao troar dos canhões, que, aliás, era ouvido em tôdas as direções. Todavia, como a estrada se achava semeada de carcaças de autos e tanques, cavalos esquartejados e cadáveres, os fugitivos não tardaram a compreender que marchavam para oeste atrás dos primeiros blindados russos.

Levaram dez dias a percorrer a distância de Bobruisk a Minsk, cerca de 175 quilômetros, seguindo umas vezes pela grande via cimentada e, mais frequentemente, pela pequena estrada lateral, escondendo-se a cada passo nos bosques para dar passagem a tanques e veículos marcados com a estrela vermelha. Lograram subsistir pilhando alguns caminhões, destroços da retirada, assaltados frequentemente por patrulhas de guerrilheiros também interessados na pilhagem; felizmente, as grandes unidades de guerrilheiros iam-se juntando ao exército vermelho na medida do seu avanço, e participavam com ele das verdadeiras batalhas.

— Diversos grupos tinham-se juntado a nós — prossegue contando o sargento Strobel, — e chegamos a formar uma coluna importante. Um tenente ferido no rosto assumiu o comando. Corria entre nós o boato de que Minsk regurgitava de tropas, armas e provisões. Essa cidade devia marcar o ponto de parada do avanço soviético na Rússia Branca. Marchávamos para ela como para um refúgio onde estaríamos ao abrigo dos ataques dos guerrilheiros e onde poderíamos descansar antes do reinício da luta em condições normais. Estávamos exaustos, mas não desmoralizados. O fato de ter cedido diante da investida russa e estarmos recuando havia três semanas, não nos abatia. Sabíamos que, na Rússia, as distâncias contam pouco; e estávamos ainda na Rússia. Muitos dentre nós já tinham visto outras retiradas, alguns estavam na frente Leste desde o começo.

Não é fácil fazer uma idéia absolutamente clara e certa do moral das tropas alemães da frente Leste, em julho de 1944. Decerto, a sua qualidade variava conforme as unidades e as circunstâncias, mas pode-se muito bem admitir que, no conjunto, a ofensiva russa de junho-julho não desmoralizara a Wehrmacht. Os homens que estavam na frente Leste “desde o começo” tinham vivido tais

aventuras que, sem dúvida, a soma das recordações vitoriosas prevalecia ainda de longe sobre a das mais terríveis imagens.

Inumeráveis divisões tinham passado o seu pior momento no inverno de 1941-1942, durante o qual o exército alemão suportara, em uniforme feldgrau, sem botas de feltro, sem agasalhos e sem peles, em meio à infinita planície russa varrida pelo vento, frio ultrapassando os quarenta graus abaixo de zero. À noite, os soldados que não estavam em linha refugiavam-se nas isbás para se aquecer. Mas as isbás eram tão raras e os homens tão numerosos, que os que nelas conseguiam lugar tinham de ficar em pé, amontoados. Assim mesmo lograriam dormir, se os bichos não os mantivessem acordados. Como nos relatos das expedições polares, era preciso cortar a machado o salame, o pão e a margarina. Os mortos jaziam pelo chão, perfeitamente conservados durante todo o inverno.

Ora, os sobreviventes dessa catástrofe militar se tinham encontrado, alguns meses depois, no meio de um exército amigo, perfeitamente equipado e armado, onde cada divisão contava de quinze a dezessete mil latagões nutridos e em forma. A ofensiva de 1942 em direção ao Cáucaso fora, depois, uma marcha para a glória, através das terras mais ricas do mundo, verdes e douradas sob o céu maravilhoso, com auroras deslumbrantes, banhos e pesca em rios cristalinos, e os homens pensando encontrar logo depois, para além das fronteiras da Europa, seus camaradas vencedores da África, que por sua vez deveriam ter atravessado o Nilo e percorrido a Arábia. Que epopeia!

Porém, as montanhas do Cáucaso marcaram o termo de avanço e o começo das dificuldades; outro inverno terrível; foi imperioso recuar. Houvera também Stalingrado, outras derrotas e outros recuos, por vezes também algum terreno reconquistado. Na verdade, a retirada alemã na Rússia, fato importantíssimo, indiscutível e impressionante, em parte alguma assumira o caráter de uma derrota. Soldados pertencentes a unidades derrotadas, e mesmo destroçadas, continuavam encontrando após uma retirada mais ou menos longa, mais ou menos difícil, uma nova linha de resistência instalada, provida de tropas frescas e de material, onde os restos das unidades eram selecionados, reequipados, reincorporados. Eis o que os sobreviventes de Bobruisk e outros lugares esperavam encontrar em Minsk.

Minsk, capital da Rússia Branca, fora em tempos de paz uma cidade de 120

000 habitantes, bem construída, cortada de amplas avenidas. Àqueles que para ela tinham marchado, esperançosos, surgiu como uma planta calcinada, um montão de ruínas fumegando. Duas horas depois, os nossos homens estavam de novo empenhados em luta, juntamente com os restos dos 129 e 27 corpos. Uma vez mais, o ímpeto russo se mostrou irresistível. Para cada tanque russo destruído, dois outros pareciam romper da terra. A derrota de Minsk tinha custado aos alemães cerca de 70 000 mortos e 35 000 prisioneiros.

Indiscutivelmente, depois de Minsk, o vento da derrota começara a soprar. Uma verdadeira maré, uma torrente incrivelmente larga e espessa de veículos e homens rompendo para o oeste, atropelando-se uns aos outros, foi o que se viu. Havia civis misturados àquela enchente, até mulheres e crianças: eram ucranianos fugindo da sua terra natal, sabedores do que os esperava por se terem acomodado com excessiva facilidade à ocupação.

A massa dos veículos avançava rumorosamente pelas duas estradas de Minsk-Vilna e Minsk-Slonin, e de vez em quando parava, bloqueada durante três horas. Felizmente, os aviões russos eram raros e inábeis: na maioria dos casos metralhavam não no eixo da estrada, mas de través!

Os primeiros indícios de sobrevivência da organização alemã apareceram na antiga fronteira russo-polonesa. Parques de estacionamento haviam sido previstos, espécie de acampamentos com oficiais para canalizar a onda descontrolada.

A retirada continuara na Polônia, um recuo rápido e ainda impressionante, mas que não era a derrota. Os restos das grandes unidades da Wehrmacht retiravam-se às pressas diante da pressão dos blindados russos, mas de vez em quando a corrente abria-se ou desviava-se para contornar uma secção ou um regimento blindado, geralmente de “Waffen SS”, estacionado ou marchando em sentido inverso para travar um combate de retardamento.

Postos de Feldgendarmaria escalonavam a estrada. Os Feldgendarmes eram todos recrutados entre os combatentes mais duros, titulares de várias menções e gulosos de autoridade. Sua presença inspirava reflexão aos soldados em recuo, tentados de procurar por si mesmos os meios de ganhar mais depressa a retaguarda. Era preferível juntar-se a uma unidade “reagrupada”, dar-se a conhecer e colocar-se às ordens do oficial que a comandava.

As raras aldeias atravessadas estavam quase desertas. Nas herdades e nas isbás apenas eram encontrados alguns velhos, por vezes crianças. Os adultos tinham partido, levando o gado, não para seguir o exército alemão — o tempo do êxito total ainda não chegara — mas para se irem refugiar nos bosques à espera dos acontecimentos.

Unidades frescas começavam a chegar de Varsóvia e da Prússia Oriental, em sentido contrário ao da retirada. Foi para permitir a uma delas “desenvolver seu dispositivo” que a pequena tropa sobre a qual apontamos o nosso projetor recebeu, a 20 de julho de 1944, ordem de tomar posição no extremo de uma aldeia (não nomeada) entre Wolkowysk e Bialystock e conter o avanço dos blindados russos vanguardeiros. Estes eram agora menos numerosos e menos agressivos, talvez por escassez de munições e combustível, tão rápido fora o avanço soviético. Além dos canhões de 88 dos tanques, a tropa heterogênea “reagrupada” dispunha de três canhões de 37 e dois morteiros de 80, sem contar as armas individuais.

Os tanques postaram-se em ambos os lados da estrada, contra as casas. Um auto russo apareceu no cotovelo da estrada, a quatrocentos metros, uma berlinda de turismo simplesmente marcada com a estrela. Um segundo depois deixara de existir. Duas autometralhadoras que vinham atrás foram instantaneamente incendiadas e destruídas. Um tanque russo surgiu por sua vez.

Nesse instante, um jato de luz ofuscante rompeu do chão à entrada da aldeia. A terra tremeu, houve um abalo do ar, sufocante e atordoador, e durante um tempo que pareceu interminável aos que não tinham morrido, metade da povoação desapareceu no meio de uma fumaça negra sulcada de clarões vermelhos e amarelos, enquanto outras detonações se sucediam.

Tinha ido pelos ares um dos numerosos depósitos de munições (ou foguetes, ou explosivos) dispostos no itinerário Varsóvia-Minsk-Smolensk. Era impossível saber desde quando ele fora abandonado pelos seus guardas. Também foi impossível saber se a explosão se devera à chegada de um projétil pelo tanque russo, a uma imprudência dos defensores ou algum acaso infeliz. A explosão destruiu um dos dois tanques e fez umas cinquenta vítimas entre mortos e feridos.

Entre os feridos encontrava-se o sargento Ernst Strobel já citado, sobrevivente das batalhas de Orei, Kiev, Mohilev, Bobruisk e Minsk, que deu testemunho destes fatos em várias cartas datadas do hospital militar de Stettin, dirigidas à sua família em Colônia. Estas cartas foram recolhidas, sabe Deus como, após a destruição quase total de Colônia por bombardeios aéreos, e terminaram por engrossar os arquivos do Serviço de Informações do 1 Exército americano. Quanto ao sargento Strobel, parece que deve ser contado entre os milhões de desaparecidos alemães; mas não nos antecipemos.

Em 20 de julho de 1944, tropas alemãs ou aliadas da Alemanha, frequentemente tão díspares quanto as que acabamos de seguir por um momento, batiam em retirada em toda a extensão da frente Leste, desde o Báltico até aos Cárpatos. A derrota finlandesa na Carélia deixava o XX Exército alemão da Lapônia completamente isolado para além do círculo polar ártico, os países bálticos estavam igualmente quase cercados; nas duas frentes do Báltico e nas três frentes da Rússia Branca, o estratega Jukov, manobrando a mais formidável massa de homens e tanques empenhada na guerra, avançara quase quinhentos quilômetros em menos de três semanas.

Em Rastenburg, os grandes chefes do O.K.W. {Oberkommando der Wehrmacht, Comando Supremo das Forças Armadas} não pareciam desmoralizados pelos acontecimentos militares do Leste: “Sabemos melhor do que ninguém que nenhuma ofensiva pode prosseguir indefinidamente. Chega o momento em que deve deter-se para permitir a chegada de abastecimento e reagrupar as unidades, e esse momento será o da nossa reação.”

Era essa a intenção do Comando Supremo: “verrumar” a planície polonesa concentrando em redor de Varsóvia um poderoso exército blindado, e reagrupar a ambos os lados desse bastião as unidades atualmente em retirada, reforçadas por algumas tropas frescas que as ajudariam a manter a nova frente. O G.Q.G. já enviara ao Ministério as diretrizes concernentes à organização e articulação dessas forças.

Mas o plano do Comando Supremo não bastava para tranquilizar nem os chefes do Ministério nem os generais da frente Leste que dele haviam tido conhecimento. Salvo exceções, esses militares pensavam o seguinte: é provável, com efeito, que o ímpeto da ofensiva soviética não tarde a diminuir, mas isso será por pouco tempo; a planície polonesa pode ser mantida algum

tempo, mas não a frente inteira; não há motivo algum para que a formidável superioridade numérica dos russos em efetivos e material, revelada pela ofensiva em curso, deixe de existir de um momento para outro; pelo contrário, tenderá a aumentar. A frente Leste não é a única a ser considerada, pois a situação também se vai tornando alarmante no Oeste. E alguns generais concluíam: “Num prazo mais ou menos longo, a derrota militar não pode ser evitada. Só uma decisão de ordem política pode mudar o curso dos acontecimentos”.

No avião que voava para Rastenburg, o coronel von Stauffenberg conservava a sua pasta sobre os joelhos. Diversos organizadores do atentado achavam que teria sido preferível matar simplesmente Hitler a tiros de revólver, e o próprio von Stauffenberg era dessa opinião; mas como ele tinha um braço artificial e dispunha apenas de três dedos sobre dez, fora-lhe imperioso renunciar à idéia do revólver. Por outro lado, muitos conjurados garantiram que Hitler usava constantemente uma placa blindada à prova de balas.

Von Stauffenberg fora escolhido apesar das suas mutilações, pois se oferecera para executar pessoalmente Hitler com uma convicção e uma instância impressionantes. Contava que, meio inconsciente em seu leito de ferido, recebera do céu, numa espécie de visão, ordem para libertar seu país; em consequência, os chefes da conjuração tinham conseguido fazer-lhe confiar funções que lhe permitiriam dirigir-se frequentemente ao G.Q.G.

Bem poucas pessoas, na Alemanha, tinham acesso junto ao Führer. A realização material de um atentado não era fácil, mesmo para quem dispusesse de altas cumplicidades. Outros aspirantes executores haviam tido experiência disso. Parece impossível, mesmo hoje, saber com absoluta certeza quantos atentados contra Hitler foram projetados, quantos realmente organizados antes do dia 20 de julho de 1944. Contudo, alguns testemunhos, mesmo contendo apenas uma parte da verdade, dão uma idéia da dificuldade da empresa.

No fim de 1943, um general e um coronel pertencentes ao G.Q.G. tinham imaginado destruir Hitler durante uma apresentação de novos equipamentos, que deveriam ser revestidos por três voluntários, um dos quais levaria consigo uma bomba. Quando o Führer chegasse, ele carregaria o detonador, e

envolvendo Hitler com os braços iria com ele pelos ares. Infelizmente, a cerimônia de apresentação desses equipamentos, foi diversas vezes adiada, como se Hitler ou alguém do seu séquito houvesse cheirado o perigo; por fim, um bombardeio destruiu o estoque inteiro dos novos equipamentos.

A tentativa foi repetida em 20 de fevereiro de 1944 por outro coronel, chamado Josef Hoffmann, adido à Chancelaria. Tratava-se mais uma vez da apresentação de equipamento e o voluntário da morte era o próprio filho do coronel.

Agora Hitler prometera comparecer, estava sendo esperado; um oficial da sua guarda veio avisar: “O Führer estará aqui dentro de cinco minutos”. O tenente Hoffmann acionou então o mecanismo do detonador, regulando-o para um retardamento de dez minutos, na esperança de que o Führer consagrasse pelo menos cinco minutos ao exame. Hoffmann era obrigado a agir assim porque os conjurados, conforme se disse, não possuíam bomba de detonação instantânea, particularidade aliás verossímil. Os poucos oficiais inteirados afastaram-se então tanto quanto possível do tenente-explosivo. Nessa altura entrou outro mensageiro e disse: “A visita do Führer foi atrasada para daqui a três horas”.

Mal houve tempo de ir fazer explodir a bomba num porão (ou num pátio deserto) da Chancelaria. O testemunho recolhido sobre esse tentado é o do tenente Hoffmann, que foi prisioneiro dos russos, e não parece ter havido uma verificação minuciosa de sua exatidão. Um fato permanece certo: é que as visitas e deslocamentos de Hitler, em nove vezes sobre dez, eram anuladas ou adiadas. Nunca se estava certo de o ver a tal hora em tal lugar. Assim o determinam os responsáveis pela segurança dos personagens expostos a atentados.

O atentado mais certo e melhor conhecido, à parte o de 20 de julho de 1944, e talvez também o melhor organizado, continua sendo o de 13 de março de 1943.

Hitler dirigira-se à frente Leste, na região de Smolensk, ao Q.G. de von Kluge, chefe do Grupo de Exércitos do Centro. Quando ele subiu ao seu avião para regressar à Alemanha, o general von Tresckow, do estado-maior de von Kluge, perguntou ao coronel Brandt, que fazia parte da comitiva do Führer, se queria ter a gentileza de levar um embrulho contendo duas garrafas de conhaque, destinadas ao general Stieff, do G.Q.G. de Rastenburg.

— Pois não — respondeu Brandt.

Na realidade o embrulho continha uma bomba, com o detonador preparado e regulado para um retardamento de 30 minutos. Hitler rarissimamente tomava avião; seu aparelho pessoal incluía uma cabine blindada destacável, com paraquedas automático destinado a sustentá-lo em caso de queda. A bomba, porém, era suficientemente poderosa para destruir instantaneamente o avião inteiro. O retardamento podia ser marcado para dez minutos, trinta minutos ou uma hora. A escorva do detonador quebrava uma ampola contendo um líquido corrosivo que atava o fio de metal que retinha a mola do percussor. A vantagem deste dispositivo, de concepção e fabricação britânicas, era evitar o emprego de rastilho, que arde produzindo um silvo revelador. Os aviadores britânicos levavam dessas bombas para a Alemanha, destinadas aos agentes do Intelligence Service encarregados de sabotagens, das quais os alemães encontraram algumas.

Os conjurados de Smolensk (von Kluge fora informado, mas recusara meter-se em algo) esperavam impacientemente a mensagem de um avião da escolta anunciando a catástrofe. Silêncio absoluto. Um telegrama cifrado chegou mais tarde ao Q.G. de Smolensk: “Avião do Führer pousou em Rastenburg à hora prevista”.

Com o suor a escorrer-lhe pela testa, von Tresckow chamou o coronel Brandt ao telefone.

— A viagem correu muito bem— disse-lhe este. — Ainda não pude procurar o general Stieff para lhe entregar o conhaque, mas não se preocupe’, pois não tardarei a fazê-lo.

— Não — tornou von Tresckow esforçando-se por manter a calma. Chamei-o justamente para lhe dizer que houve um engano, e que esse embrulho não era o destinado ao general Stieff. Guarde-o consigo. Amanhã lhe mandarei o tenente-coronel von Schlabrendorff, que lhe entregará a verdadeira encomenda.

— Perfeitamente — concordou Brandt.

Von Schlabrendorff dirigiu-se a Rastenburg pelo correio aéreo regular,

recuperou a bomba, entregou a Brandt um pacote contendo realmente duas garrafas de conhaque. Em seguida meteu-se no noturno de Berlim, e fechando-se na cabine desmontou o engenho. O líquido corrosivo cortara mesmo o fio, e no entanto o detonador não havia funcionado. Von Schlabrendorff comunicou aos chefes da conspiração, residentes em Berlim, a necessidade de recomeçar tudo outra vez. Mas quando surgiria outra oportunidade semelhante?

O coronel von Stauffenberg não ignorava que a bomba contida em sua pasta era de fabricação exatamente igual à que determinara o fiasco de 13 de março de 1943, mas isso não lhe tirava a confiança. O detonador fora cuidadosamente examinado e experimentado vazio numerosas vezes, o engenho parecia afinado. Aliás, precisava contentar-se com ele, que tinha a vantagem de ser pouco volumoso e completamente silencioso.

Os peritos alemães estariam certamente em condições de imaginar e construir outra máquina infernal mais aperfeiçoada, se lhes fosse encomendada. Mas as pessoas inteiradas da conjuração já eram muitas e as fugas tornavam-se cada vez mais perigosas. Os conjurados pressentiam em redor e mesmo entre eles a presença atenta da Gestapo.

Uma verdadeira conjuração está muito longe de ser aquilo que geralmente se pensa: alguns homens ligados pela mesma intenção e os mesmos riscos, preparando em segredo o atentado e executando-o no momento escolhido. Na realidade, uma zona de penumbra extremamente perigosa existe sempre entre os conspiradores e o exterior. Certas pessoas, sondadas, não se declararam abertamente ou fingiram não compreender; terão depois dado à língua? Nunca se pode saber. Os agentes provocadores fazem o seu jogo, sempre igual e quase sempre eficiente. Reckzeh, por exemplo, um médico que em setembro de 1943 se introduziu num grupo de adversários do regime, rompeu a falar da necessidade de uma resistência mais ativa contra Hitler, captou a confiança dos demais, recebeu-lhes as confidências, e em seguida dirigiu-se à Gestapo para fazer a sua denúncia. Resultado: vários oponentes foram presos, interrogados, torturados e executados. Mesmo em casos desses, como saber com certeza se alguém falou?

Em julho de 1944, havia já diversos meses que Himmler dava a entender estar certo de que alguns militares preparavam um atentado. Como o havia de ignorar se ele próprio fora sondado? Dois dos conspiradores, o doutor Popitz,

ex-ministro prussiano das finanças, e o advogado Langbehn, tinham, por iniciativa própria e pensando agir genialmente, tomado contatos com o chefe supremo da Gestapo.

— Não há dúvida que o nosso Führer se mostra sempre maravilhoso — tinham-lhe eles dito em substância, — mas a situação geral evolui desfavoravelmente. Os poucos bons trunfos que a Alemanha ainda possui devem ser jogados agora. Seria conveniente, por exemplo, fazer tentativas de paz junto aos anglo-saxões, mostrando-lhe vivamente o perigo comunista que ameaçaria a Europa no caso do esmagamento total da Alemanha. Mas eles não hão de querer tratar com o Führer. Seria necessário um homem inteligente e hábil, possuindo ao mesmo tempo autoridade etc.

Em resumo, a conclusão mais ou menos explícita tinha sido: “no caso do êxito de um golpe, o senhor aceitaria o poder?” Himmler ouviu atentamente, limitando-se a responder vagas generalidades, e não mandou prender os seus dois visitantes à saída do edifício. Obteve mesmo discretamente para Langbehn certas facilidades de viajar pela Europa, mandando-o contudo vigiar — e mandando vigiar também os que o vigiavam, pois não queria de modo algum que Langbehn fosse brutalmente preso, interrogado e obrigado a falar.

Himmler desejava saber tudo o que se passava, cercar a conspiração de modo a poder esmagá-la a qualquer instante, e ao mesmo tempo calcular, avaliar as possibilidades de êxito... e agir em consequência. Schllenberg, chefe dos serviços de informação da Gestapo, já havia tempos que vinha destilando o mesmo perturbador veneno ao ouvido de seu chefe: “Só o senhor pode suceder ao Führer...”

Decerto, os conjurados ignoravam as intenções secretas de Himmler, mas o que não podiam deixar de ver era o estreitamento das malhas à volta deles, as prisões que Himmler ordenava para ficar informado e senhor da conspiração, e também para evitar comprometer-se: prisão de vários colaboradores do almirante Canaris, justamente suspeitos; prisão, em janeiro de 1944, de Helmuth von Moltke, em cuja propriedade, em Kreisau, na Silésia, numerosos conspiradores se reuniam. Agora era o doutor Karl Gerdeler, antigo prefeito de Leipzig, chanceler indicado do governo de libertação, que se sentia cada vez mais vigiado de perto, e ameaçado.

De modo que a conjuração evoluía exatamente conforme as leis históricas do gênero: a partir de certo momento, os conspiradores não mais são livres de escolher o seu instante; veem-se obrigados a agir, sob pena de prisão e de morte.

Outra razão impelia os inimigos de Hitler: caso demorasse mais, a ação nenhum resultado produziria. Combinara-se que o governo provisório que assumisse o poder após a eliminação de Hitler ele dirigiria imediatamente aos anglo-americanos:

— Nós livramos a Alemanha do nacional-socialismo e vimos propor-lhes a paz. Mostrem-se generosos.

Ora, eles só podiam esperar ser ouvidos se a operação fosse executada muito antes do esmagamento total, caso em que os anglo-americanos ainda achariam preferível aceitar a rendição do que prosseguir o esforço de guerra. Talvez até renunciassem à idéia da capitulação incondicional. Por outro lado, propostas de paz apresentadas tarde demais nada significariam e nem sequer seriam ouvidas. Era já bastante lamentável que o atentado não houvesse sido realizado antes do desembarque na Normandia.

O coronel von Stauffenberg estava ao fato de tôdas estas premências, ninguém mais do que ele via a necessidade de agir prontamente. Em função no Ministério havia menos de três semanas, era já a terceira vez que tomava o avião com sua bomba. Tomara-o em 11 de julho com destino a Berchtesgaden, onde Hitler fora passar alguns dias. Tinha sido recebido, permanecera meia hora no mesmo aposento que o Führer, e contudo não apertara o seu detonador. Por quê? Porque nem Himmler nem Göring, que fora combinado destruir ao mesmo tempo que Hitler, estavam presentes.

A oportunidade tornara a apresentar-se em 15 de julho e von Stauffenberg de novo tomou o avião com sua bomba, desta vez com destino a Rastenburg. Ainda Himmler e Göring ausentes da sala de conferência. Coisa incrível após o malogro anterior, o caso não tinha sido previsto. Que fazer? Von Stauffenberg saiu da sala e foi telefonar aos conjurados de Berlim.

— Alô! Ligue-me com o gabinete do general Olbricht.

Na linguagem combinada (não encontrei em parte alguma os nomes e palavras-código empregadas), von Stauffenberg informou que nem Himmler nem Göring estavam presentes. Devia agir assim mesmo? Uma voz respondeu:

— Sim.

Pormenor: essa voz não era a do general Olbricht, mas a do tenente von Häften, nesse momento sozinho no gabinete e que tomou a responsabilidade de decidir. Vê-se desde logo que a organização do atentado não era perfeita, mas passemos adiante. Von Stauffenberg voltou à sala de conferência para constatar que Hitler já a havia deixado. Segunda oportunidade perdida.

“Não podemos nem devemos perder mais esta ocasião”, pensava o coronel em seu avião naquela manhã de 20 de julho de 1944. Dois fatos, entre outros, indicavam a necessidade imperiosa de agir sem mais demora. Primeiro, o general von Treslckow acabava de fazer chegar ao coronel a seguinte mensagem: “É provável um avanço dos russos em direção ao Vístula. Se o rio for atravessado, Berlim poderá ser alcançada em dez dias”. Segundo: em 17 de julho, o “Obergruppenführer SS”, Arthur Nebe, chefe da administração da polícia criminal, membro da conjuração, anunciara que o mandado de prisão contra Gördeler estava datilografado, apenas esperando a assinatura de Himmler.

(A verdade é que Himmler concordara em que essa ordem de prisão fosse redigida, recusara depois ou adiar a sua assinatura e deixara-a ostensivamente sobre sua escrivaninha. Desse modo alarmava e premia os conjurados, conservando até ao fim a possibilidade de dizer, caso o golpe vingasse: “Como veem, protegi Gördeler”. Arthur Nebe não concebia tal virtuosismo no jogo duplo.)

A ocasião não devia nem podia mais ser perdida. Presentes ou ausentes Himmler e Göring, von Stauffenberg estava resolvido a pôr o mecanismo em ação. O importante era matar Hitler, e Hitler estaria sem dúvida presente, uma vez que ele próprio convocara o coronel.

Na manhã desse mesmo dia, os chefes das estações silesianas e polonesas da linha Oppell-Czestochowa-Piotrkow recebiam sucessivos telefonemas oriundos de autoridades superiores anunciando-lhes a próxima passagem de

um trem especial na direção de Varsóvia, pedindo-lhes para fechar as estações e darem conta da hora da passagem.

O destino real desse trem era Rastenburg. No interior de um compartimento estava sentado, sozinho, um homem de sessenta e um anos, que bem mostrava ter essa idade, de olhar ausente e expressão carregada: Benito Mussolini. Graziani, ministro da Defesa do governo neo-fascista, e Dollmann, representante de Himmler para a Itália do norte, conversavam no compartimento vizinho.

Roma estava nas mãos dos aliados desde 4 de junho. Os alemães tinham-se entrincheirado e resistiam na “Linha Gótica”. Mussolini bem poderia perguntar-se o que mais lhe conviria: que eles resistissem ainda muito tempo ou fossem logo desalojados. Mas segundo os testemunhos dos que mais viveram junto dele nessa época, e segundo o que ele próprio escreveu, o sentimento que, acima de todos, o dominava então, era um imenso cansaço.

Em 10 de junho de 1940, ao declarar guerra à França — Oggi é il giorno della nostra dicizione irrevocabile... — Mussolini soltara a pedra que rola, ressaltava e desencadeia a avalanche. Ele conhecera pessoalmente tudo o que a História pode dar a conhecer a um chefe de Estado, desde o poder imperial até a prisão e o exílio. Em 25 de julho de 1943, a maioria do Grande Conselho Fascista, homens que tudo lhe deviam, tinha-o deposto. O rei Vítor Emanuel mandara-o chamar:

— O senhor é o homem mais odiado da Itália. Resta-lhe apenas um amigo, que sou eu.

E Mussolini fora preso ao sair da audiência. Nas ruas, seus antigos aclamadores bradavam: “Viva Badoglio! Viva a paz!” O governo Badoglio necessitou várias semanas para convencer os aliados suspeitosos a aceitar a capitulação secreta — e incondicional, — da Itália. Curiosa paz para o povo italiano: apenas a capitulação tornada pública, a metade da Itália ainda não reconquistada pelos aliados era invadida pelos alemães. O couraçado Roma foi afundado pelos Stukas, as tropas italianas desarmadas pela Wehrmacht e os SS.

Cativo, incessantemente levado de uma prisão para outra, Mussolini passou

várias vezes do desânimo à energia. Nas ilhas de Ponza e Maddalena, evocara a Grande Sombra, a imagem de um fulgurante “retorno”. Por fim, caíra em desalento. Após o rapto esportivo e romântico do Gran Sasso, seus libertadores SS perguntaram-lhe para onde queria ir. O velho Duce destituído respondeu:

— Minha vida política está acabada, o que me resta fazer é ir para minha casa, em Rocca Caminate. Oxalá me deixem ficar aí, esquecido e ignorado...

O avião ergueu voo para a Áustria, e poucos dias depois, Hitler, ao receber o amigo libertado, “chamou-o à realidade”, isto é, convenceu-o a renunciar ao retiro de Cincinnatus, a aceitar a constituição do governo “fascista republicano” a lançar o apelo à luta até à vitória; concitou-o ao antissemitismo, à fidelidade ao Eixo, pregou-lhe “dureza” na ação socialista — tudo coisas nas quais Mussolini, e com sobradas razões, não mais acreditava. Os alemães reconduziram-no à Itália, para Gargano, à beira do lago de Garda, instalando-o numa vila “protegida” noite e dia por SS. De fato, ele recusava governar, não ignorava a situação real de seu país. Criavam-se novas milícias fascistas-socialistas, mas a revolta social-comunista bramava nas grandes usinas. Os alemães, que tinham desarmado as tropas italianas regulares, recrutavam e preparavam tropas neofascistas, mas quando esses voluntários iam de licença a suas casas eram assassinados pelos guerrilheiros antifascistas. Cada assassinio de voluntário ou de soldado alemão custava dez mortos à população, e enquanto isso as cidades e povoados da Itália antialemães eram arrasados pelos bombardeios aliados. Que fazer, em semelhantes condições, senão aguardar o fim do pesadelo?

Mussolini nem sequer pôde impedir os alemães de fazerem condenar (por um tribunal político especial neofascista sediado em Verona) e executar o pai de seus netos, seu genro Ciano. Um jornalista italiano garantiu ter ouvido Mussolini dizer que “depois dessa manhã de janeiro de 1944 sentia estar morrendo, e que o tempo lhe parecia atrozmente longo”.

Esse era o homem que na manhã de 20 de julho de 1944 se dirigia, também, para o G.Q.G. de Rastenburg. O que ia pedir a Hitler era um abrandamento do regime de ocupação: menos requisições, melhor tratamento para os trabalhadores italianos na Alemanha, menos rigor na repressão dos atentados. Porque os atentados contra tropas alemãs multiplicavam-se. O marechal von

Kesselring acabava de baixar uma ordem: “A existência de guerrilheiros no teatro de operações da Itália, especialmente na Itália central, aumentou recentemente a ponto de constituir um sério perigo para as tropas combatentes e suas linhas de comunicação, bem como para a indústria de guerra e o potencial econômico. A luta contra os guerrilheiros deve prosseguir por todos os meios ao nosso alcance e com a mais extrema severidade”.

Na Normandia, chovia. A planície em redor de Caen não era mais que um lamaçal. Durante várias semanas, as bombas e rockets dos aviões, os obuses dos navios e dos canhões terrestres, bem como as lagartas dos tanques, haviam esmagado, triturado, aniquilado a erva e a vegetação normandas, apesar de vigorosas e fortemente enraizadas. Ainda agora se viam os grandes tanques evoluindo à superfície do mar de lama, devagar, abrindo fogos intermitentes, afastando-se pouco a pouco uns dos outros como couraçados ao fim de uma batalha...

Essa batalha fora iniciada por Montgomery em 18 de julho, após um bombardeio sem precedentes durante o qual doze mil toneladas de bombas tinham sido lançadas, excluindo os obuses dos couraçados. No espaço lunar assim criado, os blindados aliados avançavam atrás da dupla cortina da artilharia naval e terrestre, para ficarem depois sob o fogo lateral dos blindados alemães. Estes, que haviam fugido a toda a pressa da zona martelada, foram esperar o fim do dilúvio de aço, e depois, audazes e hábeis, voltaram com igual pressa para atirar contra os flancos dos tanques e veículos britânicos que atravessavam a planície.

Travou-se então a verdadeira batalha, mais de mil tanques aliados contra trezentos alemães. Os aliados perderam trezentos tanques no primeiro dia e os alemães cinquenta. Ao amanhecer do dia seguinte, o céu mostrou-se borrascoso e a chuva começou a cair. Um tempo desses queria dizer: ausência de aviação. Os homens dos blindados alemães tinham, por fim, a impressão de estar lutando com armas iguais. A batalha, num atoleiro, diluía-se...

Na outra ala da frente, os americanos tinham parado. A 4 de julho haviam deixado suas posições ao sul do Cotentin a fim de avançarem para o sul. Mas, durante vários dias, todos os rádios da Europa ficaram repetindo o mesmo nome de localidade francesa, curiosamente pronunciado pelo locutor yankee: La Haye-du-Puits. As tropas de Bradley tinham esbarrado contra a defesa

alemã. Depois avançaram mais um pouco pelas estradas da La Haye-du-Puits-Lessay e Carentan-Périers.

A batalha não se assemelhava absolutamente à do setor de Caen. Os canhões antitanques alemães, as metralhadoras e carabinas alemãs estavam emboscadas atrás de cada uma das centenas de sebes vivas que separavam os campos do lodaçal. Desse modo, sempre que um tanque americano avançava para transpor uma sebe, se erguia e empinava mostrando o ventre vulnerável, arriscava-se a ser destruído. Os soldados cáquis que preparavam seus esquifes de borracha para atravessar os riachos ouviam zunir as balas de atiradores invisíveis. Dir-se-ia uma guerra de Peles-Vermelhas ou Chuans debaixo de chuva. Também ali, o tempo, cada vez pior, era uma bênção para os alemães; não existia o perigo dos caças-bombardeiros voando baixo, esquadrinhadores, lançando rajadas mortais, jatos fulgurante de rockets. Na linha Lessay-Périers-Saint-Lô, os americanos achavam-se detidos.

Quanto duraria esse intervalo era fácil de prever: tanto quanto o tempo. Todos os generais alemães do teatro do Oeste estavam convencidos disso. O próprio von Kluge... O marechal von Kluge, ex-comandante do Grupo de Exércitos do Centro da Rússia, apresentou-se no P. C. de Rommel, em La Roche-Guyon, exatamente duas semanas antes, a 5 de julho.

— O senhor talvez saiba que eu substituo o marechal von Rundstedt. Desejo conversar consigo imediatamente.

Encurralado e doutrinado durante quinze dias por Hitler, von Kluge chegava persuadido de que se os aliados não tinham sido repelidos para o mar na Normandia, isso se devia à pusilanimidade de von Rundstedt e de Rommel.

— O senhor não goza mais da inteira confiança do Führer — declarou ele ao ex-chefe do Afrika-Korps, — por ser excessivamente pessimista e individualista. Aconselho-o, doravante, a obedecer-me sem reservas.

— E o senhor não estará um pouco avariado? — replicou Rommel. — Eu é que o aconselho a não fazer nenhum julgamento sobre a situação no Oeste, antes de haver adquirido uma experiência pessoal do assunto.

Von Kluge partiu em inspeção. Na volta, quarenta e oito horas depois, veio

apresentar espontaneamente suas desculpas a Rommel:

— De fato, é tudo como o senhor me disse. Fui enganado pelo Führer e por Keitel. Apesar das informações que recebe, o Führer vive mergulhado num sonho. Quando o despertam para lhe dizer que alguma coisa vai mal, procura logo um bode expiatório. Eu já devia desconfiar disso, pois sucede o mesmo na frente Leste.

Em seguida, von Kluge regressou preocupadamente ao seu Q.G., de novo comandante-chefe no Oeste, em Saint-Germain, e nesse dia 20 de julho de 1944, às primeiras horas da manhã, encontrava-se outra vez em La Roche-Guyon, no castelo dos duques de La Rochefoucauld que Rommel escolhera para Q.G. do seu “Grupo de Exércitos B”. Mal rompera o dia, os bombardeios tinham destruído todas as linhas de iluminação da região. À luz de velas, o comandante-chefe do Oeste relia um memorandum de Rommel, datado de 15 de julho de 1944. Eis o essencial desse documento:

“A situação na frente da Normandia torna-se cada vez mais difícil, tendendo para uma grave crise. Considerada a rudeza dos combates, o material extraordinariamente poderoso utilizado pelo adversário e a eficiência da arma aérea inimiga, senhora absoluta da zona de batalha, nossas perdas são de tal modo elevadas que o poderio combativo das divisões está em via de decrescimento rápido... Para compensar 97 000 homens de perdas (entre os quais 2 360 oficiais, incluindo 28 generais e 354 comandantes de unidades) recebemos apenas 6 000 homens de reforço. . . Igualmente, as perdas de material são extraordinariamente elevadas...

“Quanto ao envio de reforços, ele tornou-se de tal modo precário em virtude da destruição da rede ferroviária e da intervenção da aviação inimiga nas estradas e caminhos, que se torna impossível fazer chegar à frente da Normandia novas forças dignas desse nome. Em contrapartida, novos efetivos e imensas quantidades de material afluem dia e noite para a frente adversa...

“Nestas condições, é lícito esperar que dentro em pouco — quinze dias talvez, ou três semanas, — o inimigo consiga romper a nossa frente tão frágil e penetrar nas profundezas do território francês. As consequências disso serão incalculáveis”.

No fim, Rommel acrescentara algumas linhas do próprio punho: “Sou obrigado a pedir-lhe que considere sem demora as consequências desta situação. Na minha qualidade de Comandante-chefe do Grupo de Exércitos, sinto-me no dever de lhe dizer claramente”. E assinara: Rommel, Feldmarschall.

O memorandum era dirigido não a von Kluge, mas a Hitler. Encontrava-se nas mãos de von Kluge porque Rommel o encaminhara normalmente pela via hierárquica. Von Kluge estava havia três dias de posse do texto, e ainda o não fizera seguir, por duas razões. Primeira, porque um acontecimento novo se produziu: Rommel encontrava-se agora estendido num leito de hospital, em Bernay, gravemente ferido. No dia 17 de julho, pelas 18 horas, seu automóvel fora perseguido por três caças bombardeiros na estrada de Vimoutiers a Livarot, e metralhado. Rommel tinha sido projetado para fora do veículo, inconsciente e coberto de sangue. Era muito duvidoso que escapasse. Von Kluge tivera de deixar às pressas Saint-Germain, a fim de vir tomar pessoalmente o comando do Grupo de Exércitos B, enquanto não chegasse o substituto de Rommel.

A segunda razão era que von Kluge não podia fazer seguir o memorandum sem lhe acrescentar pelo menos algumas linhas de comentário. Ora, a redação dessas poucas linhas significava para o Comandante-Chefe do Oeste um problema delicado e mesmo perigoso.

Sem querer de modo algum romancear, ao contrário, procurando evitá-lo, atendo-nos à realidade dos fatos que, num relato como este, são os únicos materiais que o historiador pode honestamente reter, não nos é difícil imaginar a situação de von Kluge tal como ele próprio a poderia ver nessa manhã de 20 de julho de 1944. Para maior comodidade, suponhamos que ele mesmo a descreva, na primeira pessoa:

“Assim, Rommel redigiu o seu ultimatum. Não o fez sem me avisar. A 12 de julho, quando lhe perguntei: “Na sua opinião, quanto tempo poderemos ainda resistir na Normandia?”, ele respondeu-me: “Façamos essa pergunta aos comandantes do exército e aos generais encarregados de comando. Se as respostas forem as que presumo, comuniquemos a Hitler o resultado do inquérito, pedindo-lhe que ponha um fim à guerra no Oeste. Se ele, como espero, repelir violentamente qualquer sugestão ou intimação, os homens resolvidos a eliminá-lo do poder executarão seu programa.”

“Rommel falou-me com toda a franqueza de suas conversas com os emissários que os conjurados de Berlim lhe enviaram. Ouvi-o com reserva. Entendo que as minhas funções de Comandante-chefe me interdizem participar da conspiração. Não escondi a Rommel que era favorável à destruição da tirania nacional-socialista, porém a ação política não é o meu forte. Devo acrescentar que Rommel, embora mantendo relações com os conjurados, desempenha com absoluta lealdade suas funções de chefe do Grupo de Exércitos B. A violência das batalhas suficientemente o prova. A uma de suas perguntas, respondi que minha decisão dependeria do resultado do inquérito feito entre as autoridades da frente.

“Rommel encarregou-se pessoalmente desse inquérito nos dias 13, 14 e 15 de julho. As respostas que recolheu, e às quais se refere no memorandum que tenho em mãos, são tôdas extremamente pessimistas, incluídas as dos chefes SS Dietrich e Hausser. O memorandum é excepcionalmente claro, e, na minha opinião, altamente sagaz em suas previsões. Devo acrescentar-lhe algumas linhas para o enviar ao seu destino, e em boa consciência não posso deixar de aprová-lo. Aprovar o relatório e suas previsões sem tomar a meu cargo o ultimatum, é o que eu desejaria fazer, mas não é fácil. Hitler, Jodl, Himmler e todos os que lerem estas páginas no G.Q.G. estudarão cada palavra. Reprovar formalmente o ultimatum poderá também ser perigoso, no caso de os acontecimentos tomarem certa feição. Resolvi conceder-me mais vinte e quatro horas de reflexão, ir ainda uma vez inspecionar as linhas para formar uma idéia definitiva da situação. Partira de automóvel daqui a instantes”.

Von Kluge não era o único “expectante” ou hesitante. Existia uma completa gradação, representada por numerosos generais e oficiais superiores da Wehrmacht, entre a adesão à conjura e a total ignorância dela. Os principais conspiradores militares em 20 de julho eram: o general demissionário Ludwig Beck; o feldmarschall von Witleben; os generais von Hammerstein, Olbricht, Höppner, von Tresckow, Stieff, Fellgebiel e Thomas; os coronéis von Stauffenberg e von Schlabrendorf.

Beck assumiria as funções de chefe de Estado no governo anti-hitlerista. Ex-chefe de estado-maior da Wehrmacht, abandonara o exército em 1938, após aberta oposição a Hitler quando da demissão dos generais von Blomberg e von Fritsch. Era o principal organizador da conspiração. Infelizmente, a

conspiração gasta ainda mais do que o poder e em julho de 1944 Beck não escondia achar-se física e moralmente exausto. Em sua opinião, o atentado chegava tarde demais. Contudo, o idoso general não se furtava, convencido de que sua qualidade de oponente de antes da guerra inspiraria, mais que qualquer outra, confiança aos aliados, com os quais seria necessário tratar.

Rommel, como vimos, fora eliminado da conjura pelos caças-bombardeiros britânicos. Outro eliminado de antes de 20 de julho, que desde longa data sabia da conspiração e que, pelo menos durante dois anos, dera aos conspiradores a proteção dos seus serviços, era o almirante Canaris, personagem surpreendente.

Oriundo de uma família grega instalada na Alemanha desde o século XVIII, levantino no físico e no moral, Canaris descobriu sua verdadeira vocação ao ser nomeado adido naval em Madrid, durante a Primeira Guerra Mundial. Nada o interessava além da espionagem. Utilizara os serviços da dançarina Mata-Hari, fuzilada na França pouco depois. Tornado chefe das Informações do Exército em 1934, imediatamente se cercara — ou deixara cercar-se, — de oficiais hostis ao regime. Seus serviços jamais forneceram ao alto-comando, sempre que se tratava de pontos importantes (por exemplo: poderio militar e industrial dos russos, desembarque anglo-americano), mais que informações insuficientes ou grosseiramente inexatas. Incompetência ou sabotagem, nunca foi possível sabê-lo. Protetor dos conjurados, Canaris dava por vezes a alguns a impressão de estar sabotando a conjura. Ninguém, nem mesmo talvez o próprio Canaris, soube no fundo jamais em que carta desejou jogar esse virtuoso do jogo duplo — e triplo e quádruplo; a única certeza consiste em que foi estrangulado na prisão pelos executores da Gestapo. Mas, antes disso, o rendimento de seus serviços tornara-se tão lamentável que a Gestapo fora obrigada a assumi-los: Canaris tinha sido afastado de suas funções em janeiro de 1944.

Os conspiradores militares constituíam a tropa de choque, executora do atentado e do golpe, mas não iriam exercer sozinhos o poder. Já vimos que o posto de chanceler estava reservado para Karl Gerdeler, ex-burgomestre de Leipzig, conservador. O antigo ministro do Interior de Hesse, Wilhem Leuscher, socialdemocrata, seria o vice-chanceler. Um antigo embaixador em Roma assumiria os Negócios Estrangeiros.

A distribuição das pastas e das altas funções fora incrivelmente laboriosa, devendo o governo pós-hitlerista reunir, em princípio, representantes de todos os grupos ou tonalidades da conspiração. Isto incluía, além dos militares e antigos homens públicos ou diplomatas, industriais, proprietários de terras, gente da Igreja, intelectuais e também nacionais-socialistas em funções especialmente úteis, como aquele Arthur Nebe, Obergruppenführer SS, que quase todos os dias almoçava com altas personalidades da Gestapo.

Particularidade bastante notável, a conspiração não incluía oponentes da extrema-esquerda. Estes, sondados, haviam recusado: um governo de que participariam diversos generais, escassamente lhes parecia preferível ao de Hitler. Contudo, em 22 de junho de 1944, realizou-se uma entrevista nos arrabaldes de Berlim entre dois conjurados e três membros do comitê central do partido comunista, estes muito reticentes e desconfiados: “Nós não queremos um governo à Badoglio. Que vantagens nos prometem os senhores conceder aos trabalhadores se marcharmos juntos?” Infelizmente, um dos três “comunistas” era agente da Gestapo, e logo após a entrevista, várias centenas de membros do partido clandestino foram detidos. A colaboração ficou por ali mesmo.

A oposição de ordem mais elevada, a verdadeira revolta espiritual e moral contra o hitlerismo estava sobretudo representada no seio de um grupo de intelectuais, universitários e religiosos, uns puramente filósofos ou teóricos, outros muito ativistas, como o bispo católico de Münster, conde von Galen. Logo após a ascensão de Hitler ao poder, este enérgico prelado começara a dirigir-lhe cartas pessoais de crítica.

Do alto do seu púlpito tratava de bandidos os nacionais-socialistas que perseguiam as instituições religiosas. Em agosto de 1941 chegaram policiais para o prender. Juntou-se uma multidão diante do bispado.

— Muito bem. Posso mudar de roupa? — perguntou von Galen ao chefe da escolta.

— Se o desejar.

Ele retirou-se e tornou a aparecer daí a alguns minutos com seus altos paramentos episcopais, mitra na cabeça e báculo pastoral.

— Mas nós não podemos levá-lo assim — protestou o chefe dos policiais.

— Tudo o que tenho feito o fiz como servidor da Igreja — respondeu o bispo. — Quero ir para a prisão com meus paramentos oficiais.

Renunciaram a prendê-lo. Esse inconformado atravessaria impune tôdas as ações repressivas, para acabar morrendo em 1945 após uma intervenção cirúrgica — e depois de ter erguido outros protestos, agora contra certos fatos da ocupação americana.

Pastores, sacerdotes católicos e religiosos encontravam-se sob chave ou em residência vigiada em julho de 1944. De acordo com informações recolhidas mais tarde, o cardeal Faulhaber, de Munich, o bispo Wurn, de Stuttgart e o pastor Dibelius tinham sido avisados do atentado previsto, e “havam-no aprovado tacitamente”.

Outro núcleo de oposição filosófica era o “pequeno círculo de Kreisau”. Já citei o nome deste domínio, bem como o de seu proprietário o conde Helmuth James von Moltke, filho mais velho do general de 1914, sobrinho-bisneto do marechal de 1870. Este aristocrata constituíra, desde 1940, “grupos de estudo” clandestinos, cujo objetivo era substituir um dia o nacional-socialismo por um socialismo ou sindicalismo nacional-cristão. Quando? Bem, isto seria resolvido com vagar!

— O essencial não é eliminar Hitler do poder, para ficar depois diante do incógnito — declarava a maioria desses distintos revolucionários. — Os inimigos do regime devem primeiro pôr-se de acordo sobre o regime que se há de seguir.

Traçavam-se as grandes linhas da futura constituição, elaboravam-se projetos que eram logo discutidos, separados, corrigidos, ao mesmo tempo em que se organizavam sessões, congressos (clandestinos) destinados a cuidar da política estrangeira do futuro Estado e se nomeavam delegados para negociar com os outros grupos a distribuição de pastas. Enfim, o círculo de Kreisau reunia quase tôdas as condições de ineficácia e, todavia, por um fenômeno paradoxal mas de modo algum único na História, foi desse meio que surgiu o executor obstinado, o coronel Stauffenberg.

O coronel Stauffenberg podia imaginar, por assim dizer segundo a segundo, todos os seus passos desde a descida do avião até à explosão da bomba.

A sede do Grande Quartel General, chamada Wolfschantze, “o covil do lobo”, ficava a dez quilômetros de Rastenburg, não longe de Barstein, em meio a um terreno cortado de pequenos vales e coberto de florestas e lagos. Ocupava oito quilômetros quadrados de floresta e compunha-se de três zonas mais ou menos concêntricas, servidas por uma única estrada.

A zona externa incluía uma estação e um pequeno aeródromo, onde estavam as barracas da guarda SS. Estes SS, de uma fidelidade a toda a prova, eram, ainda assim, substituídos a intervalos regulares imprevisíveis. Pertenciam às divisões “Adolf Hitler”, “Gross Deutschland”, e “Das Reich”.

Para ir da zona externa à zona número dois, era necessário percorrer dois quilômetros de estrada. Fora da estrada, a floresta era minada por toda a parte. Esta zona intermediária continha os edifícios destinados aos oficiais do O.K.W. (alojamentos, cantina, cinemas, locais de arquivos) e aos serviços de propaganda.

Uma faixa de terra completamente minada por duas redes de arame farpado eletrificado, protegia a zona central. De trinta em trinta metros, tanto do lado externo como do interno, um SS montava guarda. Apenas uma entrada dava acesso a essa zona, guardada por SS e SD {Sicherheitdienst: serviço de segurança}, que examinavam minuciosamente os salvo-condutos (cada salvo-conduto era válido somente para uma vez). A casa-abrigo de Hitler, em parte subterrânea, de cimento armado, com o pavimento acima do chão cortado de pequenas janelas, ficava no meio dessa zona central. Em redor, alguns abrigos, reservados aos oficiais do estado-maior particular de Hitler. Tôdas estas construções tinham suas paredes pintadas de verde, e o telhado coberto de redes de camuflagem e musgo. Hitler dispunha ainda de uma tenda de madeira completamente arrumada, porém, segundo parece, raramente utilizada.

Von Stauffenberg tinha vindo apenas uma vez ao Wolfschantze, porém conforme ele dissera aos outros conjurados, guardara na memória os pormenores de tudo quanto havia visto. Isto é verdade, quando visitamos certos lugares em forte tensão emocional.

As conferências realizavam-se sempre na casa-abrigo de Hitler, e começavam pelo meio-dia e trinta. O coronel von Stauffenberg logo que tivesse lido seu relatório e respondido às perguntas do Führer, retirar-se-ia para telefonar, deixando a pasta sobre a mesa depois de posto em ação o mecanismo detonador.

A bomba tinha o poder de um obus de 150 mm, e a explosão dentro daquela câmara reforçada seria especialmente eficaz.

O coronel podia imaginar com idêntica clareza tudo o que sucederia depois. Eis o esquema do que estava previsto.

1) Uma vez destruído o abrigo e constatada a morte do Führer, von Stauffenberg telefonaria para o Ministério, em Berlim, onde Beck, Olbricht e alguns outros conjurados estariam esperando a notícia. Imediatamente em seguida, o general Fellgebiel, chefe dos serviços de Transmissões do G.Q.G., faria ir pelos ares a central telefônica que ligava a Wolfschante à Alemanha, às frentes de combate e aos territórios ocupados.

2) Em Berlim, Olbricht anunciaria a Fromm que Hitler acabava de ser assassinado e que chegara o momento de pôr em ação o plano previsto em semelhante caso. Fromm (decerto aliviado por se ver livre da incerteza) ordenaria aos oficiais chefes dos seus gabinetes:

— Abram o envelope “Walkyria”.

O plano Walkyria fora traçado pelos próprios conjurados: o exército assume o poder; as tropas SS são isoladas e seus chefes guardados à vista. Estas ordens deveriam ser imediatamente transmitidas a todos os generais, na Alemanha e fora dela.

3) Regimentos de infantaria e de tanques aquartelados perto de Berlim receberiam ordem de se movimentar para a capital e cercar todos os edifícios importantes. O batalhão da Guarda, comandado pelo major Remer (trinta e cinco anos, Cruz de Ferro com folhas de carvalho) viria proteger o Ministério contra qualquer tentativa de assalto da SS. O chefe da polícia de Berlim, von Helldorff, informaria seus subordinados de que as forças policiais passariam a obedecer ao comando do Exército até novo aviso.

4) Gördeler, chanceler do novo governo, tomara a palavra no rádio. O texto de seu discurso, aprovado por Beck, chefe do Estado, era um desenvolvimento dos temas seguintes: os membros do novo gabinete jamais quiseram a guerra e seu primeiro cuidado é restabelecer a paz; sendo inútil qualquer sacrifício para os povos empenhados na guerra, o desejo do novo governo irá até encarar um armistício imediato; não se poderia, sem injustiça, imputar ao povo alemão a responsabilidade por todos os acontecimentos supervenientes da guerra; a honra dos princípios morais deve ser restabelecida; a depuração limitar-se-á aos que lançaram ordens criminosas; será instalado um Estado federativo, de estrutura sindicalista; realizar-se-ão eleições tão logo seja possível.

Von Stauffenberg não se via ausente dos conselhos do futuro governo; pretendia agir politicamente, muito mais do que como simples coronel. Pelo momento, contudo, sua vontade estava voltada exclusivamente para a ação imediata. As chapas de prata dos Lagos Mazúricos apareciam já entre o verde escuro da floresta.

Quem era esse homem ao qual se destinava a bomba? Como eram, em julho de 1944, o rosto, a voz, o porte e o comportamento de Hitler? As imagens que dele nos foram oferecidas imediatamente após a guerra parecem-nos hoje um tanto sumárias. Muitas foram conseguidas por simples justaposição dos traços mais espetaculares contidos nos depoimentos recolhidos pelos inquisidores e juízes de Nuremberg. Se examinarmos um pouco mais de perto esses testemunhos, veremos que eles se assemelham em certos pontos e diferem em outros. Poderá a realidade ser atingida, ou aproximada, por meio de cortes e ajustes? Quanto a mim, não vejo outro método. Quero, entretanto, citar, primeiro que qualquer outro, o testemunho não de um acusado preocupado com sua defesa, mas de um homem depondo espontaneamente: Degrelle (*). Esse testemunho apresenta ainda outro interesse, e logo veremos qual. Degrelle foi chamado em 20 de fevereiro de 1944 ao G. Q. G. de Rastenburg para receber das mãos de Hitler a “Ritterkreuz” em recompensa da sua conduta na frente Leste, em Tcherkassy. Eis um extrato da sua narrativa:

“As portas escancararam-se. Não tive tempo de ver nada, de pensar em nada: “O Führer avançava para mim, tomou minha mão direita entre as suas e apertou-a afetuosamente. O magnésio iluminava o aposento. As máquinas de

cinema filmavam o encontro...

“Sentamo-nos em poltronas de madeira, diante de uma chaminé atarracada. Olhei espantado para o Führer. Suas pupilas despendiam ainda aquele estranho fogo, direto e enfeitiçador, mas as preocupações dos anos de guerra tinham dado àquele homem uma impressionante majestade. Seus cabelos haviam embranquecido. Tinha as costas arqueadas, de estudar interminavelmente os mapas e carregar o peso do mundo...

“O Führer de antes da guerra desaparecera, o Führer ardente de cabelos castanhos, corpo airoso, direito como um pinheiro dos Alpes.

“Segurava na mão uns óculos de tartaruga.

“Tudo nele exprimia recolhimento e preocupação.

“Mas a energia continuava pronta como o fogo. Afirmava o seu desejo de vencer, quaisquer que fossem as provações. Fazia-me repetir, ponto por ponto, cada uma das passagens da nossa tragédia.

“Recolhia-se, ficava cinco minutos sem dizer uma palavra. Apenas suas mandíbulas faziam um ligeiro movimento, como se ele estivesse triturando algum obstáculo em silêncio.

“Todos se calavam.

“Por fim o Führer saía da sua meditação, continuava o interrogatório”.

É claro que o combatente nacional-socialista Degrelle deixa aqui transparecer, talvez de modo involuntário, uma realidade que visivelmente o afeta. Excluídas as preocupações de estilo, e as interpretações favoráveis, que temos diante dos olhos? Exatamente a imagem que se obtém ouvindo os depoimentos dos generais alemães: a imagem de um Hitler curvado, embranquecido, mais lento e de um mutismo inquietador; exprimindo bruscamente sua vontade de vencer, sua fé inabalável na vitória, recuperando o antigo poder de sugestão, o “fogo magnético” do olhar, e tornando-se, logo em seguida, triste e silencioso. “Cinco minutos sem dizer uma palavra”. Sem dúvida Degrelle exagera poeticamente, tão grande era a sua impressão. Considere-se também o

movimento das maxilas do Führer durante a “meditação”. Tratava-se, evidentemente, de uma descrição espontânea das mais interessantes.

O envelhecimento de Hitler de 1940 para 1944 explica-se com facilidade. Antes da guerra, o senhor da Alemanha concedia-se momentos de repouso, libertava-se do peso do poder absoluto tirando breves férias, passando frequentes fins-de-semana em Berchtesgaden onde recebia amigos com os quais falava de pintura, de arquitetura, e com os quais passeava na montanha. Eva Braun estava presente, ria-se, nadava-se (Hitler não) tiravam-se fotografias e filmes. Vários destes filmes caíram nas mãos dos aliados e foram exibidos depois da guerra. Qualquer deles poderia intitular-se: “Funcionários e datilografas em férias”.

Veio a tensão, veio a guerra. Repouso e exercícios físicos desapareceram progressivamente da vida de Hitler. Em Rastenburg ele levantava-se às dez horas, tomava seu banho e punha-se imediatamente a trabalhar: conferências, conferências, conferências. Com militares, com os chefes do armamento, da economia, dos transportes. Refeições rápidas — em cinco minutos Hitler fazia desaparecer o seu caldo de legumes, tomava as suas drogas; seus companheiros de mesa tinham dificuldade em acompanhá-lo — e algumas entregas de condecorações constituíam os únicos intervalos.

No começo, Hitler ainda se concedia um passeio de meia-hora pelo bosque, mas depois renunciou a ele. Já de noite deitava-se um pouco, tornava a levantar-se e as conversas recomeçavam até às duas horas da manhã. Recolhia-se então, e se tomava algum livro antes de adormecer, eram Obras de história militar, livros técnicos referentes ao armamento ou à guerra. “Hitler estudava, durante a noite, todos os grandes livros de estado-maior de Moltke, Schlieffen e Clausewitz, de onde extraía seus conhecimentos autodidáticos”, disse Keitel. A fim de compensar o repouso, o exercício físico, a distração, Hitler fazia-se administrar injeções “tônicas” e chupava pastilhas à base de estricnina e atropina preparadas segundo a indicação de seu médico Morell. Que organismo e que inteligência poderia resistir a esse regime? É extraordinário que Hitler haja conservado quase até ao fim a memória excepcional de que todos, unanimemente, dão testemunho.

Em julho de 1944 não era o demente ou meio demente representado por certas caricaturas, mas todos os depoimentos de generais, mesmo os que exprimem

admiração, nos provam que o psiquismo de Hitler já fora atingido. O chefe onipotente negava-se a encarar a realidade quase sempre que ela lhe era desagradável. Ouvia com impaciência os relatórios, frequentemente arrebatava-se contra seus autores, quase sempre repelia as sugestões, querendo apenas fiar-se em seu gênio intuitivo.

É fora de dúvida que esse gênio existiu. Hitler tomou diversas vezes, contra a opinião formal de todos os seus generais ou da maioria deles, decisões políticas e militares que o êxito acabou coroando: remilitarização da margem esquerda do Reno, invasão da Áustria, invasão da Tchecoslováquia, desembarque na Noruega, escolha de Sedan para vibrar o golpe de aríete no Ocidente em 1940. Estes êxitos tinham-no poderosamente ajudado a submeter absolutamente a Wehrmacht à sua autoridade pessoal. O cabo-ditador enganou-se depois muitas vezes, revelou-se medíocre estratega e até antiestratega: manter as posições a todo o custo, assim se podia resumir a maioria das suas ordens nos últimos três anos.

Os generais tentaram resistir, mas era tarde demais. A articulação e organização do comando eram de tal ordem que Hitler dirigia e controlava pessoalmente tôdas as operações, preparando ordens cada vez mais pormenorizadas, transformando todos os chefes militares em instrumentos de execução. Tomou-se tanto e mais do que eles vítima da monomania do poder absoluto que fazia dele um esquizofrênico dia a dia fechado em si mesmo.

Aos raros generais que ainda ousavam discutir suas ordens, perguntava:

— Em tal circunstâncias, quem teve razão? Quem previu que os aliados desembarcariam na Normandia entre o Ome e o Vira, e não noutra ponto? Foi o senhor ou eu?

Fora ele, com efeito. Um farrapo da antiga intuição genial ressurgira, mas isso não o impediu depois de negar-se a lançar imediatamente tôdas as forças disponíveis no contra-ataque. Insistira em esperar, ver chegar as coisas, resolver tudo ele próprio a mil e oitocentos quilômetros do campo de batalha. Rommel confessou que nem von Rundstedt nem ele podiam deslocar uma divisão sem a expressa autorização do próprio Hitler. Esse despotismo militar tirava toda a esperança de escapar à catástrofe. Era imperioso acabar com aquilo.

O avião desceu no pequeno aeródromo. O coronel von Stauffenberg e o tenente von Häften deixaram-no e subiram para o auto que os esperava. Eis a estrada sob as árvores. Atravessaram a primeira barragem, penetraram na zona intermediária. Segunda barragem. Os SS examinam os salvo-condutos. O carro avança mais um pouco e para. Os dois oficiais descem. Um oficial SS recebe-os, põem-se a caminhar todos os três.

Nada iguala a paz dos bosques. Reina ali um profundo silêncio, em meio ao qual sobressai o gorjeio das aves. Nas manchas de luz que esburacam a espessura da folhagem, borboletas revolteiam. Difícil admitir ser aquele o lugar de onde partem as ordens que desencadeiam ao longe o troar de milhares de canhões, que lançam massas de homens para a morte. Vasos de gerânios enfeitam as janelas de todos os blockhaus.

Guia os dois oficiais não para o abrigo do Führer, mas para a frágil barraca de lariço que desde pouco vem sendo utilizada. Excepcionalmente, a conferência terá lugar ali por causa do calor — explica o SS; e também porque o rádio não anuncia nenhuma incursão profunda de aviões inimigos. Pouco importa. Von Stauffenberg sente no coto do braço direito o peso da sua pasta que contém a bomba, a bomba tão poderosa quanto um obus de 150. Em menos de uma hora, talvez em menos de meia hora tudo estará acabado e mudado o destino da Alemanha.

Eis a entrada, eis a saleta onde estão vários SS.

— Queira esperar um momento — diz o introdutor.

Abre uma porta, desaparece, torna a aparecer segundos depois com Keitel e outros oficiais. Keitel aperta a mão mutilada de von Stauffenberg.

— Venha. A conferência começou neste instante.

São 11,40 h. Keitel, von Stauffenberg e os demais penetram na sala da conferência — menos von Häften, que esperará num aposento contíguo onde estão os telefones.

Uma comprida mesa, coberta de mapas. Nas paredes outros mapas. Em torno da mesa generais, almirantes, oficiais superiores, além de seis estenógrafas.

Numa das extremidades, Hitler.

Hitler ergue os olhos para o grupo que acaba de entrar. Keitel percebe que o Führer hesita em reconhecer von Stauffenberg, o qual apenas esteve duas vezes em sua presença (todavia aquele mutilado era reconhecível). Torna, pois, a apresentar o coronel e convida-o a sentar-se à direita do Führer. Von Stauffenberg constata que nem Göring nem Himmler estão ali.

O general Heusinger, que começara a ler um relatório sobre a situação no Leste, e que fora interrompido, retoma a leitura. Hitler pede em seguida a von Stauffenberg que leia a sua exposição, e faz algumas perguntas às quais o coronel responde. Volta-se para outro. Von Stauffenberg pousou a pasta no chão, contra um pé da mesa, a um metro de Hitler.

Nesse momento um oficial SS vem dizer-lhe discretamente que o chamam ao telefone. É von Häften que provoca essa saída, conforme o plano previsto. Von Stauffenberg inclina-se, finge procurar um documento na pasta, comprime o detonador de retardamento. Pronto. Em seguida levanta-se e deixa a sala. Von Häften aguarda-o na antecâmara. Ambos transpõem a porta e se afastam caminhando para o auto. A calma prossegue reinando no bosque; os passarinhos cantam, as borboletas revolteiam. O auto acha-se apenas a alguns metros.

Uma rajada de vento que faz remalhar as árvores, uma deflagração, uma detonação ensurdecadora. Von Stauffenberg e von Häften voltam-se. A casota de madeira não tem mais teto. Rompem labaredas, corpos voam pelo ar...

Alguns segundos de estupefaciente silêncio e imobilidade, depois os SS que correm gritando. Homens trazendo macas precipitam-se, desaparecem entre a fumaça. Depois que esta se dissipa tornam-se a ver os maqueiros transportando corpos estendidos. Passam bem perto do auto.

— Acabo de ver o cadáver de Hitler — diz von Stauffenberg. — Vamos depressa.

Quantos segundos ou minutos os dois homens ali ficaram imóveis, é impossível sabê-lo e eles próprios nunca o saberiam. Ei-los agora de novo no auto, a caminho da saída. Parada na primeira barragem. Os SS ouviram a

explosão, mostraram-se inquietos e vagamente suspeitosos. Mas von Stauffenberg debruça-se à portinhola e diz:

— Missão de extrema urgência!

Sua máscara de mutilado, contraída pela emoção, nunca foi tão impressionante. Os SS olham as condecorações que lhe adornam o peito. Missão de extrema urgência. Se alguém deve ser suspeitado com certeza não será aquele herói, convocado pelo Führer uma hora antes.

— Podem passar — concordou o chefe do posto.

A segunda barragem é atravessada sem dificuldade, aí está o aeroporto, aí está o avião.

— Sairemos imediatamente — diz von Stauffenberg ao piloto. — É só o tempo de dar um telefonema.

Entra na central do aeródromo e pede o ministério da Guerra.

— Alô! Dê-me o general Olbricht. Urgentíssimo.

— Pronto!

Von Stauffenberg reconhece a voz. Com a máxima clareza pronuncia então a frase combinada, significando que o Führer está morto e tudo deve começar. Depois desliga, sai e dirige-se para o avião.

Berlim, 13 horas. Olbricht penetra no gabinete de seu chefe, o general Fromm.

— Houve um atentado no G.Q.G.... O Führer está morto. Temos de pôr imediatamente em ação o plano Walkyria.

— Onde obteve o senhor a notícia de que o Führer está morto? — pergunta Fromm.

— Stauffenberg e Fellgebiel acabam de me telefonar.

— Não posso declarar o estado de sítio mediante a simples informação de

um coronel e um general — objeta Fromm após alguns segundos de hesitação.
— Vou chamar o G.Q.G. de Rastenburg.

— Não o conseguirá — replica Olbricht. — A central do G.Q.G. deve estar destruída.

— É o que vamos ver — insiste Fromm.

Pede a comunicação e obtém-na quase imediatamente. Olbricht apanha um auscultador.

— Aqui fala Keitel — diz a voz ao telefone.

— Circulam boatos em Berlim, segundo os quais o Führer teria sido vítima de um atentado? — interroga Fromm.

— Exato. Mas o atentado falhou e o Führer está vivo, apenas ligeiramente ferido. Onde se encontra von Stauffenberg?

— Ainda não regressou.

— Keitel mente! — brada Olbricht.

Sai do gabinete e vai ter com Beck.

— Então? — pergunta este.

— Fromm conseguiu falar com Keitel ao telefone. Keitel diz que o Führer está apenas ferido, mas com certeza mente. Von Stauffenberg foi categórico. Devemos telefonar imediatamente a Helldorff para lhe dizer que ponha sem demora tôdas as forças da polícia à ordem do exército.

Beck permanece silencioso. Olbricht obtém a comunicação com o chefe de polícia.

— Folgo muito em ouvi-lo — diz Helldorff. — Acabo de receber o oficial que o senhor me enviou, e que me disse vir inteirar-se dos papéis respectivos da polícia e do exército na ocupação de Berlim. Estou consternado. Imaginei que esse oficial me vinha com instruções precisas, mas traz apenas uma planta

de Berlim com algumas vagas indicações. E ainda por cima trata-se de uma planta de 1942, de antes dos bombardeios! Certos edifícios não mais existem, os serviços foram deslocados. Temos de voltar à estaca zero. Despachei-lhe um oficial com minhas sugestões, mas ele disse-me não dispor de automóvel e que teria de ir pelo metrô! Estou apavorado com toda esta imprevidência.

— Não perca a cabeça — volveu Olbricht. — Telefone aos seus subordinados dizendo-lhes que a polícia fica até novo aviso às ordens do exército.

Beck pergunta a Olbricht:

— Em sua consciência, parece-lhe que exista alguma dúvida sobre a morte de Führer?

— Nenhuma! — exclama Olbricht com certa violência, talvez um pouco para se convencer a si próprio. — Dúvida nenhuma. Keitel mente! Keitel mente!

— Talvez, mas Fromm recusa pôr em ação o plano Walkyria. Que sugere o senhor?

(Todos estes diálogos são tão rigorosamente quanto possível exatos em substância. Foram reproduzidos ou parcialmente reconstituídos, sem a menor adição ou interpretação, com o auxílio das obras de Schlabrendorff e Gisevius, os depoimentos de Nuremberg e o testemunho do pastor Gerstenmaier. É lícito perguntar como foram as frases trocadas entre Olbricht, Beck e Fromm, todos os três executados. Assim na tarde de 20 de julho, diversos conjurados reuniram-se com Beck e Olbricht no Ministério, e souberam por eles o que se tinha passado desde o começo. Aos que, por fim, sobreviveram, se deve o testemunho escrito ou oral).

Portanto, a 20 de julho de 1944, pelas 13 horas, Olbricht e Beck achavam-se na situação que acaba de ser exposta. Note-se que o caso de um atentado de que Hitler saísse vivo não fora previsto. Por outro lado, o telefonema do chefe de polícia também nos prova que a organização do golpe era bastante imperfeita. Todavia, o G.Q.G. não pareceu reagir imediatamente, restando ainda aos conjurados dois recursos para se saírem da dificuldade. Agir como se Hitler estivesse morto: prender Fromm, pôr em ação o plano Walkyria,

proclamar pelo rádio o golpe de Estado e a tomada do poder pelo exército. Ou então renunciar deliberadamente sacrificando von Stauffenberg, destruindo qualquer vestígio de ligação com ele. Mas que resolvem Beck e Olbricht após uma longa conversa? Esperar, esperar o regresso de von Stauffenberg.

Os quartos de hora e as horas escoam-se. A tarde decorre verdadeiramente tórrida. Pela janela aberta entram os rumores habituais da cidade. Oficiais e secretários trazem a Olbricht papéis para assinar e tornam a retirar-se. Fromm continua invisível. Nada acontece. Estranha situação!

Dezesseis horas. Von Stauffenberg entra no gabinete com o rosto alagado em suor.

— Então, em que ponto estamos?

— Preferimos esperar a sua chegada — respondeu Beck.

— Como assim! Não fizeram nada? É incrível!... Mas então não receberam meu telefonema? A explosão foi tremenda, eu vi corpos jogados pelo furacão. Não creio que alguém tenha escapado.

Beck e Olbricht interrompem-no:

— Keitel não morreu. Falou pelo telefone.

— Fellgebiel não mandou destruir a central?

— Keitel disse que o Führer está vivo.

— Se Keitel escapou, mente! — bradou o coronel com violência. — Eu vi com meus olhos o cadáver do Führer. Que importa o resto? Hitler está morto e os senhores não fizeram nada!

Os dois outros observam-no, impressionados. Que convicção! Por que motivo acreditar em Keitel e não naquele homem que é deles, e que tanto se arriscou? Afirmando que Hitler não morrera, Keitel não estaria simplesmente procurando ganhar tempo? Não estaria agora em combinações com Himmler, preparando um contragolpe? Se Hitler estivesse apenas ferido, não teria já lançado ordens terríveis? Beck mostra-se agora tão decidido quanto Olbricht o

estava três horas antes.

— Devemos agir imediatamente — disse ele ao general. — Execute a operação Walkyria. Dê a ordem sem se preocupar com Fromm!

Olbricht manda chamar ao telefone seu chefe de estado-maior. Dois minutos depois, as oitocentas linhas telefônicas do Ministério são ocupadas por prioridade absoluta. Os teletipos e telégrafos crepitam. Desencadeia-se o mecanismo do golpe.

Mas Olbricht deseja informar Fromm. Vai ao encontro dele com von Stauffenberg, que toma a palavra:

— Hitler está morto. Fui eu que coloquei a bomba.

— A operação Walkyria está em curso — acrescenta Olbricht. — As ordens já foram dadas.

Fromm dá um murro na mesa:

— Não é possível! Quem deu a ordem!

— Meu chefe de estado-maior, o coronel von Quirheim.

Fromm, ainda incrédulo, chama esse oficial que confirma.

— Nesse caso, prendo-o — declara Fromm.

E virando-se para Stauffenberg:

— Seu atentado falhou, só lhe resta suicidar-se!

— Pelo contrário — interveio Olbricht, — nós é que o prendemos! Um minuto de discussão confusa, berros, alguns encontrões. Fromm é levado para uma sala contígua, fechado à chave. Von Stauffenberg limpa o suor. Enfim, está passando o Rubicão!

Mas Hitler não tinha morrido. Atirado contra uma parede, ficou ferido no braço direito e na mão direita, recebeu queimaduras na cabeça e no rosto,

ficou um pouco atordoado pela deflagração que lhe deixou a roupa em farrapos. Keitel tomou-o nos braços e levou-o para os aposentos do abrigo, onde o Führer foi cuidado e medicado. A prova de que seus ferimentos eram pouco graves deu-a duas horas após o atentado, insistindo em receber pessoalmente Mussolini. Mandou que lhe trouxessem outro uniforme.

“A Providência salvou-me”, declarou ele horas depois. Justamente antes da explosão erguera-se para consultar um mapa, afastando-se da bomba. Mas os outros que também estavam mais perto do engenho, nem por isso foram poupados. O atentado fez treze vítimas: o secretário do Führer, três generais e um coronel morreram ou ficaram mortalmente feridos; Jodl e sete oficiais do exército e da marinha também ficaram mais ou menos seriamente feridos. Os sobreviventes — incluído Hitler, — podem felicitar-se pelo fato de a conferência se ter realizado naquela frágil barraca de madeira. O impacto desconjuntou-a e mandou-lhe o teto pelos ares. Se a bomba explodisse no abrigo de cimento, todos os presentes ficariam reduzidos a mingau.

A polícia do G.Q.G. iniciou imediatamente o inquérito. Foi posta de lado a idéia de um explosivo atirado pelas janelas: ninguém vira ou ouvira nada. Estaria o engenho escondido sob o soalho? Não, porque o soalho não fora erguido, e sim esmagado. Portanto a bomba tinha sido colocada na sala. Por quem? Logo se recordou que apenas um oficial abandonara a conferência dois minutos antes da explosão. Os SS do posto de entrada, interrogados, confessaram que ele parecia depois muito apressado em afastar-se: “Missão de extrema urgência”.

Berlim, 16,30 h. O Ministério é assaltado por chamados telefônicos. São os generais atingidos pelas ordens “Walkyria” que pedem confirmação ou explicações. Todos recebem a mesma resposta:

— O Führer está morto. O exército assumiu o poder. Tudo corre normalmente.

— Mas o rádio nada anunciou!

— Em breve será feita uma proclamação.

Os conjurados não param de chegar. Tem-se a impressão de que alguns vêm

mais para saber notícias, pouco decididos, pouco tranquilos. Os chefes esforçam-se por lhes incutir coragem — não está sendo executada a operação Walkyria? — mas nem eles próprios manifestam toda a igual convicção. O veneno da dúvida começa a produzir seu efeito. Beck faz uma declaração:

— Minhas funções de chefe de Estado proíbem-me entrar no pormenor das operações. Desejo conservar-me desde já no meu papel de árbitro. Cumpro aos generais Olbricht, Höppner, von Witzleben e ao coronel von Stauffenberg, agir de acordo com as atribuições previstas em nosso plano.

E retira-se dignamente para o seu gabinete. Minutos depois, eis que precisam dele, justamente para uma primeira arbitragem. Fromm deseja ser posto em liberdade sob palavra. As opiniões dividem-se.

— Convém que ele continue fechado — resolve Beck. — Mas podem levar-lhe sanduíches.

Um dos oficiais encarregados das relações telefônicas com a frente vem dizer que muitos chefes de unidades se mostram incrédulos e pouco decididos a executar a ordem Walkyria. Por que motivo não proclamar o golpe de Estado pelo rádio?

— Com efeito, é necessário que Gördeler faça o seu discurso! Não se pode esperar mais. Onde está Gördeler? Quem o viu?...

Ninguém vira o futuro chanceler. Não o encontram no Ministério, não conseguem tê-lo ao telefone. (Mais tarde se saberá que, temendo ser preso, ele saíra de Berlim sem avisar os outros conjurados).

— Mas, se o não encontram, pelo menos alguém poderá ler o seu discurso!

É evidente, não há motivos para hesitação. Aquele texto tão cuidadosamente elaborado, deve ser imediatamente lido ao povo alemão. Quem, entre as pessoas presentes, possui uma cópia? Ninguém. Saberá alguém onde se pode obter uma? Positivamente, a organização do golpe deixa muito a desejar.

Entre os conjurados do Ministério a moral começa a decair. O calor mantém-se sufocante, os rumores da cidade continuam a entrar pelas janelas abertas.

Nenhum alerta, tudo calmo. E os tanques, os regimentos que deviam cercar todos os edifícios oficiais na execução do plano Walkyria? Nada. No passeio, as mesmas sentinelas montam guarda. Nenhum tanque à vista. Os conspiradores começam a ter a idéia de que não passa de uma imaginação, um sonho que eles tiveram, e que Berlim, a Alemanha e o mundo inteiro ignoram...

Dezessete horas e cinquenta, enfim uma boa notícia! É o general Karl Heinrich von Stulpnagel que telefona de Paris. Executou as medidas Walkyria: o general Oberg, chefe dos SS, está preso, bem como todo pessoal nazista. Vai tudo bem. Stulpnagel sugere que Beck telefone a von Kluge. Ele próprio irá procurar o comandante-chefe do Oeste.

Dezoito horas, estoura uma bomba. Uma bomba glacial. O rádio anuncia ter havido um atentado contra o Führer, mas que falhou. O Führer está apenas ligeiramente ferido. Acaba de receber o Duce, e as conversações desenrolam-se de acordo com o programa previsto. Ainda nessa noite o Führer falará ao povo.

— É um blefe! — exclama von Stauffenberg. — Keitel e os demais tentam ainda ganhar tempo.

Decorrem alguns minutos e Fellgebiel telefona do G.Q.G., confirmando que Hitler não está morto. Von Stauffenberg encolhe os ombros:

— Devem tê-lo obrigado a dizer isso. Telefonou com o cano de um revólver entre os ombros. Se ele tivesse feito ir pelos ares a central do Wolfsthantze, não aconteceria tal coisa!

Diversos conjurados entendem que se o plano houvesse previsto a ocupação imediata de todos os postos de rádio, sua própria situação seria melhor. Contra um Hitler ainda vivo, mas privado de todos os meios de comunicação, o golpe talvez pudesse vingar. E agora? Beck telefona a von Kluge.

— Aqui tôdas as medidas previstas foram tomadas — informou. Não houve qualquer resistência séria. Peço-lhe que se declare publicamente em favor do nosso movimento e dê as ordens adequadas.

— Mas o senhor não ouviu o rádio? — acudiu von Kluge. — O Führer não

está morto!

— Não importa mais saber se Hitler está morto ou vivo. O essencial é garantir o êxito do golpe de Estado. De qualquer maneira, deixou realmente de haver um Führer, pois o atentado prova existir uma oposição violenta e determinada contra Hitler.

— O que está acontecendo exatamente em Berlim?

Beck explica ... o que se acha em condições de explicar, ou seja, bem pouca coisa... Von Kluge mantém-se silencioso.

— Encontramo-nos diante de uma situação nova — disse ele por fim. — Preciso consultar meu estado-maior. Tornarei a chamá-lo.

Reticência pouco tranquilizadora. Que esperança conservar se as ordens Walkyria não são firmemente executadas em toda parte, ou em quase toda parte? Mas eis que sucede algo de novo: von Witzleben chegou à Bendlersrasse, von Witzleben, o novo chefe dos exércitos. Vai certamente pegar no telefone, dirigir-se com autoridade a esses militares que hesitam. Entra em passo decidido no gabinete de Beck. Manda chamar von Stauffenberg e a porta torna a fechar-se.

Os outros conjurados esperam, silenciosos, colando instintivamente os ouvidos ao tapume. A conferência prolonga-se. De repente, os que andavam de um lado para outro param, todos se olham: ouve-se falar em voz alta, chega o ruído de uma violenta discussão. A porta abre-se e von Witzleben surge com aspecto furioso. Olha os que estão por perto e encolhe os ombros:

— Eu volto para casa.

E desaparece sem que ninguém pensasse em detê-lo.

Os presentes têm a impressão de haver levado uma bordoadada na cabeça. Olbricht tenta algumas palavras tranquilizadoras, que caem num silêncio de morte. Mal voltou as costas para se ir juntar a Beck, esboça-se um movimento: o primeiro movimento de abandono. A retirada de von Witzleben não significa claramente que o navio está perdido? — Já alguns se eclipsam, mas eis que

Olbricht reaparece:

— Está tudo salvo! A operação Walkyria foi executada em Berlim. O regimento da Guarda acaba de chegar para proteger o Ministério. Olhem. O golpe começa a marchar.

Pelas janelas, veem-se, com efeito, as tropas que tomam posição em redor da Bendlerstrasse. Caramba, já era tempo! Os que ainda havia pouco se sentiam gelados, prontos a abandonar tudo, experimentam a sensação de um reconfortante calor interno. Vamos, nada está perdido!

Mas tudo está perdido. Daí a alguns minutos Olbricht e os demais saberão que o regimento da Guarda não veio para proteger o edifício, mas para o cercar. Estão presos.

Já tivemos oportunidade de citar o nome do chefe do batalhão da Guarda, major Remer. Este oficial, ao receber a ordem Walkyria que lhe concernia, ficou um tanto escandalizado: o Führer estava morto, o exército tomara o poder, e o que ele, major Renner, tinha de fazer antes de mais nada era prender imediatamente o ministro Göbbels.

É fácil compreender que Remer se concedeu um instante de reflexão. Em seguida, mandou vir à sua presença um tenente chamado Häger, desligado da propaganda, que na véspera fizera uma conferência diante do batalhão, e mostrou-lhe a ordem.

— Cuidado! — disse esse oficial. — O rádio não anunciou a morte do Führer.

— Talvez mantenham a ocorrência em segredo.

— Convém procurarmos uma informação segura.

— Onde?

— Junto do próprio Göbbels. Se o Führer está morto, ele sabe-o.

Remer dirigiu-se ao Ministério da Propaganda com Häger... e com sua tropa. Desse modo, nada era deixado ao acaso. Se o Führer estivesse realmente

morto, sempre seria tempo de executar a ordem. O batalhão entra nos jardins do Ministério e Remer no gabinete de Göbbels.

— O Führer está morto! — anuncia o major.

Göbbels encara-o friamente:

— Trata-se de uma mistificação. Hitler não morreu, está apenas ferido.

Que fazer? Remer dirá mais tarde: “Eu teria prendido qualquer outro”. Mas diante de Göbbels hesita.

— Quer que eu chame o G.Q.G.? — pergunta o ministro pegando no telefone.

Um minuto depois obtém a ligação, diz algumas palavras e em seguida estende o receptor a Remer.

— Major Remer, está reconhecendo a minha voz?

Estas palavras penetram como balas no crânio de Remer: a voz que está ouvindo é a do senhor da Alemanha.

Cumprir dizer que o destino se mostrou de uma ironia cruel com os conspiradores. Entre todos os maiores da Wehrmacht, qual era o único que tivera, dias antes, a oportunidade de se encontrar diante do Führer tão pouco acessível? Remer. Ainda não tinham passado duas semanas que ele fora convocado a Rastenburg para receber essas gloriosas folhas de carvalho que lhe enfeitam a gola. Como hesitaria ele em reconhecer aquela voz, diferente de todas as outras? Respondeu prontamente, como um reflexo de todo o seu ser:

— Estou, meu Führer.

— E também acredita que eu não estou morto?

— Acredito, meu Führer.

Era assunto resolvido. Hitler não se perde em tergiversações como os pobres conjurados. Ele sabe muito bem o que é um golpe, como se monta e como se

desmonta. Dá pelo telefone suas instruções a Remer, ou melhor — notemos como o instinto de conservação lhe devolve a antiga e terrível eficiência, fã-lo esquecer a mania doentia das ordens demasiado precisas que manietava seus generais da frente, — dá todos os poderes àquele major de trinta e cinco anos para reprimir a sedição: “Dou-lhe poder mesmo sobre os marechais de campo. Derrube todos os que for necessário derrubar. Mande fuzilar tantos generais quantos quiser.

Göbbels também ouviu e olhou de novo para Remer.

— Então, compreendeu?

Remer compreendera. Ao deixar o Ministério da Propaganda à frente do seu batalhão, encontrou no centro de Berlim o primeiro regimento que, enfim, se movimentara de acordo com as ordens Walkyria.

— Alto! Meia volta.

Um general aparece, querendo discutir; Remer afoga-lhe as palavras na garganta, prega-o no chão, põe-no moralmente em posição de sentido. Sem exhibir qualquer ordem escrita, pela simples convicção e autoridade que lhe acabam de ser delegadas pessoalmente pelo Führer. O Führer está vivo, a ordem Walkyria emana de rebeldes ridículos que já se encontram presos, e as tropas devem voltar às suas casernas. Cautela, generais, que estais sob vigilância! Depois deste, outro acaba também cedendo. Remer dirige-se depois à Bendlerstrasse e manda cercar o edifício do Ministério. O golpe falhou.

Remer, que alguns dias depois será nomeado general, não irá exercer por muito tempo seu poder excepcional. Himmler distribuiu ordens pelo telefone, e às dez horas da noite o batalhão da Guarda é substituído por tropas SS.

Tudo vai agora passar-se mais depressa. Certo número de oficiais do Ministério alheios à conspiração, hesitantes e que se sentiam ameaçados dos dois lados, tomam seu partido ao ver chegar os SS. Um deles, o tenente-coronel chamado von der Heyden, brada “Traição!” e dispara um tiro de revólver, o primeiro da jornada, contra von Stauffenberg. Atingido nas costas, o mutilado caminha dificultosamente para o gabinete de Beck, onde os demais

conspiradores trocam opiniões ansiosas. Uma linha de sangue marca o soalho.

Fromm, libertado, declara reassumir o seu comando. Entra por sua vez na sala dos conjurados:

— Uma corte marcial constituída por mim próprio, acaba de decidir que cinco entre os senhores merecem a morte. Entreguem as armas!

E aponta os condenados: o coronel von Quirnheim, o general Ollbricht, von Stauffenberg, o tenente von Häften e Beck.

— Nesse caso não perca tempo!

Beck põe-se diante de uma poltrona e encosta o revólver ao crânio. Um tiro e eis o velho chefe desabando na poltrona, todo ensanguentado mas ainda vivo. Falhara o golpe, tanto pior para ele.

— Concedo-lhes cinco minutos para escreverem uma carta a suas famílias
— acrescenta Fromm para os condenados.

E retira-se. Os quatro sentam-se à volta de uma mesa redonda e põem-se a escrever. Na sala reina um pavoroso silêncio, mas ouvem-se passos de botas em todo o Ministério. Decorridos os cinco minutos Fromm aparece de novo, agora acompanhado de SS, que levam todos os presentes, com exceção do velho Beck a quem Fromm pergunta:

— Como se sente?

— Dê-me outro revólver — diz Beck.

Entregam-lhe, ele dispara outra vez contra a cabeça — e outra vez se fere sem se matar! Fromm terá de o acabar alguns minutos depois.

No pátio do Ministério, os faróis de um caminhão projetam contra a parede um forte jato luminoso. O pelotão de execução alinha-se no escuro, fora dos cones de luz. O primeiro condenado é posto contra a parede, cego, ofuscado. Mal consegue abrir os olhos e já a salva retumba. Os SS puxam o cadáver para o lado. Outro.

— Viva a Alemanha eterna! — grita von Stauffenberg antes de cair.

Acabou-se. Pode-se dizer que esses quatro tiveram sorte, mesmo Beck, o pobre velho tão desastrado. Os outros não sabem o que os espera.

No decorrer da História, a repressão das conspirações e atentados nunca foi um espetáculo muito edificante. Qualquer Estado ameaçado e que escapou do perigo, reage mais implacavelmente que qualquer indivíduo. O problema consiste sempre, quando o assunto não pode ser completamente abafado, em liquidar a oposição o mais completamente possível, embora fingindo desdenhar sua importância. “Um grupo insignificante de oficiais ambiciosos, sem consciência e de uma criminoso estupidez”, assim falara Hitler da conspiração em seu discurso pelo rádio, em 20 de julho de 1944 à meia-noite.

A partir do dia 21 as operações da polícia, conduzidas em segredo, estenderam-se a todo o território. O total das prisões nunca chegou a ser conhecido. Alguns generais e marechais não comprometidos, entre eles von Rundstedt, pediram que os oficiais culpados comparecessem diante de um Tribunal de Honra Militar, que se limitou a excluí-los do exército e a entregá-los ao “Tribunal do Povo”. É sabido o que esta denominação designa em todos os regimes.

Oito acusados, entre os quais o marechal de campo von Witzleben e o general Höppner, compareceram em 7 de agosto diante do Tribunal do Povo, que funcionava a portas fechadas. Todos confessaram sua participação no golpe e sua hostilidade ao nacional-socialismo. Seus advogados, designados ex-officio, não os defenderam, pedindo apenas que eles fossem fuzilados e não enforcados. A execução deles, fotografada e filmada, foi conhecida do mundo inteiro.

No começo de agosto a imprensa e o rádio anunciaram que a cabeça de Gördeler estava a prêmio: um milhão de marcos. O ex-futuro chanceler, então escondido em Berlim, alcançou a Prússia Oriental. Foi reconhecido, denunciado, preso e finalmente executado em 2 de fevereiro de 1945.

Fromm, primeiro organizador da repressão, foi condenado “por covardia” — informado da conspiração tardara em reagir, — e executado também von Stulpnagel, que dera um tiro na cabeça, em 21 de julho, conseguindo apenas

ficar cego. O almirante Canaris foi estrangulado na sua cela.

As execuções estenderam-se desde agosto de 1944 até março de 1945, pela força, fuzilamento, bala na nuca e garrote, quase sempre no segredo das prisões. Apenas os enforcamentos espetaculares foram conhecidos da população alemã. O número total das execuções permanece tão incerto quanto o das prisões. Certos inquisidores aliados avaliaram-nas em mais de quatro mil.

Diversos conspiradores ou comprometidos escaparam aos carrascos pelo suicídio. Von Kluge, chamado a Berlim no fim de agosto para esclarecer o que soubera na conjura, tomou veneno no avião que o transportava. Na frente Leste, von Tresckow, depois de 21 de julho, avançara para as linhas russas, e tendo ele próprio disparado dois tiros de revólver para simular uma mudança, estourou a cabeça com uma granada. A princípio foi dado como “morto pelo inimigo”. Porém, como o inquérito da Gestapo revelasse a sua participação na conjura, seu corpo foi exumado e queimado.

É sabido como Rommel, convalescente em sua casa de Herznigen, foi, finalmente, implicado e discretamente convidado a escolher entre o veneno e o tribunal do Povo. Escolheu o veneno a 13 de outubro de 1944. Mas, por motivos fáceis de compreender, uma ordem do dia deu a conhecer oficialmente que ele sucumbira aos ferimentos recebidos e que “entrava na História como um dos maiores generais alemães”.

Von Schlabrendorff foi preso, em 17 de agosto de 1944. Interrogado, torturado, negou obstinadamente qualquer participação no golpe. Quando seu processo ia ser aberto no Tribunal do Povo, em 3 de fevereiro de 1945, as sirenes romperam a uivar e as bombas começaram a cair nas proximidades. Uma delas atingiu a sala do Tribunal. O presidente que tinha nas mãos o volume do inquérito, foi esmagado por uma trave e as chamas devoraram os papéis.

— Onde estão suas provas? — perguntou von Schlabrendorff quando tornou a comparecer, seis semanas depois. — Desejo impetrar uma queixa por torturas injustificadas.

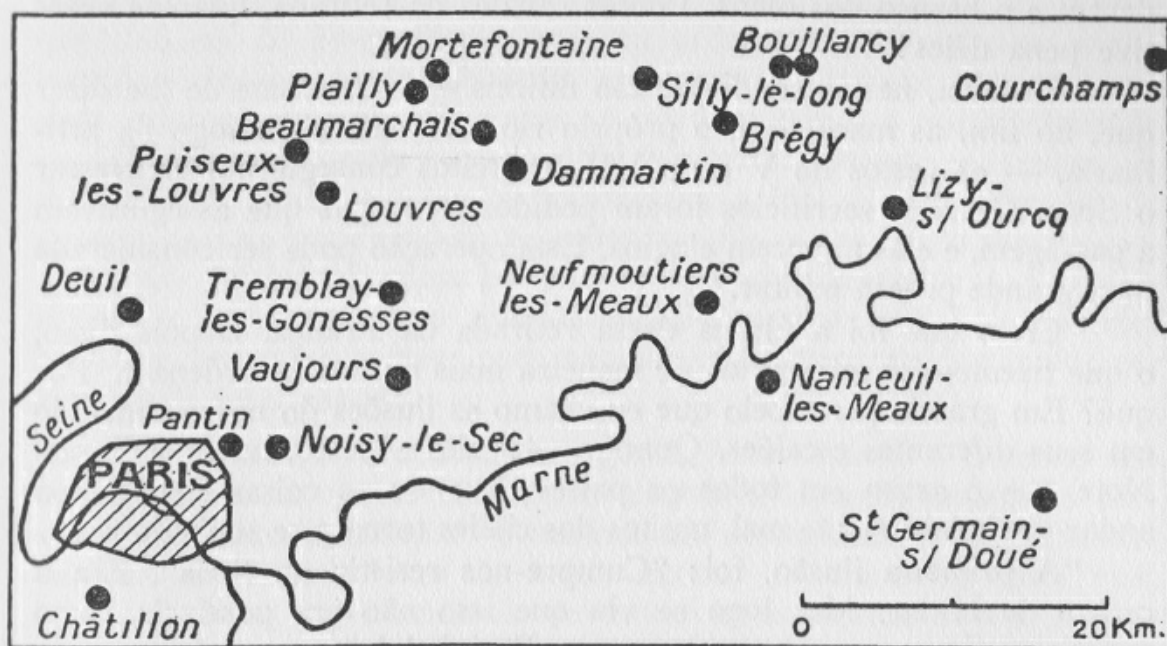
A sorte e a audácia ajudaram-no até ao fim. Absolvido, porém mantido em cárcere com promessa de libertação próxima, viu-se salvo pelo grande caos

final. Os acusados eram transferidos de uma prisão para outra, de um acampamento para outro, as bombas caíam por toda a parte e as comunicações deixavam de existir. Muitos carcereiros, preocupados em salvar a própria vida, esqueciam seus cativos ou davam-lhes liberdade. Alguns dos conjurados diluíram-se assim no rio humano que corria ou refluía então pelas estradas da Alemanha, e diversos sobreviveram. Foi por eles que a história da conspiração pôde em parte ser conhecida e reconstituída.

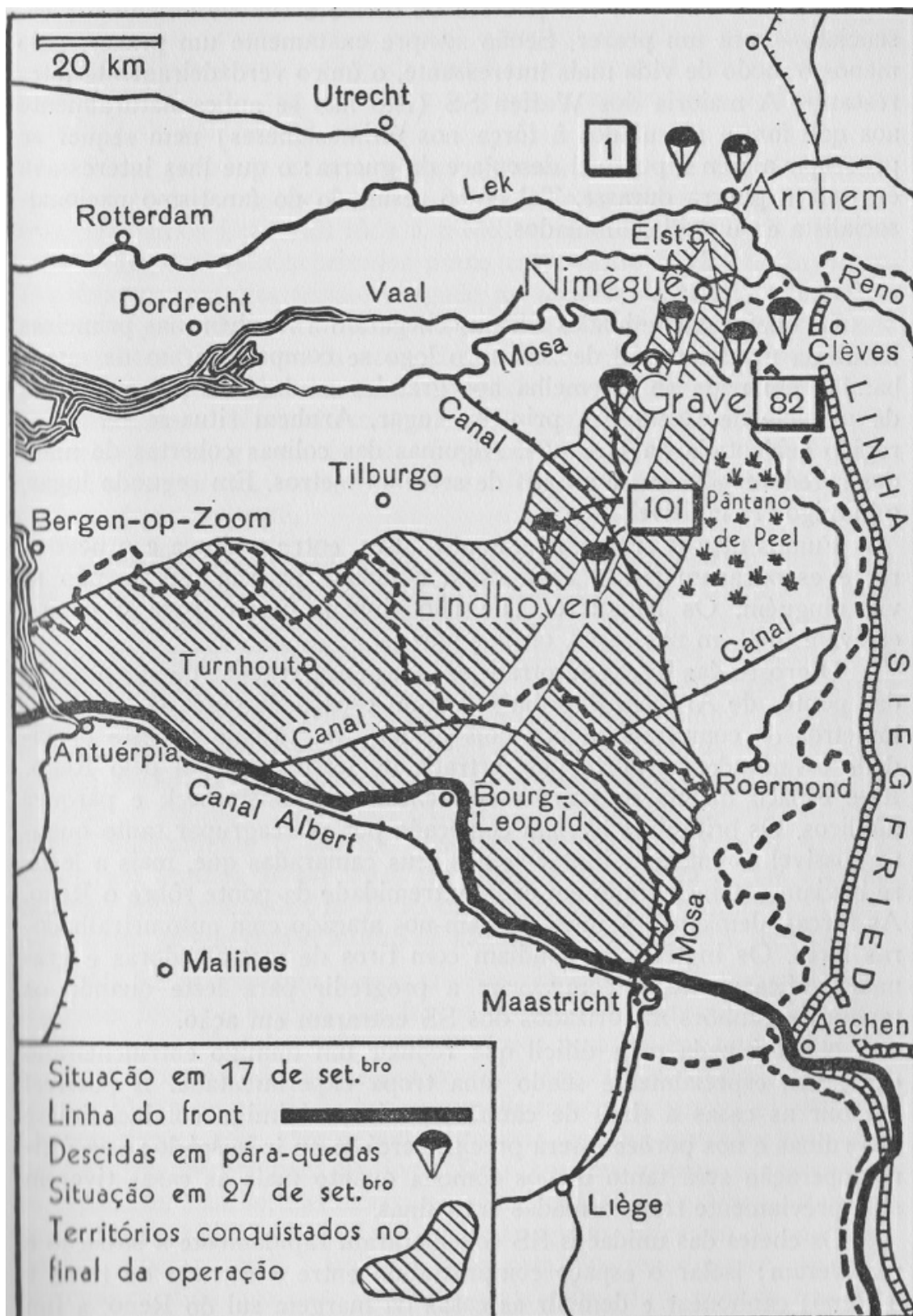
Antecipemo-nos a fim de não ter de voltar a esse drama da repressão, quando o imenso estridor da guerra o vai tornar cada vez mais imperceptível. Mas foi ao entardecer de 20 de julho de 1944, penso eu, que a cortina se ergueu realmente sobre o drama que constitui o objeto desta narrativa. Um pequeno grupo de homens, persuadidos de que só a eliminação de Hitler podia atenuar o cataclisma, salvar muitas centenas de milhares de vidas humanas, acabavam de malograr em sua empresa. Poucos minutos depois da meia-noite, Hitler tomou a palavra ao microfone: “Não recebi nenhum ferimento, nada além de ligeiros arranhões, equimoses e queimaduras. Considero esse fato como prova da missão que me foi confiada pela Providência. Não agradeço à Providência e ao meu Criador o terem-me conservado a vida, mas agradeço-lhes o terem-me dado a possibilidade de suportar todos estes percalços e prosseguir na minha tarefa segundo a minha consciência”.

Talvez ele acredite realmente que a Providência o protegeu e lhe permita finalmente impor a paz aos aliados. De qualquer modo, tem agora mais do que nunca o poder nas mãos. Himmler é nomeado chefe de estado-maior general, os suspeitos de tibieza vão ser era toda a parte eliminados. Quase todos os militares de alto-posto se apressam em fazer chegar ao G.Q.G. afirmações de lealdade. Tudo o que podia opor-se à inteira realização da tragédia foi varrido.

* Após a capitulação alemã, Degrelle conseguiu fugir para a Espanha. Sua narrativa, *La Campagne de Russie*, apareceu nas “Éditions du Cheval Ailé”, em Genebra.



Lugares atingidos pelas "V2" na região de Paris, de 2 a 5 de outubro



A operação de Arnhem

CAPÍTULO II

Derrota no oeste

DURANTE A contraofensiva alemã nas Ardenas, diversos autos transportando um estado-maior foram, certo dia, bloqueados pela neve. Alguns soldados ocupavam-se em desobstruir a estrada. De repente, viram descer de um dos veículos um oficial atarracado, sem nenhuma condecoração, que empunhou uma pá e se pôs a ajudá-los. De um auto do começo da fila surgiu certo capitão, a quem a cena escapara.

— Então, que está acontecendo? — gritou ele aos soldados. — Vamos esperar ainda muito tempo?

O varredor voluntário virou-se para ele:

— Quem é o senhor? Por que se mostra mais apressado que os outros? Onde estava enquanto estes homens trabalham?

— No meu carro, naturalmente. Eu sou capitão...

— Pois eu sou o general Model e empunhei uma pá! E agora quero dizer-lhe que o senhor não é mais capitão. A partir deste minuto é muito simplesmente um soldado de segunda classe!

Imediatamente as divisas lhe foram arrancadas e atiradas à neve. Os soldados estupefatos, impressionados por este surpreendente incidente começaram logo a sentir uma simpatia calorosa por aquele marechal. Nunca mais lhe esqueceriam o nome.

Ainda não estamos na contraofensiva das Ardenas. Antecipei-me ligeiramente para dar uma imagem característica do homem que Hitler nomeou comandante-

chefe no Oeste após o insucesso de von Kluge. Model era o terceiro titular do posto desde o Desembarque. Hitler retirara von Rundstedt em 30 de junho “por motivos de saúde”; na realidade, porque o achava frouxo e pessimista. Assistimos à chegada do sucessor de von Rundstedt a La Roche-Guyon, em 5 de julho. Quanto tempo levou o Führer para achar também von Kluge frouxo e pessimista? Cinco semanas. Mas, havia outra razão suplementar para a chamada de von Kluge: sua provável neutralidade e simpatia relativamente aos conjurados de 20 de julho. Creio já ter dito que este marechal ingeriu veneno no avião que o transportava a Berlim.

E agora chegava o novo comandante-chefe, Walter Model. Impulsivo e brutal, como vimos. Baixo, atarracado, de queixo quadrado. Nacional-socialista incorruptível: a primeira mensagem de fidelidade que Hitler recebeu após o atentado de 20 de julho foi a dele. Model comandara uma divisão blindada no começo da guerra, depois um Exército na Rússia, por fim um Grupo de Exércitos com igual determinação. Audacioso e mesmo precipitado na ofensiva, aferrado na defensiva sem olhar a perdas, exatamente o que Hitler queria. Pouco importava ao Führer que a imperícia de Model como organizador fosse lendária na Wehrmacht. Para indicar uma desordem inextrincável, uma confusão sem nome, os oficiais da frente Leste diziam: um model. O verbo desmodelar significava: tornar a pôr em ordem. Hitler dizia dele.

— Foi Model que deteve no Vístula a ofensiva soviética de verão.

E havia certa verdade nisso. Diante da fúria ofensiva dos russos — que enterravam os tanques para nunca recuar diante dos contra-ataques, que faziam lutar as mulheres, que lançavam deliberadamente sua infantaria de assalto pelos terrenos minados, onde se viam homens de primeira onda voar pelos ares em pedaços, abrindo passagem para os outros, — sim, diante dessa violência, alguns generais e marechais alemães tinham desanimado. Model, não. Se o ímpeto russo fora por fim controlado, e depois dominado no Vístula, era em parte devido a distância percorrida, que obriga a repousos, a reparações, mas era também em parte devido à obstinação (sem olhar as perdas) de Model. E que espécie de situação encontrava Walter Model na frente Oeste em 18 de agosto, dia em que assumiu o comando? Um “model”. Uma desordem terrível e movediça que não se sabia de que lado conter e de

que lado atacar.

Na bolsa de Falaise, os restos de catorze divisões alemãs, cerca de oitenta mil homens, retiravam-se para leste diligenciando alcançar a passagem ainda entreaberta. Esses homens corriam, marchavam ou arrastavam-se sob uma chuva de bombas, foguetes e obuses, sem ver o inimigo terrestre, perseguidos de dia pelos caças-bombardeiros mesmo nos carreiros, entre as árvores, e de noite esmagados nas estradas pelos seus próprios blindados, exaustos, desvairados, meio surdos, sem alimento.

Eis aqui algumas passagens de cartas de combatentes: “Perdi tudo, com exceção da vida e dos farrapos que visto. Há dois dias que me limito a comer alguns pedaços de rabanete cru... Todos os meus camaradas estão mortos e eu pergunto-me se tornarei a ver minha casa... Escrevo isto encostado a uma árvore, em plena noite, ao clarão de um incêndio. A estrada, neste momento, acha-se impraticável. Parece que tentam retirar primeiro da bolsa as colunas motorizadas. Quando o dia vier não passaremos de animais encurralados... Às vezes ficamos literalmente cercados pelos tanques”. Certo soldado transferido de uma divisão da frente Leste escreve: “Nunca imaginei uma coisa assim. Isto é o inferno”. O mais extraordinário é que numerosas cartas chegavam ao seu destino. Algumas foram encontradas sobre os cadáveres.

Model, ao mesmo tempo Comandante-chefe no Oeste e comandante do Grupo de Exércitos B (Rommel, ex-titular desta função, não fora substituído), começara a inteirar-se da situação no Q-G. de La Roche-Guyon. As canalizações de água cortadas, os cabos elétricos também. Na manhã de 18 de agosto as explosões de obuses americanos tornaram-se cada vez mais numerosas e mais próximas. O general Hans Speidel, chefe de estado-maior do Grupo de Exércitos B, fez notar ao marechal que ele se arriscava a ficar privado de ligações.

— Bem — disse Model, — transportemo-nos para Margival.

Em Margival (8 quilômetros a noroeste de Soissons) existia um quartel-general perfeitamente ordenado, cimentado, camuflado, que Hitler mandara instalar em 1940, quando tinha a intenção de invadir a Inglaterra. Lá chegado, Model ordenou que desenrolassem os mapas. Sua mão desceu ao sul da bolsa de Falaise.

— Diga-me alguma coisa sobre a ala esquerda da nossa frente — pediu ele a Speidel. — Qual é a situação?

— Muito simples — respondeu Speidel. — A ala esquerda acha-se esfacelada.

— Como assim?

— Queira examinar o mapa — tornou Speidel. — Aqui está o texto das principais mensagens recebidas desde anteontem.

O conjunto dos movimentos indicados no mapa formava uma curva dirigida para leste, depois para nordeste — na direção de Paris, — e essa curva era de fato a representação do fulgurante avanço do III Exército americano, comandado pelo general Patton, diante do qual as unidades alemãs recuavam, ou se rendiam, ou se desagregavam. A resistência alemã ao longo dessa borda sul da frente mostrava-se muito desigual. Certa unidade parecia ter ficado no local até à sua quase completa destruição, outra assinalava sucessivas posições, cada vez mais “espaçadas”.

A realidade só obscuramente se percebia através das lacônicas mensagens. Model não podia inteirar-se dos pormenores, ver os enxames de caças-bombardeiros americanos romper cuspidando fogo sobre um blockhaus no cruzamento das estradas, os tanques Sherman pulverizar as posições de metralhadoras com dois tiros de canhão, sem parar e, em seguida, estacionarem para acometer alguns blindados de cruz preta bem postados na curva próxima. Também não podia ver os rostos ansiosos dos soldados alemães das velhas classes nos caminhões da retirada, espreitando o céu e as encostas cobertas de vegetação a ambos os lados da estrada, de dedo no gatilho, atravessando à pressa vilas e povoados desertos... Não podia ver nada disto, mas o exame do mapa e as horas das mensagens bastavam para lhe fazer compreender que, pelo momento, a flecha Patton deslizava sobre a curva — direta a Paris, — sem que ninguém a detivesse e até em marcha acelerada.

— Mas isso não é possível — disse ele a Speidel. — É absolutamente imperioso tapar esse perigoso buraco à nossa esquerda. Não compreendo como ainda não o fizeram!

— Não era possível fazê-lo, e por este motivo: carência de efetivos.

Model deu um forte soco no mapa.

— Ora essa! Carência de efetivos? E então o XV Exército? E os I e XIX Exércitos do sul da França? Serão por acaso intocáveis?

— Vou explicar-me melhor — prosseguiu calmamente Speidel. — O VII e o V Exércitos foram empregados em conter o avanço inimigo quase desde o começo. Seus restos acham-se agora fervendo na marmita de Falaise. O IX Exército já tiveram de contribuir na frente da Normandia, e na realidade estão bastante gastos. Sabe o senhor que quando os americanos e franceses desembarcaram entre Toulon e Cannes, há três dias, não havia, para defender a costa do Mediterrâneo, mais de sete divisões alemãs sobre as catorze previstas? Desse lado nada poderemos conseguir. Resta o V Exército, estacionado em Pas-de-Calais. Talvez o senhor marechal saiba, ou não saiba, o que se passou com o XV Exército. Durante várias semanas o Führer proibiu-nos de lhe tocar, entendendo que o desembarque na Normandia não passava de uma diversão e que a operação principal se verificaria mais ao norte. Depois autorizou-nos a empregá-lo, não em bloco, o que teria sido mais eficaz, mas em pequenas doses, praticando nele à guisa de punções...

— Não importa! — atalhou Model. — Mesmo encetado, o XV Exército deve ser utilizado imediatamente. Algumas divisões precisam atravessar o Sena, uma para fixar o inimigo na Baixa-Normandia e outras para correrem ao encontro do avanço americano.

O chefe de estado-maior ergueu-se para ir buscar uma pasta.

— O senhor marechal não teve ainda, provavelmente, tempo de se inteirar das condições em que se deslocam as nossas unidades no noroeste da França. Aqui está um relatório do general Schwalbe, comandante da 344 divisão de infantaria, unidade já retirada do XV Exército.

Vamos ler ao mesmo tempo que Model o essencial deste relatório: “Em 3 de agosto a minha divisão, que contava cerca de 8 000 homens e estava acampada em Amiens, recebeu ordem de seguir para Falaise o mais rapidamente possível. Estabeleci o plano de transporte seguinte: minhas tropas combatentes

iriam de Amiens a Rouen (120 quilômetros) por estrada de ferro. Seriam necessários vinte e oito trens, e todo o movimento deveria levar vinte e quatro horas. Meus serviços de abastecimento fariam a viagem pela estrada, a pé, em três dias. Dadas estas ordens dirigi-me a Rouen, a fim de preparar a chegada da minha divisão. Três dias depois chegaram, como eu previra, meus padeiros, carneiros e enfermeiros, mas nada da infantaria. O primeiro dos meus vinte e oito trens descarrilhara ao sul de Amiens em consequência de uma sabotagem na linha. Todos os demais haviam sido desviados para circuitos inverossímeis, padecendo bombardeios e descarrilhamentos. Essa infantaria, transportada por estrada de ferro, levou dez dias para percorrer os 120 quilômetros. Quando foi reagrupada e posta de novo em caminho, a batalha de Falaise estava perdida...”

— E então? — perguntou Model. — Por que me deu isto a ler? Que conclusão pretende tirar daqui?

— Na minha opinião, as parcelas tiradas do XV Exército serão inúteis — continuou Speidel. — Os reforços chegarão tarde demais. Se o XV Exército pode ser útil, é ao norte do Sena.

Model deu outro murro na mesa:

— É ao sul do Sena que devemos resistir. Recebi essa ordem do Führer e hei de executá-la. Dê-me o estado dos efetivos. Obrigado. Aqui está o que decido: a 344 e a 331 divisões de infantaria, bem como a 17 divisão de campanha da Luftwaffe, irão tomar posições defensivas nessa região, mais ou menos quinze quilômetros ao sul de Evreux. As 47, 48, 348 divisões de infantaria e a 18 divisão de campanha da Luftwaffe serão encaminhadas para o sul de Paris a fim de bloquear o avanço americano. Por outro lado, vou imediatamente pedir efetivos suplementares ao G.Q.G. do Führer. Necessito trinta divisões, ou pelo menos duzentos mil homens.

Assim falou o marechal, e ao chefe de estado-maior apenas cumpria inclinar-se. O melhor meio de nos inteirmos do efeito dessas ordens peremptórias consiste provavelmente em acompanhar mais um pouco o movimento da divisão do general Schwalbe que, de Rouen, devia portanto dirigir-se para o sul de Evreux.

Cinco minutos depois que sua tropa alcançara a margem do Sena, tinham aparecido os caças-bombardeiros. Os homens agachados nas barcas viam as rajadas eriçar penachos de água do rio; bruscamente, o jato fulgurante de um foguete punha a embarcação em chamas como se ela fosse de celuloide. Os soldados que haviam atravessado tinham apenas uma preocupação: achar abrigos ou proteger-se um pouco.

Um incrível atravancamento reinava nas estradas próximas do Sena. Tropas circulavam continuamente, de acordo com as ordens, quando a ação mais perigosa consistia justamente em circular pelas estradas. “Os aviões aliados atacam-nos incessantemente. Durante um desses ataques meu veículo foi destruído. Como não mais era aconselhável percorrer as estradas de automóvel, vi-me obrigado a circular entre as minhas unidades com o único veículo mais ou menos seguro que ainda possuía: uma bicicleta. Em pouco mais de uma semana minha divisão deixou de existir como unidade combatente. Perdera três quintos dos meus homens e dois terços das armas da minha formação tiveram de ser abandonadas. As outras duas divisões que haviam atravessado o Sena comigo, tiveram mais ou menos a mesma sorte”.

Tudo se desenrolou exatamente como previra Hans Speidel. As tropas comprimidas na bolsa de Falaise foram literalmente picadas, reduzidas a mingau. Pelo menos quinze mil cadáveres alemães amontoaram-se no barranco do Dive, ao longo do último corredor praticável. Sobre cerca de um milhão de combatentes empenhados, a batalha da Normandia desde o desembarque estava custando aos alemães 240 000 mortos e feridos e 210 000 prisioneiros. Model continuava aguardando a resposta do G.Q.G. ao pedido de reforços de 200 000 homens. Nada pudera deter a flecha Patton em sua corrida, e agora Paris estava tomada.

A história da libertação de Paris é abundantemente conhecida. Adrien Dansette contou-a num livro notável, milhões de franceses a viveram. Do lado alemão, no escalão do comando, essa história consiste sobretudo numa espécie de conspiração urdida espontaneamente para não executar, ou executar o menos possível as ordens de Hitler. É provável que alguns deles tenham forçado um tanto a posteriori, em suas narrativas e declarações, a cor de seus sentimentos e de suas intenções humanitárias, mas o certo é que todos haviam mais ou menos tomado parte na conspiração de 20 de julho e achavam que a guerra

estava perdida para a Alemanha. Achavam-se, portanto, em condições de compreender que as ordens de Hitler a respeito de Paris eram monstruosamente inúteis.

Hans Speidel contou que, a 23 de agosto, o Grupo de Exércitos B (ou seja, ele próprio), recebera do Führer ordens para destruir as pontes do Sena “e outros objetivos importantes, ainda que fosse preciso destruir bairros inteiros e obras de arte”. Speidel não transmitiu a mensagem, porém o general von Choltitz, comandante do “Grande Paris”, recebera-a diretamente. Speidel viu-se chamado ao telefone:

— Aqui fala von Choltitz. Peço instruções a respeito da execução das ordens do Führer no que tange às pontes de Paris.

— Que instruções deseja?

Von Choltitz deu a entender que, pessoalmente, não queria executar essas ordens, mas desejava conhecer a opinião de seu superior. Havia duas probabilidades sobre três de que um escutador da Gestapo estivesse ligado à linha, e Speidel concedeu-se alguns instantes de reflexão.

— Bem — respondeu ele em seguida. — Primeiro: o senhor deverá inspirar-se na situação local. Segundo: o Grupo de Exércitos B não transmitiu a ordem referente às pontes e outros objetivos. Terceiro: remeto-o às nossas deliberações orais anteriores.

Von Choltitz não fez saltar as pontes de Paris. Sua situação pessoal não podia ser mais delicada. Achando que tentar defender realmente Paris seria provocar destruições inúteis, esse general estava, no entanto, impedido de executar o movimento que, taticamente, seria correto: evacuar Paris pelo norte — o que significava transgredir abertamente a ordem de Hitler (defender Paris até ao fim); e, von Choltitz declarado traidor, sua família pagava por ele. Habilmente o general arranhou modos de não recuar nem combater, ou coisa semelhante. Suas tropas, fechadas em palácios e monumentos públicos, resistiram debilmente às forças da insurreição, e a 25 de agosto, quando os tanques da 2 divisão blindada do general Leclerc entraram na capital, von Choltitz capitulou e foi feito prisioneiro.

Model instaurou imediatamente contra ele um processo de justiça militar por abandono de posto. Em alguns dias o marechal já havia perdido um pouco da sua excitação ofensiva e tomava essa atitude mais para se cobrir, pensando além do mais que von Choltitz, prisioneiro, não arriscaria grande coisa. É verdade que restava a família, mas felizmente o general tinha excelentes relações pessoais no exército. Estes demoraram o andamento do processo, e quando o conselho de guerra se reuniu, em abril de 1945, para julgar von Choltitz in absentia, vários juízes entenderam haver carência de testemunhos importantes e que o caso teria de ser adiado. Pouco depois terminou a guerra.

..

Hitler reagiu violentamente à notícia da libertação de Paris. Hans Speidel assegura que ele deu ordem de bombardear a capital francesa por aviões, artilharia de longo alcance, V-1 e V-2. “O chefe do estado-maior do Grupo de Exército B proibiu que fosse transmitida e executada essa ordem de destruição, contra a vontade de Hitler — e assim Paris foi salva no derradeiro instante”.

É lícito pensar que nem tudo se passou tão simplesmente. A ordem de Hitler, que interessava vários exércitos, não deve ter tido como único destinatário o comandante do Grupo de Exércitos B. A prova está em que Paris sofreu efetivamente um bombardeio aéreo após a sua libertação. Se mais não houve, foi provavelmente porque a Luftwaffe estava então praticamente varrida do Céu pela aviação aliada, e seus campos seguidamente martelados. Os artilheiros da Wehrmacht batendo em retirada à velocidade máxima, fustigados por essa mesma aviação, mal tinham tempo de pôr em bateria seus canhões “de longo alcance”, que de resto em parte alguma atiraram durante a batalha de França.

Quanto às V-1, elas só podiam ser lançadas de “rampas” muito demoradas de instalar, e as que existiam já estavam apontadas, não contra Paris mas contra a Inglaterra. Restavam as V-2, alcançando 350 quilômetros. Seu lançamento não exigia rampas, mas esses foguetes só podiam ser apontados com precisão depois de trabalhos muito delicados de triangulação. A primeira V-2 foi lançada a 8 de setembro contra a Inglaterra. Londres, e depois Anvers, receberiam chuvas desses engenhos devastadores até abril de 1945. No outono de 1944, Hitler não devia ter renunciado à sua idéia de “castigar” Paris, pois

que entre 2 e 5 de outubro vinte e uma V-2 caíram na região parisiense. É impossível saber por que esse bombardeio não continuou — e só temos de felicitar-nos por isso.

— Saber bater em retirada faz parte da arte militar — disse-me esse ex-oficial alemão. — Isso aprende-se nas escolas e nas unidades. Na Rússia tivéramos tempo de pôr em prática todos esses conhecimentos. Quando a retirada para além do Sena foi decidida, não ficamos muito assustados com isso. Meu estado-maior, por exemplo, já tivera ocasião de organizar a travessia em retirada do Volga, do Don e do Dnieper. Que significava o pequeno Sena diante desses verdadeiros rios?

“Não havia mais pontes? E daí? Havia pelo menos todo um sistema de barcas e pontilhões, instalados várias semanas antes. Nossos pontoneiros e tropas de engenharia puseram mãos à obra a fim de preparar a passagem das unidades em retirada, o que se conseguiu em Rouen, Caudebec, Elbeuf e noutro ponto cujo nome esqueci. Mas nós sabíamos desde o começo da operação que as coisas não se passariam como na Rússia. Os primeiros aviões chegados convenceram-nos disso.

“Na Rússia, compreenda o senhor, a aviação teve pouca importância no decorrer de grande parte da guerra. Nós havíamos atravessado rios sob o fogo da artilharia russa, a melhor do mundo. Mas aqui não era a mesma coisa. Numa riba exposta aos obuses o senhor ainda pode, arriscando-se bastante, naturalmente, andar de um lado para outro, embarcar num lanchão. Os obuses caem ora aqui, ora acolá. Mas quando chegam os grupos de caças-bombardeiros, voando baixo, largando suas bombas, metralhando e projetando seus jatos de fogo, tudo se imobiliza na margem. Depois de eles passarem, os homens erguem-se em meio à fumaça e correm aos grupos para os lanchões — quando então aparece às vezes a esquadrilha seguinte.

“Centenas de barcas foram destruídas. A margem esquerda era, em certos lugares, um tremendo amontoado de veículos, canhões arrebatados, tanques, tudo abandonado, motores girando ainda ou começando a arder, e cavalos assustados com grandes ferimentos correndo como loucos, ou que se debatiam entre os varais, mostrando os dentes e o branco dos olhos. Pobres cavalos da retirada, quantas vezes tive pena deles!

“Todavia, nestas condições tão difíceis — esqueci-me de lhe dizer que, no fim, as margens e o próprio rio estavam sob o fogo da artilharia, — os restos do V e do VII Exércitos conseguiram atravessar o Sena. Grandes sacrifícios foram pedidos às tropas que asseguravam a passagem, e elas merecem elogios. Esta operação pode ser considerada uma grande proeza militar.

“Creio que foi a última dessa retirada da França. Depois disso, o que fizemos foi retirar-nos de maneira mais ou menos ordenada. Por quê? Em grande parte pelo que eu chamo as ilusões do nosso comando em seus diferentes escalões. Quanto mais alto o posto, maior a ilusão. Note que é assim em todos os países: quando as coisas começam a andar verdadeiramente mal, muitos dos chefes tornam-se sonhadores...

“A primeira ilusão, foi: “Cumpre-nos resistir no Sena”. Era a ordem de Hitler. Mas logo se viu que isso não era possível: como resistir no Sena com os americanos em Paris? Adotou-se então — creio que em 28 de agosto, — o plano seguinte: deixar ao longo do Sena algumas unidades que travariam combates de retardamento, e ao mesmo tempo retirar o grosso das tropas para uma linha Beauvais-Compiègne; depois retirá-lo definitivamente para a linha Kitzinger, consolidada nesse meio tempo e que devia ser mantida. O que era a linha Kitzinger? Outra ilusão.

Em 1943, o general Kitzinger, por ordem do G.Q.G., previra uma linha de defesa em França, passando por Abbeville, Amiens, Soissons, Epernay, Châlons-sur-Marne, Chaumont, Langres e Besançon até à fronteira suíça. Quer isto dizer que o general fizera um traço a lápis sobre o mapa. Iniciaram-se as fortificações entre Abbeville e Amiens; para além, absolutamente nada. Isto não impedia que os homens do G.Q.G. pronunciassem gravemente as palavras “linhas Kitzinger”, e repetissem a Model que ele teria tempo de “fortificar” essa linha (que nem sequer existia!), enquanto resistisse do lado de Beauvais. O próprio Hitler tinha previsto melhor: queria concentrar formações blindadas na zona Beauvais-Compiègne, “refrescá-las”, e em seguida lançá-las num contra-ataque “decisivo” contra o flanco do inimigo que houvesse atravessado o Sena. Aqui a ilusão tornava-se cegueira, não lhe parece? Duas datas bastam para mostrar o caráter ridículo de todos esses planos e previsões: Beauvais caiu nas mãos dos aliados em 30 de agosto e Amiens em 31. A linha Kitzinger foi transposta antes mesmo de existir.

“Ouça isto: em 25 de agosto, quando os franceses entravam em Paris, o XV Exército continuava estacionado no Pas-de-Calais, com a missão de defender a costa no caso de nova tentativa de desembarque! Só em 28 esse exército recebeu ordem de ir instalar-se numa posição defensiva entre Abbeville e Amiens, justamente na extremidade existente da linha Kitzinger. As ordens previam que à esquerda do XV Exército estaria... o VII Exército. Decerto o senhor já adivinhou o estado em que se encontrava o VII Exército em 28 de agosto, nem se surpreenderá ao saber que ele nunca foi tomar sua posição. Os britânicos entraram em Amiens sem resistência, a 31 de agosto, e atravessaram o Somme no dia seguinte. O XV Exército só tinha uma coisa a fazer para não ser imediatamente envolvido: retirar-se'. E foi o que fez.

“De modo que a retirada era geral. Atravessando o Somme, não havia mais nada, sequer uma linha traçada a lápis no mapa. As unidades blindadas canadenses e americanas perseguiam como serpentes rápidas as lentas colunas do nosso êxodo, insinuando-se entre elas, contornando-as, apanhando-as de lado ou estraçalhando-as. Nossas tropas seguiam em carroças de cavalo, de bicicleta e a pé. O senhor viu isto e todos os seus compatriotas o viram. Líamos nos olhos dos franceses que assistiam à nossa passagem o alívio, o júbilo, o ódio, frequentemente a curiosidade. Muitos deviam perguntar-se como nos sentiríamos agora. O que quase todos sentíamos era uma enorme fadiga. Os que haviam combatido na Rússia pouco se impressionavam com a extensão do nosso recuo, tendo visto muito pior. Neste particular, a diferença de escala não nos parecia suficiente; o que mais nos impressionava era a terrível atividade da aviação aliada. Acho que em conjunto julgávamos a guerra tendendo para um fim, decerto um fim não vitorioso para nós, naturalmente, mas não catastrófico. Se alguém nos dissesse o que iria acontecer!... Por meu lado não assisti ao pior, tendo caído em Mons prisioneiro dos americanos”.

Entre 28 de agosto e 2 de setembro o 1 Exército americano fizera 25 000 prisioneiros. Os canadenses e britânicos capturaram 40 000 alemães no Somme e no Pas-de-Calais. Numerosos soldados em retirada decerto se sentiam muito mais desmoralizados que o oficial cujo testemunho acabo de citar. Algumas cartas mostram sentimentos mais que pessimistas: “Realmente, não sei já pelo que estou lutando. Em breve passarei para os Tommies, se não morrer antes de chegar até eles”.

Model foi provavelmente informado destes rumores inquietantes, e a 3 de setembro resolveu publicar uma “Instrução aos soldados dos Exércitos do Oeste”, cujo começo é uma descrição notavelmente franca do aspecto e do estado de espírito de suas tropas em retirada:

"Vemos desfilar, com estados-maiores agora supérfluos, colunas em plena retirada, exaustas, expulsas da frente e que, pelo momento, não têm destino certo, nem podem receber ordens claras e precisas. Por isso, enquanto colunas em atropelo deixam as estradas para tentar livrar-se delas, a vaga de outras colunas segue-lhes no encalço. Com elas circulam conversas ociosas, boatos, precipitação, notícias infundadas, uma desordem inútil e egoísmos de fôlego curto. Isto pode contaminar os corpos ainda intactos de tropas combatentes, de sentimentos que precisam ser combatidos, nestes momentos de extrema tensão, pelas medidas mais severas.

“Eu, vosso novo Comandante-chefe, dirijo este apelo à vossa honra de soldados. Perdemos uma batalha, mas eu afirmo-vos que ganharemos esta guerra. Seguia-se a indicação dos meios de escapar ao desânimo: não dar ouvidos aos boatos pessimistas, conservar em tôdas as circunstâncias uma atitude correta e decente, submeter-se à disciplina, não lançar fora as armas em hipótese nenhuma. A instrução acabava assim: “Considerai que neste momento tudo se resume na necessidade de ganhar tempo indispensável ao Führer para colocar em ação novas tropas e novas armas. Elas virão. Soldados, precisamos ganhar tempo para o Führer!”

Com efeito, tudo quanto havia a fazer no momento era ganhar tempo: em 4 de setembro Anvers caía nas mãos dos aliados. O II Exército britânico rompera a cabeça de ponte de Vernon, e em quatro dias seus tanques haviam percorrido quatrocentos quilômetros. Seis grandes cidades tinham sido beneficiadas por uma libertação-relâmpago: Amiens, Arras, Tournai, Bruxelas, Lovaina... e Anvers.

A guarnição de Anvers, petrificada por este avanço fulminante, só voltara a si para abandonar a cidade a toda a pressa — sem destruir as instalações do porto! Se lembrarmos o cuidado e o trabalho que se deram os alemães para dinamitar, sabotar, destruir, engarrafar, tornar inservíveis e mesmo impenetráveis os portos franceses da Mancha e do Mar do Norte, e os serviços gigantescos e incrivelmente difíceis que os aliados tiveram de

realizar nesses mesmos portos, compreenderemos a importância deste abandono do porto de Anvers intacto.

Ao tomar conhecimento da notícia, Hitler jogou ao chão os papéis que estava examinando, ficou branco como a cal da parede e sufocado, incapaz de falar. Deixou-se cair numa poltrona e durante vários minutos ninguém lhe ouviu uma palavra nem ousou falar-lhe.

Talvez dissesse agora consigo que o seu querido Model, fiel e tão justamente afamado pela sua pertinácia, não era o homem da situação no Oeste. Model não conseguira agarrar-se a nada, e que adiantava a sua fidelidade em meio ao bando das suas divisões em fuga?

Menos de três meses haviam decorrido desde o desembarque e ele ia ler que nomear um quarto Comandante-chefe para o Oeste. Mas, quem? A cada nome, a cada rosto que evocava, Hitler — e ele não o escondeu! — sentia nascer quase imediatamente a desconfiança.

Aquele posto no Oeste era propício às tentações. Hitler estremecia ainda à idéia de que, no tempo de Kluge, se realizara uma troca de pessoal em plena batalha da Normandia: contra feridos americanos os invasores tinham dado pessoal feminino capturado em Cherburgo. Uma troca significa contatos, parlamentares, cessação de fogo, conversações. Tudo isso se verificara e fora levado a bom termo, e Hitler só depois havia sido informado. Não, isso nunca mais se repetiria: era perigoso demais! Para o Oeste devia ir um incorruptível, um homem absolutamente insuspeito de ter, por exemplo, experimentado jamais a menor simpatia pelos monstruosos conjurados de 20 de julho. E esse homem devia ser também, e sobretudo, um chefe de guerra.

Depois de refletir maduramente, Hitler mandou chamar Jodl ao seu gabinete:

— Precisamos — disse ele devagar, — pedir a von Rundstedt que volte a comandar no Oeste.

É possível que este gesto lhe tenha custado muito, porém menos do que se julga. O tirânico generalíssimo, não sabendo mais para quem se voltar, recorria naturalmente, outra vez — como fazem os tiranos, as crianças e as mulheres, — àquele “que sempre volta”.

Von Rundstedt contava sessenta e nove anos. Assistira a tudo, conhecia todos os tempos, atravessara os maiores temporais. Agora mantinha-se impávido, com uma face de pedra. Por vezes, um rápido sorriso, acompanhando uma citação ou uma reflexão irônica, mostravam que a inteligência e a humanidade prosseguiram animando aquela estátua.

Gerd von Rundstedt, autêntico produto de uma família da aristocracia prussiana, comandante em 1932 do Grupo de Exércitos que ocupara Berlim, assistira sem protesto à ascensão de Hitler ao poder: a política não é assunto de militares. Aliás, naquela época, cuidava-se sobretudo de reconstruir uma Wehrmacht poderosa. Em 1938 von Rundstedt protestou contra a demissão de von Fritsch e von Blomberg: assunto militar, e assinara o memorandum de von Beck contra a invasão da Tchecoslováquia. Como a invasão se realizou sem maiores consequências, ele declarou a Hitler:

— Enganei-me. Peço que me conceda retirar-me para as minhas letras considerando a minha idade avançada.

— Concedido.

Mas, em agosto de 1939, Hitler tornou a chamá-lo:

— O senhor vai comandar um Grupo de Exércitos na frente da Polônia.

Von Rundstedt invadiu a Polônia. Em maio de 1940, Hitler colocou-o à borda das Ardenas, onde esse chefe militar de sessenta e cinco anos ia tornar-se famoso, executando de maneira fulminante o plano Manstein. A opinião dos peritos militares é unânime: “A ruptura da frente norte da linha Maginot ficará para sempre um exemplo clássico do emprego de blindados e infantaria na ofensiva”. Terceira invasão: a Rússia. Em 1941, à frente do Grupo de Exércitos do Sul, von Rundstedt avançou até Rostov. Em seguida, vendo chegar o terrível inverno, telefonou a Hitler.

— Avançamos demais. Precisamos recuar as nossas tropas para posições confortáveis, até à primavera.

— Recuar? Nunca!

Von Rundstedt sabia perfeitamente o que o esperava se insistisse, e não obstante insistiu. Quando Hitler outra vez o autorizou a retirar-se para os seus domínios, respondeu tranquilamente:

— Às suas ordens. Obrigado.

Tornado a chamar em março de 1942 na qualidade de Comandante-chefe da frente ocidental, e despedido com folhas de carvalho em julho de 1944, declarou então a Rommel:

— Felicito-me por não ter de assistir no meu posto de comando à terrível catástrofe que se prepara.

Chamado ainda uma vez, não teve uma palavra de comentário. Mandou desenrolar os mapas e perguntou:

— Qual é a situação?

“Foi quando sobreveio um acontecimento inesperado, uma variante alemã do milagre do Marne — escreve Hans Speidel: — a entusiástica perseguição dos aliados afrouxou de súbito”. Eisenhower declarou por sua vez: “Repelidos até à fronteira da sua pátria, os alemães endureceram na defesa”.

Se examinarmos um pouco mais detidamente os relatórios militares, em parte alguma encontraremos notícia de um acontecimento comparável à magistral e vitoriosa manobra francesa do Marne, e o endurecimento dos exércitos alemães não foi imediatamente visível. É, não obstante, exato que se verificou, entre 5 e 10 de setembro, aquilo a que os historiadores militares chamam uma cristalização da frente, aliás relativa e bastante incompleta.

A ofensiva aliada afrouxou, como afrouxara o ímpeto russo para o Vístula, em consequência da lei estipulando que todo o movimento para a frente amortece depois de percorrida certa distância. As causas do fenómeno são complexas, a um tempo físicas e psicológicas. Compreende-se, em todo o caso, intuitivamente, por exemplo, que o III Exército de Patton, que não parara de correr desde o rompimento de Avranches, sentisse necessidade de respirar um pouco em seguida à travessia do Mosela na região de Nancy. Igualmente se compreende que as unidades de tanques britânicas tenham sentido a mesma

necessidade após o rush da Baixa-Normandia para Anvers. Por outro lado, apresentava-se um problema para os libertadores de Anvers. Este porto situa-se no Escalda a mais de cem quilômetros do mar, e não podia ser utilizado pelos aliados enquanto as suas dragas não limpassem o estuário e rio infestados de minas. Von Rundstedt viu isto no primeiro relance de olhos.

— Enfim, — disse ele — o XV Exército vai servir para alguma coisa!

Model — a quem fora deixado o comando de um Grupo de Exércitos, — olhou-o surpreendido. O XV Exército, ultrapassado, deixado à esquerda pelo avanço aliado, era considerado perdido para a maioria dos generais. Podia tentar uma ruptura para o nordeste, em direção à mãe-pátria, mas à custa de quantos perigos!

— Penso em coisa muito diferente — prosseguiu von Rundstedt apontando o mapa. — Que o XV Exército suba para o norte e atravesse o Escalda do sul para o norte, de Breskes para Flessingue. Se ele ocupar as ilhas de Walcheren e de Sul-Beveland e desembarcar no continente ao norte de Anvers, a cidade ficará bloqueada.

Este plano inteligente foi posto em prática, e tão bem executado que o porto de Anvers só pôde ser aberto à navegação aliada em 28 de novembro. Durante mais de três meses, importantes forças britânicas e canadenses, terrestres, navais e aéreas, ficaram ininterruptamente ocupadas na conquista das ilhas e na limpeza da foz do Escalda.

“Tínhamos absoluta necessidade do grande porto de Anvers, que nos era indispensável, do ponto de vista logístico, para tentar qualquer penetração importante no interior da Alemanha”, escreveu ainda Eisenhower. Von Rundstedt avaliou muito justamente desde o começo a importância dessa ação de retardamento. Ela lhe permitiria ganhar certo tempo indispensável à execução da segunda ordem que deu ao tomar — ou retomar, — posse do seu comando: “Armar a linha Siegfried”.

Esta linha fortificada, cuja construção, iniciada em 1936, prosseguira até à ruptura da linha Maginot em 1940, constituía-se de uma multidão de pequenas obras mais ou menos enterradas, de doze metros de flanco, cujos postigos compunham uma linha contínua. Sua profundidade e importância variavam

segundo os lugares, como as da linha Maginot. Muito poderosa no Sarre, onde os fortes se seguiam numa profundidade de cinco quilômetros, adelgaçava ao longo do Reno e oferecia seu mínimo de resistência na zona de Aix-la-Chapelle.

Acreditaria von Rundstedt realmente que esse obstáculo poderia deter definitivamente a formidável massa de material e homens que libertara em cem dias a França e a Bélgica? Não. Depois da guerra ele declarou que pensava apenas em conter o inimigo fora das fronteiras do Reich “algum tempo”. “Eu estava convencido da absoluta impossibilidade de ganhar a guerra, mas esperava que, se me fosse dado tempo suficiente, uma mudança no cenário político poderia evitar a completa derrocada da Alemanha”.

A mudança política esperada era esta; os anglo-americanos, contidos no Oeste, assustados ao verem a corrida soviética pela Europa, concordando em negociar com a Alemanha. Já vimos ser esta a idéia dos conspiradores de 20 de julho — que se espalhava cada vez mais pelo exército alemão e pela população e ia tornar-se a esperança indestrutível, obsessiva do povo alemão, até ao fim, por assim dizer até ao último dia. Eis por que, fossem quais fossem a importância e a violência da guerra de Leste — assistiremos também à chegada dessa maré devastadora, — o povo alemão não tirava os olhos do Oeste, achando ser desse lado que se desenrolavam os acontecimentos mais importantes, os que mais pesariam no desenlace final.

Armar a linha Siegfried significava, ao mesmo tempo, colocá-la materialmente em condições e provê-la de tropas. Desde que os aliados tinham atravessado o Sena, engenheiros e unidades de engenharia haviam sido enviados para o local e os trabalhos foram continuados febrilmente. Instalavam-se redes de arame farpado e campos de minas, aperfeiçoavam-se as obras, carreavam-se munições.

Esta segunda parte do programa não era a mais fácil de realizar. Praticamente, tôdas as tropas alemãs do Ocidente haviam sido empenhadas na batalha da França e da Bélgica, e o que refluía agora para as fronteiras do Reich era uma massa de homens em debandada, exaustos e sem material. É certo que os estados-maiores alemães se tinham tornado, após os sucessivos recuos na Rússia, mestres na arte de recuperar as tropas em retirada e mesmo em fuga. Os relatórios militares e as cartas de combatentes mostram que quantidades

incríveis de soldados vencidos, maltratados, dispersos, foram assim acolhidos ou colhidos ao fim de uma retirada, enviados para acampamentos preparados de antemão, repousados, reequipados e mesmo rearmados em grandes proporções, “engordados” antes de se constituírem em unidades novas, e isso não uma vez mas numerosas vezes. Von Rundstedt ia fazer executar magistralmente esse trabalho no Oeste, durante os meses de setembro e outubro de 1944.

Todavia era claro que só uma parte dos exércitos em refluxo poderia ser recuperada: a massa dos soldados alemães capturados pelos anglo-americanos não parava de aumentar; mais de meio milhão desde o Desembarque até ao fim de setembro. Acrescentando os mortos e feridos chegava-se quase ao milhão. E não era só a linha Siegfried a prover. Von Rundstedt queria também resistir o mais possível no Mosela e nos Vosges ao Sul. Mas onde encontrar homens? Não se podia pensar em mandar vir unidades de Leste, onde a ofensiva tinha recommençado e a hemorrhagia de efetivos se tornava impressionante. A solução era conseguir gente entre o Leste e o Oeste, na própria Alemanha. Vamos agora assistir ao começo do grande arrebanhamento de material humano, à mobilização geral de todos os recursos da nação.

Em 24 de agosto, Göbbels lançou uma proclamação: “Toda a vida intelectual da Alemanha tem sido, mesmo no quinto ano da guerra, mantida a um nível jamais alcançado pelas outras nações beligerantes, mesmo em tempos de paz. O esforço de guerra total do povo alemão exige agora certas restrições nesse domínio, bem como nos demais. Todos os teatros, music-halls, cafés-concerto e escolas de atores serão fechados. Apenas os livros científicos ou técnicos, além de algumas obras políticas importantes, poderão ser impressos. Estas medidas tornarão disponíveis várias centenas de milhares de pessoas. Para utilizar a fundo toda a mão-de-obra, as horas de trabalho nas administrações públicas e nos escritórios da indústria e do comércio serão fixadas num mínimo de sessenta horas por semana. A fim de permitir aos civis enfileirarem-se ao lado dos soldados, uma supressão temporária total das férias e licenças remuneradas é ordenada, com efeito imediato. As mulheres acima de cinquenta anos e os homens acima de sessenta e cinco a completarem-se em 31 de dezembro próximo não serão atingidos por esta supressão”.

Este primeiro arrebanhamento interno iria possibilitar a constituição de umas vinte divisões de Volksgrenadiers (infantaria do povo), compostas sobretudo de convocados especiais e funcionários trazidos das administrações públicas e privadas — que recebiam uma formação acelerada de algumas semanas e eram depois dirigidos para a linha Siegfried. Cumpre não confundir estes Volksgrenadiers que, pelo menos externamente pareciam verdadeiros militares, com os homens do Volkssturm (exército popular), colhidos no recrutamento seguinte e que usavam como uniforme uma simples braçadeira. Iremos encontrá-los um pouco mais tarde.

A Kriegsmarine já fornecera um contingente importante às guarnições dos portos da Mancha. As tripulações dos navios em conserto ou imobilizados nos portos pela superioridade naval e aérea aliada — na realidade, marinheiros que não tripulavam submarinos — foram enviados para a frente de batalha como artilheiros ou infantes.

Enfim, havia nas escolas da Luftwaffe muitos jovens robustos, bem treinados fisicamente, patriotas convictos, esperando com impaciência os novos aviões com os quais sonhavam cobrir-se de glória. Seus instrutores reuniram-nos e falaram-lhes mais ou menos nestes termos:

— A pátria necessita de vós desde já. Nossos inimigos desenvolveram um esforço imenso e desesperado para alcançar as fronteiras do Reich, mas seu propósito acha-se votado ao malogro. Armas novas vão ser postas em serviço, que os hão de pulverizar. Basta dispor de algumas semanas e ir em auxílio das tropas que estão lutando valentemente no Oeste, e algumas das quais necessitam ser reformadas. Ides ser encaminhados à frente, para lutar com vossos camaradas do exército de terra. Quando a situação for completamente restabelecida, regressareis às vossas escolas e receberéis vossos aviões.

Assim esses jovens partiram em unidade de combate mais ou menos importante, sob o comando de oficiais da Wehrmacht. Lutariam com determinação exemplar e mesmo com fanatismo, a ponto de conseguirem, em alguns setores, reduzir o avanço das tropas aliadas “do ritmo do galope ao ritmo ido passo”, conforme a expressão de um historiador britânico.

Os telegramas que os ajudantes de campo depunham várias vezes por dia na secretária de von Rundstedt, enquanto esse comandante-chefe diligenciava

organizar a defesa do Reich, mostravam que, apesar da relativa cristalização da frente, a guerra no Oeste não parava um segundo.

Mensagens de rádio chegavam das “fortalezas” do Oceano e da Mancha, onde as guarnições deixadas na retaguarda pela vontade de Hitler suportavam com desigual resignação os terríveis bombardeios aéreos, navais e terrestres, à espera do assalto final. Em 15 de setembro, os defensores de Saint-Malo e do Havre tinham capitulado. Os de Brest, Boulogne, Calais, Lorient, Saint-Nazaire, La Rochelle, Royan, Quiberon e Dunkerque resistiram ainda. “O álcool é a única coisa que ainda nos pode reconfortar na situação presente — lê-se no diário pessoal de um oficial da guarnição de Boulogne. — Esta tarde, como sempre, grandes ataques aéreos nas defesas externas. A maioria dos civis fugiu, levando pequenas partes de seus bens. Que trágico espetáculo!” Em Brest, a guarnição, fanatizada pelo general paraquedista Ramcke, resistira ferozmente. As instalações do porto estavam em migalhas, os americanos começavam a atacar casa por casa, ou antes ruína por ruína, encontrando-se a cidade mais ou menos nas mesmas condições. Em toda a parte Eisenhower dera ordem para “deixar amadurecer o fruto”, isto é, cercar, sitiar e bombardear sem tréguas.

Von Rundstedt lia quase distraidamente essas mensagens, sabendo que nada podia fazer ali. Outras notícias o preocupavam mais instantemente: em 12 de setembro, a 2 divisão blindada do general Leclerc, vinda de Paris, “operara a sua junção” em Montbéliard com elementos da divisão do general Brosset, vindo do sul. Em 15, sucedeu que o VII Exército americano (general Denver) estava prestes a tomar Lunéville, enquanto a 2 D.B. ameaçava seriamente Baccarat. O problema essencial era: “Em que setor da frente se verificará o próximo grande arranco anglo-americano? Von Rundstedt formulou a pergunta à sua Segunda Secção, e eis a resposta que recebeu:

“Os fortes bombardeios sobre Francfort (Meno) e Mayença levariam a crer que um arranco americano na direção de Trêves está na ordem das possibilidades. Considerando o que nós próprios fizemos em 1940, seria bem extraordinário que não ocorresse aos anglo-americanos ultrapassar a ala direita do nosso dispositivo por meio de um ataque na Holanda, na zona de Mimègue. Acreditamos saber que várias divisões de paraquedistas e aerotransportados se encontram presentemente em alerta na Grã-Bretanha. Seu

objetivo bem poderia ser esta região do Reno inferior...”

Pela primeira vez, depois de muito tempo, um serviço de informações alemão via bem as coisas.

No domingo, 17 de setembro, no começo da tarde, os habitantes da cidade holandesa de Arnhem tiveram a mesma impressão que as tribos da África ao verem de repente uma nuvem de gafanhotos escurecer o céu — com a diferença de que a nuvem se compunha de aviões rugidores.

Arnhem é uma linda cidade de cerca de sessenta mil habitantes situada ao norte de Nimègue, no braço superior do Baixo-Reno. Era para lá que antes da guerra, desde muito tempo, se retiravam os comerciantes holandeses que haviam feito fortuna nas Índias. Todas as casas sem exceção pareciam novas, e podiam-se ver belos edifícios e magníficos jardins públicos atravessados por cursos de água.

Nesse dia o céu mostrava-se azul e luminoso. Era tempo de guerra, mas apesar disso a guerra parecia distante. Nos campos semeados de moinhos de vento, os camponeses recolhiam batatas. Pelas estradas, ao longo dos canais, rodavam em inúmeras bicicletas de alto guidador moços e moças que se dirigiam ao cinema. Quando as nuvens de aviões surgiram, todos os ciclistas correram a estatelar-se nas valetas.

Os aviões pertenciam à 1 divisão aerotransportada britânica e à 1 brigada polonesa, e tinham como objetivo apoderar-se das pontes de Arnhem. Estas duas unidades integravam o 1 Exército aerotransportado do general britânico Brereton, incluindo também as 82 e 101 divisões americanas. A 82 divisão devia tomar as pontes de Nimègue, ao sul de Arnhem, e a 101 as de Grave e de Eindhoven, ainda mais ao sul. Desse modo seria preparado o eixo de invasão ao longo do qual se precipitaria imediatamente depois o II Exército britânico.

Na véspera, 200 Lancasters e 23 Mosquitos haviam atacado os aeródromos das proximidades. Na manhã de 17, 1 544 aviões e 478 planadores levantaram voo de vinte e seis aeródromos da Grã-Bretanha; levaram uma hora e um quarto para se pôr no ar. Encaminharam-se em duas vagas para o mar, protegidos por 919 caças. Enquanto se aproximavam, 816 Fortalezas

Voadoras, escoltadas por 161 Mustangs e 212 Thunderbolt P 47, bombardeavam as posições de D.C.A. alemãs.

Agora os habitantes de Arnhem viam picar os caças-bombardeiros, enquanto as corolas brancas dos paraquedas se abriam no céu azul. Por sua vez surgiram depois centenas de planadores, que vieram pousar deslizando sobre a erva dos campos.

Eis a substância do primeiro relatório que chegou nessa noite ao Q.G. de von Rundstedt.

“A operação aerotransportada é sem dúvida a mais importante que até aqui se realizou. Apenas trinta caças alemães puderam ser enviados contra a força aérea inimiga. Sete deles foram derrubados. As descidas de paraquedistas e aterrisagens de planadores verificaram-se numa extensão total de 70 quilômetros. Na zona de Eindhoven, quatro pontes caíram nas mãos dos americanos, os quais se apoderaram da ponte sobre o Mosa em Grave, bem como de uma ponte sobre o canal Mosa-Waal. Eles detiveram-se a 300 metros da ponte de Nimègue.

Em Arnhem, a situação apresenta-se confusa. As forças inimigas chegaram a terra na extremidade norte da ponte-estrada, que tomaram, e nos bairros ocidentais da cidade, até Oosterbeek. Estas forças do lado ocidental tentam operar sua junção com as do norte. Alguns pequenos grupos entrincheiraram-se e defendem-se no próprio local da descida. Numerosas linhas telefônicas estão cortadas. Nossas unidades que ali se encontravam esquadrinham os bosques e parques, mas sua tarefa é dificultada pela configuração do terreno, pela escuridão e também pelo nevoeiro e a chuva que sucederam ao bom tempo. Aliás, o mau tempo poderá ser-nos favorável, impedindo a chegada imediata de reforços inimigos. Reforços do nosso lado são, contudo, indispensáveis em breve prazo. A operação aerotransportada é sem dúvida o prelúdio de um ataque maciço na região, destinado a contornar a extremidade norte do nosso dispositivo”.

O Q.G. do Oeste mandou responder: “A 9 e a 10 Panzerdivisões SS do 2 Corpo Panzer SS foram alertadas. Elementos dessas divisões estão agora a caminho de Arnhem e poderão entrar em ação no fim da noite ou ao amanhecer de amanhã”.

A 9 e a 10 Panzerdivisões SS tinham combatido muito tempo na Rússia antes de serem precipitadamente transferidas para a frente da Normandia, em meados de junho. Haviam travado seu primeiro combate ocidental em Evrecy, perto de Caen, e em seguida mantido esse setor durante semanas com outras unidades do 2 Corpo, aguentado a pressão dos blindados britânicos e sob o bombardeio quase constante da aviação e da artilharia terrestre, às quais, por vezes, se juntavam os canhões pesados dos couraçados anglo-americanos. Em meio à tormenta de fogo haviam resistido no local a fim de manter aberto o corredor da evacuação da bolsa de Falaise, depois tinham protegido — na medida do possível, — a travessia do Sena pelas tropas alemães em retirada. Privadas de quase todo o material pesado, bateram por sua vez em retirada atrás desses mesmos exércitos, na França e na Bélgica. Finalmente enviaram-nas para a Holanda, para o norte de Arnhem, a fim de serem reagrupadas, reequipadas e receberem novos tanques. Poder-se-ia pensar que os homens dessas unidades, aliviados e satisfeitos por se verem enfim em repouso, receberam sem entusiasmo a ordem de ir travar novos combates. Mas o seu comportamento durante a batalha de Arnhem — e no decorrer das ações de que em seguida participaram, — prova que não. Chegou talvez o momento de dar uma vista de olhos à formação desses combatentes SS, que constituíam as tropas de choque mais resistentes do exército alemão.

As duas letras SS significam Schutzstaffel, secção de proteção. (Recordemos que SA significa Sturmabteilung, secção de assalto, e SD Sicherheitdienst, serviço de segurança). Os SS constituíam originariamente a polícia interna do partido nacional-socialista. O uniforme era preto. Na mobilização, uma parte dos seus homens, bem como outros voluntários, formaram o corpo dos Waffen SS, ou SS combatentes, NÃO mais vestidos de preto mas sim de feldgrau, com o escudo (Spiegel) SS em letras rúnicas. Os SS que não se tornaram Waffen SS e conservaram seu uniforme, ficaram sendo Allgemeine SS. Muitos Waffen SS fizeram questão, durante os interrogatórios, de não ser confundidos com os Allgemeine SS, sempre encarregados de missões de polícia e responsáveis pelas atrocidades nos campos de concentração.

Os Waffen SS engajavam-se por toda a duração da guerra. Deviam ter pelo menos 1,80 m, não mostrar dente algum furado ou tratado, e sofrer um exame

físico e médico muito rigoroso. (Naturalmente já não era assim no fim da guerra. Os recrutadores tornaram-se menos exigentes e viu-se mesmo unidades inteiras da Wehrmacht serem transformadas em unidades SS) Contavam-se diversos campos de formação de Waffen SS: na Tchecoslováquia, na Polónia, na região de Breslau e na Alta-Alsácia. O candidato aceito passava por um primeiro estágio de treinamento de três ou quatro meses. Eis como era o seu dia-tipo:

Acordar às seis horas. Uma hora de cultura física. Refeição. Manejo de armas. Três vezes por semana, curso de instrução política; conferências sobre a pessoa e a biografia do Führer, sobre a doutrina nacional-socialista e sobre a história do partido. Especialmente, porém, teoria racista. Os dois livros básicos eram A Raça, de Walter Darre, e O Mito do Século XX, de Rosenberg.

Na folha de pedido de admissão, o candidato quase sempre escrevia sob a rubrica religião: Gottglaubchi, isto é, crente em Deus. Não era bem visto escrever ateu, luterano e menos ainda católico. Gottglaubich: esta crença em Deus não significava grande coisa. O essencial era estar convencido de uma “aristocracia de sangue”, que devia reinar sem restrições sobre o resto dos homens. O sangue era o ariano, e mais particularmente o germânico nórdico. Os latinos eram considerados pouco interessantes, e os judeus como turba e vermina. O cristianismo era uma religião impregnada de judaísmo e até uma seita de inspiração judaica destinada a aviltar o homem, inculcando-lhe um sentimento de culpabilidade.

Seria errado supor que os sentimentos de crueldade eram automaticamente cultivados. Pelo contrário, recomendava-se benevolência e carinho para com os animais e as crianças. Mas a árvore da aristocracia de sangue e do Estado-Deus não podia dar frutos de brandura e humanidade. Todo o orgulho leva em si o gérmen da crueldade.

Continuemos a viver o dia do aprendiz Waffen SS. Às 12.30 h limpeza, e em seguida almoço. A alimentação era frugal, mas adequada. À tarde, repetição da formação militar, exercício em filas cerradas. É sabido que na maioria dos exércitos, o fim deste drill incessantemente aperfeiçoado desde Frederico II é (ou era) levar o soldado a obedecer à voz de comando com um automatismo absoluto, por movimentos reflexos, educação levada a um grau insuspeitado

nos corpos dos Waffen SS. “De pé, deitado! De pé, deitado! De pé, deitado, de pé!” vinte vezes seguidas. O instrutor comandava com um simples movimento de polegar. Eram submetidos a este tratamento não só os voluntários sem posto, mas até os oficiais da Wehrmacht vindos para os SS (por vontade própria, com seu assentimento ou obrigados) e que tinham de recomeçar sua aprendizagem a zero, nada significando nos corpos SS os postos da Wehrmacht. Basta dizer que os instrutores experimentavam um prazer um tanto sádico em “mecanizar” assim esses ex-oficiais.

Aos civis, e mesmo aos militares das unidades rigidamente treinadas, semelhante tratamento afigurava-se desumano, atentatório à dignidade. A resposta dos partidários do drill era a seguinte:

— O automatismo permite comandar com firmeza uma tropa sob o fogo, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Entre os Waffen SS, cuidava-se de acrescentar aos resultados do drill os do fanatismo político.

Após os exercícios da tarde vinham a limpeza das dependências, armas e equipamentos, as duchas, as revistas de pormenor. Os locais e todos os objetos deviam ser diariamente esfregados, polidos, lustrados, encerados. Os Waffen SS tinham direito a fardas e equipamentos de primeira qualidade, porém as exigências quanto à sua conservação e limpeza eram incriveis. Na hora da revista, o soldado devia ter “o ar de saído de uma caixa”.

A saída mais rigorosa era a que precedia a saída hebdomadária do domingo. Os homens ajudavam-se uns aos outros a escovar-se e a preparar-se, examinavam-se mutuamente mais de uma vez antes de se apresentarem ao corpo da guarda. Uma vez sobre três viam-se recusados por causa de um detalhe insignificante. Nas algibeiras deviam levar apenas os objetos seguintes, que eram obrigados a mostrar: carteira de dinheiro, papéis militares e documentos pessoais; lenço imaculado, passado a ferro e dobrado; pente dando a impressão de jamais ter servido, além de um objeto de higiene muito especial. Conferências “profiláticas”, tinham lugar frequentemente; quem contraísse uma doença venérea era castigado. As punições consistiam em Aufmarchmarch (de pé, deitado, marchar, correr, arrastar-se com equipamento completo, durante uma hora), prisão, exclusão do corpo.

Esqueci-me dizer que o noviço Waffen SS devia também adquirir noções de solfejo e aprender o canto individual e coral. Todos os acampamentos dispunham de um cinema, uma cantina e uma biblioteca.

No fim desse primeiro estágio perguntava-se impetrante: “Você continua voluntário?” Ele podia responder sim ou não. Se respondia sim, tinha de prestar juramento e recebia então os escudos e as dragonas pretas.

Mandavam-no depois continuar sua instrução num dos acampamentos da Tchecoslováquia. A instrução do jovem Waffen SS em seu segundo estágio comportava doze horas de exercícios militares por dia: escola de infantaria (Grenadierschule) e escola dos blindados (Panzerschule) com engenhos e armas de guerra, em condições reais de combate.

Eis o que diziam os instrutores por ocasião da primeira aula do curso de defesa antitanque (Grenadierschule):

— Quando os tanques vêm sobre vocês em terreno descoberto, nada de recuar. Se tiverem aberto corretamente o seu buraco individual, poderão meter-se dentro dele de modo confortável e o tanque passará por cima. Vamos mostrar como se abre esse buraco. No interesse de todos, observem bem... Viram e compreenderam? Preparem-se, e à voz de comando principiem a cavar. No próprio interesse, não percam tempo. Atenção!

Apenas cavado o buraco, um grupo de tanques avançava a razoável velocidade. Os homens enrodilhavam-se nos seus buracos. A lagarta passava a poucos centímetros do capacete. Tanto pior para aquele que houvesse cavado insuficientemente ou mal o seu buraco. Também ocorriam acidentes nos exercícios de tiro real. O perigo de acidente obrigava à vigilância e fazia parte da educação Waffen SS.

O caráter espartano desta educação e o rigor da disciplina não cessavam de aumentar até ao fim, a ponto de muitos jovens ficarem com a impressão de que seus chefes pretendiam desgostá-los para sempre do regime e do clima Waffen SS.

Os mais brilhantes, designados para as escolas de oficiais, suportavam um regime ainda mais duro. Em certos cursos, um dos testes concernentes ao

sangue-frio era o seguinte: o aluno-oficial, em sentido, segurava uma granada na mão direita. À voz de comando devia retirar a cavinha, bater na alavanca de disparo, colocar o engenho no alto do capacete; por fim, de novo em posição de sentido, aguardar a explosão. Em geral só ocorria acidente quando o aluno-oficial se atrapalhava e deixava cair a granada.

Tornados oficiais ou não, os jovens SS, acabada a instrução, eram finalmente organizados em divisões e em geral mandados para a frente. Tudo lhes parecia preferível ao que acabavam de viver, e a guerra — a guerra moderna com seu poderio de morte e sua desumanidade essencial, era um prazer. Senão sempre exatamente um prazer, pelo menos o modo de vida mais interessante, o único verdadeiramente interessante. A maioria dos Waffen SS (isto não se aplica naturalmente aos que foram recrutados à força nos últimos meses) nem sequer se preocupava com o possível desenlace da guerra: o que lhes interessava era que a guerra durasse. Tal era o resultado do fanatismo nacional-socialista e do drill combinados.

Os chefes das unidades SS que chegaram a Arnhem nas primeiras horas da manhã de 18 de setembro logo se compenetraram de que a batalha em nada se assemelha aos grandes canhoneios entre tanques da planície de Caen. Em primeiro lugar, Arnhem situa-se na única região acidentada da Holanda. Algumas das colinas cobertas de mato dos arredores elevam-se a mais de sessenta metros. Em segundo lugar, o inimigo era invisível.

Fumos negros erguiam-se, aqui e além, entre a chuva e o nevoeiro, e espoucavam tiros. Fora disso a cidade parecia morta, não se via ninguém. Os habitantes que não tinham fugido para o campo estavam também nas casas, ou nos porões.

O grosso das forças aerotransportadas encarregadas de se apoderar das pontes de Arnhem distribuía-se num espaço de cerca de seis quilômetros de comprimento por dois de largura, situado a oeste da cidade e limitado ao norte pela estrada de ferro e ao sul pelo Reno. Esse espaço incluía os bairros residenciais de Oosterbeek e parques públicos. Os britânicos haviam começado por se reagrupar tanto quanto possível e tentavam juntar-se aos seus camaradas que, mais a leste, se haviam entrincheirado em cada extremidade da ponte sobre o Reno. As forças alemãs de Arnhem tinham-nos atacado com autometralhadoras leves. Os ingleses respondiam com tiros de metralhadoras e

granadas, eficazmente, e começavam a progredir para leste quando os tanques e canhões motorizados dos SS entraram em ação.

Não há nada mais difícil que reduzir um inimigo entrincheirado em casas, especialmente sendo uma tropa experimentada. É possível demolir as casas a tiros de canhão, porém o inimigo entrincheira-se nas ruínas e nos porões e será preciso cercá-lo ou ir buscá-lo; esta última operação será tanto menos cômoda quanto mais as casas tiverem sido previamente transformadas em ruínas.

Os chefes das unidades SS consideraram rapidamente a situação e resolveram: isolar o espaço compreendido entre a estrada de ferro e o Reno; canhonear e demolir as casas da margem sul do Reno, a fim de que não pudessem ser mantidos os aeroportos dessa margem; atacar por três lados (norte, leste e oeste) o espaço isolado e progredir casa por casa. Damos um esboço da batalha pela central elétrica de Oostrat, fornecido não por um SS mas por um combatente da Luftwaffe (unidade de campanha).

“Meu grupo terminara ocupando uma casa que ficava no lado oposto à central, não exatamente em frente mas talvez a uns vinte metros. Havíamos ficado ali toda a noite, trocando rajadas pelas janelas com os ingleses entrincheirados numa casa existente diante da nossa. Pensávamos que eles teriam chegado ali através da parede do imóvel contíguo, pois não os tínhamos visto na rua desde que ocupáramos o nosso posto. No correr da noite eles haviam tentado várias vezes sair pela porta e pelas janelas do rés-do-chão, porém nós imobilizámo-los a metralhadora. Naturalmente, eles não poderiam abrir a parede da central, que era grossa demais. Os moradores da nossa casa conservavam-se no porão, muito assustados. Não obstante, a mulher concordou em fazer-nos café.

“Pela manhã chegaram dois tanques dos SS e tomaram posição na rua à nossa direita. Um deles disparou um único tiro contra a fachada da casa fronteira, abrindo um grande buraco. Nossa casa estremeceu. Ao mesmo tempo, metralhadores SS chegaram ao nosso primeiro andar e começaram a regar copiosamente a casa arrombada, pelo buraco aberto e pelas janelas, dizendo-nos que atirássemos também as granadas. Os ingleses não respondiam, não conseguíamos vê-los. Os SS penetraram então na casa deles e subiram ao primeiro pavimento, e em seguida ao segundo. Víamo-los olhando em redor nos aposentos devastados. Subitamente o entulho desabou do telhado sobre o segundo andar, em seguida houve duas explosões e um SS caiu. Os ingleses

estavam entrincheirados no forro da casa e atiravam granadas. Talvez houvessem subido com o intuito de alcançar a central pelos telhados.

“Os SS procuraram chegar até eles por uma escada, mas não conseguiram forçar a entrada dos forros. Então evacuaram a casa esburacada e vieram instalar três metralhadoras pesadas em nosso segundo andar. A cobertura da casa mantida pelos ingleses começou a desmantelar-se. Viam-se surgir as traves e madeiramentos, alguns em chamas.

Outros clarões tornaram-se então visíveis, os das metralhadoras dos ingleses que respondiam ao fogo. Dois homens apenas se entreviam os capacetes, suas formas achatadas sobre as tábuas do forro. O soalho começou a arder, mas os ingleses prosseguiram atirando. Nada mais podiam esperar, sendo a única solução para eles renderem-se, mas não se rendiam. Seu tiro ia-se tornando mais espaçado à medida que iam sendo mortos e todos morreram assim. Seus cadáveres carbonizaram-se naquele sótão em chamas.

“A luta desenrolava-se agora do lado da central. Nós estávamos nos primeiros camarotes para assistir a ela, através da fachada esburacada. Alemães e ingleses batiam-se como num teatro de vários palcos superpostos, atirando granadas de um lado para outro. Era um espetáculo extraordinário, porém os de fora não podíamos, por assim dizer, intervir, arriscando atingir nossas próprias tropas. Este combate pela central durou muito tempo. Meu grupo deixou seu posto para conduzir alguns ingleses capturados pelos SS. Eram todos jovens e robustos, de modo algum desencorajados. Um deles disse-nos em alemão que em breve seriam libertados e nós ficaríamos por nossa vez prisioneiros”.

Os paraquedistas e aerotransportados haviam, com efeito, recebido a garantia de que o II Exército, tendo à frente a divisão blindada da Guarda, se punha imediatamente em movimento em sua direção. Talvez Montgomery se houvesse mostrado um tanto otimista demais. Eis uma mensagem alemã da noite de 18 para 19, dando conta da situação:

“Os americanos obtiveram êxitos no setor de Nimègue-Grave e ao norte de Eindhoven. A grande ponte (580) metros de Nimègue sobre o Reno caiu em suas mãos bem como as de Zon, Saint Oedenrode e Oechel. Todavia o inimigo não pôde realizar a junção que tentou entre suas forças aerotransportadas e

suas forças terrestres. Um ataque blindado britânico foi vigorosamente repellido em Aalst-Waalre (6 km ao sul de Lindhoven).

“Em Arnhem a situação acha-se inteiramente controlada por nós, embora o inimigo tenha recebido ontem fracos reforços em paraquedistas”.

Ao meio-dia de 19 de setembro, os SS de Arnhem viram chegar por entre a fumaça dois ingleses agitando panos brancos. As metralhadoras pararam de atirar. Mas esses ingleses não pretendiam render-se: vinham apenas pedir a suspensão do fogo por uma hora, a fim de evacuar seus feridos.

— São mais de seiscentos. Querem aceitá-los como prisioneiros e recebê-los em seu hospital?

— De acordo — respondeu o Gruppenführer. — Um médico SS e um de vossos médicos vigiarão o transporte. O fogo recomeçará imediatamente depois.

Terminada a operação, os alemães ficaram olhando o médico paraquedista que voltava para junto dos seus, desaparecendo na rua cheia de fumaça e orlada de escombros. O Gruppenführer, ao lado de um veículo-rádio, olhava o relógio e disse algumas palavras ao operador. Um minuto depois os canhões recomeçaram a disparar.

A batalha de Arnhem consistiu numa combinação de cerco-bombardeio e de combates de rua de armas ligeiras, que durou vários dias. Os britânicos do oeste de Arnhem, obcecados pela idéia de se juntar às forças da ponte de cumprir sua missão apoderando-se dessa ponte, faziam tentativas furiosas (sem tanques nem artilharia) para romper o círculo de ferro e entravam em contato com os SS. Estes achavam-se durante os combates a curta distância e por vezes em corpo-a-corpo com adversários que lhes não eram absolutamente inferiores. A admiração transparece nos informes alemães.

Em 21 de setembro, as dimensões da bolsa a oeste de Arnhem tinham diminuído de 1 200 para 700 metros. As ruínas que os ingleses eram obrigados a abandonar sob o fogo dos canhões, ficavam juncadas de mortos. No fim desse dia, as forças britânicas da ponte, sem um cartucho mais para disparar, foram obrigadas a render-se. Os alemães fizeram então avançar os

alto-falantes para os bairros ocidentais, a fim de dar a notícia aos combatentes desse setor e convidá-los a render-se também. Mas os britânicos prosseguiram na luta.

O período de mau tempo continuava: chuva e nevoeiro. Os sitiados às vezes recebiam reforços, porém em diminutas quantidades: algumas centenas de homens no dia 21. No dia 23, tôdas as armas e provisões lançadas de paraquedas caíram nas mãos dos alemães, dado que a superfície a visar era excessivamente pequena.

Os sitiados sobreviventes, cada vez menos numerosos, resistiam sempre. No dia 24 uma brigada polonesa descida de paraquedas ao sul do Reno, tentou abrir caminho até ao rio. Foi destruída ou capturada.

Em 25 o comando aliado tomou a decisão de retirar tôdas as forças que ainda combatiam em Arnhem. Para os interessados, esta resolução era agora mais difícil de executar que a ordem inicial de se apoderarem da ponte. Tornava-se necessário: 1 - alcançar o Reno; 2 - atravessá-lo.

A aviação americana executou um bombardeio “de cobertura” na noite de 25 para 26. Os sobreviventes exaustos arrastaram-se para o rio, ao longo das estradas e dos jardins, travando incessantes escaramuças com os SS que atravessavam o bombardeio para lhes virem cortar a retirada. Os feridos tinham de ser abandonados no local. A passagem do Reno verificou-se sob o fogo dos canhões e dos morteiros alemães. Estes publicaram na época que apenas alguns centos de homens lograram alcançar as linhas aliadas. Segundo Eisenhower, cerca de 2 200 homens da divisão conseguiram atravessar o Reno em Arnhem.

Os mortos, feridos ou desaparecidos somaram aproximadamente 7 000 para o conjunto das três operações Eindhoven-Nimègue-Arnhem, sendo as perdas de Arnhem as mais importantes,

Hitler quis saber minúcias da operação de Arnhem, que a propaganda alemã apresentou como uma grande vitória. Todos os que se aproximaram de Hitler nessa época referem que embora ele estivesse convalescendo de uma icterícia, parecia em melhores condições do que três meses antes: menos curvado, menos oprimido e até cheio de entusiasmo.

A situação, todavia, não era igualmente reconfortante para o alto-comando alemão. A tentativa aliada de desbordamento pelo Reno inferior havia falhado, mas as pontes conquistadas pelos paraquedistas americanos em Eindhoven, Grave e Nimègue não haviam sido retomadas, e o II Exército britânico projetara uma saliência até ao setor de Nimègue. Patton mantinha a sua pressão diante de Metz e visivelmente preparava uma retomada da ofensiva. Os bombardeiros aliados martelavam, juntamente com cem outros objetivos, as fábricas de gasolina sintética, as usinas de destilação de alcatrão, os fornos de coque da Silésia, do Ruhr, de Saxe e do Schleswig. A produção de combustível líquido caíra para 26% da normal. A Finlândia capitulara, a Bulgária proclamava sua neutralidade, a Rumânia mudava de campo e declarava guerra ao Reich. Na Itália os aliados ameaçavam Bologna. A Rússia Branca, a Volínia, a Galícia e uma parte da planície polonesa estavam perdidas, a Wehrmacht tinha de enfrentar uma impressionante ofensiva russa nos Bálcãs.

Hitler ignorava tudo isto enquanto prazenteiramente se fazia repetir “a heróica resistência” dos SS em Arnhem? Certamente não. Mas o que o levava a esquecer tudo isso, e que, muito mais que o êxito local de Arnhem, lhe devolvia em parte a antiga vitalidade, era a idéia que concebera e considerava já uma nova manifestação do seu gênio militar. Mal ouviu a mensagem do Q-G. do Oeste, o cabo-estratega mandou chamar Jodl.

Vamos assestar nos anglo-americanos um golpe de que eles não mais se refarão — disse ele. — Vamos retomar-lhes Anvers.

Jodl imaginou a princípio que se tratasse de uma operação de paraquedistas, uma espécie de desforra de Arnhem.

— Não — tornou Hitler. — Aqui está o que decidi. Lançaremos uma ofensiva através das Ardenas, como em Quarenta. Apoderamo-nos das pontes sobre o Mosa entre Namur e Liège, depois rompemos a noroeste até Bruxelas e Anvers. Os anglo-americanos ficarão privados do porto de aprovisionamento com que mais contam, e os exércitos de Montgomery serão cortados. Vou expor-lhe todo o meu plano e juntos cuidaremos dos pormenores.

Jodl respondeu:

— Perfeitamente, meu Führer.

Havia muito tempo que decidira não responder outra coisa. Declarou após a guerra que a idéia de Hitler começara a parecer-lhe muito surpreendente, a priori impossível de se levar a cabo com os meios de que então dispunha o comando, mas que se tornava necessário examiná-la mais de perto. Por quê?

— Nossa situação era desesperada, e o único meio de a melhorar consistia numa resolução desesperada. Nada tínhamos a ganhar continuando na defensiva.

Paraquedistas, bem como outras tropas especiais de que tomaremos conhecimento dentro em pouco, deviam apoderar-se das pontes. A ofensiva terrestre seria realizada por vinte e quatro divisões, dez das quais blindadas, quase tôdas recuperadas e reorganizadas pelos cuidados de von Rundstedt durante o período de cristalização da frente. O VI Exército blindado SS combateria no setor norte, o V Exército blindado no sul. As divisões de elite avançariam primeiro e as demais tropas ocupariam o terreno.

— A Luftwaffe sustentará a nossa ofensiva como a aviação anglo-americana sustentou a ofensiva inimiga — acrescentou Hitler. — Todos os aviões disponíveis devem ser postos em reserva até o dia decisivo. O êxito depende em grande parte da surpresa. Ordeno segredo absoluto sobre toda a preparação. Até novo aviso, todo o mundo, exceto o senhor e eu, deve ignorar o intuito das primeiras medidas que vamos tomar.

Enquanto isso, von Rundstedt e Model foram convocados para os meados de outubro. Jodl começou a recebê-los e inteirá-los do caso.

— Esse plano é uma loucura — disse von Rundstedt. — Nós não temos suficientes tropas treinadas, nem material suficiente, nem aviação bastante para nos lançarmos em semelhante empresa. Tenho a impressão de que aqui no G.Q.G. ninguém se dá verdadeiramente conta da situação. Nós estamos de costas para o muro, e justamente no setor onde o muro é mais frágil: o de Aix-la-Chapelle. Há duas semanas que os americanos estão atacando desse lado, nós resistimos palmo a palmo... Os canadenses e ingleses dão-nos o que fazer ao sul do Escalda. Em toda a parte carecemos de efetivos. Se o Führer quer absolutamente tentar uma ofensiva, proponho isto: atacar pelo norte e pelo sul

essa bolsa americana do setor de Aix-la-Chapelle. Uma operação limitada tem algumas possibilidades de vingar. Desorganizada o plano inimigo de ofensiva e talvez nos permitisse resistirmos em nossa fronteira até à primavera. O resto é devaneio.

Model — o Model que chegara todo flamejante à frente Oeste — aprovou energicamente.

— Anvers é um objetivo distante demais, nunca uma ofensiva lançada da fronteira o poderá atingir. O senhor não conhece a eficiência da aviação tática inimiga.

— O Führer está absolutamente resolvido — tornou Jodl a von Rundstedt.

— Tenciono falar-lhe da sua idéia, apresentando-a como o projeto de uma operação prévia que o senhor acharia necessária, mas duvido que aceite. Ele deseja conservar tôdas as nossas forças intactas para a ofensiva-relâmpago.

Von Rundstedt encolheu os ombros:

— Intactas! No dia J o senhor me dirá.

Está claro, Hitler não quis alterar nada:

— Diga ao Comandante-chefe no Oeste que ele receberá em tempo útil instruções pormenorizadas.

Pormenorizadas. O cabo-estratega voltara, com efeito, à sua mania do Kriegspiel. As ordens que Jodl começou a redigir conforme sua orientação, quase sob seu ditado, previam todos os movimentos de unidades e até mesmo as decisões que deviam tomar os generais diante de tal situação ou tal reação do inimigo, com hipóteses numeradas 1, 2, 3, 4, etc. Durante todo o mês de outubro e começo de novembro, Hitler dedicou-se inteira e apaixonadamente a esses trabalho, mal dando atenção às péssimas notícias que chegavam da Hungria e dos Bálcãs.

Os únicos mapas que conservava sob os olhos eram os da frente ocidental. A linha que marcava a pressão aliada contra a bolsa das embocaduras do Escalda refletia-se cada dia um pouco mais para o norte e para leste. As

tropas alemãs lutavam numa região em grande parte inundada, quase impraticável, sob o fogo da aviação e dos navios. A 26 de outubro, os anglo-canadenses desembarcaram ao sul dessa ilha confiada à guarda do V Exército, Sul-Weveland. Em 1º de novembro duas unidades anfíbias atacaram Flessingue com o apoio de duzentos navios de guerra, entre eles um couraçado. A cidade caiu nessa mesma tarde. A ilha inteira seria libertada a 2 de novembro. O I Exército canadense e o II Exército britânico progrediram lentamente na Bélgica, e depois na Holanda, num solo tornado pantanoso pelas chuvas. Em 26 de novembro, um despacho anunciou que os ingleses haviam tomado Boisle-Duc, após um ataque noturno executado por tanques lança-chamas, sob “o luar artificial”.

— Que é isso? — perguntou Hitler.

Puderam explicar-lhe no dia seguinte que os aliados haviam tido a idéia de iluminar as nuvens baixas por meio de centenas de projetores. A luz refletida produzia uma claridade lunar.

No resto da frente ocidental, os ataques e contra-ataques sucederam-se durante todo esse período. Aix-la-Chapelle, tornada um indescritível campo de ruínas, capitulou a 21 de outubro. Mas os americanos (I Exército, general Hodges) não conseguiram romper a linha de resistência instalada além da cidade. O avanço para o Reno não se verificou. No mesmo dia, na Alsácia, os alemães retomaram Baccarat, que todavia foi recuperada a 1 de novembro pelo VII Exército americano (general Patch) e pela 2 D.B. francesa. Após a tomada de Aix-la-Chapelle, o I Exército americano lançara na direção do Roer (afluente do Mosa que corre paralelamente ao Reno) uma ofensiva, a princípio bastante inquietadora, que a infantaria e os blindados alemães haviam detido à orla da floresta de Hurtgen. Em resumo, as vedações de von Rundstedt iam produzindo seus efeitos — em grande parte graças ao mau tempo. Hitler compreendeu que sua ofensiva-relâmpago devia ser lançada quanto antes.

— Gostaria que não esperássemos além de meados de novembro — disse ele a Jodl no fim de outubro. — Precisamos atacar com o mau tempo. O efeito de surpresa será mais certo e a aviação inimiga estará neutralizada.

— A nossa também sofrerá as consequências — replicou Jodl.

— Mas como é menos numerosa, a vantagem ficará do nosso lado se nenhuma das duas puder intervir.

O argumento era razoável, porém nos dias que se seguiram tornou-se claro que as unidades destinadas a participar da ofensiva não estariam prontas para 15 de novembro. Hitler convocou os peritos meteorologistas do G.Q.G.

— Pode-se prever um período de mau tempo para o começo de dezembro?

Esses homens pediram vinte e quatro horas de reflexão e voltaram com seu prognóstico:

— Parece provável que haverá quatro a cinco dias de nevoeiro espesso a partir de 15 de dezembro.

Hitler disse a Jodl:

— Atacaremos a 16.

Alguns dias depois, Jodl recebeu a visita de um general SS que se mostrava prodigiosamente excitado: o Obergruppenführer Sepp Dietrich. Sepp (Joseph) Dietrich era uma espécie de buldogue corado, antigo ajudante de açougueiro, sargento-chefe no fim da Primeira Guerra Mundial. Tendo entrado para os SS em 1928, tornara-se cinco anos depois Brigadeführer e comandante da guarda pessoal de Hitler. Comandara a divisão Adolf Hitler em França, na Grécia e depois na Rússia, onde suas proezas pessoais lhe valeram ser várias vezes citado pela propaganda de Göbbels como o tipo do combatente nacional-socialista. Enfim, um rijo. Na Normandia batera-se bem, embora protestando contra as ordens antiestratégicas de Hitler — antes de ser obrigado a retirar à pressa através da França e da Bélgica, como todos os seus colegas. Dizíamos que ele chegou ao G.Q.G. fora de si. Trazia na mão um envelope contendo a indicação ultrassecreta, justamente com o selo do G.Q.G.

— O senhor conhece isto? — perguntou ele a Jodl. — Eu gostaria de saber se não se trata de uma brincadeira.

Jodl, depois de examinar o conteúdo do envelope, respondeu que não havia nada mais sério.

— Este plano foi organizado pelo próprio Führer.

— Nesse caso desejo protestar junto do próprio Führer! — bradou Sepp Dietrich. — Não é possível que ele estivesse devidamente informado quando tomou estas decisões. Sabe o senhor o que elas representam para mim e para o meu Exército? Alcançar o Mosa em dois dias, atravessá-lo, tomar Bruxelas, prosseguir e logo depois tomar Anvers. Simplesmente. Como se os meus blindados tivessem de varar manteiga! E este fácil programa deve ser executado em pleno inverno, numa região onde nove vezes sobre dez haverá possibilidade de termos neve até ao ventre! E o senhor chama a isto uma coisa séria?

Jodl assegurou que a ofensiva-relâmpago fora montada com a maior cautela. Seria uma honra para as tropas de Sepp Dietrich encabeçarem a ponta de tal ação. O Obergruppenführer tornou-se escarlate:

— Ninguém me ensinará o que é uma ofensiva! Dos efetivos que constituíam originariamente a minha divisão, não restam hoje mais de trinta homens que não tenham sido mortos ou aprisionados. Agora refiz um exército blindado novo e sou um general, não um palhaço. Repito que não é possível executar estas ordens tais como estão redigidas e quero dizê-lo ao Führer.

Hitler, sabedor de que o antigo chefe da sua guarda pessoal vinha protestar, não o recebeu. Além de Jodl, Dietrich avistou-se apenas com Guderian, que debaixo da tempestade se limitou a encolher os ombros:

— São ordens do Führer.

Sepp teve de regressar como viera, com seu envelope ultrassecreto e a ordem de o pôr em prática. Digamos desde já que uma vez desencadeada a ação ele lutou tão convictamente como havia protestado. Mas ao deixar o G.Q.G. estava ainda furioso.

— Tudo está perfeitamente combinado — disse-lhe Jodl para o acalmar. — O começo da ofensiva será grandemente facilitado pelo emprego de unidades especiais sobre as quais nada posso ainda dizer-lhe. Em tempo útil o senhor receberá tôdas as instruções a respeito.

Em 30 de outubro de 1944, uma ordem do Führer pedindo voluntários para a constituição de unidades “destinadas a serviços especiais e de reconhecimento” foi publicada na frente Oeste.

Segundo as informações recolhidas mais tarde, parece que o recrutamento dessas unidades tinha começado discreta e mesmo secretamente um pouco antes. A idéia foi sendo revelada aos poucos. No início apenas se pediam voluntários falando inglês “para serem enviados aos campos de prisioneiros”. A ordem de 20 de outubro esclarecia que eles deviam conhecer não apenas o inglês, mas também “os dialetos americanos”, ser fisicamente classificados na primeira categoria, treinados na luta corpo-a-corpo, possuir “inteligência aguda e rápida, uma forte personalidade”.

Os voluntários recolhidos após exame físico e linguístico foram informados de que iriam deter segredos militares da mais alta importância, e que se exporiam à pena de morte se não guardassem discrição absoluta sobre o que ia suceder-lhes. Nem sequer deviam escrever às famílias que se tinham apresentado como voluntários para uma missão especial. Foi-lhes reclamado juramento sobre esse segredo.

O primeiro grau de instrução consistiu, para aqueles cujo inglês não se afigurou perfeito, em estágios de alguns dias na administração dos campos de Limburg e de Kustrin, onde estavam numerosos prisioneiros americanos. Deviam interrogar os prisioneiros, conversar com eles o mais possível. Os voluntários foram depois enviados para Grafenwohr, na Alta-Francônia.

Grafenwohr era o centro de instrução propriamente dito das unidades especiais, ou melhor da única unidade especial constituída, a 150 Panzerbrigade, contendo cerca de 2 000 homens vindos, sobretudo, dos paraquedistas, dos blindados, dos intérpretes e da marinha. O campo era inteiramente fechado, os voluntários não podiam comunicar-se com ninguém.

A instrução incluía o tiro das diferentes armas, treinamento nos combates de corpos francos, técnicas de demolição e de sabotagem, mas antes de mais nada a “formação especial”. Os homens eram treinados em falar inglês com acento americano e em decorar o mais possível termos de gíria civil e militar. Havia cursos sobre a organização do exército americano, os postos, as unidades, as armas e todos os costumes militares americanos. Outros instrutores

pronunciavam conferências sobre a geografia dos Estados Unidos e sobre todos os setores e aspectos da vida social americana.

As conversas dos homens deviam limitar-se unicamente a esses assuntos; eles tinham ordem de falar inglês (com acento americano) entre si, de continuamente se instruir e americanizar uns aos outros. Revistas, publicações e jornais americanos recentes lhes foram entregues. Todos começaram a compreender exatamente o que deles se esperava no dia em que viram chegar a Grafenwohr jeeps, veículos americanos e tanques Sherman, e finalmente uniformes americanos.

— Os senhores vão agora inteirar-se da missão que lhes foi confiada — disseram os instrutores. — Envergarem estes uniformes americanos. A 150 Panzerbrigade, assim camuflada, participará da grande ofensiva atualmente em preparação. Seus elementos progredirão com as primeiras unidades blindadas e se infiltrarão nas linhas americanas para as confundirem e desorganizarem. Elas penetrarão pelas retaguardas do inimigo, assinalando aos nossos, pelo rádio, o estado das pontes e das estradas, bem como os movimentos de tropas e tudo o que puderem conhecer das intenções do inimigo. Os sapadores demolirão os Q.G. inimigos, os grupos de destruição devem inutilizar as estações de rádio e de transmissões. Alguns grupos serão encarregados de simular unidades americanas em retirada, fingindo desarranjos nas estradas para bloquear a circulação. Outros fingirão render-se em pânico dando curso a notícias desmoralizadoras para o inimigo. Outras tarefas lhes serão ainda indicadas. Como veem, o que se espera dos senhores é especialmente importante.

Sobreviventes da 150 Panzerbrigade declararam que alguns voluntários se assustaram de ter de lutar envergando o uniforme inimigo, contrariando as leis da guerra, ou seja, arriscando-se a ser fuzilado em caso de captura — mas que nenhum deles protestou ou se recusou. Sem dúvida era muito tarde para o fazer, eles sabiam já coisas demais. Os chefes da 150 Panzerbrigade devem contudo ter levado em consideração escrúpulos e apreensões de seus homens, pois os instrutores completaram deste modo a sua alocução:

— Nossos inimigos violaram as leis da guerra bombardeando as populações civis, enviando de paraquedas comandos de sabotagem e desencadeando a ação dos guerrilheiros nos territórios ocupados. Estas atitudes legitimaram os

ardis que vamos empregar. Por outro lado, insistimos para que evitem absolutamente os combates quando estiverem de uniforme americano. A missão que lhes confiamos é essencialmente de informações, sabotagem e desorganização. Se se virem obrigados a abrir fogo, vistam o uniforme alemão.

Estas recomendações eram pro forma; como mudar de uniforme no instante de abrir fogo? Parece, segundo alguns testemunhos, que os voluntários nem sequer receberam uniformes alemães no momento de entrar em ação. Este ponto nunca foi verdadeiramente esclarecido. Os instrutores concluíram com estas palavras:

— Podemos enfim dizer a todos o nome do chefe que ordenou os pormenores da vossa formação e comandará pessoalmente a 150 Panzerbrigade no instante da ofensiva: é o Obersturmbahnführer Otto Skorzeny.

O nome de Skorzeny, conhecido em toda a Alemanha, produziu forte impressão. Este retre SS de um metro e noventa, com um golvaz desde a orelha esquerda até à boca, era um especialista da contra-espionagem movimentada e das missões perigosas. Revelara-se ao grande público chefiando a expedição de paraquedistas que raptou Mussolini, preso na montanha do Gran Sasso. Um militar alemão contestou depois que coubessem a Skorzeny a total direção e o principal mérito do episódio, mas isso não importa. Skorzeny recebeu por essa proeza a ordem de cavaleiro da Cruz de Ferro, superior à Cruz de Ferro de primeira classe.

Ele trabalhara em desorganizar a resistência anti-alemã de Tito na Iugoslávia e levava a efeito outro rapto, o do almirante Horthy, regente da Hungria, que acabava de demitir-se depois de ter anunciado pelo rádio a capitulação de seu país. Ele próprio contou suas aventuras ou uma parte delas, decerto romanceando-as um pouco, em memórias que foram publicadas e mesmo traduzidas em francês. Hitler chamara-o ao G.Q.G. na segunda quinzena de outubro para expor a idéia que tivera de criar “unidades especiais” (parece que a idéia foi mesmo do próprio Hitler) e entregar-lhe a organização e o comando delas.

Otto Skorzeny foi diversas vezes pessoalmente a Grafenwohr supervisionar o treinamento da 150 Panzerbrigade. A americanização era cada vez mais

aperfeiçoada: os homens mastigavam chicletes o dia inteiro, praguejavam na gíria americana, aprendiam a abrir um maço de cigarros ou uma caixa de conservas à maneira das tropas americanas. Exercitavam-se também, naturalmente, em utilizar jeeps e tanques Sherman, bem como os tanques alemães disfarçados de americanos.

Vem a propósito dizer umas palavras sobre certa missão especial entre as especiais, que foi ou teria sido confiada a um grupo de super-voluntários da 150 Panzerbrigade: chegar até Paris, ou mais exatamente até ao G.Q.G. aliado de Versailles (SHAEF) e lá capturar ou matar Eisenhower, e ainda, ocasionalmente, outros militares de alto posto. A expedição devia, uma vez atravessadas as linhas, apresentar-se como um destacamento de militares americanos conduzindo para o S.H.A.F.F. generais alemães destinados a interrogatório.

Outra expedição devia tentar matar ou capturar Montgomery em Spa, na Bélgica. O relato de um sobrevivente da tentativa de Spa foi publicado num diário francês. Certas nebulosidades e erros verificáveis incitam a acolhê-lo com alguma prudência. Otto Skorzeny negou obstinadamente que jamais houvesse conduzido ou sequer ordenado semelhante operação.

— Se essa idéia me houvesse ocorrido — disse ele aos americanos que o interrogaram, — eu teria procurado realizá-la. E se o tentasse, levá-la-ia a bom termo.

Todavia, o major M. Shulman, do S.I. do exército canadense, refere que alemães vestidos de soldados americanos foram nessa época presos em Paris. De fato, no meu entender, não se pode ainda saber nada de certo a respeito, salvo que os serviços de informações e proteção aliados ouviram falar do projeto e tomaram a ameaça muito a sério. O Palácio Trianon e os edifícios onde se alojava o SHAEF foram cercados de tanques e arame farpado; mais de mil MP e GI foram postados nas barreiras, de metralhadora em punho. O próprio Eisenhower contou que o serviço encarregado da sua proteção o obrigou a mudar de residência, interditando-lhe qualquer saída durante vários dias — até que ele literalmente se revoltasse, — e manteve ao seu redor, durante várias semanas, um grupo de guardas uniformizados e em traje civil.

Os homens da brigada Skorzeny foram, portanto, treinados para se infiltrar nas

linhas inimigas, entre as unidades em marcha. Deviam interromper de vez em quando seus exercícios para se refugiarem nos abrigos, pois o martelamento de toda a Alemanha pela aviação aliada não diminuía, muito ao contrário. E esses homens inteiravam-se, pelos comunicados do rádio alemão, de que os britânicos, americanos e franceses tinham recomeçado a progredir para as fronteiras do Reich.

Toda a resistência cessara na margem esquerda do Mosa a 5 D.B. do Exército de Lattre entrara em Belfort, a D D.B. (general du Vigier) atingira o Reno em Saint-Louis; o VII Exército americano, incluindo a 2 D.B. do general Leclerc, atravessara os Vosges, desembocando na Alsácia, e os franceses haviam entrado vitoriosamente em Estrasburgo. Patton atacava no Sarre. Um sobrevivente da 150 Panzerbrigade contou que seus camaradas e ele tinham a impressão de que uma afluente competição de velocidade se travava entre essa progressão aliada e a preparação da ofensiva alemã. Por fim, eles saíram de Grafenwohr em direção à Província Renana. Seus chefes dirigiram-lhes frequentemente a palavra para os tranquilizar:

— A ofensiva “Para a salvação da Pátria” espantará e repelirá o inimigo. Novas armas entrarão em seguida em ação, decidindo o resultado da guerra.

Esta última frase constituía desde meses o leit-motiv mais repellido da propaganda alemã. Novas armas iriam mudar a face da guerra, os inimigos seriam pulverizados a Leste e a Oeste e pediriam mercê. Era um blefe? Sim e não.

O “raio da morte”, no qual acreditavam numerosos alemães, e que volatizaria os aviões inimigos no ar, não existia sequer em projeto; mas é certo que as bombas voadoras teleguiadas Rheitonchter (Filha do Reno), X-4, Herschel 298 e Feuerlilie (Lírio do fogo), destinadas a ser lançadas e guiadas contra os aviões aliados existiam no fim de 1944, em projetos ou em protótipos. As usinas subterrâneas de Kahla e de Kaufening, perto da fronteira tcheca, iniciavam a construção em série do Messerschmitt 262, caça a reação nitidamente superior (cerca de 900 km/hora) aos caças aliados. Em outras usinas aprontava-se o Messerschmitt 163 propelido a foguete, capaz de atingir a mesma velocidade e podendo subir a 10000 metros em três minutos. Outros aviões a reação e aviões-foguetes, incontestavelmente notáveis para a época, achavam-se em estudo ou ensaio.

Quanto às armas-foguetes propriamente ditas, V-1 e V-2, elas já haviam provado sua eficiência contra Londres e Anvers. (De junho de 1944 até ao fim da guerra, mais de 400 000 casas seriam inteiramente destruídas ou tornadas inabitáveis, na Inglaterra, mais de 4 milhões seriamente danificadas, 8 000 pessoas mortas e 20 000 feridas; desde setembro de 1944 até ao fim da guerra, Anvers receberia 1 341 V-2; as vítimas não puderam ser contadas.) Os técnicos preparavam ou experimentavam outros foguetes mais poderosos ou mais aperfeiçoados, chamados V-3, V-4 e V-5.

É exato, por outro lado, que sábios alemães se dedicavam desde muito tempo a pesquisas e experiências no domínio nuclear: a grande idéia dos dirigentes do Reich era quase com certeza utilizar as V-2 e seguintes como veículos de bombas atômicas. Qualquer defesa seria impotente, mesmo pelo bombardeio das zonas de lançamento, pois o foguete V-2 era susceptível de ser lançado de noite e de qualquer parte.

As “armas novas” não eram portanto um blefe. O blefe — ou ilusão, — consistia em fazer crer — ou em acreditar, — que tôdas essas armas podiam ser construídas em série e postas em ação em número desproporcionado antes da invasão do território alemão.

Quando se examina a questão um pouco mais de perto, compreende-se que Hitler, Göbbels e outros altos personagens tinham ficado excessivamente otimistas com os resultados extraordinários obtidos em 1944 no domínio da construção aeronáutica, apesar do martelamento aéreo aliado.

As grandes usinas tinham sido descentralizadas, dispersas em extensão e profundidade. As células, os motores, as armas e a aparelhagem dos aviões eram construídos em oficinas subterrâneas, sob túneis das estradas de ferro, nas minas transformadas em fábricas. Em Igling, perto de Landsberg, estava uma usina de 150 edifícios, construída à superfície do solo e depois coberta de terra e vegetação.

Fica-se estupefato ao constatar que, durante o ano de 1944, as usinas aeronáuticas alemães construíram 25 860 caças. O número de aparelhos postos em linha pela Luftwaffe no mesmo ano é também surpreendente: apenas 1 200. Os outros foram destruídos em peças destacadas durante seu transporte, ou durante a montagem, destruídos no chão, ou então a Luftwaffe não pôde

utilizá-los por falta de instalações ou de combustível. Nada adiantou aos alemães terem logrado certo número de caças a reação superiores aos caças aliados, uma vez que os bombardeiros aliados reduziam a estilha as pistas de levantamento de voo e impediam a construção de outras. O extraordinário esforço de construção não compensava.

Na verdade, para que os alemães pudessem construir em série, montar e levar em quantidades suficientes até perto da frente os seus aviões último modelo e suas bombas voadoras, seria necessário que os aliados lhes concedessem uma trégua, interrompessem seus bombardeios durante dois ou três meses. A trégua indispensável para o término dos estudos e a construção de bombas atômicas teria de ser muito mais longa porque os alemães, à frente do domínio da reação, achavam-se incontestavelmente atrasados no domínio atômico.

Sabe-se que os americanos, que haviam previsto quase tudo, se foram apoderando, sistemática e cientificamente, à medida que iam penetrando na Alemanha, de tôdas as armas novas em construção ou construídas, dos projetos e planos, e mesmo da maioria dos engenheiros e sábios ocupados nas pesquisas. Desse modo o segredo das armas novas alemãs tornou-se segredo do Pentágono e finalmente quase nada se veio a saber sobre tais engenhos, além de que eles não puderam ser empregados a tempo de “decidir o resultado da guerra”. Evidentemente, porém, isso não podia ser previsto pelos voluntários da 150 Panzerbrigade.

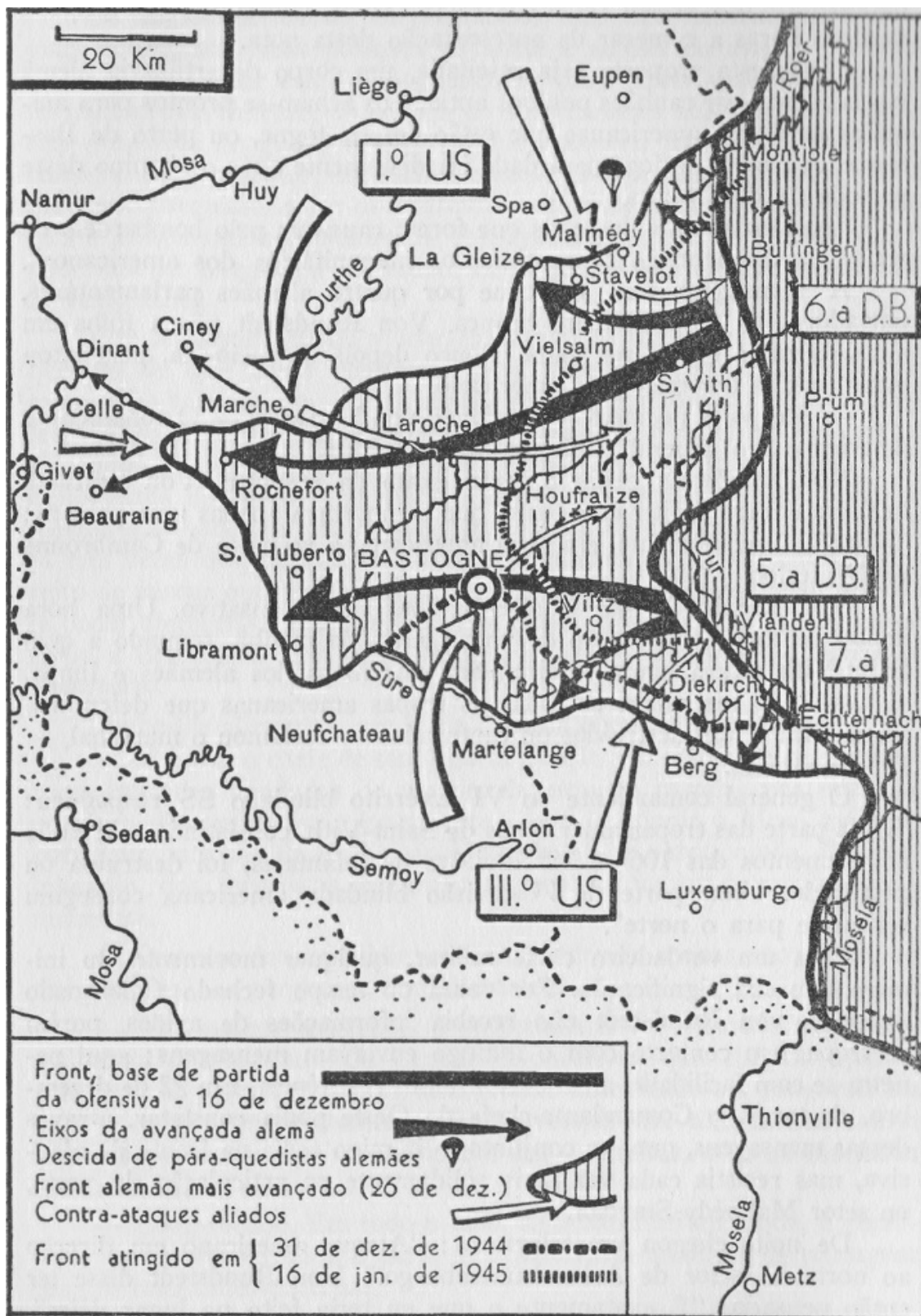
Em 8 de dezembro, o general Student, comandante-chefe de todos os paraquedistas alemães, foi convocado ao G.Q.G. e instruído sobre todos os pormenores da ofensiva em preparação. Até aí recebera apenas ordem de fornecer um batalhão de paraquedistas bem treinados.

Quatro divisões dessas tropas encontravam-se sob suas ordens, mas o seu valor de utilização estava longe de igualar o dos combatentes de Creta. Havia muito que esses homens não saltavam mais de paraquedas, pois operações semelhantes não se verificavam na guerra defensiva. Eles combatiam em terra, como unidades de infantaria. Suas qualidades físicas e sua moral elevada transformavam-nos, contudo, em combatentes de elite. Student conseguiu selecionar em alguns dias 1200 paraquedistas autênticos e experimentados. A missão deles consistia, como já foi dito, em apoderar-se de certas pontes sobre o Mosa e também de cruzamentos de estradas importantes na região de

Eupen. Deviam resistir e manter-se no local até à chegada dos blindados.

Conforme o plano, os blindados deviam alcançar o Mosa no fim do dia J + 2 e Anvers no dia J + 14. Os outros generais encarregados da execução desse plano só em 12 de dezembro foram chamados ao Q.G. do Oeste, em Ziegenberg. Mais exatamente, reuniram-nos a vinte quilômetros de lá, sem lhes ter dito ido que se tratava. Os SS tomaram-lhes as armas e pastas de couro, e em seguida fizeram-nos subir para o ônibus.

Em Ziegenberg os generais foram introduzidos numa sala onde estava von Rundstedt, e alguns minutos depois entrou Hitler, acompanhado de Keitel e Jodl. Hitler parecia outra vez muito cansado, como se a concepção do seu plano o houvesse deixado exausto. Os SS armados cercavam e vigiavam abertamente todos os movimentos dos generais. Foi nessa atmosfera de confiança que Hitler expôs o plano em seus pormenores. Terminou dizendo que se a ofensiva não tivesse êxito, a situação se tornaria difícil para a Alemanha.



A batalha das Ardenas

CAPÍTULO III

O sangue das Ardenas

A GRANDE FLORESTA das Ardenas é uma das mais carregadas de mistério. Em sua parte oriental cobre um planalto acidentado, cortado de vales e barrancos profundos. No inverno, quando a neve cessa de cair por alguns dias, quando o exército dos negros pinheiros imóveis destaca sobre o chão branco, o viajante precisa lutar contra um sentimento de temor e quase de angústia. Ao cair da noite, os personagens e animais fabulosos das velhas lendas surgem no limiar de sua memória. Por muito corajoso que seja, ele prefere alcançar quanto antes as luzinhas de qualquer das aldeias que avista, penduradas nas vertentes.

Nenhuma luz naquela noite de guerra de 15 para 16 de dezembro de 1944. Um teto de nuvens ocultava as estrelas, o chão e os pinheiros eram quase invisíveis em meio ao nevoeiro gelado. Ao longo da fronteira alemã os povoados dir-se-iam mortos. Todavia, dentro das pequenas casas, homens e mulheres dormiam ou velavam.

O homem primitivo que temia um perigo, colava o ouvido ao solo; durante séculos, os preocupados que à noite entreabriam a janela, ficavam à escuta de onde podia chegar o passo de uma tropa ou um rumor distante. Hoje, é do céu que chegam os indícios e os primeiros perigos. Quase tôdas as noites, os habitantes das aldeias das Ardenas ouviam o ronco dos esquadrões que passavam nas alturas. O rumor começava longe, a noroeste, aumentava, afastava-se para leste. Antes do amanhecer esses esquadrões tornavam a passar em sentido inverso.

Naquela noite, porém, nada perturbava o silêncio. As nuvens e a bruma estendiam sobre a região seu manto protetor; decerto os bombardeiros haviam

tomado outro itinerário. Apenas alguns moradores de Scheifel se viram despertados pouco antes do amanhecer pela passagem de aviões voando baixo, de leste para oeste. Ignoravam que dessa vez se tratava de aparelhos alemães: os que transportavam paraquedistas.

Quinze minutos depois, subitamente, rebentou uma tempestade de canhões e o céu tornou-se rubro ao longo de cem quilômetros, desde Montjoie a Echternach. Fora desencadeada a “Ofensiva para a Salvação da Pátria”.

Ao amanhecer, os aldeões viram passar as forças blindadas Tanques, canhões motorizados e veículos providos de lagartas chegavam de leste pelos caminhos estreitos, desciam e subiam rapidamente as encostas, roncando e fumegando. Suas fileiras surgiam do nevoeiro, mergulhavam nos pinheirais, e logo depois vinham mais tanques e mais canhões, ininterruptamente, novinhos em folha; o cheiro da gasolina espalhava-se no ar gelado. Seria possível que a Alemanha, depois de tanto tempo em guerra, ainda possuísse aquela massa de material, todos aqueles soldados robustos e bem equipados? Era possível, estava-se vendo. Atrás dos blindados vinha a infantaria, regimentos apinhados em caminhões de grossos pneus novos. Afinal a guerra não estava perdida, o Führer não havia mentido!

Já no dia seguinte os primeiros presos americanos passaram pelas aldeias. Os homens olhavam-nos com curiosidade, admirando o pano excelente de seus uniformes. “Repara naqueles pretos!” Pretos e brancos desfilavam mudos, admirados, ao que parecia, de se verem cativos. Também havia feridos. As filas de prisioneiros marchavam lentamente para leste, cruzando com os comboios motorizados que subiam para a frente de batalha.

Damos em seguida alguns trechos de cartas de combatentes alemães datadas dos primeiros dias da ofensiva e recolhidas pelos grupos psicológicos dos serviços de Informações do exército americano.

Um tenente de tanques, Waffen SS: “Desta vez estamos mil vezes melhor aqui do que vocês em casa. Vocês não podem imaginar que horas e dias gloriosos estamos vivendo. Hoje apanhamos e destruimos uma coluna americana em fuga. Apanhamo-los tomando um desvio de estrada através da mata, em direção ao caminho de retirada dos veículos americanos, e em seguida, exatamente como em manobras, chegamos com sessenta tanques Panther ao

longo da estrada. Vimos então o comboio rolando em duas colunas, roda com roda, cheio a transbordar de soldados. Caímos-lhe em cima com um fogo concentrado de 60 canhões e 120 metralhadoras! Foi um maravilhoso banho de sangue, uma vingança magnífica da nossa pátria destruída. Nossos soldados mostram ainda o velho entusiasmo. Avançam e esmagam tudo. A neve ficou vermelha de sangue americano. A vitória nunca esteve tão perto quanto hoje!”

Um soldado de infantaria: “Nosso regimento recebeu as notícias dos primeiros êxitos ao meio-dia de 17. Não paramos de avançar atrás dos blindados. Quase não vimos americanos, excetuados os prisioneiros. Conversei com alguns. — “Não sabemos o que viemos fazer aqui — dizem eles. — Estávamos tão bem em casa!” Pelo visto, as coisas vão muito pior do que imaginamos, em seu exército. Com certeza não passaremos outro Natal na frente. Imensas quantidades de provisões inimigas caíram em nossas mãos. Fumamos cigarros americanos e comemos chocolate; jamais comi tanto em minha vida. Mandarei a vocês algum por estes dias, se tiver tempo.”

Outro combatente: “Há três dias que avançamos pelas estradas e na floresta coberta de neve, com os canhões abrindo clareiras diante de nós. Não há dúvida de que os americanos não esperavam esta réplica. A sua frente devia ser bem fraca. Atravessamos alguns pontos de resistência que os camaradas limpavam atrás de nós”.

Eis enfim uma anotação de Degrelle, enviado para a Bélgica não como combatente mas como administrador das províncias belgas reconquistadas (*): “Alcancei uma trincheira na crista ocidental de Saint-Vith, onde alguns pares de jovens americanos jaziam mortos. Achavam-se ainda perfeitamente alinhados. Conservavam sua bela cor de tijolo de moços bem nutridos e queimados pelo ar livre. Havia sido ceifados pelas rajadas dos tanques. Dois mostravam o rosto achatado como um envelope, mas apesar disso aqueles rostos privados de relevo conservavam uma nobreza impressionante. Na trincheira não havia um lugar vago. Todos aqueles rapazes se tinham mantido impávidos em seu posto, apesar da vaga de cinquenta ou cem tanques que rompera sobre eles e cujos rastros se notavam perfeitamente na neve espessa...”

O rádio alemão e os jornais publicavam os boletins de vitória. Reinava o otimismo nos círculos oficiais, rumores ainda mais otimistas circulavam entre

a população de Berlim e das grandes cidades distantes da frente: por toda a parte o inimigo fugia em desordem, Liège fora reconquistada, oito mil aviões de novo modelo haviam entrado em ação.

Na realidade, Liège continuava ainda fora de alcance e os seiscentos caças que deviam apoiar a ofensiva intervinham tão pouco quanto os caças aliados, por causa do tempo fechado. Mas era exato que a ofensiva, em seu conjunto, se iniciara favoravelmente. Os aliados ficaram vivamente surpreendidos e Eisenhower não o escondeu:

“Dadas as terríveis perdas que nossos aviões tinham infligido ao inimigo no fim do verão e do outono, pensávamos que ele não estaria em condições de lançar um ataque geral tão cedo quanto o fez. O ímpeto de sua ofensiva também nos surpreendeu. A VI Panzer era aquela reserva móvel cujos rastros havíamos perdido antes, uma formação nova e poderosa que acabava de vir da Alemanha para a nossa frente. Quanto ao VI Exército e à V Panzer, já os tínhamos maltratado seriamente”.

Por outro lado, Eisenhower e seus conselheiros haviam, por assim dizer, recusado admitir que o comando alemão, caso ainda dispusesse de reservas em homens e material, pudesse lançá-los em pleno inverno naquela região florestal, densa, acidentada, de vias de comunicação estreitas e incômodas e ainda por cima cobertas de neve.

Por isso, a frente americana se achava então desguarnecida ao longo das Ardenas e do Eifel. Os alemães que avançavam entre o nevoeiro e sob o céu encoberto não encontraram nos quatro primeiros dias mais que uma delgada cortina de tropas, e mesmo em certos pontos acharam o caminho livre.

A técnica de utilização dos espiões e sabotadores envergando uniformes americanos deu seus resultados. Alguns grupos da 150 Panzerbrigade conseguiram infiltrar-se, cortando as linhas telefônicas, apoderando-se de postos de transmissões, dando ordens falsas. Colunas americanas viam-se bloqueadas em estradas estreitas, por jeeps e tanques Sherman sabotados ou por árvores derrubadas. O correspondente de guerra Thomas Johnson contou que, numa encruzilhada, um alemão disfarçado em MP dirigiu para uma emboscada um regimento inteiro. Os espiões e sabotadores identificavam-se entre eles e faziam-se identificar por outras unidades alemãs mediante sinais

combinados, erguendo o capacete, batendo-lhe duas vezes em cima com a mão direita, ou agitando lâmpadas elétricas, de noite...

O código de instrução moral dos paraquedistas alemães era formulado em dez mandamentos, sendo o primeiro dos quais: “Vós sois os soldados de elite do exército alemão. Buscareis a luta exercitando-vos nas mais duras provas. A batalha deve ser para vós o fim supremo”.

Cento e seis aviões de transporte haviam levantado voo nas últimas horas da noite de 16 para 17. O sargento Lingelbach encontrava-se a bordo de um Junkers G. 38. Os homens, vestindo sua combinação de tecido leve e impermeável, de capacete fortemente ajustado e calçando sapatos de sola de borracha sintética, mantinham-se imóveis e silenciosos em seus assentos. Estavam armados de pistolas automáticas e granada de mão, além de punhal na cintura para a luta corpo-a-corpo. Fardos contendo metralhadoras e munições seriam largados ao mesmo tempo que eles.

O sargento Lingelbach já saltara centena de vezes, mas apenas tomara parte numa operação real de paraquedismo contra o inimigo em Stavanger, na Noruega, em 1940. Que trabalho fácil, naquela época! Duas horas após a descida, as fanfarras paraquedistas (o comando tinha pensado em tudo!) tinham rompido a tocar marchas alemães diante da população ocupada. Lingelbach lutara com a infantaria e os blindados na Rússia, retirado de tempos a tempos da frente para estágios de treinamento de salto.

O interior do avião não estava iluminado. Com a meia-luz do alvorecer colada às janelas, os homens pouco viam para fora. Quando a lâmpada vermelha da frente se acendeu, deixaram os assentos.

O alçapão foi aberto. Lingelbach, através das pernas do camarada que estava diante dele, avistou o chão preto e branco que desfilava, ou antes os trechos de solo das cristas cobertas de vegetação que emergiam do nevoeiro para logo desaparecerem. Em princípio, devia-se saltar a 250 metros. Um vento gelado entrava pelo alçapão.

O sargento acorrou-se, saltou, e pôs-se a contar mentalmente. A menos de duzentos metros puxou a correia de escape e sentiu a sacudidela. Viu a neve e o amontoado de árvores escura que subiam para ele. Nenhuma estrada, nenhum

rio. A topografia em nada se assemelhava ao mapa estudado na véspera. Alguns paraquedas balançavam-se para leste, e outros, mais acima, para oeste. Lingelbach percebia apenas um avião, já mergulhado na brancura.

O sol subia e ao mesmo tempo deslocava-se lateralmente. O sargento viu que era levado para um grande barranco orientado norte-sul. Manobrou violentamente as correias de sustentação para mudar de rumo. Nada conseguiu, o vento era mais forte. Lingelbach viu o barranco abrir-se, foi apanhado por uma corrente de ar e caiu obliquamente. Agitou ainda as correias de suspensão com o propósito de cair no fundo, onde não havia árvores, mas os troncos de pinheiros subiam rapidamente para ele. Logo em seguida experimentou um tremendo abalo e um choque, ao mesmo tempo que ouvia o tecido rasgar-se e o estalar dos ramos quebrados. Viu-se pendurado a dois metros do solo, acima de um tronco de pinheiro, não longe do fundo do barranco.

O sargento cuidou de libertar-se, de saltar do seu poleiro. Quando quis mover o braço esquerdo, esse membro permaneceu inerte e logo se tornou muito dolorido. Compreendeu: “Quebrei o úmero. Maldita sorte!” O barranco estava absolutamente deserto e silencioso.

Nenhuma situação deve surpreender o paraquedista. Lingelbach considerou apenas durante alguns segundos se devia ocupar-se primeiro do braço e depois saltar, ou fazer o contrário. Optou pela primeira solução. Sentado tanto quanto possível ereto sobre as coxas, tirou uma ligadura da algibeira e diligenciou imobilizar, atar contra o busto o braço quebrado e o antebraço. Não era coisa fácil. Apesar do frio, o sargento suava abundantemente.

Terminada enfim a operação, concedeu-se dois minutos de descanso que empregou em respirar profundamente; por fim, soltando uma perna após outra, deixou-se cair. Logrou fazê-lo habilmente, sem pesar sobre o braço quebrado. O choque produziu-lhe contudo uma dor muito viva, por momentos receou desmaiar. Mas venceu a perturbação.

Lingelbach não sabia absolutamente onde estava. Sua intenção era dirigir-se para onde avistara os paraquedistas mais numerosos e mais próximos, no sentido oeste. Precisava atravessar o fundo do barranco e subir a encosta. De qualquer maneira, tinha de sair daquele buraco.

Corria um riacho no fundo do barranco, um delgado fio de água gelada quase inteiramente oculto sob a neve. Lingelbach atravessou-o sem dificuldade. Galgar a vertente oposta foi mais difícil, por causa da neve que lhe subia até o peito, e por causa do braço quebrado. O sargento logrou, no entanto, vencer a dificuldade e começou a escalar a encosta por entre as árvores.

A ascensão levou-lhe mais de meia hora. A encosta era em certos pontos quase vertical e a neve muito espessa. Por fim, Lingelbach distinguiu entre os ramos a orla cinzenta do céu, não tardando a alcançar a crista. Para além, o chão era quase horizontal.

A trinta metros, à borda de uma pequena clareira, um grande retalho de seda de paraquedas pendia da ramaria. Lingelbach reconheceu logo nesse retalho a marca do seu regimento. Apesar disso, antes de avançar empunhou a pistola com a mão direita. Ao avistar o homem estendido, perguntou-lhe:

— Wiertz ?

— Sim — respondeu o outro. — Tenho as duas pernas quebradas. Estás sozinho? Estás ferido?

Lingelbach explicou o que lhe acontecera, acrescentando que devia haver camaradas nas proximidades.

— Nesse caso deves ir juntar-te a eles para cumprir a missão — tornou Wiertz. — Mas antes mete-me uma bala na cabeça.

— Não — acudiu Lingelbach. — Estás perdendo sangue? Vou examinar-te.

— Eu próprio já estive vendo. Creio que não estou perdendo sangue, tenho apenas os ossos quebrados.

— Então podes ser evacuado e salvar-te.

Wiertz soergueu-se num cotovelo e olhou fixamente o camarada.

— Evacuado para onde? Nós devíamos ser lançados a cinquenta quilômetros da frente.

— A ofensiva está em curso — volveu Lingelbach. — Tudo caminhará depressa. Quando os blindados chegarem serás recolhido.

— Os blindados não passarão por aqui. Deve ter visto, como eu, que não há estradas. Estamos numa região desértica. Morrerei de frio antes de ser encontrado. Prefiro acabar logo. Se não me prestares esse serviço, agirei por mim mesmo.

— Não debes ser precipitado. Eu vou procurar os outros; com certeza, haverá um oficial. Direi que estás aqui e ele dará ordens a teu respeito.

— Dará ordem para que me abandonei. O grupo não pode sobrecarregar-se com um inútil. O que vou fazer é dar-me um tiro de revólver. Tinha decidido esperar um pouco para ver se haveria outra solução, mas vejo que não há nenhuma.

— Não podes dar agora um tiro de revólver, quando há companheiros nossos por aqui. Arriscarias chamar a atenção para eles e isso é contra o regulamento.

Wiertz não respondeu. Aquele argumento impressionara-o visivelmente. O sargento continuou a discutir com ele; combinaram por fim que Lingelbach iria à procura de outros e que entretanto Wiertz esperaria ordens. Prometeu não se matar antes. Lingelbach perguntava a si mesmo que ordens poderia efetivamente dar um oficial a respeito de Wiertz nas circunstâncias presentes, mas desejava fazer tôdas as diligências para salvar seu camarada. O segundo mandamento do paraquedista estava assim redigido: “Cultivai a verdadeira camaradagem, pois é justamente com vossos companheiros que ireis para a vitória ou para a morte”. O sargento instalou Wiertz o melhor que pôde, envolvendo-o no tecido de seu paraquedas e abriu-lhe uma lata de conserva.

— Creio que os outros não devem estar muito longe para oeste; vou encaminhar-me nessa direção.

Os paraquedistas de todos os Exércitos haviam recebido na ordem da orientação e movimentação em país desconhecido certa formação de superescoteiros, e Lingelbach possuía naturalmente uma bússola. Embora a sua descida houvesse sido muito rápida, notara com segurança que outros

paraquedas desciam a oeste do seu e a pequena distância, calculando que no máximo a dois ou três quilômetros. Pensava encontrar rapidamente, se não seus próprios companheiros — que talvez se houvessem posto em marcha logo após a descida — pelo menos as suas pegadas. Mas duas horas depois ainda não tinha encontrado ninguém. Três horas depois, ninguém. Seis horas depois, ainda ninguém.

Partindo de um ponto situado mais ou menos um quilômetro a oeste do lugar onde estava o ferido, Lingelbach tomara sucessivamente várias direções divergentes, regressando de cada vez sem dificuldade a esse ponto e tornando a partir. Nada. Nem um pedaço de paraquedas ou fardamento, nenhum vestígio. Sequer um fardo de material. Dir-se-ia que apenas dois homens tinham sido largados sobre aquele espaço. Parecia incompreensível e no entanto assim era.

A floresta alargava-se em todos os sentidos; nenhuma aldeia à vista, nenhuma casa; de uma elevação a outra, um deserto. Lingelbach sofria com seu braço quebrado. Sentia-se exausto e febril. Aquela procura inútil afigurava-se-lhe agora mais penosa do que o mais duro combate. Tinha mesmo a impressão de que a vista lhe ia enfraquecendo — na realidade era o dia que findava. Que fazer? O sargento sentou-se um momento na neve para refletir e descansar.

A esperança de encontrar em breve prazo outros paraquedistas devia ser abandonada. Continuar a marchar para oeste era arriscar-se a encontrar, sozinho, inimigos numerosos e ser capturado. O mesmo perigo existia a leste, mas desse lado havia também uma possibilidade: ir ao encontro do avanço alemão. De resto, o dever do paraquedista absolutamente impossibilitado de cumprir sua missão era esforçar por alcançar uma unidade alemã. Lingelbach resolveu obedecer a esse preceito. Antes, porém, iria ter de novo com o ferido, a ver o que era possível fazer por ele.

Wiertz não estava morto, porém seu rosto começava a assemelhar-se ao de um cadáver. Lingelbach deu-lhe álcool a beber, e com o braço válido pôs-se a friccioná-lo. O outro pareceu recuperar alguma energia.

— Onde estão os demais? — perguntou.

— Encontrei-os — mentiu Lingelbach. — Foram cumprir a missão, O tenente mandou-me vir ter contigo. Os blindados não tardam e seremos

evacuados.

Desta vez o homem estendido não pareceu dar conta da inverossimilhança daquelas afirmações. Após uma pausa, limitou-se a dizer:

— Vou pedir-te que me ajudes a fazer as minhas necessidades. Não gostaria de morrer na imundície.

O sargento ajudou seu camarada, e foi uma ação muito longa e penosa por causa das pernas quebradas. Lingelbach tentou em seguida imobilizar-lhe os membros, prendendo-os com ramos de pinheiro. Quando terminou já era noite fechada. Permanecer junto do enfermo até o dia seguinte era a única solução: seria descabido pensar em transpor ou contornar o barranco em plena escuridão. Por outro lado, Lingelbach sentia-se exausto.

A noite pareceu interminável. O sargento bebia álcool de vez em quando para se aquecer, e fazia-o também beber ao companheiro, que delirava. Tinha-se apoderado do seu revólver, embora o outro não estivesse em condições de se servir dele. De tempos a tempos rompia do céu uma espécie de uivo, e adivinhava-se através das nuvens um longo cometa de cauda vermelha: era uma V-1 silvando em direção ao inimigo. O sargento tinha ainda a impressão de ouvir às vezes o ribombo distante do canhão.

Ao amanhecer, Wiertz ainda não morrera. Lingelbach ouvia mais distintamente o trovejar do canhoneio, para o norte, para o sul e para leste. Eis o que resolvera durante a noite: confeccionaria uma espécie de trenó de ramos onde instalar o ferido, atrelando-se a ele por meio das correias do paraquedas. Arrastaria Wiertz enquanto tivesse forças, marchando para o sul. O ronco dos canhões parecia mais forte nessa direção.

Lingelbach encarou deliberadamente o risco de ser feito prisioneiro, apesar do mandamento número dez do paraquedista: “Nunca vos rendereis. Para vós, só a vitória ou a morte. Não há outra alternativa. É uma questão de honra”. Sim, talvez no combate. Mas Lingelbach entendia que, nas circunstâncias em que se encontrava com seu camarada, não seria desonra cair prisioneiro. Construiu, portanto, o trenó, instalou Wiertz, e, atrelando-se a ele, começou a arrastar sua carpa pela neve, entre as árvores, avançando com lentidão desesperadora ...

Dos 106 Junkers e Blohm-Voss de transporte que haviam levantado voo na noite de 16 de dezembro, apenas 35 alcançaram a zona de descida prevista, entre Eupen e Malmédy. Os outros paraquedistas desceram em plena floresta. Muitos feriram-se gravemente ou quebraram os membros e morreram no local sem recursos, ou arrastaram-se miseravelmente durante dias para no fim perecerem de frio ou fome. Mais tarde seriam encontrados seus cadáveres, ou mesmo apenas seus esqueletos.

Lingelbach e seu camarada tiveram a sorte de ser recolhidos, inertes mas não mortos, ao cair da noite de 18, por uma coluna blindada alemã nos arredores de Grandhalleux. Acudidos primeiro numa enfermaria de campanha, debalde esperaram evacuação para uma aldeia que os americanos retomaram, e por fim caíram prisioneiros. Lingelbach referiu sua história ao médico americano que lhe tratou a fratura.

Apenas trezentos paraquedistas lograram tomar posição a leste da estrada Eupen-Malmédy, de acordo com o plano. Estavam completamente isolados e privados de qualquer ligação, havendo perdido os postos de rádio durante a descida. Os agasalhos e provisões tinham-se perdido também. Os blindados de Dietrich, retardados no avanço pelas más estradas e o mau tempo, não chegavam. No dia 20 de dezembro o grupo isolado e faminto pôs-se em marcha para leste, pensando ir ao encontro do avanço alemão. Foi inteiramente feito prisioneiro.

A operação de paraquedismo resultou assim num completo malogro. A operação de espionagem e sabotagem por parte dos grupos disfarçados da 150 Panzerbrigade, após os êxitos iniciais já referidos antes, teve pouco fôlego. Os americanos, um momento surpreendidos, refizeram-se e encontraram defesa contra esses golpes inesperados. Todos os soldados americanos que estivessem circulando de jeep na zona da frente das Ardenas e parecessem suspeitos por um motivo ou outro — farda rasgada no segundo botão, missão imprecisa, maneira de falar incaracterística ou simplesmente polidez excessiva, — eram interrogados, cozinhados, postos sob a ameaça de metralhadoras. Obrigavam-nos a pronunciar palavras inglesas muito difíceis, ou perguntavam-lhes o nome de certo general, o nome da capital do Estado de onde procediam, que clube ganhara o campeonato de baseball, etc. Os falsos americanos foram desmascarados e capturados. Instaurou-se-lhes processo a

22 de dezembro em Henri-Capelle, na Bélgica, onde foram condenados à morte e passados pelas armas. Seus verdadeiros nomes foram publicados pela Rádio Luxemburgo.

Logo no primeiro dia, os alemães haviam progredido rapidamente na direção de Bastogne, que ficava a cerca de 32 quilômetros da sua linha de partida.

Bastogne era uma velha cidadezinha pitoresca, cognominada a Paris das Ardenas, e possuía uma igreja do século XV. O general encarregado de se apoderar dela chamava-se Heinrich von Luttwitz. Tinha sob suas ordens o 47 corpo de exército blindado, incluindo a 2 divisão de Volksgrenadiers. Foi esta a ordem de ataque que redigiu: "“Se a cidade oferecer pequena resistência, as divisões blindadas devem atacá-la imediatamente. Se for defendida pela frente, as divisões blindadas a cercarão e atacam pela retaguarda. Se nenhum destes processos der resultado, as divisões continuarão seu caminho para o Mosa, deixando à 26 divisão de Volksgrenadiers o encargo de reduzir Bastogne.”

Ora, na tarde de 17 de dezembro, um oficial da Segunda Secção do corpo de exército veio informar von Luttwitz de que diversas mensagens aliadas muito importantes acabavam de ser interceptadas: uma, ou talvez duas divisões aerotransportadas americanas que se encontravam nos arredores de Reims tinham ordem de marchar a toda a pressa para Bastogne.

— Tem a certeza de que o destino é esse? — perguntou o general.

A Segunda Secção tinha a certeza, as confirmações não permitiam nenhuma dúvida. Von Luttwitz pôs-se a andar de um lado para outro, refletindo.

— Eis a minha conclusão — disse ele após alguns minutos. — Em primeiro lugar, essas divisões não irão agir como tropas aerotransportadas, visto serem enviadas para a frente de batalha. Provavelmente, portanto, não teremos operações de paraquedistas em nossa retaguarda. Em segundo lugar, para que os americanos resolvam utilizar esses aerotransportados como infantaria comum, é porque devem ter poucas reservas nas proximidades. Tudo isso me parece excelente. Vejamos um pouco o mapa. Quando diz o senhor que essas

tropas deixaram Reims?

— Ainda não saíram de lá. Devem pôr-se a caminho esta noite, pelas 20 horas.

— Neste caso, chegaremos antes delas, que têm 160 quilômetros a percorrer. Nada a mudar em nossos planos. Devemos continuar progredindo à velocidade máxima, porém em ordem.

A velocidade máxima não era vertiginosa no maciço das Ardenas. Todavia, ao entardecer do dia 18, o general Bayerlein, comandante da divisão blindada Lehr, podia telefonar ao chefe que sua unidade alcançara uma aldeia a menos de 5 quilômetros de Bastogne

— Perfeitamente — disse von Luttwitz. — Prossiga a marcha quanto antes. Instale-se em Bastogne e receba os americanos como convém. A 2 divisão e os Volksgrenadiers estão seguindo.

Eis um relato do diário da marcha da divisão blindada Lehr, tal como pôde ser reconstituído pelas declarações ulteriores de von Bayerlein.

18 de dezembro, 22 horas. — A divisão põe-se em marcha. Compreende um batalhão de infantaria, quinze tanques blindados e alguns canhões. A escuridão é total. A estrada que leva a Bastogne é muito estreita e de má qualidade. As lagartas dos primeiros tanques trituram a neve e o solo, produzindo uma lama na qual os veículos seguintes se atolam pela metade.

23 horas. — A coluna não consegue fazer mais de um quilômetro por hora. Um canhão puxado a trator cai num buraco e tomba. Atrela-se um tanque para o retirar no decorrer da manobra ele cai em pane e atravanca a estrada. Procura-se abrir um desvio ao lado da estrada, mas tem-se de renunciar. Por fim, o tanque é de novo posto em marcha. Os veículos recomeçam a progredir muito lentamente.

0 horas da manhã. — Parada. Bastogne não está a mais de dois quilômetros. Von Bayerlein manda que a coluna se ponha em ordem. Nesse momento, os SS trazem-lhe um civil belga, morador de uma aldeia vizinha, que haviam interpelado. O general interroga-o:

— Você viu forças americanas nesta região?

— Sim, senhor, À meia-noite vi passar cinquenta tanques americanos e outros veículos dirigindo-se para leste.

— Para leste? É impossível, nós o teríamos encontrado!

— Mas não por esta estrada. Pela de Longvilly, que sai de Bastogne quase paralelamente a esta. Iam para leste.

Von Bayerlein reflete. Se aquele civil dizia a verdade, a ameaça era considerável. A coluna arriscava-se a ser atacada pela retaguarda; O general lançou através dos campos uma secção de reconhecimento munida de foguetes de alerta e modificou a disposição da sua coluna de maneira a deixar a metade de seus tanques atrás, e em seguida enviou uma mensagem-rádio a von Luttwitz. Tôdas estas manobras e comunicações levaram muito tempo. A resposta de von Luttwitz chegou por fim às 5 horas.

— A 2 divisão blindada e os Volksgrenadiers protegerão sua retaguarda enquanto avança. Continue para Bastogne.

5.30 h. — A coluna pôs-se de novo em marcha. Nessa altura, uma explosão impressionante afoga o ruído dos motores; o tanque da ponta deu numa mina e foi pelos ares. Parada. Von Bayerlein manda à frente uma secção de buscadores de minas, enquanto se trabalha para tirar da estrada os restos do tanque atingido. Nenhuma manifestação do inimigo. Os buscadores de minas regressam às 6.30 h, declarando a estrada limpa até aos arredores de Bastogne. Von Bayerlein dá a ordem:

— Em frente!

Mais uma vez a divisão Lehr retoma a sua laboriosa progressão. Por fim, as alturas de Bastogne recortam-se no pardo alvorecer de inverno. Nenhum ser humano à vista, nenhuma fumaça. Os tanques alemães avançam lentamente para a pequena cidade, pela estrada deserta...

De repente, mesmo no centro da coluna, outra explosão; ergue-se um enorme gêiser de lama. Seria uma mina esquecida? Não. Rebentam outras explosões e

outros gêiseres; um fogo nutrido de morteiros e metralhadoras rompe na frente, de ambos os lados da estrada, e quase imediatamente em seguida ouvem-se os canhões atirando de Bastogne. Os americanos tinham chegado primeiro.

O nome do civil belga interrogado por von Bayerlein continuou ignorado, e nunca se soube se esse homem exagerara voluntariamente ou não a importância da força americana avistada na noite anterior: apenas uma patrulha de reconhecimento da 101 divisão aerotransportada americana avançara pela estrada de Longvilly. De qualquer modo, foi esse desconhecido que, dando uma informação inexata, fez perder tempo ao general alemão desejoso de proteger sua retaguarda, permitindo ao grosso da divisão americana ganhar a corrida. Às 7 horas von Bayerlein enviava nova mensagem de rádio a seu chefe: “Os americanos estão fortemente entrincheirados em Bastogne. Travou-se um duro choque diante da cidade. Minha unidade já perdeu oitenta homens e diversos tanques. O inimigo não poderá ser dominado se as duas divisões blindadas e os Volksgrenadiers não atacarem juntamente”.

Von Luttwitz respondeu: “A 2 divisão blindada chegará logo, mas deixará Bastogne de lado e prosseguirá em direção ao Mosa. O senhor deverá apoderar-se da cidade com sua divisão reforçada pelos Volksgrenadiers.

No Q.G. do Oeste, os oficiais de estado-maior e ajudantes de campo observavam o rosto de estátua de von Rundstedt inclinado sobre o mapa. Esta ofensiva que ele a princípio desaprovava formalmente, conduzia-a agora o marechal tão vigorosamente quanto possível. Explorar o efeito de surpresa, aproveitar ao máximo o mau tempo, tal era a substância das ordens que ele ditava rapidamente, em voz igual, sem nunca se repetir.

A 20 de dezembro pela manhã, mandou perguntar a von Luttwitz qual era a situação em Bastogne.

— A divisão blindada Lehr e a divisão de Volksgrenadiers atacaram a cidade, onde o inimigo resiste ainda — respondeu o general. — Trata-se da 101 divisão aerotransportada americana.

E von Luttwitz acrescentou:

Como foi previsto, a 2 divisão blindada ultrapassou Bastogne e acaba de

atravessar o Ourthe, marchando para Saint-Hubert.

— Isso eu já sabia — tornou von Rundstedt.

Unidades blindadas dos V, VI e VII Exércitos haviam atravessado de um fôlego todo o maciço ardanês, lançando atrevidamente seus elementos de ponta. A estrada de ferro Nancy-Namur estava ameaçada em Marche. Um grupo da I Panzer SS alcançara La Gleize, a 40 quilômetros de Liège. A ofensiva oferecia em conjunto a imagem de uma grande pinça dirigida para Oeste-Noroeste, entre cujas hastes se encontravam tropas americanas em retirada ou defendendo-se. Os oficiais do Q.G. do Oeste consideravam esse esquema com satisfação.

— Não percamos de vista — disse-lhes von Rundstedt, — que o nosso intuito não é cercar essas tropas inimigas de primeira ou segunda linha. Queremos avançar a toda velocidade para o Mosa, Bruxelas e Anvers. A máquina inteira da ofensiva tem de progredir muito rapidamente, e não apenas os elementos de ponta.

Eis por que o marechal prestava muita atenção às duas ilhotas de resistência americanas que seus subordinados olhavam com displicência, destinadas a ser varridas, despejadas sem esforço por divisões da retaguarda: Saint-Vith e Bastogne.

Depois que a infantaria americana se fizera matar em suas trincheiras diante de Saint-Vith, elementos blindados americanos, oriundos de posições mais ao norte, tinham vindo substituí-la. Os aliados mantinham-se solidamente nessa articulação norte. Em 21 de dezembro von Rundstedt soube que, apesar do mau tempo, aviões de transporte e planadores tinham socorrido os paraquedistas americanas entrincheirados em Bastogne, lançando-lhes ou entregando-lhes armas e material. Os paraquedistas continuavam a resistir vigorosamente. Em contrapartida, os defensores de Saint-Vith enfraqueciam, cedendo terreno. Saint-Hubert fora tomada, bem como Libramont mais ao sul e Rochefort mais ao norte. A pinça da ofensiva abria uma bolsa larga na frente aliada.

A 22 de dezembro, von Luttwitz informou ter enviado um ultimato, do qual remetia cópia, aos defensores de Baistogne. Esse ultimato estava assim

redigido:

“Ao comandante americano da cidade cercada de Bastogne:

“A sorte da guerra está mudando. Desta vez as forças americanas foram cercadas por poderosas forças blindadas alemãs. Outras unidades alemãs tomaram March e alcançaram Saint-Hubert, passando por Hombres, Sibret e Le Tillet. Libramont está nas mãos dos alemães. Resta uma única possibilidade de salvar da destruição total as forças americanas cercadas: é a capitulação honrosa da cidade. A fim de permitir que sejam refletidas estas razões, concede-se um período de duas horas a começar da apresentação desta nota.

"Caso esta proposta seja rejeitada, um corpo de artilharia alemã e seis baterias de canhões pesados antiaéreos acham-se prontos para aniquilar as forças americanas que estão em Bastogne, ou perto de Bastogne. A ordem de fogo será dada imediatamente após o término deste período de duas horas.

“As perdas de vidas civis que forem causadas pelo bombardeio de artilharia desmentirão os sentimentos humanitários dos americanos”.

A mensagem fora entregue por quatro alemães parlamentares, portadores de uma bandeira branca. Von Rundstedt pôs a folha em cima da mesa sem dizer nada. Pouco depois do meio-dia, perguntou como reagira o comandante americano.

— Resposta negativa — telefonou von Luttwitz. — O comandante americano é o general Anthony Mac Cauliffe.

Von Rundstedt pediu o texto exato da resposta. Von Luttwitz hesitava em transmitir esse texto, que comportava apenas uma palavra: "Nuts!". O equivalente, em gíria americana, à resposta de Cambronne em Waterloo.

Von Rundstedt não se alterou, mas ficou pensativo. Uma hora depois recebeu confirmação de uma notícia da manhã, segundo a qual Saint-Vith estava agora inteiramente nas mãos dos alemães e limpa.

— Não me dizem se tôdas as tropas americanas que defendiam Saint-Vith

foram destruídas ou capturadas — reclamou o marechal. — Desejo sabê-lo.

O general comandante do VI Exército blindado SS respondeu: “Uma parte das tropas americanas de Saint-Vith, consistindo sobretudo em elementos das 106 e 28 divisões de infantaria, foi destruída ou capturada. Uma parte da 7 divisão blindada americana conseguiu retirar-se para o norte”.

Para um verdadeiro chefe militar, qualquer movimento do inimigo tem sua significação. Por causa do tempo fechado (abençoado tempo!), von Rundstedt não recebia informações de aviões, porém as tropas em contato com o inimigo enviavam mensagens: aqui penetra-se com facilidade, além encontramos resistência. Em 22 de dezembro, de tarde, o Comandante-chefe do Oeste podia constatar, através dessas mensagens, que, no conjunto, o inimigo cedia na frente da ofensiva, mas resistia cada vez mais solidamente na articulação do norte, no setor Malmédy-Stavdot.

De noite chegou um telegrama: “Ataque americano em direção ao norte no setor de Arlon-Luxemburgo.” Von Rundstedt disse ter então pensado: “É exatamente o que eu teria feito no lugar deles”.

Os anglo-americanos, surpreendidos mas não desorientados, haviam consolidado suas posições ao norte e ao sul do avanço alemão e iam tentar cortar essas tropas lançadas para diante atacando do sul, ou mais provavelmente, do norte e do sul, manobra absolutamente clássica e fácil de imaginar. A única réplica possível para von Rundstedt consistia em prosseguir, conduzir a ofensiva sempre com a mesma energia: se conseguisse isolar os exércitos britânicos e canadenses da Bélgica e atingir muito rapidamente objetivos vitais para os aliados, estes poderiam ser forçados a um recuo. Ia ter início uma espécie de corrida de velocidade.

Von Rundstedt sentia vibrar em si a fibra do estratega, quase esquecido de que havia reprovado essa ofensiva. Aquela corrida no mapa e no terreno, era, afinal, mais excitante e interessante que a defesa palmo a palmo das fronteiras da pátria. Um batalhão de carros blindados avançando sobre Dinant acabava de alcançar Celles, a 8 quilômetros do Mosa. Um veículo alemão de extrema ponta chegara mesmo a Dinant. Ao findar essa tarde de 22 de dezembro, o marechal já três vezes despedido e três vezes reconduzido ao posto, tinha o direito de pensar que, embora o destino da sua pátria já estivesse selado, ia

poder oferecer-se uma satisfação de ordem profissional, alguma coisa como a derradeira cavalgada varonil, a última carga que abalaria o adversário.

Coube-lhe alimentar essa idéia durante cerca de uma hora.

Às 17 horas o chefe de sua Quarta Secção veio dizer-lhe que numerosas unidades blindadas de vanguarda estavam paradas nas estradas por falta de combustível: justamente a que ia atingir o Mosa mais ao norte, um batalhão da D divisão blindada SS, e outras ainda. Os apelos-rádio dos tanquistas reclamando gasolina faziam-se ouvir continuamente.

— O atraso dos caminhões-cisternas é devido apenas ao mau estado das estradas? — perguntou von Rundstedt.

— Sim, senhor marechal. O revestimento foi triturado pelas cremalheiras dos tanques. Os caminhões-cisternas, que chegam após a passagem de alguns comboios, têm grande dificuldade em progredir na lama e atolam frequentemente. As travessias das aldeias são muito ingratas por causa dos cotovelos nas ruas estreitas, com as moradias coladas umas às outras...

— Compreendo. Em todo o caso, se o não fizeram ainda, é necessário prescrever em toda a parte uma prioridade absoluta de passagem para os caminhões-cisternas.

Von Rundstedt conservara-se impassível, mas sentira um peso recaiu sobre ele. A imagem da gloriosa carga rápida tornara-se num momento singularmente obscura.

Qualquer demora na ofensiva queria dizer: malogro da ofensiva. À clássica, esquemática, satisfatória corrida de velocidade se substituiria uma laboriosa marcha para a frente, incapaz de ameaçar sequer os objetivos fixados. Seria preciso responder aos contra-ataques, laterais, o inimigo teria tempo de se reforçar para atacar de frente, a desigualdade de forças de novo se imporia. Von Rundstedt imaginava todos estes movimentos como se já assistisse a eles.

Que se poderia tentar para acelerar o envio de gasolina aos blindados em encalhe? Nada. Hitler lançara a sua ofensiva através de uma região acidentada de péssimas estradas, e era verdade que desse modo tinha surpreendido o

inimigo. Mas, até novo desenvolvimento da situação — por exemplo, até à conquista das grandes pistas Aix Liège e Trèves-Arlon, — os aprovisionamentos teriam de aguentar essas péssimas estradas, tornadas ainda piores pelas lagartas dos tanques. Não era a fatalidade que intervinha e sim a lógica, a própria natureza das coisas.

Depois de examinar a situação das unidades detidas por falta de gasolina e de interrogar outra vez o mapa, von Rundstedt concluiu que a ofensiva poderia ainda ser conduzida para os objetivos originais com 40% de probabilidades de êxito, desde que os tanques imobilizados fossem reabastecidos no dia seguinte. Caso o não fosse, ou outras unidades se vissem privadas de combustível, a curva das probabilidades cairia verticalmente.

Sucedeu que na manhã do dia seguinte, 23 de dezembro, o Comandante-chefe do Oeste nem sequer teve de perguntar se as unidades de ponta haviam sido reabastecidas. As primeiras mensagens trouxeram-lhe a notícia que ele temera desde o começo da ofensiva e na qual se proibira mesmo de pensar: em toda a Ardena o tempo melhorou. O céu apresentou-se de um azul lustroso, a neve brilhava ao sol — e nessa cristalina luminosidade fulgiam e estrondeavam milhares de aviões britânicos e americanos.

Os aliados não detiveram a ofensiva das Ardenas; arrebataram, por fim, a decisão, graças apenas às suas forças aéreas. Em Bastogne e em Saint-Vith, os defensores começaram resistindo sem aviação. Patton iniciou sem apoio aéreo seu avanço na direção de Bastogne. Mesmo sem aviação, os aliados, que dispunham de importantes reservas, teriam acabado por travar e deter essa ofensiva, já enfraquecida pelas dificuldades do reabastecimento de gasolina. Mas, evidentemente, a luta teria sido mais longa e mais dura.

Ainda hoje, numerosos historiadores militares mostram tendência para reapresentar a ação da aviação na batalha terrestre como um complemento, uma ajuda à ação dos tanques e da infantaria. Fazem-no mais ou menos conscienciosamente, talvez com o receio de diminuir os méritos dos combatentes terrestres, talvez por trabalharem especialmente sobre os relatórios das operações; sucede que os relatórios das unidades terrestres mencionam a ação da aviação em seus setores em termos técnicos e abstratos, igualmente pouco sugestivos. Se considerarmos os fatos do ponto de vista do soldado (ou do civil), veremos que a face da batalha terrestre varia conforme

a aviação intervém ou não, e essa intervenção pode constituir o elemento principal da ação.

Imaginemos as colunas de caminhões-cisternas e de caminhões carregados de tropas. Havia-os em toda a extensão da Ardena, em cada pequena estrada e mesmo nas veredas florestais, todos marchando lentamente e aos trancos, no sentido oeste-noroeste. Das alturas do céu limpo os aviadores aliados podiam observar esse movimento semelhante ao do sangue numa rede arterial. A primeira missão consistia em deter essa circulação impedindo o avanço dos veículos e tornando impraticáveis tôdas as vias.

As cidades e povoados acham-se sempre à beira das estradas. Foram pulverizados, transformados em montões de escombros intransponíveis. Saint-Vith, entre outras, teve esse destino terrível. Os grandes esquadrões surgiram em formações espaçadas. Toda a rua principal voou a dez metros, num só bloco, retumbando em seguida com medonho fragor. Os habitantes de Houffalize, aninhada no fundo do seu vale à beira do claro Ourthe, e que a guerra poupou até esse momento, viram chegar os aviões prateados na faixa de céu azul entre as grossas penedias, e um minuto depois Houffalize deixara de existir. Em toda a extensão da bolsa do avanço alemão, estirada até 100 quilômetros da linha de partida, os bombardeiros lançaram ininterruptamente seus enormes projéteis.

Pontos escuros moviam-se na neve, soldados e civis buscavam a proteção das árvores. Os caça-bombardeiros, voando baixo, descobriam e acuavam os autos, as colunas de tropas escondidas nos pinhais, e destruíam tudo a poder de bombas, foguetes e rajadas de metralhadora. A gasolina destinada aos blindados vanguardeiros ardia em toda a parte em chamas douradas, de altura incrível, cercadas de fumaça negra...

Em 23 e 24 de dezembro, os comandantes daquelas unidades que se supunham correndo para a vitória, receberam, uns após outros, a ordem acabrunhadora: “Destruir os tanques, os veículos e os canhões motorizados. Virar para leste, a pé, a fim de alcançar o grosso das forças alemãs”. Algumas destas retiradas foram contadas em pormenor e de maneira pitoresca por oficiais americanos feitos prisioneiros no decorrer do avanço alemão. O major H. D. Mac Cown fala com certa simpatia de um tenente-coronel Waffen SS, Feoder Pieper, “belo oficial de vinte e nove anos”, com quem teve de marchar para leste até

achar ocasião de fugir.

Os alemães, afastando-se a pé, durante a noite, voltavam-se uma derradeira vez para olhar em silêncio o lago de chamas que rompia a escuridão: o excelente material novo entregue à destruição. Progredia-se sobretudo à noite, por causa dos terríveis caças-bombardeiros que, de dia, investiam contra tudo o que se mexesse — exatamente como na Normandia.

“Subíamos e descíamos continuamente ásperas colinas, atravessando riachos, rompendo através da mata espessa e conservando-nos longe das estradas e aldeias — conta o major H. D. Mac Cown. — Os oficiais exortavam continuamente os homens a novos esforços e riam dos seus indícios de fraqueza. Eu não levava nada além do meu saco de cantina, aliás vazio, mas compreendia, pelo meu estado físico, a fadiga que deviam experimentar os homens carregados de armas pesadas. Ouvi repetir continuamente o aviso de que todo aquele que ficasse para trás da cauda da coluna seria fuzilado. Vi homens arrastando-se sobre os joelhos e as mãos, e outros que, feridos, eram amparados por camaradas quando da subida de encostas íngremes...”

O grosso das forças alemães não fora ainda obrigado a retirar, e essas forças continuavam mesmo a progredir em muitos pontos, não obstante os bombardeios, porém com incrível lentidão e à custa de pesadas perdas. No setor sul o exército Patton ganhava terreno em direção a Bastogne, onde os paraquedistas prosseguiram resistindo. A 25 de dezembro, von Rundstedt viu chegar ao seu Q.G. von Manteuffel, comandante do V Exército blindado.

— Tenho a impressão de que se vai tornando impossível executar a ofensiva de acordo com o plano — disse-lhe esse general.

— Está claro, não podemos mais fazê-lo. Mas o G.Q.G. só admitirá essa impossibilidade quando ela se manifestar catastroficamente.

— Vim aqui submeter-lhe uma idéia. Por que não tentar uma operação limitada a leste do Mosa? Em vez de levar meu exército para Namur, conforme está previsto no plano, faço-o volver na direção de Liège. Desse modo utilizarei o Mosa para cobrir meu flanco esquerdo.

O Comandante-chefe do Oeste abanou a cabeça:

— O Mosa não constitui verdadeiramente uma cobertura. A superioridade aérea do inimigo é demasiado grande. Aliás, o Führer não aceitará qualquer modificação no plano original.

— Creio ter encontrado um meio de o fazer aceitar esta — prosseguiu von Manteuffel com ar satisfeito. — Eu sei que o Führer se mostrou contrariado desde o começo da ofensiva, por ver o VI Exército SS avançar menos que o meu. Exige que todos os reforços sejam encaminhados para esse exército. Penso, portanto, intitular a manobra que proponho de “movimento para ajudar o avanço do VI Exército SS”.

Um laivo de ironia contente iluminou o rosto de von Rundstedt.

— Proponha o seu plano — disse ele. — Veremos o que acontece.

Mas, Hitler não foi no engodo. Ouviu a enunciação do título, depois as primeiras palavras do texto, e deteve Jodl que lhe lia a mensagem:

— Essa idéia é estúpida; não podemos alterar nada. Diga-lhes antes que ataquem um pouco mais vigorosamente. Acharo-nos em atraso com meu plano. Por que não foi ainda exterminado esse punhado de americanos de Bastogne?

Hitler era completamente incapaz de imaginar a situação em Bastogne. O punhado de paraquedistas resistira nos primeiros dias sem se preocupar com o risco de extermínio, e agora eram os atacantes de Bastogne que achavam a temperatura excessivamente elevada no setor. Quase sem interrupção, enxames de caças-bombardeiros chegavam do norte, do sul ou do oeste e o contorno de Bastogne ia-se mudando num terrível círculo de ferro e fogo. As perdas revelavam-se muito maiores entre os sitiados que entre os sitiados.

A aviação desenrolava o mesmo tapete devastador diante das colunas do exército de Patton que subia do sul. O general alemão encarregado de impedir a todo o custo esse exército de atingir Bastogne, chamava-se Heinz Kokott. Recebera ordens terminantes diretamente do G.Q.G. No dia 25, ao meio-dia, telefonou para pedir que lhe permitissem interromper por um momento a matança das suas tropas.

— Que matança? — mandou responder Hitler. — Está louco? Bastogne deve ficar em nosso poder. O senhor responderá com sua cabeça.

No dia 26, alguns tanques americanos vindos do sul conseguiram penetrar na cidade. A 28, a junção estabeleceu-se firmemente.

Bastogne deixava de ser uma ilhota de resistência isolada para se tornar uma ponta de frente aliada, a ponta de um espinho dirigido para o norte, e que reduzia a saliência alemã para oeste a um corredor de mais ou menos 40 quilômetros de largura, possuindo apenas uma estrada digna desse nome. Era impossível que Hitler não visse isso no mapa.

— O senhor precisa retomar Bastogne — mandava ele dizer várias vezes por dia a von Rundstedt. — Para tanto dispõe de vinte e quatro divisões. Concentre forças, retire tropas da sua ala norte, faça alguma coisa! Ataque Bastogne sem dar um segundo de trégua ao inimigo.

Os aviões que fustigavam as tropas alemãs e arrasavam metodicamente e desarticulavam o espaço da Ardena pela ofensiva, não estavam, naturalmente, marcados no mapa. As vinte e quatro divisões achavam-se agora ali como num atoleiro, perdendo no local seus efetivos e seu material. Para tentar diminuir um pouco essa pressão, a Luftwaffe lançou em 1 de janeiro um ataque impetuoso, indo ao encontro dos esquadrões de bombardeiros e dos enxames de caças-bombardeiros, atacando em voo raso os aeródromos vizinhos. Um terço dos aparelhos alemães foi derrubado. Numerosos aviões aliados foram destruídos, especialmente no solo, mas este resultado nem sequer alterou a fisionomia da batalha, tão grande era a superioridade aérea aliada. Von Rundstedt telefonou ao G.Q.G. a fim de expor a situação e concluiu:

— Peço o recuo das forças de oeste para a fronteira alemã.

Hitler mandou responder:

— Fique onde está e lute. Atacaremos na Alsácia.

A idéia deste ataque ocorrera-lhe alguns dias antes.

— O inimigo desloca tropas do sul para o norte, a fim de tentar cortar a

nossa ofensiva e retomar Bastogne. Portanto, adelgaça a sua frente. Devemos atacar desse lado. Catorze divisões participarão do ataque. Temos de libertar o Sarre, reconquistar Estrasburgo e repelir o inimigo para além dos Vosges.

Assim falara o chefe supremo das forças armadas. A operação teve, portanto, início a 1 de janeiro. Dias depois, a imprensa e o rádio alemães publicavam boletins de vitória: uma cabeça de ponte fora estabelecida na margem esquerda do Reno em Gambsheim, 15 quilômetros ao norte de Estrasburgo; os americanos recuavam ao norte da floresta de Haguenau; os tanques alemães intervinham com êxito ao sul de Estrasburgo entre o Ill e o Reno, rompendo para o norte; o ataque, em tenaz, da capital alsaciana ia-se formalizando, Haguenau e Bischwiller estavam quase completamente cercadas... Que parcela de verdade existia nestas notícias? Tudo era verdade. Mas como seria possível? Como era que os alemães, tão firmemente barrados na Ardena, podiam avançar impunemente mais ao sul? Uma vista de olhos do lado aliado nos esclarecerá.

Hitler não se enganara em seu raciocínio tático. Era exato que o III Exército americano (Patton) se deslocara para o norte, e que o VII Exército (Patch) recebera ordem de ocupar uma parte do setor do III. Na Alsácia, o I Exército francês (de Lattre de Tassigny) tivera também de ampliar seu setor para o norte. Enfim, todo este VI Grupo de Exércitos (* *). As divisões alemãs começaram portanto a investir contra uma crosta bastante delgada.

Eisenhower não quis absolutamente deixar-se impressionar por esta ofensiva. Chamou Devers ao telefone.

— Trata-se de ataques de diversão. Os alemães carecem de força. Desejo primeiro liquidar a situação nas Ardenas. A planície do norte da Alsácia não tem para nós qualquer interesse imediato. Se os alemães avançarem um pouco por esse lado, nós os repeliremos depois. Sobretudo não corra o risco de deixar cercar uma parte das suas tropas. Em caso de necessidade recue até os Vosges.

— O. K. — respondeu Devers, que logo começou a tomar suas disposições.

Recuar até os Vosges significava antes de mais nada abandonar Estrasburgo. Estrasburgo reconquistada e mantida pelos alemães. A notícia causou o efeito

de uma bomba nos estados-maiores franceses do VI Grupo de Exércitos(**). O general De Gaulle, avisado, correu ao Q.G. de Eisenhower. Este explicou-lhe seu plano, que consistia em ocupar-se de uma coisa após outra, economizando os efetivos aliados. Era um plano militarmente correto. Mas o general De Gaulle não podia admitir o abandono de Estrasburgo. “Ele observou-me que, desde a guerra de 1870, Estrasburgo se tornara um símbolo para o povo francês — contou Eisenhower. — Achava que a perda, mesmo provisória dessa cidade, levaria o desânimo à nação e arriscava mesmo provocar uma rebelião aberta. Declarou-me que preferia reunir tôdas suas forças em redor de Estrasburgo do que abandonar a cidade sem luta. Numa carta que me trazia avisava-me que agiria independentemente das minhas ordens se eu recusasse preparar a defesa de Estrasburgo rua por rua. Lembrei-lhe que o exército francês não receberia munições nem víveres se ele desobedecesse às minhas ordens e não hesitei em dizer-lhe que a situação presente seria outra se o exército francês houvesse eliminado a bolsa de Colmar”.

Winston Churchill, que estava no Q.G. nesse dia, assistiu à entrevista mastigando o seu charuto, sem dizer palavra. Eisenhower decidiu-se finalmente a uma concessão: “Informei o general De Gaulle que pediria imediatamente a Devers para se retirar das saliências da sua frente norte, mas que se preparasse, no centro, para resistir solidamente em Estrasburgo.”

As ordens mais pormenorizadas mostram que, de fato, eram as unidades francesas integrantes do VI Grupo de Exércitos que estavam encarregadas da defesa da Alsácia, incluindo Estrasburgo. Pelo momento não recebiam nenhum socorro, especialmente ajuda aérea. Daí o êxito inicial dos alemães; mas logo veremos a continuação.

Absolutamente nada havendo sido distraído dos meios empregados para reduzir os alemães nas Ardenas, a situação tornava-se para eles cada vez mais insustentável. As estradas iam-se atravancando de restos calcinados de tanques e veículos e de casas derrubadas. Grupos de prisioneiros russos e italianos (alguns destes tinham luta com os alemães contra os russos, antes de passarem para o lado aliado e serem capturados!), trazidos em caminhões, trabalhavam em desobstruir as estradas nos cruzamentos e na travessia dos povoados e aldeias. Várias vezes por hora eram vistos jogando fora seus utensílios e correndo para todos os lados, estendendo-se no chão, enquanto as

explosões das bombas de novo transformavam em caos o que fora laboriosamente desimpedido.

“Não vemos nenhum avião nosso: onde estão eles?” — escreviam os soldados. Sob o céu onde o sol resplandecia, gelava de rachar pedras. “Sei agora qual é o meu presente de Ano Novo: tenho as duas pernas geladas. Sofro terrivelmente e não posso dormir um minuto. Muitos aprendem aqui a rezar, se ainda o não sabiam”.

De noite, os feridos e gelados ouviam as bombas cair em redor; de repente um enorme clarão volatilizava-lhes os abrigos. A população civil partilhava desses sofrimentos ou morria de frio nos bosques. Unidades alemães viam-se subitamente apanhadas por um fogo violento de artilharia ou assaltadas por alguma coluna de tanques; mesmo a iniciativa terrestre mudara agora de lado.

A 9 de janeiro, Hitler, que achava alguma compensação do lado da Alsácia, concordou por fim em atender ao pedido de von Rundstedt e a retirada foi ordenada.

Esta retirada das Ardenas foi saudada pelos peritos militares como a derradeira obra, a derradeira tarefa bem desempenhada pelo marechal, realmente um modelo do gênero, dadas as circunstâncias.

As forças britânicas atacavam do norte, as forças americanas do sul; as bombas choviam do céu. Por toda a parte divisões de Waffen SS resistiam nos flancos das zonas onde o inimigo fazia pressão, ao passo que as outras unidades perdiam aos poucos o contato e se retiravam. Em 15 de janeiro, apenas existia, entre as forças britânicas e americanas, um corredor de vinte quilômetros de largura na região de Houffalize.

O aríete norte e o aríete sul investiam com tôdas as suas forças, tentando fechar a bolsa como em Falaise, na Normandia, e como em Falaise os caças-bombardeiros e a artilharia martelavam as colunas em retirada. Porém von Rundstedt previra e organizara o que von Kluge e Model não tinham sabido prever nem organizar. Suas ordens precisas evitaram o caos e o desastre. Em cada encruzilhada das estradas que levavam de oeste para leste — por fim restava apenas uma — grupos de Panzers Waffen SS montavam guarda e respondiam ao fogo inimigo. Os rubros disparos dos seus canhões furavam a

noite glacial. Pela neve fluía interminavelmente o rio escuro da retirada, infantaria, artilheiros, soldados das forças blindadas que tinham perdido seu material ou haviam sido forçados a destruí-lo. Os homens marchavam curvados e silenciosos, mas em ordem.

Os trezentos mil sobreviventes da ofensiva atravessaram o corredor. Os britânicos e americanos só depois lograram operar sua junção, e precisaram ainda de duas semanas — até 30 de janeiro, — para reconduzir as tropas de von Rundstedt até à sua linha de partida. Os aliados perderam 77 000 homens (8 000 mortos, 21 000 desaparecidos ou prisioneiros, 48 000 feridos), e os alemães 90 000.

Foi a última vez que os alemães puderam calcular mais ou menos exatamente suas perdas.

Quanto à sua ofensiva na Alsácia, já fora detida. O impulso inicial não os levara além das posições indicadas mais acima, pois as forças postas em jogo eram muito menos importantes na realidade do que nos documentos de estado-maior. Catorze divisões, resolvera Hitler. Mas dessas catorze unidades, seis eram constituídas de Volksgrenadiers, tropas rapidamente formadas e que nunca tinham visto o fogo. Nenhuma alcançava mais da metade do efetivo normal. O terreno conquistado foi pago por alto preço.

Entretanto, como a ameaça sobre Estrasburgo subsistisse, o general de Lattre de Tassigny resolveu liquidar a bolsa de Colmar cuja existência tanto irritava Eisenhower. O ataque iniciou-se a 30 de janeiro entre Thann e Mulhouse, com péssimo tempo e sem aviação. Durante uma semana as tropas francesas progrediram com dificuldade num terreno incômodo de floresta, cidades operárias e minas de polassa. Os combates assemelhavam-se mais aos de 14-18 do que às operações supermotorizadas anglo-americanas. Todavia, a 27 o canal de Colmar foi atingido em todo o seu comprimento. Eisenhower, completamente tranquilo do lado da Ardena, volveu então suas vistas para esse setor da frente.

— Como estamos, afinal?

Depois de informado, resolveu terminar com aquilo. Acrescentou ao I Exército francês o 21 Corpo americano completo e ordenou às forças aéreas que

entrassem em ação. A defesa alemã desagregou-se. No dia 2 de fevereiro, os tanques da 5 D.B. entravam em Colmar. A 8, a Alsácia estava praticamente liberta.

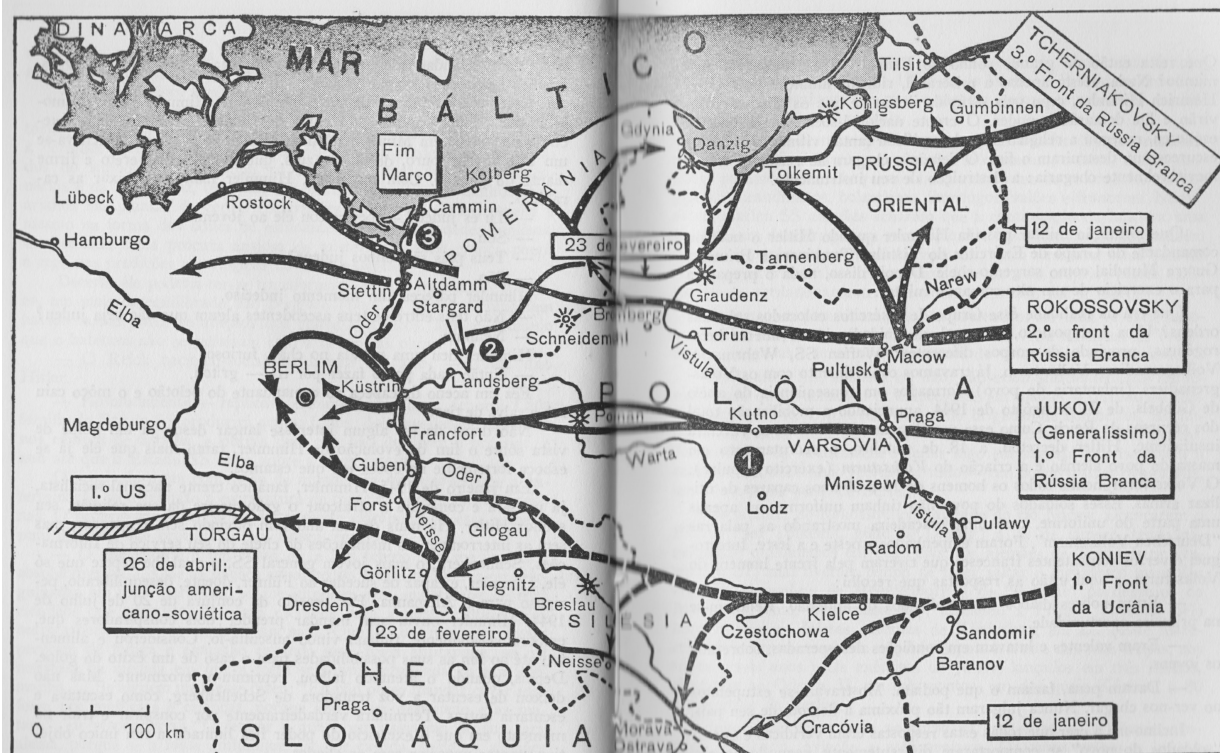
Nesse mesmo dia, às primeiras horas da manhã, o marechal von Rundstedt recebeu uma mensagem do Grupo de Exércitos H, encarregado da defesa da extremidade norte da linha Siegfried. O general Schlemm, comandante do I Exército paraquedista, telefonou:

— Fui acordado pelo troar da artilharia na Floresta de Reichswald. O ribombo é grande demais para que se trate de algo simplesmente normal. Mais de mil canhões inimigos atiram sobre as minhas posições. Pressinto a grande ofensiva.

Von Rundstedt pousou consideradamente a mensagem em cima da mesa, ao lado de outra cuja substância não era menos impressionante: sete divisões blindadas e três divisões de infantaria, até então colocadas sob suas ordens, tinham de ser imediatamente dirigidas para a frente leste. A Alemanha estava esperando entre dois incêndios.

* Os Waffen SS não alemães não deviam ser engajados em território de suas pátrias.

** As tropas francesas integrantes dêste Grupo eram: o 1 Exército francês (de Lattre) compreendendo os 1 (Béthouart) e 2 (Montsabert) corpos do exército mais a 2 D. B. (Leclerc), a 1 divisão de infantaria, a 9 divisão de infantaria colonial e a 27 divisão alpina.



A INVASÃO RUSSA

1. De 12 a 23 de fevereiro de 1945, a Polônia é conquistada, a Prússia Oriental vencida; os russos forçam o Oder superior e chegam às margens do Neisse.
2. Infrutífero contra-ataque alemão, em 16 de fevereiro.
3. Em fins de março de 1945, o front acha-se alinhado junto ao Oder e o Neisse. A 16 de abril, os russos lançam a última ofensiva.

CAPITULO IV

A invasão russa

ABRIU-SE a porta do abrigo, um tenente de infantaria entrou. O abrigo era acanhado e sem conforto, iluminado por velas metidas em garrafas. Um tenente e um cabo estavam sentados em caixotes, perto do telefone.

— O senhor chegou adiantado — disse o oficial.

— Preferi assim — respondeu o recém-chegado. — Não conheço nada da frente leste e espero do senhor mais que a simples comunicação de ordens.

Este tenente pertencera à 711 divisão de infantaria, mandada da Holanda para a Hungria no começo de janeiro de 1945 — uma das primeiras unidades transferidas do leste para o oeste. Não fazia mais parte dela porque fora transferido. Tinham-no enviado, com alguns camaradas, para o setor de Sandomir, na Polônia. Era o dia 12 de janeiro, pelas quatro horas da manhã.

A frente leste, em sua parte central, seguia o curso do Vístula, salvo nessa região onde os russos haviam conquistado uma cabeça de ponte a oeste do rio: 75 quilômetros de comprimento, de Sandomir a Baranow, sobre 35 km de profundidade. “Um revólver apontado à nuca da Alemanha”, dizia o general de corpo de exército Heitz. Havia mais de um mês que os alemães tentavam desfazer a bolsa, colocando em linha cinco divisões blindadas e várias divisões de infantaria. Debalde. Os russos fincavam-se nesse deserto gelado. O oficial recém-chegado ouvia as explicações do camarada. O cabo telefonista ouvia também.

— Atacamos dez vezes. Ganhamos algumas centenas de metros, certas ocasiões um quilômetro ou dois, mas em seguida a artilharia deles entrava em ação e tínhamos de recuar. A artilharia russa é a melhor do mundo. Já ouviu

falar dos “órgãos de Stalin”? Os russos chamam-lhes Katiuchas...

A Katiucha fora inventada por um general soviético chamado Kostchow, que se inspirara num velho documento francês descrevendo com pormenores a máquina infernal de dez canhões empregada por Fieschi por ocasião do seu atentado contra Luís Felipe em 1835. Era um engenho que disparava oito ou doze projéteis-foguetes. O poder destrutivo da Katiucha equivalia ao de quarenta morteiros. Os russos empregavam também, naturalmente, outros canhões de todos os calibres.

— Que gênero de tropas tem o senhor pela frente? — perguntou o recém-chegado. — Costuma vê-las?

O outro encolheu os ombros:

— Vemo-las de perto sobretudo quando encontramos seus cadáveres, após nossos ataques. A composição das unidades russas é sempre um mistério. Há cadáveres de todos os gêneros. Russos europeus de pele branca, bem vestidos. Mongóis enormes de cabelo preto e grosso, em farrapos, que nunca se lavam. Asiáticos que parecem realmente chineses de olhos sonsos. Mas até os mais piolhentos se mostram notavelmente armados. Possuem metralhadoras ultramodernas com carregadores de setenta cartuchos. O saco de trapeiro que trazem pendurado às costas por uma corda está atulhado de munições, suficientes para lutar vários dias...

— Seus abrigos são bem acondicionados?

— Não têm abrigos. Simples trincheiras mal cavadas, buracos miseráveis. Metem-se dentro deles como animais selvagens, atiram sobre tudo quanto se move, de dia e de noite. Parece que nunca dormem.

— Como são abastecidos?

— As questões de intendência não devem preocupar muito o comando soviético. O soldado russo de infantaria de primeira linha nutre-se do que encontra nas isbás ou nos cadáveres: duras côdeas de pão, pevides de girassóis secas, folhas de milho ou raízes desenterradas nos campos. Devem estar sempre esfomeados, mas continuam vivendo e são aparentemente

infatigáveis. Os raros prisioneiros que fazemos atiram-se à nossa comida.

O oficial da frente leste prosseguiu depois de uma pausa;

— Vou contar-lhe uma história(*). Em 41, diante de Smolensk, havíamos capturado dois tanques que tinham avançado nas nossas linhas. Estavam atolados na lama e caímos sobre eles a tiros de morteiro e metralhadora, matando as tripulações. Um deles estava muito danificado, outro bem menos.

“Ficamos em posição durante duas semanas junto a esses destroços. Enquanto isso nossos serviços de abastecimento foram regularmente bombardeados e nossa posição também. De noite, as patrulhas inimigas vinham através da floresta lançar granadas de mão nas covas dos nossos atiradores. Debalde mudávamos de lugar, transferíamos as horas do rancho. Não adiantava. Tínhamos a impressão de que os artilheiros russos conheciam os nossos menores movimentos.

“Certo dia, um cozinheiro, em busca de não sei que material que tivera a idéia de retirar do menos escangalhado dos dois tanques russos, conseguiu arrombar uma fenda de viseira do engenho. Meio sufocado por um fedor terrível, recuou e tornou a olhar. Dentro do tanque, ao lado de um cadáver em decomposição, estavam dois homens vivos. Agachados, reduzidos a esqueletos, mas vivos. Estavam ali havia quinze dias, e eram eles que informavam o inimigo, pelo rádio, de todos os nossos movimentos. Conseguimos tirá-los de lá. Disseram-nos que uma patrulha noturna lograra, certa vez, passar-lhes algum alimento. Apenas uma vez. Não se tinham mexido. Suportaram o fedor do cadáver e o dos próprios excrementos. Assim são os russos. Com certeza nunca ouviu falar de coisa parecida na frente ocidental!

— Não — admitiu o outro. — Nunca.

Pouco depois o camarada transmitiu-lhe as ordens. Antes de findar a noite, o oficial, depois de estudar o plano da posição, saiu para dar um giro pelas trincheiras dos esculcas.

A neve mostrava-se dura como cimento. Os esculcas, metidos em peles, calçados de feltro, blocos imóveis atrás das suas metralhadoras, franziam penosamente os olhos vermelhos para espreitar a treva que um nevoeiro

gelado adensava. Ruído nenhum chegava da no man's land. Os homens poderiam imaginar-se num planeta morto, perdido nos espaços, para sempre privado de luz e calor. Terminada a ronda, o oficial voltou ao abrigo.

— Nenhuma mensagem — disse o telefonista.

O tenente anotou a hora do seu giro no caderno de serviço e escreveu: “Nada a assinalar”.

Nada a assinalar e a alvorada ia em breve apontar. O oficial, caso estivesse ainda na frente ocidental, poderia conjecturar que nenhuma batalha importante se travaria nesse dia. Mas ali, quase sempre, a chuva de bombas ao amanhecer era prenuncio de ataques. Ali nunca se sabia linda. Num momento, talvez dentro de um segundo, os mongóis e asiáticos surgiriam da treva, lançando-se sem preparação contra os postos avançados. Como nas guerras antigas — até mesmo na guerra passada, — o soldado de primeira linha, fosse ele raso ou oficial, vivia apenas o instante presente.

O primeiro tiro de canhão ressoou quando o alvorecer apontava, e veio das linhas russas. A princípio foi esse tiro isolado, como um sinal, e em seguida um ribombar ininterrupto. O próprio tenente apanhou o telefone para informar o P.C. do regimento, e depois saiu do abrigo.

As girândolas de fogo a que se misturavam neve e terra, erguiam-se aqui e além na pálida claridade matutina, fazendo tremer o chão, porém bastante espaçadas apesar do estridor que vinha de frente. O canhoneio parecia dirigido de preferência para a retaguarda das primeiras linhas. O tenente pensou: “Seu fogo é menos concentrado do que eu esperava”.

Correu até à trincheira e percorreu-a em todo o seu comprimento, falando aos homens que permaneciam calmos sob o bombardeio. Os vigias não largavam suas metralhadoras, olhando atentamente para o lado da no tnan's land. O nevoeiro, cada vez mais denso, tornava-se de uma brancura leitosa. Uma frase correu de homem para homem na trincheira: “Padioleiros, posição C.” Um obus caíra nesse lado, o oficial dirigiu-se para lá.

Quando ia chegar, já alcançado pelos maqueiros que corriam agilmente, curvando-se, uma metralhadora da trincheira cuspiu uma rajada. O tenente

aproximou-se do homem que atirara.

— Não estou vendo nada — disse ele.

— Há um movimento acolá, meu tenente.

Outra metralhadora entrou em ação, e outra ainda. O oficial escrutava o nevoeiro, diligenciando avistar alguma sombra fantasmagórica. Teve realmente a impressão de ver alguma coisa arrastando-se pelo chão, impossível de determinar àquela distância, mas não ficou certo. Aqueles veteranos da frente leste haviam adquirido uma visão mais penetrante que a sua.

Um ordenança pulou na trincheira e estendeu-lhe um papel fino amarelo:

A linha marcada a carbono era perfeitamente legível: “Preparar-se para contra-atacar”.

Contra-atacar o quê? Teria de lançar-se no nevoeiro contra o inimigo invisível? Mas o inimigo não devia estar absolutamente invisível para todos. Diversas metralhadoras da trincheira disparavam, intercaladas. Nenhuma resposta vinha da frente, a não ser o bombardeio de artilharia que continuava. Em todo o caso, o oficial tomou suas disposições, deu ordens aos seus suboficiais — enquanto alguns feridos passavam, levados em macas.

O tenente continuou investigando o nevoeiro; começava a distinguir formas, movimentos no seio daquela brancura. Impossível dizer se se tratava de seres humanos. Alguma coisa parecia erguer-se do chão, num momento, porém logo desaparecia ou se achatava. Era contra essas sombras que as metralhadoras disparavam. “Não teremos algum apoio do nosso lado?” pensou o oficial. Mas concluíra o seu pensamento, rompeu um trovejar da retaguarda. Os canhões alemães tinham começado a atirar.

Viam-se agora as explosões na terra de ninguém, bem alinhadas, como uma fileira de árvores instantaneamente plantadas. Um renque desaparecia, outro nascia imediatamente em seu lugar. Sem dúvida nenhuma, esse espetáculo reconfortava os homens. Ia-se poder contra-atacar em boas condições. O dia tornava-se agora mais claro, e a neblina menos densa. O bombardeio russo

não parecia aumentar nas primeiras linhas, pelo contrário. O ordenança reapareceu com outro papel: “Contra-ataque às 8,10h”. O oficial consultou o relógio e armou seu revólver de foguete.

É um espetáculo clássico da guerra o de uma vaga de infantaria preparando-se para o assalto. O oficial olha o relógio e observa o terreno diante da trincheira. A cortina protetora da artilharia amiga afasta-se pouco a pouco para a frente, revolvendo a terra adversa, e o infante considera essa devastação com um júbilo secreto, experimenta, pelo menos durante alguns instantes, a sensação de que poderá avançar quase sem risco por trás dessa cortina protetora, para “ocupar o terreno”. Segundo a teoria, a infantaria não tem outra coisa a fazer, na ofensiva, que não seja ocupar o terreno após uma preparação de artilharia — ou de aviação, — que previamente reduziu a nada o adversário. Essa é a teoria.

O oficial olha agora apenas o relógio. Por fim ergue o revólver-foguete, dispara, e meio segundo depois rompe da trincheira. Todos os homens o seguiram. Para a frente!

Os homens corriam pelo chão endurecido, jogando-se por terra. O solo estremecia mas eles não estavam assustados. Olhavam a linha protetora das explosões que continuava a afastar-se. Erguia-se para um NOVO salto, tudo parecia ir muito bem. Não se via uma única marmitta das cuspidas pelos malditos órgãos de Stalin; era maravilhoso. Os órgãos de Stalin com certeza tinham sido imobilizados, pulverizados pelos obuses alemães.

A primeira linha das trincheiras russas não tardou a ser alcançada, malgrado o tiro disperso de algumas metralhadoras: covas miseráveis, na verdade. Viam-se cadáveres nos buracos, exatamente como os descrevera o veterano da frente leste. O oficial teve mesmo a impressão de avistar uma mulher morta, deitada de rosto contra a terra. Mas agora não era ocasião para deter-se. Para a frente! Os homens obedeciam sem hesitar. Afinal, a infantaria alemã servia para alguma coisa! Já se avistava uma segunda linha de buracos inimigos, destroçados, aquém da cortina de ferro e do fogo que progredia. Para a frente!

Foi então quando se desencadeou o inferno.

Jatos de terra e neve romperam do chão entre a vaga de assalto e a cortina

protetora. Os soldados imaginaram a princípio ser o tiro da artilharia alemã que se desregulava, e jogaram-se por terra praguejando contra os artilheiros, maldição também clássica nas guerras. Por fim compreenderam que a artilharia russa entrara em ação.

O ribombo, que sem dúvida possível vinha da frente, cobriu tudo, infinitamente mais forte que o ouvido antes do contra-ataque e robustecendo-se a cada segundo. Obuses rebentavam por toda a parte, adiante, atrás, aos lados. Os homens colados ao chão, achatados contra aquela terra gelada que estremecia e na qual gostariam de engolfar-se, sentiam cair sobre eles blocos duros de areia. O estrondo das explosões ensurdecia-os, mal tinham consciência de continuar existindo, suas vidas não passavam de uma minúscula chama de consciência em meio ao caos — até ao instante em que o aniquilamento os privava de toda a percepção terrestre.

Os que ainda viviam, sufocados, com os tímpanos sangrando, viam agora por diante uma verdadeira floresta de jatos de lume entre rolos de fumaça e terra pulverizada, clarões ofuscantes, e o solo tão constantemente revolvido que a floresta parecia nascer de um mar encapelado que avançava inexoravelmente, destruindo toda a vida. Os homens que reuniam forças para se erguer, tentar recuar, fugir, não mais identificavam o terreno que pouco antes haviam percorrido. Mal se reconheciam na boa direção, entre crateras ignoradas, em meio ao trovejar das explosões, sob um céu escurecido. O planeta morto fizera-se um mundo em estilhaços, em fusão. Os pobres infantes ainda vivos apenas experimentavam um sentimento de angústia cósmica...

O ataque russo desencadeado ao alvorecer na cabeça de ponte de Sandomir não passava de uma finta, destinada a forçar a artilharia alemã a descobrir suas posições. O marechal Koniev empregara nessa altura mil e duzentos canhões. Uma hora depois, para o verdadeiro ataque, empregou doze mil.

Stalin decidira vibrar um golpe decisivo nas forças alemãs de leste e marchar contra Berlim. O plano geral da ofensiva era o seguinte: Jukov (1 frente da Rússia Branca) e Koniev (1 frente da Ucrânia) deviam avançar do Vístula para o Oder. Atingindo o Oder, Jukov avançaria sobre Berlim, coberto à esquerda por Koniev. Ao norte, Rokossovsky (2 frente da Rússia Branca) e Tcherniakovsky (3 frente da Rússia Branca), atacariam juntos a Prússia Oriental, o primeiro do sul e o segundo de leste. Ao sul, Petrov (4 frente da

Ucrânia) penetraria na Tchecoslováquia e se atiraria ao flanco dos exércitos alemães que operavam na Eslováquia e na Hungria.

Nunca se soube exatamente a importância das forças russas postas em jogo no começo da ofensiva entre Memel e o Danúbio. Segundo as melhores estimativas, poderemos avaliá-las em cerca de 180 divisões de infantaria e 27 corpos de exércitos blindados. Jukov devia dispor ainda de 90 divisões de reserva imediata. Os alemães teriam para lhes opor umas 120 divisões, entre as quais talvez trinta blindadas, de importância e valor desiguais.

A ofensiva russa de modo algum foi um cego arranco para a frente. Havia sido preparada com extremo cuidado. O comando russo não cessara de instruir-se no curso da guerra e de extrair lições de tôdas as experiências. Uma quantidade de artilharia sem precedente foi posta em posição e camuflada, os planos de fogo perfeitamente regulados. A aviação fotografara as posições e trabalhos de defesa inimigos. Para enganar os alemães quanto aos movimentos de tropas soviéticas, os russos fizeram circular caminhões levando altofalantes que imitavam o ruído de unidades blindadas em marcha — recurso que os americanos haviam usado na Normandia. Milhares de tanques foram pintados de branco. Tropas russas atravessaram à noite o Vístula durante uma semana, ficando escondidas nos bosques. O abastecimento em munições foi transportado em trenós de hélice aérea, que transpunham as superfícies geladas dos rios.

O fenomenal bombardeio da cabeça-de-ponte de Sandomir durou uma hora e cinquenta minutos. Duzentos e cinquenta canhões por quilômetro regaram as trincheiras, as obras e as baterias. Ao fim de um quarto de hora, tôdas as comunicações alemãs estavam cortadas. Os efeitos dessa concentração de fogos, jamais vista na frente oriental, foram tais que os sobreviventes sangravam pelo nariz e pelos ouvidos. Estavam completamente atordoados. Nenhum abrigo, blindado ou não, resistiu ao martelamento.

A progressão das tropas russas realizava-se com absoluto método. A infantaria avançava sob a proteção de uma barragem rolante. A mil metros da posição alemã, a barragem de artilharia era transferida para a segunda trincheira, enquanto as peças dos regimentos e os canhões antitanques entravam em ação. Os órgãos de Stalin espalhavam a devastação sobre tudo o que pudesse subsistir. As trincheiras que a infantaria alcançava estavam revolvidas,

desmanteladas, mal se distinguíam no espaço lunar. Reconheciam-se sobretudo pelos restos de cadáveres que juncavam o chão. Em poucas horas, regimentos e divisões inteiras foram “liquidados”.

Os tanques vinham em seguida, quando não ultrapassavam a infantaria, e investiam para destruir as linhas de comunicação e lançar a desordem nas retaguardas. Em dois dias, os exércitos de Koniev progrediram 40 quilômetros numa frente de 60.

No mesmo dia, 12 de janeiro, Jukov atacou pessoalmente em toda a sua base de partida, da extensão de 150 quilômetros. Koniev empregara 12 000 canhões, ele utilizou 22 000. Os raros testemunhos de sobreviventes concordam que o inferno da guerra atingiu em certos setores dessa frente uma intensidade que se considera inultrapassável com o emprego de armas não atômicas.

As tropas alemãs que defendiam o sul da Prússia Oriental não se aguentavam nas trincheiras, nem mesmo nos abrigos da campanha. Uma linha de sólidas posições fora instalada na Polônia setentrional, compreendendo redes de arame farpado, campos de minas e obras de cimento. Uma dessas obras ficava entre as localidades de Pultusk e Makow, na orla de um bosque, mais ou menos a um quilômetro de uma aldeia abandonada. Era um blockhaus de seis ramificações. Na manhã de 14 de janeiro de 1945, quando seus ocupantes verificaram que um enorme tanque russo ocupava toda a largura do caminho à entrada da aldeia, o chefe comunicou o fato pelo telefone ao P.C. da linha de defesa e mandou abrir fogo contra o tanque. Minutos depois os canhões alemães, escondidos no bosque, rompiam fogo por sua vez. Os russos responderam com um tiroteio de morteiros postados aos dois lados da aldeia, mas o tanque não se deu por achado e continuou imóvel.

Olhando pelo seu binóculo, o tenente acabou descobrindo que havia outro tanque, talvez dois, por trás do primeiro. Fez nova comunicação. Obuses caíam agora por toda a parte, em redor do blockhaus e no bosque. Entre os tiros das próprias peças, os ocupantes da obra podiam constatar que o canhoneio inimigo crescia de intensidade. O blockhaus ainda não fora atingido. O tanque russo da frente, cujo canhão estava todavia apontado para ele, continuava mudo. Esta imobilidade e silêncio tinham algo de inquietador. O tenente telefonou mais uma vez e o P.C. respondeu:

— Vão chegar Stukas para atacar os tanques russos.

Os aviões chegaram. Os homens do blockhaus viram-nos picar, ergueu-se uma nuvem de poeira e fumaça. Quando ela se dissipou, os alemães constataram que a aldeia estava quase inteiramente arrasada.

Os tanques — viam-se agora todos três, — pareciam meio sepultados sob os escombros.

O tenente mandou reabrir fogo contra eles, embora tivesse a impressão de que estavam fora de combate. Assistiu então pelo binóculo a um dos espetáculos mais surpreendentes que lhe fora dado ver durante a guerra. O tanque da frente pôs-se em movimento, impelindo os escombros diante de si como um bulldozer; pareceu sacudir aqueles tropeços e avançou, as pedras e o entulho desabavam em torno dele. Os outros dois seguiram-no. Eram mastodontes rompendo maciçamente, com os canhões apontados mas sempre sem atirar. Os projéteis do blockhaus rebentavam perto deles, e mesmo em cima deles, sem parecer incomodá-lo mais que picadas de mosquitos. O tenente nunca vira um exemplar do tanque “Joseph Stalin”, de 56 toneladas, protegido por uma blindagem de 15 milímetros e levando um canhão de 122. O “Stalin” ultrapassava de longe o “Tigre”.

O tenente quis telefonar mais uma vez ao P.C., porém o microfone não deu sinal de vida: a linha estava cortada. Aquilo já acontecera em outras ocasiões. Periodicamente, guerrilheiros ou sabotadores cortavam as linhas. Agora o tenente experimentava a sensação de uma emboscada. O blockhaus encontrava-se isolado e os três mastodontes russos continuavam avançando, cada vez maiores. Um punhado de homens vinha atrás de cada um deles, e alguns até se agarravam às torres, do lado de fora das blindagens.

Os ocupantes dos blockhaus não podiam saber que o comando russo preparara meticulosamente o ataque das obras fortificadas da Polônia e da Prússia Oriental. Os destacamentos de assalto, treinados numa tática especial, incluíam uns vinte soldados armados de revólveres-metralhadoras, duas metralhadoras pesadas, uma ou duas peças de 45 e sapadores levando explosivos.

O primeiro tanque abriu fogo a 150 metros, diretamente. Os dois outros

afastaram-se para os lados. Todos atiravam em cima das canhoneiras, o blockhaus era violentamente sacudido. Um dos defensores ainda teve tempo de olhar:

— Meu tenente — gritou ele, — os russos chegam arrastando-se!

Mas os russos já estavam perto demais para que o tiro das metralhadoras os pudesse atingir, e de resto isso pouco adiantaria. As canhoneiras desmantelavam-se, um fumo sufocante invadia o recinto, os homens esperavam a explosão das suas munições de um instante para outro.

Um clarão amarelo e vermelho fez crer que ela se verificara, mas não, vinha de fora. O clarão cercava o blockhaus por todos os lados. Os sapadores russos, a poucos metros de distância, atiravam foguetes.

Houve um silêncio de alguns segundos, e por fim realmente uma explosão. Não a das munições, mas a da carga colocada pelos russos contra a fortificação. O cimento fendeu-se e desabou. Imediatamente os mongóis armados de pistolas-metralhadoras romperam pela brecha...

A mesma cena se repetiu, com algumas variantes, em tôdas as fortificações atacadas pelos russos ao norte do rio Narev, afluente do Vístula. Ao fim de quatro horas, a primeira linha fortificada alemã cedeu em toda a sua profundidade.

Hitler, informado, deu ordem de contra-atacar sem demora:

— Faça intervir as divisões Gross Deutschland. Os russos não podem resistir à minhas melhores tropas.

Guderian, comandante-chefe na frente leste, lançou contra os russos e asiáticos de Rokossovsky a Panzer SS Gross Deutschland, a 7 divisão blindada da Wehrmacht, além de várias divisões de infantaria e grupos de artilharia de assalto. Estas forças foram como volatilizadas. O poderio de fogo da ofensiva russa, em seu começo, era literalmente estupefaciente. Os alemães, obrigados a contar e poupar os seus recursos, a deslocar unidades de um setor para outro a fim de acudir ao mais necessitado, tentando “remendar”, viam desabar sobre eles um dilúvio de homens e material aparentemente inesgotável.

Nenhum ocidental jamais soube ou saberá nunca quantos canhões e tanques os russos puseram então em linha, ou lançaram na batalha. Jogavam-nos para a frente como se não tivessem mais onde os meter em seu território. É a impressão que se deduz, não apenas dos testemunhos de soldados e oficiais alemães, mas também dos relatórios de estado-maior onde a aflição não cuida de se esconder.

Hitler rasgava os relatórios, jogava-os furiosamente ao chão. As notícias catastróficas sucediam-se ininterruptamente, até que ele decidiu tomar uma medida enérgica. Criou um Grupo de Exércitos. Isto é. constituiu com Exércitos já em campo de batalha, provados por muitas derrotas, o “Grupo de Exércitos do Vístula”. E que general experimentado, que eminente estratega havia ele de escolher para os comandar ?

— Estou farto de militares incapazes! — gritou ele — Himmler comandará o Grupo de Exércitos do Vístula.

Heinrich Himmler, chefe dos SS, chefe supremo da Gestapo, ministro do interior do Reich dispondo de poder inteiro e absoluto sobre toda a polícia alemã, é sobretudo conhecido como diretor dos campos de concentração, principal responsável pelas atrocidades e matanças. Na realidade foi-o. E o mais extraordinário é que o foi não por efeito de uma crueldade positiva, de sede de sangue ou de um sadismo fundamental, mas por falta de temperamento e imaginação.

Os SS chamavam-no frequentemente, entre si, “o contador-chefe”, por causa de seu físico de burocrata de lunetas. Os homens conhecedores do uso que ele fazia de seu terrível poder, quando se aproximavam dele pela primeira vez ficavam surpreendidos ao descobrir não tuna fera mas um indivíduo de voz suave, delicado, quase tímido, beijando a mão das senhoras.

“Sua fé — lê-se nas sentenças do tribunal de Nuremberg, — era o assassinio; sua religião, a matança; sua crença, o rapto das crianças; seu credo, a traição, e seus dogmas a opressão sob tôdas as suas formas.” Creio que os juízes de Nuremberg, embora dispondo de uma informação considerável sobre esse personagem, não foram ao âmago das coisas. Quiseram sobretudo estigmatizar, e sua análise psicológica saiu falseada. Himmler não desejava nem apreciava diretamente o assassinio, a matança, a traição e a opressão. O demônio que o

habitava era um demônio frio: o da abstração. E esse monstro impedia-o absolutamente de se figurar a realidade humana, e mesmo de reagir normalmente perante a realidade humana. Daí a ferocidade e os crimes.

Himmler não passava de um obscuro criador de galinhas quando tomou contato com a ideologia hitlerista; e como o demônio da abstração podia estar aguardando sua hora dentro do coração de um criador de galinhas, é um exemplo do mistério dos destinos individuais. Decerto Himmler julgou-se então visitado pelo Espírito. Aderiu à fé nacional-socialista, e especialmente à essência dessa fé, ou seja, a doutrina da evidente superioridade do sangue ariano germânico-nórdico, sem dúvida como nenhum outro homem no mundo, talvez mais profundamente que o próprio Hitler. E mais acanhadamente também. Aderiu à letra, foi um “integrista”.

Hitler sentiu isso. Testemunhou-lhe o seu favor menos por encontrar nele um instrumento notável (na execução, Himmler mostrava-se por vezes indeciso e impreciso, mas sabia cercar-se de subordinados eficientes) do que por reconhecer nele o perfeito crente nacional-socialista.

A fé de Himmler manifestava-se por vezes de maneira ingênua e mesmo ridícula. Chegou a criar laboratórios SS, onde sábios SS se empenhavam interminavelmente (conquanto achassem o emprego um lauto fatigante) em isolar o verdadeiro sangue ariano, e uma academia onde historiadores SS se entregavam não menos interminavelmente a pesquisas sobre as origens dos arianos. Mandou mesmo ao Tibete um grupo encarregado de descobrir os descendentes de uma raça que teria os velhos ritos nórdicos em toda a sua pureza. Interessava-se pessoalmente pela escrita rúnica dos normandos das antigas idades, cujos caracteres comparava com os ideogramas japoneses.

— Os japoneses também devem ser arianos — dizia ele.

Todos estes estudos, empreendidos sem verdadeira formação histórica, acabariam desviando-o para um esoterismo nebuloso, levando-o à perigosa obsessão em que frequentemente se perdem os apaixonados do simbólico. Mergulhou na confusão ritual das franco-maçonarias e da Rosa-Cruz, terminou descobrindo significados ocultos anti-arianos nas plantas de certas construções góticas da Grã-Bretanha e mesmo na forma dos bonés de estudantes das universidades inglesas. O resultado desta procura ansiosa de

mistério foi uma crença pueril e cega nas predições astrológicas do seu massagista.

Decerto ele poderia ter-se transformado apenas num suave maníaco, um meio-desequilibrado não perigoso (para os demais) como tem havido tantos entre os adeptos dos cultos esotéricos. Mas o demônio que o habitava não se satisfazia com a fé sem as obras.

— O Reich nacional-socialista durará mil anos — tinha dito Hitler.

— Absolutamente — replicava Himmler, — durará dez mil. Cada família do Estado SS produzirá quatro filhos: dois que darão suas vidas nos campos de batalha, e outros dois que hão de viver e procriar, e isso até que o Estado SS reine sobre a terra inteira.

O resultado desta concepção do mundo era necessariamente a exterminação ou a redução à escravidão de tôdas as populações não arianas. O próprio Himmler se explicou muito claramente a esse respeito num discurso que pronunciou em Posen, em 1943:

— O que sucede a um russo ou a um tcheco não me interessa absolutamente... Que as nações estrangeiras vivam prósperas ou mergulhadas em fome perpétua, só me interessa pela quantidade de seus cidadãos que necessitamos como escravos para a nossa cultura. Sob outro aspecto, isso não me interessa nada. Que dez mil mulheres russas pereçam de fadiga e exaustão cavando uma fossa antitanque, só me interessa na medida em que a fossa seja bem terminada para a Alemanha ... Se alguém me viesse dizer: “Eu não posso mandar cavar essa fossa por mulheres e crianças, porque isso é ser desumano e as matará”, eu responderia: “O senhor é que é um assassino de sua raça alemã, porque se a fossa antitanque não for cavada, soldados alemães morrerão, e esses soldados alemães são filhos de mães alemãs, são gente do seu sangue...” O que nos interessa, o que resume o nosso dever é o nosso povo, a nossa raça. Tudo o mais deve ser-nos indiferente”.

Tais eram os frutos da árvore da ciência nacional-socialista na ordem da ação, para quem ia ao fim das consequências. Uma vasta parte da humanidade deixava de ser composta de criaturas de Deus, o único deus era o sangue ariano.

Certa vez, contudo, o demônio que possuía Himmler pareceu amolecer por alguns segundos. O chefe da Gestapo assistia a uma execução de judeus em Minsk, na Rússia. Entre os condenados achava-se um belo jovem louro, de olhos azuis, que se mantinha ereto e firme diante do pelotão. Com um gesto, Himmler mandou abaixar as carabinas.

— Tu és judeu? — perguntou ele ao jovem.

— Sou.

— Teus pais são ambos judeus?

— São.

Himmler pareceu um momento indeciso.

— Não tens entre os teus ascendentes algum que não seja judeu?

— Nenhum.

Himmler deu uma patada no chão, furioso:

— Então nada posso fazer por ti! — gritou.

Fez um aceno de cabeça ao comandante do pelotão e o moço caiu sob a salva de tiros.

Não deixa de ter algum interesse lançar desde já um golpe de vista sobre o fim da evolução de Himmler, tanto mais que ele já se esboça fortemente na época em que estamos.

Em janeiro de 1945, Himmler, fanático crente nacional-socialista, já pensara e começara a atrair o grão-mestre da sua religião, seu senhor Hitler. Há mais de um ano vem ouvindo sem responder, mas sem as interromper, as insinuações do chefe do seu serviço de Informações, Schellenberg, o mais jovem general SS, o qual lhe repete que só ele, Himmler, é capaz de suceder ao Führer, doente, desequilibrado, perigoso para a Alemanha. Por ocasião da conjura de 20 de julho de 1944, Himmler ouviu sem mandar prender dois conspiradores que, embora veladamente, tinham vindo auscultá-lo. Considerou

e alimentou até ao fim as suas possibilidades para o caso de um êxito do golpe.

Depois, quando o atentado falhou, reprimiu-o ferozmente. Mas não deixou de escutar a voz tentadora de Schellenberg, como escutava e escutaria outras. Terminará verdadeiramente por conspirar e trair no momento em que o exercício do poder fica limitado a um único objetivo: tentar negociar com os aliados.

Com efeito, Himmler tentará fazê-lo, à revelia de Hitler, admitindo mesmo a entrega de Hitler aos vencedores. Encontrar-se-á com o conde Folke Bernadotte, representante da Cruz Vermelha sueca, e ouvirá os conselhos do conde Schwerin von Krosigk, antigo estudante de Oxford, que lhe dirá da necessidade de fazer intervir o Papa nas negociações! Que resta então do grande sonho do Estado SS reinando sobre o mundo? Nada. Resta apenas a miserável, ridícula ambição pessoal de Heinrich Himmler, cego pela estúpida ilusão de que os aliados o ouvirão e lhe deixarão o poder. O crente nacional-socialista já decerto esqueceu, renegou a religião à qual sacrificou tantas vítimas. Os meios escureceram, destruíram o fim. O demônio chegara ao resultado a que inevitavelmente chegaria: a destruição de seu instrumento.

Que formação militar possuía Himmler quando Hitler o nomeou comandante do Grupo de Exércitos do Vístula? Terminara a Primeira Guerra Mundial como sargento-chefe. Depois disso, nada o preparara para o exercício de um alto-comando militar.

Que era na realidade esse Grupo de Exércitos colocados sob suas ordens? Uma justaposição, no papel, de unidades incrivelmente heterogêneas, provindo de corpos diferentes: Waffen SS, Wehrmacht, Volksgrenadiers, Volkssturm. Já travamos conhecimento com os Volksgrenadiers (infantaria do povo), formados em consequência do apelo de Göbbels, de 24 de agosto de 1944, anunciando a mobilização total dos recursos do Reich. Como essa mobilização rapidamente se revelara insuficiente, Hitler decretou, a 18 de outubro, o recrutamento em massa do povo alemão e a criação do Volkssturm (exército popular). O Volkssturm incluía todos os homens de 16 a 60 anos capazes de utilizar armas. Esses soldados do povo não tinham uniforme, ou apenas uma

parte do uniforme, com uma braçadeira mostrando as palavras “Deutschen Volkssturm”. Foram empenhados a oeste e a leste. Interoguei diversos combatentes franceses que tiveram pela frente homens do Volkssturm, e aqui estão as respostas que recolhi:

— Eram pobres diabos desmoralizados de antemão. Rendiam-se na primeira oportunidade.

— Eram valentes e lutavam em condições desesperadas, sobretudo os jovens.

— Davam pena, faziam o que podiam. Mostravam-se estupefatos ao ver-nos chegar. Nunca julgaram tão próxima a derrota de seu país.

Inclino-me a crer que tôdas estas respostas eram verídicas e que os “soldados do povo” se comportaram diferentemente, segundo as circunstâncias e a qualidade militar de seus chefes. “Os velhotes do Volkssturm faziam o que podiam, mas necessariamente recolhiam mais bronquites que vitórias”, escreveu Degrelle que os viu na frente oriental. É claro que Himmler não podia contar com esses elementos para deter o avanço russo.

Podia contar, isso sim, com as suas divisões de Waffen SS. É lícito dizer que, a partir do fim de 1945, só os Waffen SS lutaram com real convicção. Empenharam-se com o mesmo ardor guerreiro até aos últimos dias da luta desesperada.

Fato digno de nota, parece que entre os Waffen SS que manifestaram até ao final essa determinação, se contaram, a leste, menos unidades puramente alemãs que unidades compostas de voluntários estrangeiros: escandinavos, holandeses, flamengos, valões e franceses. Numerosos Waffen SS alemães acharam que a continuação da luta era uma loucura, um desastre para a sua nação. Os não-alemães sabiam também que a Alemanha estava perdida, mas não viam nenhuma saída pessoal para a aventura, nenhum futuro para eles em seus próprios países, mostravam-se verdadeiramente desesperados lutando até a morte.

Decerto estas considerações não pretendem ser uma verdade absoluta, mas os fatos aí estão: viram-se na frente leste unidades da Wehrmacht obrigadas a

lutar por regimentos de voluntários estrangeiros.

Os Waffen SS, alemães ou não, não eram suficientemente numerosos para que o comando os empregasse em manter o terreno ou diligenciar mantê-lo. Utilizavam-nos como brigadas de bombeiros, lançando-os em contraofensivas locais nas brechas deixadas pela Wehrmacht. As unidades da Wehrmacht refeitas logo em seguida não tardavam a recuar, e era necessário recomeçar tudo — um pouco mais à retaguarda, um pouco mais perto de Berlim.

Os tanques de Rokossovsky, partindo do rio Narew, alcançaram o Báltico (em Tolkemit, golfo de Danzig) a 31 de janeiro, tendo coberto 250 quilômetros em doze dias. Os alemães de Tannenberg (tomada a 21) mal tiveram tempo de fazer saltar o gigantesco mausoléu erguido à memória de Hindenburg e de “evacuar” os despojos do ilustre marechal. Tcherniakovsky, atacando a Prússia Oriental pelo leste, atingiu as defesas externas de Königsberg em 27. (Este marechal — judeu, — tombaria um mês depois à frente das suas tropas, aos trinta e seis anos.) Os exércitos de Jukov, lançados em três flechas, chegaram ao Oder a 31, em três pontos, um dos quais Küstrin, a 80 quilômetros de Berlim.

Jukov empregara tudo no curso da sua ofensiva: artilharia, tanques, infantaria, aviação e até cavalaria. Os raros velhos e inúteis que não tinham podido abandonar Bromberg e que sobreviveram ao bombardeio, viram subitamente desembocar, galopando em meio às minas, os esquadrões de pequenos cavalos tártaros montados por cavaleiros escuros cobertos de peles, que davam gritos selvagens ao disparar mias metralhadoras.

Os russos haviam atravessado o rio Warta depois de o terem regado de noite para engrossar o gelo. A ofensiva e o êxito pareciam decuplicar sua imaginação guerreira, inspirar aos seus generais uma nova inteligência tática. Koniev, chegado a 21 de janeiro à vista de Breslau, mudou bruscamente o rumo das suas colunas de esquerda, e lançou-as para sueste em direção à bacia carbonífera e industrial da Silésia, que Petrov atacava pelo sul. Nas minas, nas grandes usinas ainda alimentadas a eletricidade e funcionando a pleno rendimento, a frase terrífica reboou subitamente, em meio ao trabalho:

— Os russos chegaram! Os russos estão aí!

Foi uma corrida para as portas, para os ascensores. Os tanques marcados com a estrela vermelha lá estavam com efeito, disparando seus canhões contra as casas, semeando o incêndio por toda a parte...

Começara o grande êxodo das populações alemãs de leste'.

Numerosos franceses, homens, mulheres e jovens, possuem experiência pessoal do êxodo, da fuga de populações inteiras diante do avanço inimigo. Para tentar imaginar o espetáculo oferecido pelas estradas e vias férreas da Alemanha de leste no começo de 1945, eles terão de multiplicar por dez a soma de suas mais trágicas recordações, levando em conta que o êxodo alemão se verificou, não em maio e junho, mas no coração de um inverno particularmente rigoroso, com um frio polar. Os habitantes das regiões ameaçadas fugiam aos milhões.

Durante certo tempo, a propaganda de Göbbels destinada a manter o moral dos combatentes e do povo alemão baseara-se na esperança: as novas armas não tardariam a entrar em ação, pulverizando por toda a parte o inimigo. Como esse milagre demorasse a manifestar-se, Göbbels imaginou poder galvanizar o exército e o povo alemão “levantado em massa”, utilizando outro argumento: o terror. “Se não repelirdes o inimigo, se a Alemanha for vencida, sereis todos deportados para a Sibéria e lá tereis de trabalhar como escravos”. Estes slogans, difundidos quase quotidianamente pela imprensa e pelo rádio, tornaram-se o principal instigador do pânico quando a frente cedeu e as populações souberam da irrupção dos russos no território nacional.

Os “recuados”, os fugitivos das primeiras regiões conquistadas chegavam ao interior das províncias de leste e contavam o que tinham visto. Não era o caso de deportações para a Sibéria, mas os que os ouviam abandonavam tudo para fugir por sua vez.

A massa dos testemunhos alemães sobre a invasão russa, sobre o comportamento das tropas soviéticas de primeira linha, não foi contestada pelos inquiridores e historiadores ocidentais, nem mesmo pelo alto comando soviético que para isso ofereceu uma explicação:

— Nossas unidades de choque eram constituídas por soldados que vinham suportando um grau inimaginável de fadigas e sofrimentos de guerra.

Achavam-se exasperadas pela recordação dos sofrimentos a que durante anos haviam sido submetidas as populações da URSS. Não era natural que chegassem delicadamente, pedindo desculpas. As autoridades militares soviéticas não tardaram a restabelecer a ordem por toda a parte, impedindo que as populações fossem molestadas.

Basta ver, basta examinar algumas fotografias sobre o aspecto desses combatentes de choque para compreender que as populações alemãs de leste não podiam esperar uma conquista do tipo “ocidental”. A irrupção foi selvagem, comportando muito naturalmente o saque das cidades e a violação das mulheres entre doze e sessenta anos ou mais. As que tentavam resistir eram trucidadas, esfaqueadas, o que frequentemente sucedia na própria embriaguez primitiva daqueles conquistadores mongóis ou asiáticos. Cenas dignas das Grandes Invasões tiveram lugar nos porões da Alemanha oriental. Vítimas inumeráveis pagaram pelos crimes de Himmler.

Os civis começaram fugindo pelas estradas de ferro. A rede ferroviária alemã já estava tremendamente desorganizada; o material, utilizado quase exclusivamente pelo exército, era escasso. ‘Os bombardeios aéreos aliados eram mais regulares que os horários dos nossos trens’, disse o ministro alemão dos transportes. Os bombardeiros americanos e britânicos vindos da Grã-Bretanha, da Itália, e mesmo (depois de junho de 1944) da Rússia, atacavam toda a extensão do território alemão.

Trens de evacuação foram não obstante dirigidos para as regiões ameaçadas pelo avanço soviético. A princípio compunham-se de vagões de passageiros. As pessoas amontoavam-se nas estações e em torno delas à espera dos trens que não tinham horário. Viam-se mulheres amamentando seus bebês nas noites glaciais, entreabrindo os vestidos para os agasalhar e impedir que morressem de frio.

Os trens chegavam, por fim, e eram tomados de assalto. Partiam, percorriam vinte ou cinquenta quilômetros e paravam, com a linha destruída por um bombardeio. As poucas dezenas de quilômetros pontas de blindados russos, prisioneiros soviéticos trabalhavam na reparação das linhas; aviões russos vinham de vez em quando metralhá-los. O trem avançava um pouco mais arfando sob a sua mísera carga humana.

Mas logo acabaram os vagões de passageiros e os civis passaram a amontoar-se nos vagões de gado que costumam aparecer em tôdas as catástrofes nacionais. Os comboios paravam dias e noites em campo raso, sempre por causa dos bombardeios, ou por falta de combustível quando a bacia mineira da Silésia caiu nas mãos dos russos. Outros fugitivos, vindos através dos campos, sobre a neve, chegavam para assaltar esses comboios detidos. Os mortos eram jogados aos taludes, para dar lugar.

Tais sofrimentos foram ainda multiplicados quando, à falta de vagões para gado, foi necessário utilizar vagões descobertos. Os fugitivos amontoavam-se aos cinquenta, aos oitenta naquelas plataformas, forçados a manter-se em pé sob o vento de inverno, em meio às tormentas de neve. Cada vez se viam mais cadáveres rígidos ao longo das linhas.

Por fim, as autoridades locais, vendo chegar uma locomotiva puxando apenas duas ou três galeras, deram ordem para que só fossem evacuadas crianças. Trens de crianças foram definitivamente imobilizados aqui e além, esquecidos nos desvios. Certo dia, perto de Breslau, encontraram-se várias galeras abandonadas contendo cento e quarenta e dois corpos gelados de crianças, meninos e meninas.

O êxodo pelas estradas começara também e prosseguia, lamentável, não menos trágico. Colunas de milhares de carroças avançavam a passo de tartaruga pelas estradas e autoestradas; apenas pelo lado direito, pois a Feldgendarmarie mantinha o esquerdo livre para as tropas que se dirigiam à frente. Os veículos estavam como soldados uns aos outros, em duas filas. Transportavam sobretudo, naturalmente, mulheres, crianças, velhos e enfermos estendidos em colchões, além de, como tivemos ocasião de ver, bagagens heteróclitas, restos de mobília, cobertas esfarrapadas. As pessoas ficavam roxas de frio, muitas famílias não se decidiam a jogar fora seus mortos.

A aviação russa chegava, metralhava as colunas de tropas que passavam, as carroças não eram poupadas. Seus ocupantes atiravam-se gritando para os lados, buracos escuros perfuravam as costas, o sangue corria. Os cavalos enervavam-se, empinavam-se, com os ventres rasgados, as tripas fumegantes espalhadas pela neve. O mísero bando levava horas, depois, para sair dali, recomeçar a marcha.

Caravanas arrastavam-se assim durante duas semanas e mais. Quando chegavam às proximidades de Berlim desviavam-nas para a autoestrada externa a fim de não assustarem a população.

Berlim, objetivo do avanço russo, não passava já de uma imensa ruína. Bairros inteiros mostravam-se irreconhecíveis, grandes praças transformadas em lagos de escombros, com a placa do nome às vezes entre os destroços. Pessoas circulavam em meio às ruínas, os vendedores de jornais esgoelavam-se, garotos brincavam nas crateras das bombas, cavalgando os postes de iluminação derrubados.

A vida continuava nos porões e nos abarracamentos, em restos de casas, uma vida estranha na qual se iam negligenciando e desfazendo cada vez mais os laços com o passado. Depois de cada reide, os moradores desses cubículos precários verificavam que seu imóvel deixara de existir. Marchavam através dos escombros e dos incêndios, encaminhados para os abarracamentos de emergência, para outros porões e outros locais não completamente demolidos, cujos habitantes se comprimiam um pouco mais. O atravancamento ia-se tornando absoluto.

De hora em hora o rádio anunciava: “Atenção, aviões inimigos avistados em tal região, direção provável tal província, esperar o sinal de alarme, manter-se pronto para alcançar os abrigos.” Vinha depois o sinal de provável alerta, três apitos contínuos de sereia num minuto, quando a formação inimiga chegava a cem quilômetros de Berlim; em seguida o alerta. As pessoas corriam para os abrigos levando uma valise, garrafas térmicas, crianças de pouca idade em sacos de aquecimento. Apertavam-se umas contra as outras, geladas e suando ao mesmo tempo. O crepitar da D.C.A. e o trovejar das explosões duravam horas, por vezes toda a noite.

À superfície da terra, entre as explosões, na escuridão atravessada pelos clarões dos incêndios, os chacais do desastre esgueiravam-se pelos corredores, pelas escadas, arriscando-se às bombas, ao disparo da D.C.A. ou ao tiro de um polícia, para roubar algumas provisões. Havia-os aos milhares entre a incrível população de marginais e deslocados impelida para as usinas do Reich.

Os projetores traçavam uma rede de raios luminosos no céu berlinense. Os

raios deslocavam-se contínua e rapidamente, enquadrando às vezes um aparelho inimigo que não mais largavam. Via-se distintamente o grande bombardeiro todo branco, parecendo imobilizado no céu como uma ave ofuscada. Se algum projétil o atingia nascia então dele uma chama, uma faixa vermelha e alaranjada, e ele transformava-se numa tocha, num meteorito em queda vertical, a não ser que se volatilizasse instantaneamente num clarão fulgurante. Constantemente outros clarões rompiam do chão como fogos de Bengala, alastrando em florestas de lume.

Seria um erro imaginar que Berlim se defendia dos ataques aéreos à maneira de um posto assediado, atirando sumariamente à vista. Pelo contrário, a defesa antiaérea do Reich permanecia um notável exemplo de organização técnica e militar mantida nas condições mais difíceis. A capital alemã possuía um P.C. aéreo análogo às “Operation Rooms” da Grã-Bretanha.

Num vasto anfiteatro subterrâneo, auxiliares de transmissões da Luftwaffe, com auscultadores na cabeça, recebiam minuto a minuto as mensagens dos postos de controle aéreo (Flukos) espalhados por todo o território e encarregados de receber, classificar e interpretar as informações dos postos de vigia sobre a progressão dos bombardeiros inimigos. Acompanhavam, por meio de um estilete, essa progressão em mapas colocados à sua frente. Um dispositivo de espelho, ligado ao estilete, projetava um raio luminoso sobre um mapa vertical de dez metros de largura em vidro baço, materializando a posição das formações inimigas. O general comandante do P.C. observava o mapa e dava as suas ordens.

Outros auxiliares de transmissões recebiam os informes das bases e das esquadrilhas de caça em voo. Projetavam no mapa pontos luminosos verdes, que representavam os aparelhos alemães. O chefe da defesa era assim constantemente informado da situação geral e das forças a enfrentar. É este o esquema da organização.

Os caças noturnos alemães operavam em ligação com os projetores e com a Flak. Atacavam os bombardeiros iluminados pelos projetores, perseguíam-nos, tentando derrubá-los eles mesmos ou dirigi-los para as barragens de D.C.A. Algumas destas eram constituídas de explosões de obuses atirados a diferentes altitudes e em diferentes ângulos de modo a formar uma espiral de fogo, extremamente mortífera. Os caças lançavam também por cima das vagas

inimigas bombas luminosas em paraquedas que indicavam os bombardeiros ao tiro da D.C.A.

Longe de Berlim, sobre as zonas desprovidas de projetores e da poderosa Flak, eles praticavam a “caça às escuras” durante a qual deviam descobrir suas presas, quer por meio das informações que lhes transmitia o P.C. aéreo, quer por meio do radar de bordo. Os radares de bordo alemães eram pouco numerosos e nitidamente inferiores aos usados pelos aviadores ingleses e americanos, de modo que os esquadrões aliados sempre conseguiam, embora à custa de perda mais ou menos importantes, alcançar os seus objetivos, sobre os quais se travava a batalha mais encarniçada. Berlim era o mais visado desses objetivos. Em 3 de fevereiro de 1945, a capital alemã foi atacada por 1 500 Fortalezas Voadoras escoltadas por 900 caças. O custo desse reide, não incluídas as reparações e a manutenção no solo, ultrapassou onze milhões de dólares. No decurso da guerra, a R.A.F. largou sobre Berlim mais de 50 000 toneladas de bomba e a 8 Força Aérea americana 23 000 toneladas. As bombas iam-se tornando cada vez mais poderosas e destruidoras, A proporção das vítimas passou de um morto para oito feridos em 1940-41, a um morto para três feridos em 1944-45.

Desde 16 de janeiro de 1945, Hitler encontrava-se em Berlim. Passava os dias e as noites no abrigo da Chancelaria, o famoso bunker. Confesso nunca ter tido ocasião de ver com meus próprios olhos esse reduto histórico, hoje englobado na zona soviética. Alguns ocidentais admitidos a visitá-lo descreveram-no com minúcia, se bem que suas descrições e desenhos apresentem leves diferenças de pormenor.

Pode-se concluir que o bunker, construído durante a guerra, ficava dezesseis metros abaixo do nível do chão, protegido por uma camada de cimento armado quase da mesma espessura. Tinha dois andares, o menos profundo constituído por doze pequenas dependências destinadas ao serviço de copa e à cozinha, ao alojamento dos criados e dos hóspedes de passagem, além de uma galeria que servia de sala de jantar.

O andar inferior compreendia dezoito dependências, entre as quais os quartos de Hitler e Eva Braun com seus anexos, salas dos médicos, uma sala de operações, os gabinetes dos secretários e os quartos dos guardas. Uma galeria central de dezessete metros de comprimento por três de largura, réplica da de

cima, porém mais suntuosa, servia várias vezes ao dia de sala de conferências; era lá que Hitler presidia as reuniões do seu estado-maior supremo. Magníficas pinturas italianas adornavam as paredes cobertas de tapeçarias.

O mobiliário era em toda a parte confortável. Grupos Diesel garantiam a iluminação, a ventilação, a climatização. Havia naturalmente uma central telefônica de onde partiam numerosas linhas de vários receptores de rádio. Todas as saídas eram providas de portas à prova de água e de ar, permanentemente guardadas por SS.

Hitler acordava, em geral, ao meio-dia. Seu tempo era quase todo ocupado pelas conversas com generais e políticos. Durante as refeições, tardias, irregulares e rápidas, que ele tomava em companhia de seus hóspedes, o Führer comia espigas de milho, sopas de legumes, omeletes de doces. Diante do seu prato alinhavam-se diversos frascos de pílulas que ele frequentemente ingeria. Saía às vezes do abrigo para um breve passeio no jardim da Chancelaria, porém essas saídas tornaram-se cada vez mais raras.

À noite fazia uma sesta, e depois, pelas duas ou três horas da madrugada, mantinha uma reunião apolítica, espécie de recepção mundana em que eram admitidas as senhoras: Eva Braun, amante do Führer, Gerda Christian, esposa do chefe do gabinete de operações da Luftwaffe, Else Kreuger, secretária de Martin Bormann, Magda Göbbels. Estas visitantes, bem como os oficiais e funcionários convocados todos os dias por Hitler, vinham dos abrigos construídos sob diversos edificios governamentais. Havia três abrigos sob a chancelaria. Jodl e Keitel vinham dos seus Q.G. de Zossen e de Potsdam. Göbbels viveu com seu estado-maior nos porões do Ministério de Propaganda, até ao dia em que se instalou no abrigo do Führer com sua família.

Todos estes pormenores foram conhecidos muito exatamente pelas anotações quotidianas contidas na agenda de Linge, criado de quarto de Hitler. Todos os criados de Hitler declararam haver guardado dele “uma boa recordação”. Era, disseram, um patrão fácil de servir. Sabe-se que os generais emitiram opinião diferente; Hitler falava-lhes com rudeza, responsabilizando-os pela catástrofe.

No que se refere ao comportamento geral e aspecto físico de Hitler os testemunhos vão tornar-se cada vez mais convergentes à medida que o fim se

aproxima. O senhor da Alemanha nunca se refez completamente do choque sofrido no atentado de 20 de julho de 1944. Sofria de uma irritação dos labirintos auriculares que lhe diminuiu o sentido do equilíbrio. Seus cabelos tinham embranquecido e o andar fizera-se tardo e incerto. Uma persistente hemorragia subcutânea do braço direito privara-o do uso normal desse membro. O braço esquerdo era agitado de tremores.

Em outubro de 1944, foi tratado de uma infecção do sínus maxilar, e em seguida o cirurgião von Eicken extraiu-lhe um pólipó das cordas vocais. Consta da agenda que o doutor Weber, especialista do coração, também o tratou.

Von Eicken refere que, quando tornou a ver Hitler em 30 de dezembro de 1944, em seu Q.G. de Bad Nauheim (a uns quarenta quilômetros de Francfort (Meno), de onde o Führer dirigiu a contra- ofensiva das Ardenas), ele parecera “de boa saúde, com a voz curada, relativamente forte e passando bem”. O confinamento no bunker, grandemente anti-higiênico, não tardaria a pôr fim a essa melhora passageira. Hitler recomeçou a sofrer de contínuas dores de cabeça e contrações do estômago. Para se defender desses incômodos tomava as pílulas preparadas por Theodor Morell, seu médico habitual.

Convém dizer algumas palavras sobre este Morell, que foi o companheiro mais constante de Hitler de 1936 a 1945 e parece ter sido um charlatão dos mais pitorescos. Hitler recusou quase até ao fim separar-se dele (só o despediu em 23 de abril de 1945, e não acusando-o de mau médico mas de traidor!) apesar da venalidade confessa do indivíduo e dos efeitos, com o tempo desastrosos, da sua terapêutica.

Gordo, muito peludo, descuidado e até sujo, Morell iniciara sua profissão como médico de navio mercante, tratando sobretudo de doenças venéreas. Chamado um dia a Berchtesgaden para cuidar do fotógrafo do Führer, viu Hitler que, ninguém sabe como, se interessou por ele, o tomou a seu serviço e se tornou seu amigo. Morell iria aproveitar-se descaradamente da situação. Lançou algumas especialidades farmacêuticas e logo enriqueceu o bastante para mandar construir suas próprias fábricas. Hitler tornou obrigatório na Wehrmacht o uso de um dos seus inventos, certo pó contra os piolhos intitulado “Rússia”.

Além das pílulas, geralmente à base de estriçnina e atropina, que prescreveu ao seu ilustre paciente, Morell administrava-lhe injeções hipodérmicas variadas. À menor ameaça de constipação, sulfamidas, até seis picadas por dia. O Führer sentia-se cansado, tinha de pronunciar um discurso? Estriçnina e hormônios. Hitler tornou-se uma verdadeira cobaia nas mãos de Morell, o qual terminou por lhe administrar alternadamente vinte e oito drogas diferentes.

Outros médicos, chamados a opinar sobre doenças bem determinadas, alarmaram-se e disseram a Hitler, de começo prudentemente e depois com insistência, que Morell lhe estava arruinando a saúde.

— Os senhores são idiotas! — gritou-lhes Hitler. — Ele é o único que sabe tratar de mim. É o ciúme profissional que os faz falar assim i

A massa da população alemã ignorava tudo isto, ignorava mesmo, naquele mês de janeiro de 1945, que Hitler estivesse em Berlim. A imprensa e o rádio davam frequentemente a entender, sem acrescentar pormenores, que o Führer se encontrava em alguma parte da frente, galvanizando as tropas com sua presença. Justamente nesse instante e nas profundezas do seu bunker, Hitler negava-se a ouvir as explicações de seus generais:

— Não me falem nos serviços de Informações! Meu cérebro vale muito mais que todos os vossos oficiais burocratas. Quando disponho da posição dos exércitos russos, adquiero da situação uma imagem peculiar e compreendo as intenções dos russos; muito melhor que todos os vossos serviços de Informações.

Na verdade, pouco importava que ele adivinhasse as intenções dos russos, chegados a menos de 80 quilômetros de Berlim. Quanto à situação geral, ela já seria bem difícil de aprender por um chefe militar desejoso de realidade. Os informes estavam frequentemente anulados, ultrapassados pelo acontecimento quando chegavam a Berlim. Alguns generais, confessaram-no depois, amenizavam deliberadamente a realidade para evitar serem acusados de covardia e imperícia, e indignamente destituídos.

Por outro lado, Hitler, que algumas inspeções à frente poderiam talvez esclarecer, iludia-se voluntariamente a si próprio. Cada vez mais seguia a sua

famosa intuição, só queria aceitar “a imagem que lhe era peculiar”, nada contava além do seu Kriegspiel de estrategista de gabinete. Continuava a chamar divisões, a contar e a querer utilizar como divisões normais unidades de três, quatro mil homens ou menos, à míngua de material e de munições, tendo apenas carroças de cavalos como único meio de transporte, já derrotadas e desmoralizadas, ou compostas de adolescentes e veteranos do Volksturm sem instrução militar.

A nomeação de Himmler para chefe do Grupo de Exércitos do Vístula não produziria naturalmente qualquer resultado. Esse general de ocasião manifestava-se mais que qualquer outro incapaz de deter o arranco soviético. Todavia, fragmentos, retalhos daquela formidável máquina de guerra que fora a Wehrmacht de leste, prosseguiram lutando corajosamente aqui e além. Os “ouriços” de Schneidemühl na Prússia Oriental e de Posen (Poznan) na Polônia resistiram, um durante vinte dias e outro durante um mês. Em Posen, os russos tiveram de trazer canhões até de duzentos metros das casas onde se tinham entrincheirado os defensores e mesmo levá-los para o segundo e terceiro andares de alguns edifícios. A praça só se rendeu depois de haver perdido mais da metade da sua guarnição. As perdas alemães durante os primeiros quarenta dias da ofensiva russa deviam elevar-se a 350 000 prisioneiros e a cerca de 800 000 mortos. O primeiro número bastaria para provar que as tropas alemãs em toda a parte se rendiam ou fugiam em desordem.

Já dissemos que a situação geral era a cada momento difícil de apreender. Constatam-se muitas obscuridades e numerosas imprecisões nos informes militares da época e nas exposições dos historiadores militares que tentaram descrever, setor por setor, a inundação da maré russa. Eles próprios confessam que a frente era “fluida”. Todavia, um fato se deduz incontestavelmente de todos esses documentos: que a ofensiva russa, após quatro semanas de “blitz”, marcou um compasso de espera, e mesmo, no Oder, de parada.

— O senhor bem vê — disse Hitler triunfalmente a Jodl, — que nem tudo está perdido. Tudo estaria perdido se eu tivesse ouvido Guderian quando ele quis recuar as nossas tropas para aquém do Oder. Mais uma vez eu tive razão.

Com efeito, o ímpeto russo diminuía pela mesma razão que diminuía o da massa dos exércitos aliados no Oeste após a libertação da França e da Bélgica

e levava a uma “cristalização da frente”: necessidade de reagrupar certas unidades, de fazer seguir o abastecimento, enfim, desafogo inteiramente normal após um grande arranco para a frente. O reabastecimento de Jukov era garantido por 60 colunas de trenós a hélice seguidas por 275 colunas de caminhões e 600 colunas de veículos de tração animal. O degelo e a lama de fevereiro tornavam inúteis os trenós e enfraqueciam os outros meios de transporte, lira natural que isso se fizesse sentir. Guderian compreendia-o, levando-o a dizer a Hitler que o recuo seria breve e se devia esperar um novo assalto.

— Não — respondeu Hitler. — Os russos estão no fim do seu fôlego. É o momento de contra-atacar.

Vamos ver como se desenrolou o contra-ataque.

A 13 de fevereiro, os chefes das unidades alemãs que lutavam na região de Stagard (a leste de Stettin, na Pomerânia) foram chamados a Panke, ao Q.G. do general de exército Steiner.

— Os senhores devem guardar silêncio até nova ordem sobre o que lhes vou revelar — começou esse general. — Uma grande contra-ofensiva está iminente do nosso lado, prelúdio de uma completa reviravolta da situação no leste. Várias divisões blindadas vão chegar ao nosso setor. Logo que estivermos apoiados por esse reforço, operaremos um rompimento de Stagard na direção de Landsberg. Em seguida iremos para diante. Estou autorizado a informá-los de que ao mesmo tempo, o VI Exército blindado SS do Obergruppenführer Sepp Dietrich, partindo da Hungria, atacará para o norte. Normalmente deveremos operar nossa junção com ele do lado de Lodz, na Polônia. As forças inimigas assim colhidas entre as duas hastes de uma enorme tenaz, serão destruídas. Nosso Grupo de Exércitos operará sob o comando pessoal do Reichsführer Himmler.

Contente do efeito visivelmente causado pela sua alocução, o general Steiner concluiu:

— Este ano estaremos de novo junto ao Dnieper.

No dia seguinte, Göring veio inspecionar as posições avançadas distribuindo

charutos aos soldados. Estava mais gordo que nunca, coberto de capotes superpostos. Os soldados olharam-no com divertida simpatia. O homem deu a entender que as coisas logo iriam mudar no leste. Os soldados sabiam que a visita de uma alta personalidade a determinado setor significava em geral estar próxima uma operação importante. Mas que operação? Em 15 de fevereiro foi lida às tropas uma proclamação de Himmler, concluindo por estas palavras: “Para a frente! Para a frente na lama! Para a frente na neve! Para a frente de dia! Para a frente de noite! Para a frente, a fim de libertar o solo do Reich!” Nenhum alusão a armas novas.

O assalto inicial devia ser dado pelo 3º corpo de voluntários germânicos, composto das unidades Waffen SS “Viking”, “Nederland”, “Wallonie”, “Flandren”, “Norge” e “Horst Wessel”. As divisões blindadas chegaram — em número de três, — na noite de 15 para 16 de fevereiro.

Os tanques haviam recebido ordem de atacar em primeiro lugar, ao amanhecer de 16 de fevereiro, mas os caminhões-tanques que transportavam a gasolina chegaram com atraso. Os tanques só puderam movimentar-se às dez da manhã. Não houve preparação de artilharia.

Reúnam cem tanques e lancem-nos contra um ponto qualquer: a frente inimiga, ainda que muito sólida, começará por ceder. Duzentos e cinquenta tanques haviam sido reunidos para a contraofensiva da Pomerânia. Os Panzers SS progrediram cinco quilômetros em horas, em terreno arborizado. A infantaria que devia ocupar esse terreno, seguia, mais lenta do que era de esperar. Fez contudo alguns prisioneiros que foram imediatamente interrogados. Esses cativos responderam sem se fazer rogar.

— Quantos tanques há em nossa frente, em primeira linha?

— Várias centenas. Atrás deles contam-se ainda mais.

Os prisioneiros citaram os nomes das povoações onde estavam concentradas essas forças, acrescentando pormenores. Compreendia-se que eles nem sequer se davam ao trabalho de mentir. Os oficiais começaram a perguntar-se se sua ofensiva teria sido lançada com os recursos suficientes.

Não tardaram a convencer-se de que as palavras dos prisioneiros russos

correspondiam à realidade. As Panzer da frente, ao saírem da zona arborizada, receberam o fogo de uma primeira barragem de tanques Stalin que atiravam de longe, mas que não pareciam de modo algum decididos a recuar. Tanques alemães começaram a explodir e a arder na terra enlameada. À noite, apenas dez quilômetros de terreno haviam sido conquistados.

Às vinte e duas horas a Flak de Stargard rompeu subitamente a atirar. Chegava uma onda de aviões russos. Foguetes de paraquedas desceram, iluminando as torres quadradas das igrejas medievais. Em seguida o trovejar dos motores encheu o céu noturno, largando um dilúvio de bombas explosivas e incendiárias. Os russos haviam resolvido destruir a base alemã de partida. Nunca seus aviadores tinham investido em tão grande número e com tal método. As vagas aéreas sucediam-se, florestas de chamas erguiam-se na treva. De repente um imenso cearão iluminou a cidade como se fosse dia: o depósito dos licores Mampe, oitocentas mil garrafas, estavam em labaredas. Os bombardeiros russos martelavam aquele alvo maravilhosamente visível. ..

A vários quilômetros dali, os assaltantes do dia, metidos em suas covas, olhavam o clarão avermelhado que se estendia pelo céu até eles, sentiam o chão tremer. Durante as acalmias, entre as vagas de bombardeiros, aplicavam ansiosamente os ouvidos para o lado das linhas russas. O plano da contraofensiva da Pomerânia era como uma réplica em ponto menor, minúsculo, da gigantesca operação descrita pelo general Steiner: as forças alemãs do setor de Stargard tinham atacado de dois lados para tentar colher em tenaz as unidades russas de frente. Diante dessa ameaça iriam elas retirar-se? Os ruídos provindos do lado russo, que continuaram a fazer-se ouvir depois de acabado o bombardeio de Stargard, não eram tranquilizadores. Os homens metidos nas covas conheciam bem o estrondo das massas de tanques em movimentos, porém esse movimento ia indiscutivelmente de leste para oeste. Os russos não se retiravam de modo nenhum da bolsa onde pretendiam encerrá-los: pelo contrário, precipitavam-se nela.

Durante todo o dia 17 as Panzer lutaram furiosamente para conseguir cercar o inimigo. Debalde. A bolsa dilatava-se, continuamente desbordava e explodia, mas o corredor atrás dela não se fechava.

Sobre o lamaçal do campo de batalha, os Stukas atravessavam como flechas, martelando os tanques Stalin. Mas pareciam invulneráveis e eram em cada

quarto de hora mais numerosos. As girândolas em forma de macieira dos órgãos de Stalin espalhavam a morte. Companhias de Waffen SS eram lançadas no espaço infernal, progrediam em meio aos fogos cruzados com notável ciência militar, para irem atacar os tanques russos quase à queima-roupa a tiros de Panzerfaust. O Panzerfaust era um longo tubo que se punha ao ombro e lançava uma espécie de grande ovo, granada de enorme potência percutante e explosiva. De trás do tubo saía uma chama de vários metros de comprimento. Em outras palavras, o atirador devia operar em espaço descoberto para não se arriscar a ser instantaneamente carbonizado por um retorno da chama. Era necessário disparar a quinze metros do objetivo. Por vezes o tanque rebentava ao primeiro tiro, mas ainda rebentado a chama indicava o soldado aos demais...

Os russos não só não recuavam, como avançavam. Seus tanques, contornando os tanques alemães calcinados, trituravam metro por metro as posições alemãs. Os grupos entrincheirados nas aldeias conquistadas na véspera viam as paredes fender-se sob os obuses, as traves girarem no ar em meio à fumaça.

O P.C. alemão recebia pelo rádio informes sobre a agonia de todos os pequenos postos. Alguns continuavam a emitir até à pulverização total — ou até ao suicídio dos ocupantes, pois muitos Waffen SS, de preferência a cair nas mãos do inimigo, estouravam os miolos quando a massa pré-histórica dos “Stalin”, seguida dos metralhadoras asiáticos, distava apenas alguns metros. Alguns sobreviventes desses dramas conseguiram recuar, alcançar as linhas alemãs rolando pela lama, depois de terem passado a noite de 17 para 18 em buracos, com água até ao pescoço.

Esta resistência desesperada continuou ainda durante uma parte do dia 18. Ao anoitecer, as divisões blindadas, ou, antes, o que delas restava, receberam ordem para se retirar: havia necessidade delas noutro ponto, em Küstrin.

Os russos tinham reconquistado todo o terreno até às suas posições do dia 15. A contraofensiva alemã falhara completamente. O comunicado alemão escassamente aludiu a esse malogro em algumas linhas, como se se tratasse de uma contraofensiva local de pequena importância.

Na realidade, a operação não fora outra coisa. Fica-se indeciso, perplexo e sem compreender, vendo as esperanças que o alto-comando alemão

depositara, ou parecera depositar, na contraofensiva de 16 de fevereiro. As forças empenhadas eram insignificantes com relação ao que tinham pela frente. Teria Hitler realmente pensado que lhe seria possível varar profundamente as linhas russas, isolar as forças de Jukov com duzentos e cinquenta tanques, quando o russo possuía milhares? Mistério.

Quanto à ofensiva da Hungria, que devia constituir a haste sul da gigantesca tenaz descrita pelo general Steiner, onde estava ela? Pois bem, nem sequer fora iniciada. Hitler tinha preferido esperar primeiro os resultados da operação Pomerânia.

Pelo menos, assim disseram os militares alemães que testemunharam sobre essa parte da guerra, todos acusando o Führer de se haver mostrado irresoluto. Mas é difícil discernir se o alto-comando alemão dispunha, em 16 de fevereiro, de meios suficientes para forjar o ramo sul da famosa tenaz. Um fato permanece certo: quando Hitler se resolveu a essa operação, começou por tirar tropas da frente leste a fim de reforçar o Grupo de Exércitos do Sul. E de onde as tirou? Do Oder. Do Oder ameaçado por todos os lados e já transposto numa parte de seu curso.

Às unidades empenhadas na Hungria vieram então juntar-se esses reforços, além das sete divisões blindadas de Sepp Dietrich, retiradas da frente ocidental. Ao todo, trinta divisões, das quais oito blindadas — massa de manobra impressionante, bem mais considerável que a empenhada na operação da Pomerânia. O principal agrupamento de ataque incluía sete divisões blindadas.

— Desta vez — declarou Hitler, — jogamos um lance decisivo. Nossa investida será irresistível.

Em resumo, os exércitos russos que tinham chegado ao Danúbio entre o Drave e o lago Balaton iam ser atacados de três direções, cercados e destruídos.

— Forçaremos a passagem do Danúbio — teria declarado Sepp Dietrich, — atravessaremos o Tisza e iremos até à Rumânia. Presentearei o Führer em 20 de abril, dia do seu aniversário, com os campos petrolíferos de Ploesti.

Se esta promessa não foi mantida, as intenções eram mais uma vez grandiosas.

O ataque foi desencadeado a 5 de março.

Os blindados alemães romperam através das linhas russas. Durante vários dias as Panzers de Sepp Dietrich progrediram, com dificuldade mas intrepidamente, cortando as primeiras barragens de tanques soviéticos. As outras flechas também avançavam.

A 15 de março os blindados alemães tinham atingido Herczed, a poucos quilômetros do Danúbio. Esboçava-se um movimento de cerco — e foi então que os tanques tiveram de parar e imobilizar-se por falta de combustível.

A reação russa foi fulminante, tomando a forma de uma série de golpes terríveis assestados de maneira ininterrupta contra os três eixos de ataques alemães. Exércitos de tanques e canhões motorizados surgiram por toda a parte, martelando as Panzers. Só os artilheiros do general russo Nideline destruíram 745 tanques. Repetiram-se, multiplicadas por dez em extensão, as cenas dramáticas da derrota da Pomerânia. Durante alguns dias as divisões Waffen SS defenderam o terreno palmo a palmo, a fim de cobrirem o recuo das outras unidades, mas por fim viram-se desmanteladas e feitas em pedaços. O avanço russo apenas foi obstado pela lama, as dificuldades do terreno e o atravancamento das estradas pelo material alemão destruído...

Tão logo cessou a marcha para a frente, Hitler rompeu em inventivas furiosas que todos os dias cresciam:

— Os homens do VI Exército blindado são uns covardes! — berrou. — Ordeno que devolvam suas condecorações e insígnias. Só poderão usá-las de novo quando tiverem reconquistado o terreno perdido.

No momento em que dava essa ordem, os artilheiros do VI Exército blindado não dispunham, por dia, de mais de seis tiros por peça. Os metralhadores carregavam suas bocas de fogo com munições levando esta etiqueta: “Atenção! Utilizáveis só para exercício”.

Trinta divisões tinham sido reunidas para a ofensiva, porém mais uma vez Hitler recusara ir ao fundo das coisas, calcular, inteirar-se de que os recursos do Reich acuado não mais permitiam lançar o monstro devorador dos exércitos em grandes operações, contra o inimigo que prodigalizava,

esbanjava material, munições, combustível e homens.

O Grupo de Exércitos do Sul fora literalmente submergido. Em vez de Sepp Dietrich avançando para Ploesti, via-se Malinoski avançando na direção de Bratislava e Viena. Colunas de fugitivos de uniforme, com ou sem oficiais, marchavam para a fronteira do Reich. A população fugia com as tropas. Para nada deixar ao inimigo, pilhavam-se de passagem os depósitos de viveres, roupas e calçados — até mesmo os depósitos de gasolina aos quais os caminhões-cisternas, destruídos na frente, não tinham podido voltar! Hitler podia trovejar à vontade, lançar anátemas contra as divisões e regimentos. Não restavam mais divisões nem regimentos, apenas grupos de homens em debandada. A maior contraofensiva transformara-se na maior derrota.

Em 23 de março, Guderian foi convocado ao bunker. Heinz Guderian era o homem que, nomeado chefe de estado-maior-geral após o atentado de 20 de julho, assinara a famosa ordem: “Todo o oficial do Grande Estado-Maior geral deve ser um oficial-chefe nacional-socialista. Não apenas por seus conhecimentos em tática e estratégia, mas também por sua atitude modelar em face dos problemas políticos e por sua cooperação ativa em inculcar aos jovens oficiais a doutrina política conforme às idéias do Führer, ele será um mestre e diretor para os demais oficiais...”

Quando entrou na galeria-sala de conferências, os olhares de todos os presentes se voltaram para ele. Todos estavam de pé, salvo Hitler. Sem qualquer preâmbulo, Hitler rompeu em violentas acusações a Guderian pelo malogro da contraofensiva da Hungria.

— Esta derrota é apenas a consequência lógica e inevitável de uma série de erros cometidos pelo comando supremo — replicou friamente o general.

Hitler ficou sem fala por alguns instantes, mas logo recomeçou a gritar:

— Intimo-o a explicar-se. A que erros se refere?

— Citarei em primeiro lugar a contraofensiva das Ardenas...

— Não era um erro!

— Era um erro. O terreno foi mal escolhido e os meios insuficientes. Atacar o inimigo do oeste sem aviação era ir ao encontro do desastre. . .

Hitler ergueu-se, apoiando as duas mãos na mesa coberta de mapas. Seu rosto flácido, envelhecido, fizera-se muito vermelho:

— A ofensiva podia ter tido êxito! E, além disso, a frente ocidental não lhe diz respeito!

Guderian levantou a voz, pôs-se a gritar mais ainda que Hitler:

— Muito bem, falemos então do que me respeita! Qualifico de erro grave e mesmo de erro desastroso a idéia de colocar o Reichsführer SS Himmler à frente do Grupo de Exércitos do Vístula. Ele não tinha a competência militar necessária.

Outra vez Hitler perdeu a fala, de sufocado. Os presentes não mais se atreviam a olhar para Guderian. Olhavam a mesa ou o soalho.

Guderian continuou impavidamente:

— Erro também o envio do VI Exército blindado das Ardenas para a Hungria, quando ele fora prometido à frente do Vístula. Erro, ainda, ter deixado inutilmente em Courlande divisões de que essa frente não tinha urgente necessidade. Erro, sempre, ter sacrificado a população da Prússia Oriental em vez de a evacuar a tempo, e desperdiçar outras vidas humanas num emprego insensato do Volkssturm. . .

— Cale-se!

Jodl e os demais esperavam que o Führer mandasse chamar imediatamente os SS, dando-lhes ordem para prender Guderian. Mas Hitler tornou a sentar-se, como esgotado. Houve um longo silêncio.

— Constató que o senhor não compreende absolutamente as minhas concepções — disse por fim o chefe supremo da Wehrmacht.

Pôs-se de novo a falar, sem gritar, mas com uma espécie de veemência queixosa. Decididamente, ninguém o compreendia. A situação agravara-se

justamente porque os generais nunca executavam exatamente as suas ordens. Reportando-se quase ao começo da guerra, lançou-se numa longa defesa pro domo:

— Eu sabia o que estava fazendo ao deixar exércitos em Courlande e noutros pontos. O senhor e outros que tais nunca quiseram compreender o significado das forças deixadas nas costas do inimigo. Elas imobilizavam importantes contingentes. Não foi graças a forças deixadas nas retaguardas do inimigo que pudemos manter a linha de inverno em 1941-1942? Não foi também resistindo em Stalingrado, que pudemos evitar o desmoronamento da frente meridional a leste, em 1942?

Guderian não respondeu. Se o Führer achava que Stalingrado fora um êxito estratégico, não era evidentemente possível discutir. Quando Hitler acabou, enfim, seu monólogo, o general declarou simplesmente que mantinha o seu ponto de vista.

— Bem — concluiu Hitler, — pode retirar-se. Eu lhe darei a conhecer minhas decisões.

Guderian não foi detido. Hitler destituiu-o simplesmente, pondo em seu lugar, à frente dos exércitos de leste, o general Krebs.

Hans Krebs fora adido militar em Moscou antes da guerra. Speer qualificara-o de “general do tipo flexível, hábil em sobrenadar”. Podia-se, portanto, dizer que era o homem da situação, atendendo a que os exércitos cujo comando Hitler lhe confiava agora, não passavam, quase em toda parte, de rolas, destroços flutuantes ao sabor da maré.

No sul, o refluxo da derrota espalhava-se em redor de algumas ilhotas de resistência de contornos indiscerníveis. Na Prússia Oriental, Gdynia e Danzig estavam prestes a cair, começava o cerco de Königsberg. Os russos tinham liquidado sistematicamente tudo o que existia de alemão a leste do Oder, atravessado em vários pontos.

Krebs telegrafou para toda a parte às ordens de Hitler, de um rigorismo fantástico. Toda a estratégia e toda a tática haviam desaparecido, para dar lugar a uma única palavra: “Resistir”. Os grupos desbordados, cercados,

deviam deixar-se chacinar no local. Os generais que cediam terreno eram destituídos, desautorizados ou mesmo presos. Em um mês, certo corpo de exército da Pomerânia mudou dezoito vezes de comandante. Os chefes de unidades terminaram por não mais saber de quem dependiam. Recebiam encolhendo os ombros as ordens inexecutáveis.

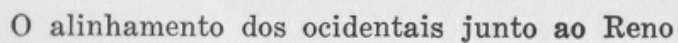
O único setor onde se manifestava ainda uma resistência organizada era a cabeça-de-ponte em redor de Altdamm, a leste de Stettin. Os Waffen SS, entre os quais muitos não alemães, lutavam nesse ponto de acordo com as ordens supremas, isto é, seus regimentos eram aniquilados no local uns após outros. Os Fugitivos da Wehrmacht esgueiravam-se para a retaguarda na batalha. Os Feldgendarmes apanhavam-nos, e, de acordo com as ordens, enforcavam-nos sem perda de tempo. A ambos os lados da ponte que ligava Altdamm e Stettin, cadáveres eram pendurados para exemplo, com um cartaz ao pescoço dizendo: “Covarde”.

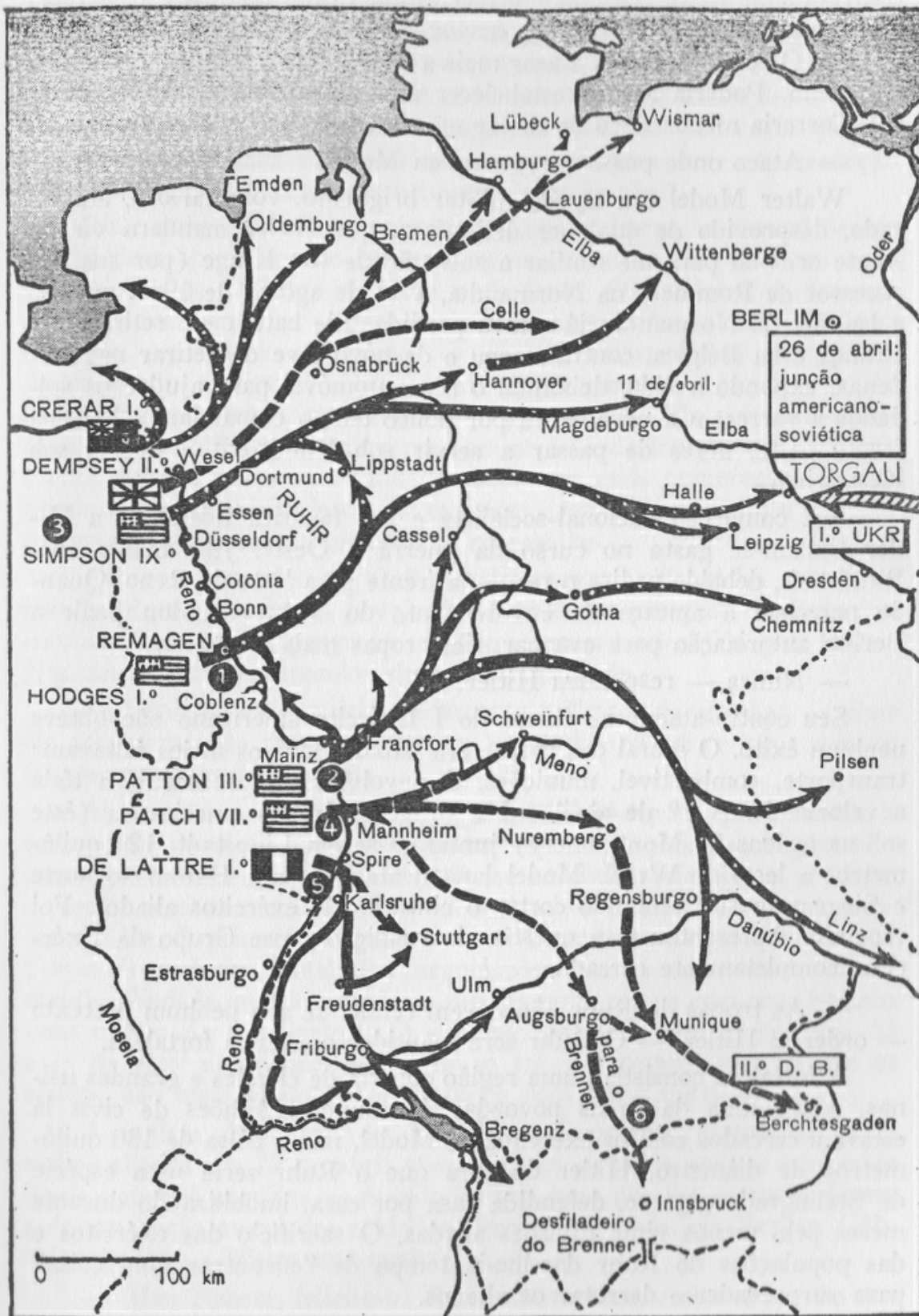
Este inferno durou cerca de cinco semanas. Em 22 de março, Altdamm, onde os Waffen SS ainda resistiam, não passava de um monte de entulho martelado pela artilharia e a aviação soviéticas. Os obuses e bombas abriam crateras nos escombros, em meio aos incêndios. Um cheiro insuportável subia dos porões. O campo de aviação, abandonado, estava semeado de carcaças de aviões carbonizados.

Na noite de 23 para 24, as derradeiras unidades Waffen SS receberam ordem de evacuar aquelas ruínas. Ao amanhecer alguns tanques abriram caminho e avançaram pela grande ponte de ferro, passando entre as filas de rígidos enforcados que punham para fora a língua roxa. Logo que o último passou, os Waffen SS fizeram saltar a ponte. Estremeceu, como desintegrando-se, e mergulhou no Oder. Na extremidade ocidental, alguns enforcados lívidos que a explosão não mandara pelos ares, balançavam ainda. Na margem oposta surgiam grupos de metralhadores russos, de arma em punho...

(*) Fatos referidos por Dwinger (Wiederschen mit Soviet-Russlimd). Não me

pareceu contrário à verdade histórica fazê-los relatar por um oficial anônimo, veterano da frente leste. Aqui, como em outros pontos, qualquer conversa, bem como os fatos que se seguem, foram reconstituídos com a ajuda do testemunho de antigos combatentes, relatórios militares e narrativas de historiadores.





CAPITULO V

Terra queimada

No COMEÇO da última semana de fevereiro de 1945 havia na frente oeste um general alemão, provavelmente o único da Wehrmacht que poderia declarar-se satisfeito com a situação em seu setor. Este setor, ao norte da frente, não era extenso, mas sua importância estratégica era grande. Durante duas semanas Eisenhower observara quotidianamente o mapa dessa zona, e a resistência das tropas de Alfred Schlemm — era o nome do general, — fizera-o passar, conforme ele mesmo escreveu, “os piores quinze dias de sua vida”.

Schlemm era paraquedista. Chefe de estado-maior do general Student por ocasião da conquista de Creta, comandara depois um corpo de exército em Vitebsk e em Smolensk em 1943. Quem o visse sem uniforme nunca o tomaria por alemão. Baixo, extremamente moreno, de rosto largo e nariz comprido, mais parecia um turco. Sob esta aparência exótica dissimulava-se uma personalidade e uma inteligência notáveis.

Quando, em novembro de 1944, ele fora mandado vir da Itália para assumir o comando do 1º Exército paraquedista, o marechal von Rundstedt explicou-lhe a situação em seu mapa:

— O senhor ocupa um setor defensivo. Deve manter a frente entre a confluência do Mosa e do Reno, aqui, até ao sul, em Koermond. Dispõe apenas de quatro divisões. Em caso algum deverá ceder uma polegada de terreno sem ser autorizado por mim.

Von Rundstedt não acrescentou que teria por sua vez de obter a aquiescência de Hitler, mas Schlemm já o sabia.

— Bem — respondeu o general, — tentarei aguentar-me. Para começar, vou mandar erguer uma série de linhas defensivas voltadas para noroeste. É impossível que os anglo-americanos não tenham um dia ou outro a idéia de desbordar a nossa frente pelo norte.

— Talvez — anuiu von Rundstedt.

Schlemm pusera mãos à obra. Deu-se a contraofensiva alemã nas Ardenas, depois o seu malogro. Schlemm continuou impavidamente a instalar suas linhas de resistência orientadas para noroeste, a tudo prever para um ataque vindo dessa direção.

— Acautele-se — disse-lhe em janeiro de 1945 o general Blaskowitz, comandante do Grupo de Exércitos. — O inimigo bem poderá atacar ao sul do seu setor, do lado de Roermond.

— O primeiro ataque virá através da floresta de Reichswald. É o lugar ideal para uma surpresa.

Justamente a 8 de fevereiro, ao amanhecer, Alfred Schlemm foi acordado pelo estridor de um canhoneio sem precedente na frente oeste. De onde vinha aquele ribombo? Da floresta de Reichswald. Schlemm comunicou imediatamente o fato a Blaskowitz pelo telefone, acrescentando.

— Isto cheira-me a grande ofensiva.

A intuição não o enganava. Eisenhower acabava de ordenar o desencadeamento da grande manobra estratégica destinada a concluir a guerra no Oeste.

Essa manobra dividir-se-ia em três fases: destruição das forças alemãs a oeste do Reno, ocupação da sua margem esquerda; conquista de cabeça-de-ponte a leste do Reno: avanço para o coração da Alemanha.

A primeira fase comportava por sua vez três ataques: o primeiro ao flanco norte da frente, pelo 21 Grupo de Exércitos (sob as ordens de Montgomery: I Exército canadense, II Exército britânico, além do IX americano provisoriamente adido a esse grupo); o segundo, no centro da frente, de

Colônia ao sul de Mainz, pelo 12 Grupo de Exércitos (Bradley: I e III Exércitos americanos); o terceiro, do Sarre a Friburgo, pelo 6 Grupo de Exércitos (Devers: VII Exército americano e I Exército francês). As tropas de Bradley e de Devers (menos o 1 Exército francês) deviam, uma vez conseguido o rompimento, convergir para cercar e destruir as tropas alemãs do Sarre.

O canhoneio ouvido do Schlemm era o prelúdio do ataque anglo-canadense na extremidade norte da frente. Na intenção de Eisenhower, esse ataque devia ser uma investida fulminante e decisiva que abalasse as tropas alemãs.

Os canadenses puseram-se em movimento no dia 8 de fevereiro às 10,30 h, após a preparação da artilharia e com o apoio de mil caças e caças-bombardeiros. Romperam muito facilmente as linhas alemãs na Reichswald, mas, a 9 desabou uma chuva diluviana e a aviação não pôde atuar.

Apenas duas estradas sulcavam a floresta, e Schlemm mandara-as cortar em diversos pontos. Em redor, o terreno estava lamacento e pantanoso e mesmo inundado em grandes extensões. Os canadenses avançavam passo a passo através da água gelada que lhes subia até ao ventre, em meio à penumbra das árvores, sob o fogo intermitente e imprevisível das posições alemãs bem camufladas. Caíram frequentemente em buracos onde se afogavam. O general Crerar teve de mandar vir engenhos anfíbios de desembarque.

O lento e custoso avanço prosseguiu todavia. A floresta foi atravessada, Clèves caiu a 12 de fevereiro. Os canadenses viram-se então diante das tropas que Schlemm, nesse meio tempo, conseguira obter de von Rundstedt e lograra concentrar: dez divisões, entre as quais três de paraquedistas.

Estes paraquedistas, quase todos de menos de vinte e cinco anos, jamais haviam aprendido a saltar de um avião. O comando alemão continuava a qualificar de paraquedistas unidades destinadas a deslocar-se e a lutar unicamente no chão, por saber que o espírito de corporação e o culto de uma tradição ainda podiam insuflar uma coragem fanática a recrutas selecionados entre os jovens hitleristas mais robustos e destemidos.

Esses jovens recebiam uma formação do tipo Waffen SS, porém mais acelerada. Aprendiam de cor o decálogo afixado nas casernas: “Vós sois os

soldados de elite do exército alemão. Procurareis a luta acostumando-vos às maiores provações. A batalha será para vós o fim supremo ” Seus instrutores lembravam-lhes constantemente a memória e as façanhas dos guerreiros famosos que se tinham jogado do ar sobre a Holanda, a Bélgica e a França, que haviam conquistado Creta e detido os aliados em Cassino.

— A partir do instante em que se engaja nas tropas paraquedistas e chega ao meu regimento, cada soldado entra na nova ordem da humanidade — proclamava um tenente-coronel (von der Heydte) aos seus recrutas. — Daí em diante, para ele há só uma lei: a lei da nossa unidade. Ele deve repelir todo o ponto fraco do seu caráter, renunciar a toda a ambição pessoal e desejo pessoal. Deve convencer-se absolutamente de que a nossa luta é uma luta pela existência da nação alemã inteira e que o único fim possível para a batalha é a vitória das armas alemãs. Deve aprender a acreditar na vitória mesmo nos instantes em que o raciocínio lógico induz a crer na sua impossibilidade. Só o soldado instruído em filosofia e que tem fê política pode lutar como o exige esta guerra. É esse o segredo das tropas SS e das tropas do Exército Vermelho, e é a ausência dessa fê que tem causado a perda de tantas divisões alemãs.”

Em cada regimento, os recém-chegados ouviam discursos deste gênero. Nem todos ficaram igualmente galvanizados, inteiramente decididos a vencer ou morrer, pois muitos deles acabaram prisioneiros. Mas não há dúvida de que essa formação, aplicada, como dissemos, a jovens hitleristas convictos e selecionados, produziu resultados apreciáveis. Foram, sobretudo, as unidades paraquedistas que impediram ao norte da frente o rápido avanço desejado por Eisenhower, e que, ajudadas pelo tempo e as dificuldades do terreno, o transformaram, como disse o próprio comandante supremo aliado, numa “luta encarniçada e bravia em que se tornou necessário empurrar o inimigo metro por metro”.

O general Schlemm suportou o primeiro choque, aguentou-se, estabilizou sua frente e chegou mesmo a contra-atacar na região de Moyland, na estrada de Clèves a Calcar. O general canadense Crerar, por sua vez, teve de limitar-se a conter o arranco alemão. Eis porque, e como, a 23 de fevereiro de 1945, Alfred Schlemm podia declarar-se satisfeito com a situação de seu setor.

Justamente a 23 de fevereiro Schlemm recebeu durante o dia um telefonema de von Rundstedt.

— Os americanos atravessaram o Roer esta manhã.

O Roer é um rio que nasce nas Ardenas, ao norte de Saint-Vith e corre paralelamente ao Reno cerca de 50 quilômetros a oeste desse rio, entre Düren e Roermond. Segundo o primitivo plano de Eisenhower, o 12 Grupo de Exércitos deveria transpô-lo a 10 de fevereiro. Mas, em 10 de fevereiro, os alemães tinham mandado pelos ares as comportas da grande barragem de Schwammenauel, libertando cem milhões de metros cúbicos de água. O nível do rio subira de um metro e seu leito estendera-se por várias centenas de metros. O 12 Grupo de Exércitos precisou esperar o escoamento das águas, e isso até ao dia 23.

— Os americanos atacaram após um bombardeio de quarenta e cinco minutos — esclareceu von Rundstedt. — Atravessaram o rio numa frente de vinte e três quilômetros, protegidos por uma enorme cortina de fumaça.

— Acho isso inquietador — disse Schlemm.

— Eu também.

Schlemm podia facilmente compreender, bem como von Rundstedt, que embora ele tivesse podido manter-se e mesmo contra-atacar em seu estreito setor, era pouco razoável esperar que os aliados não conseguissem varar num ponto qualquer da frente. Pareciam decididos a pagar o custo da operação, e a demais tropas alemãs empenhadas no Oeste estavam longe de valer os paraquedistas.

A 24 de fevereiro, três cabeças de ponte conquistadas pelos americanos a leste do Roer foram reunidas entre si. A 25, o IX Exército americano executou uma conversão à esquerda e começou a investir para o norte, enquanto do norte os canadenses passavam de novo ao ataque; Schlemm, que acompanhava esses movimentos pelo mapa, telefonou a von Rundstedt:

— É necessário impedir a todo o custo a junção tentada pelo inimigo. Eu resisto aos canadenses com meus paraquedistas. O senhor dispõe de tropas suficientes para conter os americanos?

— Não — respondeu von Rundstedt.

— Sugiro então tirar das minhas unidades duas divisões blindadas e uma divisão de infantaria e lançá-las para o sul.

— De acordo.

Qualquer tática e estratégia são válidas na medida em que o inimigo não possa tirar vantagem imediata, servindo-se de forças superiores, das transferências de unidades de um ponto para outro da frente. Alfred Schlemm, durante os dias que se seguiram, capacitou-se de que lhe faltava um elemento essencial para garantir o êxito de sua manobra: os efetivos. As divisões que ele enviara para o sul tinham sido varridas. Ao norte, seus paraquedistas tinham de recuar diante da pressão canadense. Em 2 de março os americanos atingiam o Reno perto de Neuss, na altura de Düsseldorf. A 3, os canadenses e americanos operavam sua junção em Geldern, 30 quilômetros a noroeste de Duisburg. Schlemm telefonou outra vez a von Rundstedt:

— Se o senhor tem um mapa em sua frente, pode constatar que a situação é muito clara: minhas divisões estão cercadas, com o Reno pelas costas. Em semelhantes condições eu nada posso tentar contra forças inimigas incomparavelmente superiores. Autorize-me a recuar para leste do Reno.

— Preciso de consultar Berlim a respeito — respondeu von Rundstedt.

A resposta de Berlim só chegou no dia seguinte, e consistia numa longa exposição visivelmente ditada pelo próprio Führer. Sua substância era a seguinte:

“O general Schlemm não pode recuar suas tropas para leste do Reno. Pelo contrário, deve resistir a todo o custo a oeste do Reno, mantendo aí uma cabeça de ponte pelo menos de Krefeld a Wesel. Esta cabeça de ponte é indispensável para a proteção do tráfego carbonífero pelo Reno entre as minas do Ruhr e o canal do Lippe, ao sul de Wesel. O carvão é remetido daí, pelos canais, até aos portos de Hamburgo, Bremen e Wilhelmshaven, onde são construídos ou reunidos os submarinos alemães do último modelo. O prosseguimento da luta submarina é um elemento vital na resistência aos inimigos do Oeste. Ela pode obter resultados susceptíveis de influir no desenlace da guerra. O general Schlemm não pode ignorar esta visão de conjunto e deve inspirar-se nela para resistir vitoriosamente na cabeça de

ponte”.

No começo de março de 1945, as minas de Ruhr estavam sendo submetidas a um espantoso martelamento aéreo. A produção caíra de 22 000 vagões de carvão em 1943 para 3 000 vagões. Tôdas as vias aquáticas e as represas eram quotidianamente atacadas, as barcaças apenas podiam navegar alguns dias por mês.

Os técnicos alemães haviam concluído diversos tipos notáveis de submarinos, como o “elétrico XXI” e o “elétrico IX”, além do submarino de bolso Seehund: não tinham cessado de aperfeiçoar o dispositivo Schnorchel, permitindo utilizar os Diesel em mergulho. Porém, uma chuva de bombas desabava todos os dias e noites sobre os portos onde eram reunidos esses navios. Em Hamburgo escassamente se montava uma dezena de submarinos por mês e vários deles eram destruídos pelos bombardeios mesmo antes de lançados. Ao todo, apenas cento e trinta submarinos estavam disponíveis. Uns cinquenta encontravam-se no mar. No decorrer do mês de fevereiro, apenas dezessete submarinos de alto-mar lograram atingir as zonas de operações fixadas, por causa do aperfeiçoamento dos meios de detecção e destruição aliados. Hitler continuava no entanto a pensar que a luta submarina ainda podia influir no desenlace da guerra.

Acreditasse ou não nas assertivas contidas no memorandum do Führer, o certo é que o general Schlemm se esforçou por executar a ordem de resistir. Movimentava-se de um lado para outro ao longo da cabeça de ponte, mas o sacrifício das suas melhores unidades não conseguia abrandar a pressão inimiga. Os blindados americanos impeliam continuamente a linha da sua frente para leste, subindo o curso do Feno. Ao cabo de alguns dias, a extensão do rio ocupada pelas tropas alemãs não ia além de trinta quilômetros. Alfred Schlemm foi mais uma vez ao telefone:

— Considero que as razões para manter a cabeça de ponte estão superadas, disse ele a von Rundstedt. — A artilharia americana, instalada na margem ocidental em ambos os lados das nossas posições, cobre inteiramente o rio e impede qualquer tráfego. Insisto em que me seja permitido recuar para a margem leste.

Aqui está o que respondeu Berlim:

“1. Nada de recuo para a margem leste. A cabeça-de-ponte deve ser mantida. Persistem razões imperativas.

“2. Em caso algum qualquer ponte sobre o Reno deve cair intacta nas mãos do inimigo. Se uma única ponte for conquistada intacta, o general Schlemm responderá por ela com sua cabeça.

“3. Só no derradeiro instante deverão ser destruídas as pontes ameaçadas, a fim de permitir: a) a passagem para oeste dos reforços e aprovisionamentos destinados às divisões que defendem a nossa cabeça de ponte; b) a passagem para leste da maquinaria industrial evacuada.”

O general Schlemm releu duas ou três vezes essa pequena obra-prima, apreciando-a como entendido.

— Visto existirem nove pontes sobre o Reno no meu setor — disse ele mais tarde, — eu via desaparecer rapidamente tôdas as minhas esperanças de longa vida.

Contudo, obedecendo ao seu temperamento de homem de ação, considerou-se mais uma vez no dever de executar a ordem. Mandou assim minar tôdas as pontes e instalar junto a cada uma um posto de rádio.

— Vou levar meu Q.G. para Rheinsberg, no centro do nosso setor — disse ele aos oficiais encarregados da destruição. — Um operador deverá garantir dia e noite a escuta das minhas emissões. À primeira ordem provoquem a explosão sem esperar a segunda.

A organização começou quase imediatamente a funcionar. Era impossível impedir os americanos, que punham em ação recursos cada vez mais impressionantes, de continuarem avançando. Já não era pouco os paraquedistas conseguirem retardar esse movimento. As pontes sobre o Reno iam pelos ares umas após outras, no último segundo, de acordo com as ordens.

Em 5 de março o general Blaskowitz telefonou do Grupo de Exércitos.

— Berlim pergunta que tropas e material estão atravessando pelas suas pontes na direção leste. O senhor recebeu ordem para resistir na cabeça de

ponte e não para evacuar.

— Justamente, continuo a resistir — replicou Schlemm. — Mas Berlim não parece dar-se conta de que a nossa cabeça de ponte encolhe de hora em hora como uma pele de chagrin. Por isso mandei evacuar uma parte do pessoal de Intendência, tornado inútil. O material que atravessa com essas tropas constitui-se de tanques imprestáveis para o combate, canhões sem munições, caminhões que nada mais têm para transportar e carros-tanques vazios. As bombas e os tanques americanos destroem todos os dias parte dessas armas e desses veículos que podem ser úteis noutros pontos. Além disso estou atravancado, quase impossibilitado de mover-me. Se me obrigarem a conservar esse material, não mais me responsabilizarei pela defesa na cabeça de ponte.

— Está bem — disse Blaskowitz. — Vou tentar explicar isso a Berlim.

No dia seguinte tornou a chamar o general Schlemm.

— Aqui lhe dou a resposta do G.Q.G. O Führer examinou pessoalmente a situação do seu setor. São suas próprias ordens que vai receber.

Quando Alfred Schlemm desligou e leu o despacho vindo do G.Q.G., não pôde deixar de encolher os ombros.

“O general comandante do I Exército paraquedista — dizia a ordem, — é autorizado, a seu pedido, a evacuar uma quantidade especificamente limitada de material e pessoal.

“No que respeita ao material, o general deverá fornecer uma lista completa dos veículos e armas danificados, ou que não podem continuar a ser utilizados por falta de combustível ou de munições. O comando supremo examinará essa lista e dará a conhecer a sua decisão.

“O general deverá igualmente providenciar uma lista nominativa do pessoal de Intendência cuja evacuação deseja. Só a poderão integrar homens impróprios para o combate. Cada chefe de unidade deverá assinar um certificado declarando estar o homem evacuado fraco demais para continuar combatendo.”

Pedir aos chefes de unidades que organizassem listas nominativas e assinassem certificados era completamente ridículo, quando milhares de homens aptos e inaptos para combater, mas não dispendo de mais uma bala para atirar, se abrigavam por toda parte, conforme podiam, atrás das linhas dos paraquedistas, ainda resistindo. Pretender que fosse feita uma relação do material a evacuar não era menos ridículo, quando os projéteis aliados, de hora em hora, transformavam um pouco mais desse material em ferro velho. Os sapadores já estavam destruindo a dinamite, onde isso era possível, as carcaças e veículos inúteis, a fim de darem lugar ou passagem aos canhões e tanques ainda passíveis de fornecimento em munições e combustível.

O general Schlemm respondeu que as listas e relações logo seriam fornecidas e continuou a evacuar gente e material, porém mais lentamente do que teria desejado e do que era necessário. Em 8 de março a cabeça de ponte ao longo do Reno não passava de um delgado retângulo de vinte quilômetros de comprimento, incrivelmente superpovoado e atravancado. Os Q.G. de três divisões abrigavam-se numa pequena refinaria de açúcar, tendo tôdas as comunicações com suas tropas cortadas pelo bombardeio. Cada projétil fazia devastações naquele alvo compacto. Schlemm recorreu pela última vez ao telefone, chamou Blaskowitz e descreveu-lhe a situação,

— Eis ao que chegamos. E acrescento isto: resta apenas uma ponte utilizável atrás da cabeça de ponte, a de Wesel. Se ela for alcançada por uma ponta inimiga e eu tiver de a mandar pelos ares conforme as ordens, não haverá mais recuo possível. Meus efetivos estão perdidos para o comando. Sucede que eles ainda comportam tropas experimentadas, que seriam muito úteis para dificultar ao inimigo a travessia do Reno nesta região.

— Berlim é sistematicamente hostil a qualquer proposta de recuo — declarou Blaskowitz.

— Peço-lhe que repita aos superiores tudo quanto acabo de dizer- lhe. Se não me acreditarem, se pensam que estou enegrecendo propositadamente a situação, não tem importância: mandem-me um observador. Mas garanto-lhe que o tempo urge.

Um enviado do G.Q.G. chegaria a 9 de março, brilhante oficial metido num uniforme novo. A casa onde Alfred Schlemm o recebeu era sacudida pelas

explosões de bombas e obuses.

— Venha inspecionar as linhas comigo — disse o general.

O outro supunha que iriam de automóvel.

— Não se pode e aliás não seria preciso. As primeiras linhas ficam muito perto. Iremos a pé e será muita sorte que não tenhamos de arrastar-nos.

Com efeito, logo depois tiveram de arrastar-se. Schlemm observava disfarçadamente o companheiro cujo uniforme se ia cobrindo de lama. Os dois homens estendiam-se em algum buraco quando o bombardeio se tornava infernal.

— Então — perguntou o general ao voltar, — que lhe parece?

— Admito que a situação é desesperada e é necessário recuar as tropas da cabeça de ponte.

A evacuação, prevista e organizada competentemente por Schlemm, começou sem demora. Tôdas as suas divisões atravessaram o Reno pela ponte de Wesel. Passaram as derradeiras unidades que cobriam a retirada, e atrás delas a ponte voou.

Foi essa a última operação comandada pelo general Alfred Schlemm, dos paraquedistas. Podemos considerá-la a derradeira manobra querida e realizada metodicamente por um general alemão na frente Oeste.

Salvo em alguns regimentos de paraquedistas e de Waffen SS, o moral das tropas alemãs era muito baixo. Não há nada pior para o moral, nas circunstâncias difíceis, que o desmoronamento do que brilhou para nós como uma esperança de salvação. A contraofensiva das Ardenas fora essa última esperança. A derrota quebrou a fibra patriótica da maioria dos combatentes alemães da frente oeste.

O comando, percebendo isso, tentou disfarçar a realidade e mesmo apresentar essa derrota no Oeste como um êxito estratégico: “O inimigo foi obrigado a empenhar as suas reservas. Sessenta e cinco por cento das forças inimigas que

estão no continente foram lançadas contra a nossa saliência. O perigo de uma ofensiva ocidental coordenada com um avanço bolchevista foi afastado”.

Bastaria aos alemães, combatentes ou civis, ouvir os nomes das cidades alemãs de leste e oeste citadas no comunicado (ainda que este as comunicasse com atraso) para compreender que o perigo não fora de modo algum afastado, e que, pelo contrário, haviam começado as duas invasões coordenadas. E bastaria também que olhassem em redor para compreender que eram cada vez menores as possibilidades de obstar essas invasões. “Cada quilômetro de avanço na Alemanha custará aos aliados perdas de sangue — berrou Himmler numa proclamação ao Volkssturm. — Cada casa, cada herdade, cada vala, cada árvore e cada moita serão defendidos por homens, mulheres e crianças. Nunca, em parte alguma, um homem do Volkssturm tem o direito nem a permissão de capitular”. Estas palavras tinham tão pouca relação com a realidade quanto as ordens de Hitler sobre a cabeça de ponte de Wesel.

— Eu tinha 400 homens na minha unidade — contou o oficial do 41º batalhão de Volkssturm, que lutava a oeste do Reno no começo de março. — Justamente antes da batalha entregaram-me 180 carabinas dinamarquesas, porém sem munições. Dispúnhamos também de quatro metralhadoras e cem Panzerfausts, mas nenhum dos meus homens sabia atirar de metralhadora e todos receavam servir-se do Panzerfaust. Que fazer com as carabinas sem munições? Os homens voltaram para suas casas.

Apareceu depois uma ordem geral dizendo que a Cruz de Ferro podia ser concedida a todos os soldados que, isoladamente ou em grupos, conseguissem abrir caminho para as linhas alemãs depois de cercados pelo inimigo, ou após o esmagamento da sua unidade. Os oficiais da frente encolheram os ombros:

— Nesse caso, todos os homens que não estão mortos nem prisioneiros mereceriam a Cruz de Ferro.

Outra ordem anunciava que os soldados que tivessem dado prova de valentia receberiam... a fotografia assinada do marechal von Rundstedt. Um general da frente escreveu ao escalão superior: “Minha opinião é que a escolha dessa recompensa não foi feliz. Os homens não podem usar a fotografia do marechal nas linhas. Por outro lado, nenhum pedido dessas fotografias foi recebido até agora. Pelo momento, a divisão não espera que uma recompensa desse gênero

possa melhorar o tiro dos soldados. As tropas só podem ser levadas a atirar melhor pela criação de condições mais equitativas de luta”.

As recompensas não pareciam produzir qualquer efeito; o comando recorreu às ameaças, e, extraordinariamente, à ameaça de morte. O castigo supremo, reservado no começo, como em todos os exércitos, à deserção, à traição e às faltas mais graves, tornou-se aplicável aos oficiais e soldados culpáveis de não terem feito saltar a tempo uma ponte, de terem recuado sem ordens, de haverem dado ou utilizado falsas permissões. Em 5 de março de 1945, uma circular aos Exércitos do Oeste anunciou que todo militar, encontrado longe da sua unidade e alegando estar à sua procura, fosse julgado e sumariamente fuzilado.

Na frente oriental, os feldgendarmes enforcavam os fugitivos que lhes caíam nas mãos. Não parece que a pena de morte tenha sido frequentemente aplicada no Oeste. De 8 de fevereiro a 10 de março, os exércitos anglo-americanos fizeram 50 000 prisioneiros de guerra. As perdas alemãs durante esse período elevaram-se a 50 000 mortos ou feridos.

Os demais setores dessa frente estavam muito longe de ser defendidos com tanta inteligência quanto o do general Schlemm. Numerosas unidades foram cercadas e capturadas ou destruídas a oeste do Reno. Apenas quinhentos homens da D divisão de paraquedistas conseguiram atravessar o rio.

O oficial responsável pela destruição da ponte Ludendorff, em Remagen, era o major Schöller. Ele recebera ordem para dinamitar essa ponte de trezentos metros de comprimento antes da passagem das tropas americanas, e respondia com sua cabeça pela execução dessa ordem. Até esse momento a ponte devia ser mantida intacta, a fim de permitir a evacuação das tropas alemãs em retirada. As instruções precisavam que as cargas explosivas só deviam ser postas no lugar “no último instante”, de modo a evitar uma destruição prematura. Em Colônia, bombas lançadas por aviões aliados tinham feito voar antes do tempo uma ponte minada, cortando a retirada a duas divisões.

A cidade de Remagen fica na margem ocidental do Reno e o P.C. do major Schöller estava instalado na margem oriental. Esse oficial começou perguntando-se como poderia tentar salvar a própria cabeça, executando fielmente as instruções. Por fim, mandou minar não a ponte mas as

proximidades da ponte em Remagen, fazendo dispor obstáculos antitanques. Esperava ser assim advertido da chegada dos blindados inimigos, com tempo suficiente para colocar as cargas e fazer voar a ponte.

A 7 de março, pelas 15 horas, o major ouviu, destacando-se do ribombo longínquo do canhão, o crepitar de uma fuzilaria que parecia vir de Remagen. Correu para a extremidade leste da ponte acompanhado do capitão Friesenham, do 12 de Engenharia, e olhou pelo binóculo. A extremidade ocidental parecia calma e deserta. Nenhum tanque à vista.

— Alguns atiradores inimigos devem ter-se infiltrado na cidade — disse Schöller, — mas ainda é cedo para instalar as cargas. Poderiam chegar aviões, e devemos dar tempo à guarnição de Remagen para se retirar, se for o caso. De qualquer modo, olho neles. Mande preparar as cargas.

O capitão afastou-se. Pouco depois Schöller voltou ao seu P.C. Daí a instantes veio de novo à ponte e andou assim de lá para cá três ou quatro vezes, perplexo e hesitante. Continuava a não ver ninguém. No entanto, como a fuzilaria prosseguisse e parecesse mesmo tornar-se mais forte, o major resolveu-se. Mandou dizer ao capitão da engenharia que instalasse as primeiras cargas.

Cinco minutos depois um plantão entrou na sua sala, esbaforido:

— O capitão manda perguntar se o senhor sabe onde estão as cargas. Ninguém as encontra.

— Como assim? Que estupidez!

Schöller correu para fora da sala, e nesse mesmo instante várias explosões sacudiram o P.C.

— Há cargas inimigas do outro lado da ponte! — bradou um tenente esgazeado para o major. — Estão atirando contra nós.

Passaram-se alguns minutos de confusão e desvario. O capitão Friesenham encontrara algumas cargas, não tôdas, e mandara confeccionar outras à pressa. Alemães fugiam pela ponte, diante de americanos a pé que disparavam sobre

eles. Um grupo de sapadores alemães avançou debaixo do fogo trazendo as cargas. Foram vistos desaparecer debaixo de um arco. Os americanos progrediam na ponte, os sapadores regressaram dizendo ter colocado as cargas.

— É necessário colocar outras — declarou Schöller. — A vida de todos nós depende disso.

Impossível. Os americanos eram cada vez mais numerosos na ponte e atiravam sem descontinuar. Os tanques continuavam atirando sobre o P.C.

— Façam explodir as cargas já colocadas! — ordenou Schöller.

Ouviu-se a explosão, a ponte estremeceu. O taboleiro saltou apenas um terço da sua largura, entre o centro e o pilar de leste. A passagem não fora cortada. Já os tanques americanos avançavam, entre os atiradores a pé que se enfileiravam aos lados...

Eisenhower contou que estava em seu Q.G. de Reims preparando-se para jantar quando Bradley lhe telefonou. “A notícia da tomada de uma ponte intacta pareceu-me quase incrível; Bradley e eu já havíamos encarado esse fato como uma vaga possibilidade, mas nunca como uma esperança fundada”. A ponte de Remagen não estava em setor onde houvesse sido prevista uma forte investida, porém o comando aliado modificou instantaneamente seus planos. Ordenou a Bradley que mandasse passar pelo menos cinco divisões para o outro lado do rio.

A conquista da ponte de Remagen foi um dos episódios importantes da guerra, que avançou de diversas semanas o programa de invasão aliado.

As divisões alemãs recuadas para leste do Reno nesse setor estavam sendo reformadas e rearmadas na medida em que ainda era possível reformar e rearmar unidades alemãs nessa época. No local, para se oporem à irrupção do 1 Exército americano, não havia mais de mil homens de um regimento de Engenharia, além de alguns grupos de D.C.A.; nenhum canhão antitanque. Como os bombardeios aliados tivessem destruído as comunicações, von Rundstedt só recebeu a notícia da conquista da ponte Ludendorff no dia 8. Ordenou logo que fossem lançadas várias divisões — tiradas de outros setores

da frente oeste, na direção de Remagen.

A ambos os lados do Reno iniciou-se uma corrida para esse setor. Os alemães tinham partido com atraso e não estavam à altura das circunstâncias. Em 9 de março, a cabeça de ponte americana tinha já cinco quilômetros de profundidade.

A artilharia alemã de longo alcance atirava sobre a ponte Ludendorff. Com seus binóculos, os observadores alemães podiam ver as tropas americanas de engenharia trabalhando na construção de uma ponte de barcas em Remagen. Essa ponte flutuante de 300 metros foi terminada em dez horas e onze minutos, cinco dias após a conquista da ponte Ludendorff. Os tanques podiam passar sobre ela. A grande ponte de ferro desabou enfim nas águas geladas do Reno a 17 de março, quando a sua destruição já era inútil.

A retirada de efetivos de um lado e outro para a batalha da cabeça de ponte de Remagen tivera resultados desastrosos para o conjunto da luta a Oeste. Aliás, de qualquer maneira, os resultados só podiam ser desastrosos. Um dique não pode mais conter uma inundação quando o nível das águas sobe incessantemente e os defensores são obrigados a consolidá-lo, nos pontos onde ele cede, tirando os materiais do próprio dique. Tal é a imagem dos últimos esforços da resistência alemã diante do avanço aliado para o Reno.

Antes mesmo da ponte de Remagen ter sido conquistada, elementos do 1 Exército americano haviam entrado, a 6 de março, em Colônia. Os G.I. notaram com espanto o montão de ruínas em que se transformara a cidade. Em 8 de março, Bonn fora tomada. Mais ao sul, o III Exército americano (Patton), que ocupara Trêves no dia 6 encontrou diante de si uma frente desguarnecida e rompeu a toda velocidade ao longo do Mosela, na direção do Reno. A 14, toda a margem esquerda do Mosela fora conquistada até Coblenz.

— Opere uma conversão para o sul com a ala direita do seu Exército — telefonou Eisenhower a Patton. — O VII Exército, ao sul do seu, avança para o norte.

Sempre o envolvimento. O cerco é o leit motiv da guerra de movimento. A manobra ordenada por Eisenhower devia apanhar em tenaz as tropas alemãs separadas no triângulo Mosela-Linha Siegfried-Reno. As fortificações alemãs

dessa região iam ser contornadas exatamente como as da linha Maginot em 1940. Mais ao sul ainda, as tropas do general Monsabert (II corpo francês) passaram o Lauter a 19 de março e entraram na Alemanha.

O cerco desejado por Eisenhower foi realizado a 20, com as tropas de Patton e as de Patch operando sua junção a oeste de Kaiserslautern. Os alemães, trancados e fragmentados, rendiam-se em regimentos inteiros. Mais de 40 000 homens foram aprisionados numa semana. A 23 de março, Patton atravessou o Reno ao Sul de Mainz. A 25, apenas algumas unidades alemãs cercadas se defendiam ainda a oeste do grande rio.

Ao mesmo tempo, a cabeça de ponte de Remagen ia-se alongando, e a 24 Montgomery lançava a sua grande ofensiva para contornar o Ruhr pelo norte.

— O Reno foi mal protegido entre Mannheim e Mainz, porque se tinham enviado as reservas para a cabeça de ponte de Remagen — declarou Göring.
— Foi uma grande contrariedade para Hitler.

Diante das notícias que materializavam o desmoronamento da frente alemã a oeste do Reno, Hitler reagiu como era seu costume: sacrificando uma vítima. Que vítima? O general de Exército Alfred Schlemm não era um personagem bastante importante, nada se podia censurar-lhe pessoalmente, e além do mais, ferido, tivera de deixar o comando. Hitler escolheu o homem que enviara as reservas para Schlemm: von Rundstedt.

Todavia, von Rundstedt não agira sem consultar Hitler, e Hitler havia concordado. Porém, o marechal cometera o erro de propor o movimento — e que poderia ele fazer? Deixar o I Exército americano investir em flecha? Deixar um momento de ser apenas tuna espécie de telefonista transmitindo para todos os lados (com uma impassibilidade sarcástica) a ordem de Hitler de conservar o terreno a todo o custo. O velho chefe de setenta anos, já três vezes destituído e três vezes chamado, que dera numerosas provas da sua capacidade militar, não escondeu ter recebido com satisfação, a 20 de março de 1945, a ordem do seu afastamento agora definitivo.

Hitler sacrificou publicamente von Rundstedt, e outros chefes militares já haviam sido destituídos, caçados, aprisionados, ou iam sê-lo; mas esses chefes militares — ele agora odiava realmente quase todos — não seriam suas únicas

vítimas. De fato, o senhor da Alemanha estava resolvido a sacrificar, se fosse necessário, todo o povo alemão.

Em 24 de fevereiro de 1945, enviara a todos os Gauleiters do Reich uma circular concitando-os a galvanizar suas populações, a colocá-las, diante da ameaça de invasão a leste e a oeste, num estado de “furor teutônico”. A circular terminava assim: “Se o povo alemão desanimar, provará então não possuir um moral digno desse nome, e em tal caso merece a destruição”. Terríveis palavras, que foram julgadas insensatas. De fato, Hitler era lógico consigo próprio. Não se encontra no curso da História nenhum chefe doutrinário que o tenha sido mais.

A 16 de março, em nova mensagem aos Gauleiters, Hitler recomenda destruir, arrasar tudo o que pudesse, caindo nas mãos do inimigo, ser-lhe útil: as centrais elétricas e as usinas de gás, as manufaturas de tôdas as espécies, as minas, as estradas de ferro, os canais, as instalações de adutoras de água, os estoque de roupas e alimentos. Os generais receberam a ordem, transmissível a todos os chefes de unidade, de transformar em desertos as regiões que deveriam defender até à morte de seu último soldado. Cumpria destruir não apenas as pontes e tôdas as instalações enumeradas na mensagem aos Gauleiters, mas ainda os reservatórios de água, os armazéns de cereais, o gado, as padarias, tudo o que é necessário à existência. Paciência se as populações que tivessem sobrevivido aos bombardeios e às batalhas perecessem de fome e de sede.

A maior parte dos destinatários dessas ordens, para não dizer todos, ficaram aterrados. Passado o primeiro instante de estupefação, alguns telefonaram ao Ministério da Indústria e do Armamento pedindo confirmação. A resposta foi categórica:

— Fala aqui o ministro Speer. Não destrua nada. Essa ordem resultou de um mal-entendido. Em breve o senhor receberá uma contra-ordem.

Outros telefonemas chegaram durante o dia ao Ministério:

— Recebemos uma mensagem de Martin Bormann perguntando-nos, em nome do Führer, se havíamos começado a preparar as destruições. Que devemos fazer?

A resposta foi igualmente categórica, porém mais explícita:

— Não destrua nada, não tome qualquer disposição. A ordem foi dada em consequência de uma falta de informação de cima. A guerra já está perdida para a Alemanha, faça-se o que se fizer. A execução dessa ordem apenas resultaria num acréscimo de desgraça e de miséria para todos os alemães, nosso país nunca mais se levantaria. O senhor assumiria, em sã consciência, uma parte de responsabilidade nisso. Mesmo à custa de riscos pessoais, cumpra-lhe arranjar-se para não dar execução à ordem. Contemporize, envie relatórios falsos, mas não destrua nada.

Todos os destinatários, Gauleiters ou generais que se tinham conservado mudos, foram chamados ao telefone por Speer ou receberam dele mensagens concitando-os a nada destruir em seus setores. Nunca o ministro desenvolvera pessoalmente tamanha atividade. Procurava convencer uns, e não hesitava em ameaçar os outros: depois da guerra, os destrutores teriam de responder por seus atos diante do povo alemão.

Alguns declararam-se imediatamente de acordo, outros mostraram-se hesitantes, visivelmente indecisos entre o receio das sanções futuras e o das imediatas. Speer sabia perfeitamente não poder impedir estes durante semanas, nem era bastante ingênuo para não prever que a Gestapo logo informaria o Führer da sua campanha antidestrutiva. Em 18 de março remeteu a Hitler uma carta na qual lhe dizia que a guerra estava perdida, independentemente do que fosse feito, e que se não queria ver a nação fisicamente aniquilada, cumpria não destruir mas tentar preservar tudo o que pudesse permitir-lhe viver, mesmo precariamente, depois das hostilidades. Não era essa a primeira vez que Speer se opunha a decisões de Hitler, mas nunca o fizera assim a descoberto.

O próprio Alfred Speer explicou largamente o seu comportamento antes e durante a guerra, nas memórias que redigiu enquanto detido antes do processo de Nuremberg e em suas respostas a numerosos interrogatórios. Seus escritos e declarações contam-se entre os mais interessantes pelos pormenores exatos que contêm, porque, sobre os fatos, todos os outros depoimentos de acusados os confirmam, e também parece que a evolução descrita por Speer ao falar de si mesmo é sempre psicologicamente verossímil, com tonalidades que dão um ar de sinceridade. Se o conjunto da sua confissão fosse inventada, seria a

obra-prima de um verdadeiro escritor.

Em 1934, Alfred Speer contava vinte e nove anos e era arquiteto. O professor Troost, arquiteto pessoal do Führer, escolheu-o para fiscalizar a construção da nova Chancelaria de Berlim, Hitler, para quem a arquitetura era o fraco, e desejava que esse palácio testemunhasse a sua glória através dos séculos, interessava-se pessoalmente pelos trabalhos, vindo frequentes vezes ver a obra. Encontrou Speer, conversou com ele, convidou-o a almoçar e achou-o interessante. A fortuna do jovem arquiteto estava feita.

Contudo, Hitler não o utilizou como arquiteto, pois tinha idéias próprias sobre o emprego dos homens. De Ribbentrop, representante de champagne, fizera um diplomata. Colocou Speer nos serviços superiores do Ministério da Indústria, terminando por lhe confiar a direção geral da indústria e do armamento do Reich. Deve dizer-se que a escolha se revelou acertada. Speer fez girar como nunca a enorme máquina produtora alemã.

Alfred Speer sentia-se também muito feliz. Dotado de um notável temperamento de construtor e organizador, construía e organizava. Técnico e mesmo tecnocrata, a política só o interessava na medida em que servia à sua atividade. Todavia não escondeu que não achava, pelo menos no começo, a doutrina nacional-socialista má em si. Considerava-a boa para a nação alemã. Também não ocultou que não resistira ao “encanto” pessoal de Hitler, na época em que ele ainda se não tornara um esquizofrênico, atrabiliário e caprichoso. “Todos estavam sob o seu fascínio — disse ele, — e todos obedeciam cegamente, privados de vontade própria, seja qual for o termo médico que possa qualificar este fenômeno”.

O encanto foi quebrado no dia em que Hitler deu ordem a Speer não mais para construir e organizar, mas destruir e desorganizar — ou seja, no dia em que os exércitos alemães, vencidos, começaram a retirar-se dos territórios conquistados na Europa. Hitler queria que eles deixassem atrás de si apenas ruínas e deserto.

Speer declarou que não pôde resolver-se a deixar executar essas ordens sobretudo no que concernia aos territórios do Oeste, ricos, povoados e cobertos de edificações. Foi então que começou a lançar contraordens pessoais. H. R. Trevor Roper, oficial do Serviço Britânico de Informações,

encarregado pelo Intelligence Service Bureau de um inquérito sobre o fim de Hitler, escreveu textualmente, falando de Speer: “Sua autoridade protegeu as minas e as usinas da Bélgica e do norte da França, os canais da Holanda, as minas de níquel da Finlândia, o minério dos Bálcãs e os campos de petróleo da Hungria. E quando chegou o ano novo (1945) e os aliados entraram na Alemanha, Hitler e seu curioso amigo continuaram travando a mesma luta, silenciosa mas ferozmente, sobre o corpo de uma pátria.”

Speer liberta-se então do fascínio de Hitler, a ponto de o considerar um indivíduo perigoso e mesmo um criminoso nacional. Em fevereiro de 1945 pensou em suprimi-lo, embora não pela bomba e o punhal. Speer sabia que os condutos de arejamento do bunker de Berlim terminavam numa abertura situada nos jardins da Chancelaria. Bastava introduzir por esse orifício gás envenenado para asfixiar como toupeiras Hitler e seus sequazes. Speer preparou essa execução de arquiteto, metendo apenas no segredo alguns colaboradores firmes. Sucedeu, porém, que, antes do atentado, visitando o jardim viu que tinham erguido em torno do orifício uma chaminé protetora de quatro metros de altura, impossível de escalar sem atrair a atenção dos guardas SS. E renunciou.

Speer declarou espontaneamente, e eis uma tonalidade psicológica interessante que não renunciou apenas por causa dessa impossibilidade material. Alguns dias antes fora à frente Oeste, e percorrendo uma galeria subterrânea ouvira dois sapadores conversar, os quais na escuridão quase total, o não tinham visto chegar. A conversa dos dois homens, afirmou Speer, deixava ainda transparecer uma confiança incrível em Hitler: só ele compreendia o soldado e o operário, só ele era capaz, embora não dissessem como, de salvar o povo alemão da catástrofe. O assassino em potencial ficou muito impressionado. Quais seriam as consequências da supressão do Führer? Uma revolução diante do inimigo? Speer estava ainda perplexo sob essa impressão quando descobriu a chaminé erguida em torno do orifício do jardim — e isso influiu na sua decisão.

Apenas recebeu a carta de seu ministro, Hitler mandou-o chamar ao bunker.

— Com que então — disse-lhe ele, — o senhor está sabotando as minhas ordens? Anda espalhando por toda a parte que a guerra está perdida? Isso é uma traição!

Speer respondeu que a guerra estava realmente perdida e repetiu a argumentação desenvolvida em sua carta. Hitler deu um murro na mesa:

— Se a guerra estiver perdida, a nação perecerá também! Essa é a decisão inevitável. Não devemos preocupar-nos em conservar o que poderia permitir uma sobrevivência, mesmo primitiva, do povo alemão. Devemos, pelo contrário, destruir tôdas essas coisas, e destruí-las nós mesmos, visto a nossa nação ter dado provas da sua fraqueza. O futuro pertencerá à nação mais forte. De resto, só sobreviverão à batalha os seres inferiores, indignos de interesse. Os outros terão sucumbido.

— Nem todos os melhores terão perecido. É impossível sacrificar assim deliberadamente um povo inteiro.

Debalde o ministro tentou apelar para os sentimentos de humanidade pura e simples que ainda restassem na alma do Führer. Hitler recusou afastar-se um milímetro da sua implacável lógica de doutrinário. Repetiu o mesmo tema sob diversas formas, como tinha o hábito de fazer, com uma veemência cada vez maior. Speer calara-se.

Após um silêncio, Hitler disse mais calmamente:

— Em consideração às suas altas funções e ao apreço em que tenho as suas capacidades, consinto em esquecer o que o senhor disse e fez. Dar-lhe-ei uma oportunidade para se remir. Peço-lhe apenas declarar que a guerra não está perdida.

Speer não respondeu logo. Sabia ao que se arriscava e naturalmente sentia o coração palpitar. Martin Bormann, secretário particular de Hitler e partidário da destruição, não tirava os olhos dele. Os demais assistentes evitavam fitá-lo. Por fim Speer decidiu-se:

— A guerra está perdida, — disse ele lentamente.

Hitler ergueu-se:

— Dou-lhe vinte e quatro horas para refletir.

Speer retirou-se. Vinte e quatro horas depois enviou uma carta a Hitler na qual lembrava o desenrolar e o teor da conversa da véspera, e terminava declarando manter integralmente a sua posição. Esta carta figurou entre os documentos apresentados em Nuremberg.

Martin Bormann já redigira e difundira uma circular confirmando as ordens de destruição. No mesmo dia, o boletim da Wehrmacht publicou a notícia da execução de oito oficiais que não haviam destruído uma ponte de acordo com as ordens recebidas.

Speer não foi fuzilado nem enforcado, contrariamente ao que haviam esperado Bormann e alguns outros. Hitler conservava por ele, apesar de tudo, uma espécie de curiosa ternura. Achava que Speer possuía no íntimo, como ele próprio, um temperamento de artista. Por causa disso, repugnava-lhe liquidá-lo. Contentou-se em suspendê-lo de suas funções.

Vários dias decorreram assim, no provisório e na indecisão. Speer suspenso mas não demitido, continuava a despachar os assuntos correntes. Continuava também, numa espécie de semiclandestinidade, sua campanha de antidestruição. Lançou ordens em nome do estado-maior geral, para fingir por toda a parte explosões de grande porte. E nessa meia-clandestinidade chegou a mandar distribuir metralhadoras aos diretores de usinas, com ordem de se servirem delas contra os Gauleiters que tentassem fazer executar as instruções.

Em 29 de março, Hitler tornou a convocá-lo. Sem dúvida não ignorava que Speer não se arrependera, e a prova é que começou pedindo-lhe que se demitisse.

— Recuso-me — declarou Speer. — Nas trágicas condições que atravessa o nosso país, meu dever é continuar no meu posto.

Desenrolou-se então uma singular entrevista, diferente da de 18 de março, difícil de reproduzir exatamente em seus pormenores através dos documentos, mas que Hitler logo encaminhou para o plano sentimental. Parece que o Führer, outra vez de posse de uns restos do seu antigo poder de sedução, lembrou a Alfred Speer o bom tempo dos começos da sua amizade, suas conversas tão interessantes no canteiro da chancelaria em construção, os magníficos projetos que tinham elaborado juntos. Voluntariamente deixou de

aludir à diferença gigantesca, fundamental, que o separava de seu ministro suspenso, deixando isso na sombra. Speer, sem todavia se retratar explicitamente, admitiu o equívoco. A entrevista concluiu numa reconciliação, sempre sentimental e um tanto solene.

— Declarei-lhe — observa Speer, — que ele poderia sempre contar comigo no futuro, acontecesse o que acontecesse.

Speer era sincero nesta segunda efusão, ou estaria fazendo um jogo duplo? Impossível sabê-lo. O comportamento de todos os alemães que estiveram junto de Hitler permaneceu até o fim em parte inexplicável, e o próprio Speer tornará a surpreender-nos um mês depois, durante um último encontro com seu Führer. Pelo momento, um fato permanece: restabelecido oficialmente em 29 de março em suas funções, o ministro continuou sem perda de um segundo na sua campanha antidestrutora, com todos os meios de que dispunha.

Não é provável que Hitler tenha deixado subitamente de ser informado dessa atividade. Contudo, não se vingou do seu ministro. Por quê? Eis outra pergunta à qual é muito difícil responder. Talvez subsistisse nos refolhos da alma do doutrinário um vago escrúpulo, um remorso informulado que o levava a aceitar como uma espécie de álibi moral a sabotagem das suas ordens nilistas. Talvez fosse simplesmente porque, assaltado pelas notícias desastrosa que cada dia lhe chegavam de tôdas as frentes, Hitler não tivesse tempo de amadurecer uma decisão que hesitava em tomar. De qualquer modo, não revogou jamais as ordens cuja execução teria custado a vida de centenas de milhares de alemães.

Para substituir von Rundstedt no comando dos exércitos da frente Oeste, Hitler escolhera o marechal Kesselring.

Alfred von Kesselring, homem enérgico, de queixo quadrado, era marechal da Luftwaffe. General, comandara uma frota aérea por ocasião da invasão da Polônia, e depois, a oeste, quando da invasão da Bélgica e da França. Dirigira com Göring os grandes ataques à Inglaterra no verão de 1940. Nomeado marechal, vira seus esquadrões sobrevoarem a planície russa enquanto as tropas alemãs investiam contra Moscou. Hitler confiara-lhe depois o comando de exércitos terrestres, nomeando-o “Comandante-chefe do Sul”.

A campanha da Itália valera a Kesselring, na Alemanha, uma reputação de gênio militar. Os historiadores militares ocidentais admitiram que essa reputação não era usurpada, ao menos no que concernia à defensiva. Manobrando com habilidade, resistindo mais habilmente ainda nas linhas “Hitler” e “Gótica”, Kesselring forçara os aliados a uma campanha longa, penosa e extremamente mortífera.

Após o que sabemos dos pontos de vista de Hitler sobre o desenlace da guerra e sobre as hipóteses de subversão catastrófica que nessa altura o ocupavam, é lícito perguntar o que esperaria ele justamente de Kesselring, ao entregar-lhe o comando do Oeste. Fazer pagar a derrota alemã por um preço muito elevado em homens e material? A lógica militar não permitia esperar mais do que isso, e por outro lado a substância das ordens de Hitler, tanto a oeste como a leste, podia resumir-se cada vez mais exclusivamente em duas fases: “Não ceder uma polegada de terreno. Resistir em toda a parte até à última gota de sangue”. Mas não nos iludamos. O futuro provará que o esquizofrênico do bunker, mesmo quando a evidência da derrota se tornou clamorosa, mesmo quando ele próprio dava ordens que não passavam de expressão do desespero, nunca cessou, quase até ao derradeiro instante, de acreditar no milagre. Êle levaria sua insensatez até garantir que uma derrota dos russos no ataque a Berlim poderia alterar a seu favor a situação! Pode-se, portanto, admitir que Hitler nomeou o novo comandante-chefe, afagando esta idéia: “Kesselring conteve os anglo-americanos na Itália, portanto poderá contê-los a oeste. O prolongamento da guerra a oeste desanimará os aliados, o perigo da irrupção bolchevista os assustará e eles pedirão a paz”. Oitenta por cento dos alemães, como já dissemos, nutriam essa ilusão.

Kesselring assumiu seu comando a 21 de março.

— Em que ponto estamos? — perguntou ele ao chefe do estado- maior de von Rundstedt, que ficara no posto.

— Aqui tem o mapa, senhor marechal. As indicações estão mais ou menos em dia.

Traços vermelhos armados de flechas voltadas para leste apontavam para o Reno em diversas partes do seu curso. Do norte para o sul, de Wesel, Remagen, Mainz, Mannheim, Philipsburg. O traço de Remagen rompia já,

extensamente, a leste do Reno.

— Eis as principais forças inimigas — continuou o chefe de estado- maior.
— De acordo com nossos serviços de informações, o conjunto deve totalizar umas noventa divisões. Os nomes cercados de vermelho aqui e a leste e ao sul do Ruhr são os dos aeródromos e das estações de triagem que a aviação inimiga está bombardeando copiosamente desde o romper do dia. A destruição dos aeródromos tem apenas uma importância relativa, considerando o pequeno número de aviões que podemos pôr em linha. Mas um agravamento do nosso estado de comunicações, já bem precário, poderá conduzir rapidamente a resultados catastróficos.

Kesselring olhava o mapa. Com a ponta do lápis mostrou os traços verdes representando as forças alemãs a leste do Reno:

— Se não estou enganado, totalizo do nosso lado sessenta e cinco divisões nominais. A quantas divisões corresponde seu efetivo real?

— À metade desse número.

Durante a noite, várias mensagens fizeram conhecer que o ataque aéreo aliado contra os objetivos a leste do Ruhr continuara sem desfalecer, o dia inteiro. As triagens do Bocholt, Dulmen, Cösfeld, Halstern e Isselburg estavam em chamas. Todos os trens que procuravam circular nessa zona eram atacados por caças bombardeiros.

Kesselring trabalhou toda a noite, lendo os informes dos diversos setores e telefonando. Na manhã seguinte, quando acordou após um descanso de duas horas, entregaram-lhe um novo maço de telegramas anunciando que tôdas as concentrações de tropas do Ruhr eram bombardeadas. Mais de mil Fortalezas e Liberators eram assinalados em ação. “Não tornáramos a ver isto desde a preparação do desembarque na Normandia”, diziam comandantes de unidades. O martelamento continuou mais a leste. Das dezesseis pontes que permitiam o tráfego ferroviário com Ruhr, catorze estavam destruídas e as duas restantes danificadas. A grande região industrial achava-se praticamente isolada da Alemanha.

No fim da tarde, um telegrama do Grupo de Exércitos H informou que o

inimigo estendia uma enorme cortina de nevoeiro artificial obre o baixo-Reno, entre Duisburg e a fronteira holandesa.

— Ainda há comunicação telefônica com o Grupo de Exércitos H? perguntou Kesselring. — Sim? Chame-me então o general Blaskowitz.

A comunicação foi feita em dez minutos.

— É claro que o inimigo se prepara para atravessar o rio — disse Kesselring a Blaskowitz. — O 1 Exército paraquedista está preparado para repelir o assalto?

— Está preparado para resistir ao assalto. O 1 Exército paraquedista foi duramente sacrificado na batalha da Reichswald. É a melhor força de que dispomos na frente ocidental. Tudo depende do que vai desabar sobre ele. O senhor pode enviar-me reforços?

— Vou ver. Depois chamarei de novo.

Kesselring sabia que era completamente inútil pedir reforços a Berlim. Já era muito que Berlim não lhe houvesse tirado ainda algumas divisões para as enviar a leste. Por outro lado, dirigir tropas do centro da Alemanha para o setor de Wesel era uma empresa impossível por causa da destruição das pontes ferroviárias que serviam o Ruhr.

O marechal e seu chefe de estado-maior passaram o entardecer, a noite e quase todo o dia seguinte a telefonar, e examinar o estado dos efetivos, a esboçar planos para ver se não existia verdadeiramente algum meio de deslocar tropas ao longo do Reno. Mais uma vez, tratava-se de cobrir um ponto do dique imediatamente ameaçado, tirando o material do próprio dique. Mas chegara a hora em que nem sequer era mais possível recorrer a esse expediente. Todos os generais do Exército convidados a emprestar efetivos respondiam estarem eles próprios necessitados de reforços. O Grupo mais próximo ao longo do Reno não mais lograva conter a expansão da cabeça de ponte americana a leste de Remagen. No dia 23 às 18 horas, Kesselring teve de decidir-se a telefonar ao comandante do Grupo de Exércitos H que nada podia fazer por ele.

— Tanto pior — disse Blaskowitz resignado. — Faremos o que pudermos.

— Avise-me quando o ataque for desencadeado — terminou Kesselring.

Quando estava desligando, um ajudante de campo entrou em seu gabinete trazendo na mão outra mensagem: “O inimigo atravessou o Reno de surpresa na noite passada em Oppenheim sob um véu de fumaça artificial e com forte apoio de artilharia. Seus blindados sobem em marcha batida pelo vale do Meno. Nossas tropas esforçam-se por dificultar-lhe o avanço”. Eram os blindados do III Exército americano de Patton rompendo para o coração da Alemanha.

A 16 de março, uma circular emanada de Berlim fora distribuída na frente Oeste. Seu texto descrevia as condições em que ficaria o povo alemão no caso de capitulação: “Todo o potencial agrícola da Alemanha será posto à disposição de Moscou, e a fome, deliberadamente produzida, aplicada como meio de pressão. O trabalho alemão será utilizado para as reparações de guerra e Moscou deportará para a Sibéria, aos milhares, operários-escravos. Moscou destruirá todas as famílias pela deportação e a escravidão do trabalho. As mulheres alemãs serão arrebatadas por feras com aparência humana, violadas e assassinadas. As crianças alemãs serão tiradas de seus pais, deportadas e educadas para se tornarem bolchevistas. O povo alemão como comunidade orgânica será literalmente assassinado. Aquele que sobreviver nada tem a esperar na vida. Os sofrimentos e necessidades da situação atual nada são ao lado dos intuitos de exterminação dos nossos inimigos. A população inteira da Alemanha se levantará contra esse destino e lutará como um só exército nacional-socialista”.

Este documento era destinado a galvanizar as tropas, levando-as a preferir a morte a qualquer recuo ou rendição. Cumpre dizer que, na frente ocidental, o efeito foi quase em toda a parte diametralmente oposto. Dezenas e depois centenas de milhares de soldados alemães entenderam muito logicamente que, quanto mais depressa avançassem as divisões britânicas, americanas e francesas, menos alemães ficariam submetidos ao jugo bolchevista. Muitos dos que podiam render-se sem perigo de sanções imediatas começaram a fazê-lo.

Mas os jovens fanáticos do I Exército paraquedista não queriam render-se.

Estavam resolvidos a lutar, a fazer-se matar na margem direita do Reno para impedir o inimigo de ali tomar pé. Entrincheirados nas suas pequenas defesas escalonadas de leste para oeste, com o dedo no gatilho das suas armas, enquanto os obuses da artilharia de longo alcance passavam por cima com estrépito de trens, não arredavam os olhos da faixa de nevoeiro artificial que escondia a margem esquerda. Tudo o que emergisse desse nevoeiro era envolvido em seu fogo.

Na realidade, eles não podiam imaginar o que ia acontecer.

No começo da manhã de 23 de março, esses defensores da margem direita avistaram no céu, vindas do Ocidente, diversas esquadrilhas de enormes aviões escoltados por caças. Tal espetáculo não era novo nem surpreendente para eles. Um reide a mais, provavelmente destinado às retaguardas da frente. Os atiradores da Flak apontaram suas peças. Alguns notaram que os bombardeiros não eram de nenhum tipo inimigo conhecido.

Pouco antes de chegarem sobre o rio, as formações perderam altura descendo em deslize rápido. A Flak rompeu a atirar. Caças picaram sobre os canhões cuspidos seus obuses e os jatos de lume dos seus foguetes, enquanto outros prosseguiram com o bombardeio. De repente, vários quilômetros a leste do Reno, alguns objetos brancos surgiram no céu em meio aos flocos negros da Flak. Uns poucos, depois dezenas, por fim centenas. Os grandes aviões não eram bombardeiros, mas Curtis C 46 “Comandos” de novo modelo, portadores de paraquedistas. As forças aerotransportadas do general Brereton (6 divisão britânica e 17 divisão americana) eram as primeiras a atacar além do Reno.

Outras esquadrilhas passavam já sobre o rio, planando em descida, enquanto os caças arremetiam como gaviões furiosos contra as posições da Flak, e outras formações prateadas chegavam incessantemente do oeste, parecendo encher o céu. Os paraquedistas-infantes alemães viam passar sobre eles o que nunca tinham visto ainda, longos comboios de planadores rebocados por Halifax, Stirling e Dakotas. Tinham a impressão de que um verdadeiro exército estava pousando na sua retaguarda.

Seis mil aviões aliados participaram dessa operação. A técnica do ataque aerotransportado era perfeita. Os paraquedistas, mal chegavam ao chão, livravam-se de suas correias, dirigiam-se uns ao encontro dos outros,

formavam-se em grupos de combate, cercavam todos os espaços descobertos e estendiam grandes sinais brancos. Minutos depois os planadores aterravam, as tropas aerotransportadas desembarcavam e organizavam-se por sua vez. Sobre eles voavam já 240 Liberators, lançando armas pesadas e os aprovisionamentos. O pequeno exército assim constituído tinha por missão neutralizar a artilharia alemã destinada a apoiar os defensores da margem direita. E entrou imediatamente em ação.

Os soldados alemães entrincheirados ao longo do rio, com os olhos sempre cravados na longa nuvem artificial que se refazia cada vez que o vento ameaçava dissipá-la, ouviam agora atrás deles o ladrar dos canhões de campanha. O estridor da batalha parecia umas vezes afastar-se e outras ficar mais perto. Teriam eles agora de voltar-se, renunciar a defender sua margem para enfrentar os assaltantes vindos da retaguarda? As horas decorram nessa perplexidade, nessa expectativa enervante. Da neblina fronteira continuava a não se ver emergir nada.

Às 17 horas uma floresta de repuchos subiu da água, ao longo de toda a margem direita, o rio pôs-se como a ferver, enquanto um ribombar ininterrupto chegava do outro lado. Os repuchos avançaram, o bombardeiro alcançou a margem, os taludes, e estendeu-se, ampliou-se com uma violência terrível.

Os paraquedistas alemães colados ao chão sentiam a terra tremer, suas posições desapareciam na fumaça e na terra revolvida, estilhaços caíam sobre os capacetes. Impossível mexerem-se. Os que não morriam, continuavam a espreitar a muralha de nevoeiro, mas nada saía dele; dir-se-ia que um monstro agachado por trás esperava que só restassem cadáveres na margem direita para se mostrar. Na verdade, era quase isso. Os paraquedistas alemães iam agora saber como Montgomery preparava os ataques que desejava decisivos: um golpe de martelo-pilão para matar uma formiga. Não há método melhor quando se possuem os meios.

A preparação da artilharia durou das 17 às 21 horas, com intensidades variáveis e acalmias. Durante as acalmias, enxames de caças-bombardeiros, guiados pelo rádio dos aerotransportados descidos pela manhã, caíam com precisão sobre este ou aquele ponto das posições alemãs, crivavam-no de projéteis, de bombas e de foguetes, e tornavam a subir. O bombardeio de artilharia recomeçava logo em seguida.

Desceu a noite. Um luar maravilhoso mostrava, como em pleno dia, o rio e a margem direita devastada, quase em toda a parte transformada em cemitério.

Contudo, ainda restavam seres vivos no cemitério. Quando, às 21 horas, as primeiras linhas de embarcações de assalto surgiram por fim à orla do nevoeiro, esses sobreviventes levaram as armas ao ombro e abriram fogo. Mas eram os únicos a atirar. A artilharia que devia sustentá-los estava morta, destruída pelas bombas e tanques ou tomada de assalto pelos aerotransportados.

E os últimos defensores da margem direita viam chegar sobre eles engenhos de desembarque último tipo, LCM e LCVP, dispendo de uma potência de fogo infinitamente superior à de suas armas leves, LST conduzindo tanques, LCG trazendo caminhões que já atiravam, LCTR providos de rampas de lançamento de foguetes podendo lançar cada um mil, todo um material formidável provado no grande desembarque da Normandia e ainda aperfeiçoado depois, uma armada flutuante de que eles não faziam idéia. Nada se podia fazer contra semelhante poderio. O fogo das carabinas e das armas automáticas era irrisório diante daquele muro destrutor que atravessava o rio.

As tropas transpuseram o rio simultaneamente em vários pontos, diante de Rees, Wessel, Xanten e Dinslaken, seis quilômetros ao norte de Duisburg. O desembarque só encontrou resistência apreciável diante de Rees. Aí os últimos defensores sustentaram o fogo por um momento, retardando e embaraçando a aportagem de algumas embarcações de assalto; por fim, sufocados, embrutecidos, começaram a abandonar suas posições, afastaram-se continuando a disparar, perdendo de vista no escuro o rio alemão cuja margem tinham jurado defender até à morte.

A 24, as tropas desembarcadas fizeram sua junção com os aerotransportados. A 25, as cabeças-de-ponte estavam reunidas numa única. Winston Churchill, acompanhado do marechal Montgomery, foi visitar os soldados do II Exército britânico e da 9 divisão americana na margem direita do Reno. Este simples pormenor mostra a que ponto os aliados estavam seguros de si nesse setor.

As mensagens dando essas notícias desastrosas empinhavam-se sobre a mesa de Kesselring, que devia agora experimentar uma impressão análoga à dos paraquedistas do I Exército diante da esquadra avançando pelo Reno. A 25 de

março Patton entrava na Baviera à frente do seu III Exército, tomando Aschaffenburg e lançando uma flecha para o norte à conquista de Francfort (Meno). A 26, o VII Exército de Patch atravessava o Reno na sua curva entre Worms e Ludwigshafen. Duas unidades do I Exército francês, a 3 divisão de infantaria argelina e a 2 divisão de infantaria marroquina iam transpor o rio a 31 de março — não com recursos esmagadores, senão nas condições mais difíceis; para começar, em botes a remos! — e todo esse exército ia depois investir para a Floresta Negra, participando também do arranco para o coração da Alemanha.

Desde 25, o I Exército americano, surgido da cabeça de ponte de Remagen, operara uma virada para o norte a fim de ir ao encontro das tropas de Montgomery que, tendo rompido para leste, avançavam agora para o sul. Kesselring não precisara estudar o mapa durante três horas para compreender o que significava esse duplo movimento: o envolvimento do Ruhr, “o maior da História” segundo Eisenhower, estava em curso.

Dois exércitos blindados, o XV e o V, que o mesmo é dizer 21 divisões completas, ficavam ameaçados com essa manobra. O marechal Model, que comandava essas forças (Grupo de Exércitos B), lançou um contra-ataque na direção do I Exército americano quando este percorria a orla do Ruhr. Kesselring enviou-lhe uma mensagem:

— O senhor deveria atacar mais a leste, onde o inimigo está ainda em ponta. Poderia assim restabelecer uma linha de resistência norte-sul. Correria menos risco de se ver envolvido.

— Ataco onde posso — respondeu Model.

Walter Model era aquele militar briguento, voluntarioso, atarracado, desprovido de qualquer delicadeza, que Hitler mandara vir da frente oriental para lhe confiar a sucessão de von Kluge (por sua vez sucessor de Rommel) na Normandia, a 17 de agosto de 1944, quando a batalha da Normandia já estava perdida. Ele batera em retirada na França e na Bélgica, contra-atacou e de novo teve de retirar nas Ardenas, expondo a vida, deixando o seu automóvel para ajudar os soldados a varrerem a neve. Fora por pouco tempo comandante-chefe na frente oeste, antes de passar a servir sob Rundstedt e depois sob Kesselring.

Sua convicção nacional-socialista e sua fanática fidelidade a Hitler tinham-se gasto no curso da guerra a Oeste. Juntamente com Rundstedt, debalde pedira o recuo da frente para leste do Reno. Quando percebeu a ameaça de envolvimento do Ruhr, mandou pedir a Berlim autorização para evacuar suas tropas mais para leste.

— Nunca — respondeu Hitler.

Seu contra-ataque ao flanco do I Exército americano não obteve nenhum êxito. O moral das tropas era baixo, todos os meios faltavam: transporte, combustível, munições. O envolvimento prosseguia a toda a velocidade. A 1 de abril o I e o IX Exércitos americanos (este sob as ordens de Montgomery) juntaram-se em Lippstadt, 120 quilômetros a leste de Wesel. Model lançou ataques para Hamm ao norte e Siegem ao sul, tentando cortar o cinturão de exércitos aliados. Foi repellido. Apresentou-se a questão da rendição desse Grupo de Exércitos completamente cercado.

— As tropas do Ruhr não devem render-se sob nenhum pretexto — ordenou Hitler. — O Ruhr será mantido como uma fortaleza.

A fortaleza consistia numa região coberta de cidades e grandes usinas, sendo uma das mais povoadas do mundo. Milhões de civis lá estavam cercados com os exércitos de Model, numa bolsa de 130 quilômetros de diâmetro. Hitler decidira que o Ruhr seria uma espécie de Stalingrado gigante, defendida casa por casa, imobilizando durante meses pelo menos vinte divisões aliadas. O sacrifício dos exércitos e das populações do Ruhr dar-lhe-ia tempo de “encontrar uma coisa” para surpreender e derrotar os aliados.

Mas Eisenhower não era um tão medíocre estratega. Seu programa consistia em imobilizar o mínimo de forças em torno da região cercada, simplesmente o que fosse necessário para manter a investida, apertar cada vez mais a bolsa e reduzi-la pela falta de munições e mantimentos e pelos bombardeios. Enquanto isso, as poderosas flechas dos exércitos aliados continuariam a avançar para leste. A execução desse programa começou nos primeiros dias de abril.

Dia e noite, várias vezes nas vinte e quatro horas, os esquadrões de bombardeio apareciam no céu, majestosos, sem encontrar outra oposição que a da D.C.A., cada vez mais fraca. Os rosários de bombas caíam, pulverizando

as casas e as usinas, rebentando os canos de água e de gás, espalhando o incêndio. Os civis conservavam-se nos porões. Às tropas do interior da bolsa só restava, por sua vez, abrigarem-se. As da periferia resistiam molemente à pressão aliada. Na primeira oportunidade os soldados alemães rendiam-se, e a destruição das comunicações tornava essas oportunidades cada vez mais numerosas. Os generais viam-se entre o desejo de capitular com suas unidades e o temor de suas famílias serem expostas a represálias.

Antes dos meados de abril, Model recebeu pelo rádio ordem de mandar destruir tôdas as instalações e todos os estoques do Ruhr, de conformidade com o programa de terra arrasada decidido por Hitler. Não respondeu nem mandou destruir quase nada.

— Seria assassinar deliberadamente milhares de alemães — disse ele aos oficiais do seu estado-maior. — Seria um crime para com as futuras gerações de alemães.

Acrescentou explicitamente ter sido Alfred Speer que o levava a esse ponto de vista. Contudo, apesar das exortações de magistrados municipais e de chefes militares, não se resolvia a oferecer a rendição de seus exércitos cercados. Seus subordinados começaram então a decidir por ele. O primeiro, o general Fritz Bayerlein, comandante do 53 Corpo de exército, entabulou negociações com o comandante da 7 divisão blindada americana. Nessa mesma noite estava com seus homens num campo de prisioneiros. O exemplo produziu seu efeito. Em 13 e 14 de abril os alemães renderam-se em tão grande número que os aliados não mais sabiam onde metê-los nem como nutri-los.

A notícia da morte do Presidente Roosevelt, anunciada pelos rádios aliados em 12 de abril pouco depois da meia-noite e conhecida desde a manhã seguinte no mundo inteiro, nem por um segundo deteve a desagregação moral dos soldados alemães. Todavia, em Berlim, Göbbels telefonou a Hitler com exaltação:

— Meu Führer, felicito-o! Roosevelt morreu. Acha-se escrito nos astros que a segunda metade de abril constituirá uma reviravolta para nós. Estamos em sexta-feira, 13 de abril, eis a reviravolta!

Hitler pareceu um momento transfigurado. Tudo podia ainda mudar! Roosevelt

negara-se a acreditar no perigo bolchevista para a Europa, mas seu sucessor compreenderia e poria fim à guerra no Oeste. Talvez fosse questão de resistir apenas por mais alguns dias. Hitler ditou uma mensagem a Jodl: “Ordene às tropas do Ruhr para se juntarem em pequenos grupos e resistir individualmente enquanto for possível. Os grupos que não puderem manter o terreno devem escapar conforme puderem, reorganizar-se e atacar as retaguardas das linhas inimigas”.

Tarde demais: os soldados alemães de Ruhr juntavam-se não em pequenos grupos mas em bandos enormes, para se render.

Dia a dia mais impedido de se comunicar com seus subordinados, encontrando reticentes, evasivos ou mudos aqueles com os quais obtinha ligação, Model nada podia fazer contra a liquefação de suas divisões, não parecendo aliás que tenha tentado grande coisa para as impedir. Sem dúvida, preferia agora que tudo se desenrolasse fora do seu poder, como um rei que abdica.

Ouvia o rádio alemão e os rádios aliados, acompanhava no mapa as trajetórias loucamente rápidas dos exércitos do Oeste através do espaço alemão. O IX Exército americano (Simpson) atingira o Elba ao norte de Magdeburg a 11 de abril, depois de ter percorrido 240 quilômetros em doze dias. Leipzig estava sob o fogo dos canhões de Hodges (I Exército americano). Patton tomara Erfurt, Weimar, Iena, sua ala esquerda ia alcançar Chemnitz, e sua ala direita atravessara Bayreuth rompendo para a fronteira tcheca. Um corpo de exército francês marchava sobre Stuttgart. A leste, Königsberg estava nas mãos dos russos desde 10 de abril, Viena desde 13. Os exércitos de Yeremenko, Malinovsky e Tolbulchin atacavam a Boêmia por três lados, os de Jukov e Koniev alinhavam-se desde Stettin até Görlitz na direção norte-sul, a 60 quilômetros do meridiano de Berlim. Cada dia se tornava mais estreito o espaço entre as duas frentes.

A 16 de abril, 80 000 soldados alemães das tropas de Ruhr constituíram-se prisioneiros em 24 horas. No mesmo dia, Model soube, pelo rádio, que Jukov acabava de desencadear uma nova ofensiva. Em plena noite, 22 000 canhões tinham aberto fogo contra as linhas alemães. Milhares de tanques russos se haviam posto em movimento com os faróis acesos, acompanhados de veículos conduzindo enormes projetores ofuscantes.

— Desta vez é o fim — disse Model ao chefe dos seus serviços de Informações. — É o desmoronamento.

O desmoronamento verificou-se dois dias depois em seu próprio setor. Os americanos penetraram nas ruínas de Düsseldorf, Bradley anunciou que toda a resistência organizada findara no Ruhr. Contavam-se ao todo 350 000 prisioneiros, entre os quais 29 generais e um almirante. Os recordes de Túnis, Stalingrado e Budapest haviam sido superados.

Model não se deixou aprisionar.

— Não posso — declarou ele. — Sei que os russos me vão considerar criminoso de guerra. Os americanos me entregariam aos russos e estes me enforcariam.

Durante três dias vagueou pelo meio das ruínas, acompanhado apenas de alguns fiéis, furtando-se por acaso às patrulhas americanas que capturavam os últimos soldados. A 21 de abril tinha apenas consigo seu chefe de Informações.

— Minha hora chegou — disse-lhe ele. — Venha comigo.

O oficial pensou que Model decidira, enfim, render-se. Porém o marechal levou-o até um pequeno bosque, perto de Duisburg. O lugar era deserto. Não se ouviam mais tiros de canhão, nem fuzilaria, nem explosões de bombas. O vento fazia ramalhar docemente as copas das árvores, o bosque cheirava a musgo, a vida vegetal continuava pacificamente. Aviões roncavam nas alturas voando para leste, para a guerra que se afastara. O marechal Model tirou o seu revólver do estojo.

— Tudo, menos ser entregue aos russos! — disse ele ao seu último fiel. — O senhor me enterrará aqui.

Estourou a detonação. Bastou um tiro. O marechal não errara.

CAPITULO VI

O apocalipse

A 19 DE ABRIL DE 1945, o general alemão comandante do III Exército blindado recebeu um telefonema do chefe das forças que defendiam as ruínas da ponte da autoestrada ao sul de Stettin:

— Os russos movimentam-se cada vez mais do outro lado do Oder. Acham-se agora instalados numa ilha em redor do primeiro arco da ponte destruída, onde não param de desembarcar canhões, que fazem atravessar em pontões e jangadas. Com certeza vão atacar, peço-lhe que me mande reforços.

— No momento é impossível enviar-lhes reforços — respondeu o general. — Veremos o que se pode fazer se os russos o atacarem. Sua missão é manter a margem esquerda do rio com as forças de que dispõe. Os russos não devem atingi-la em hipótese alguma. Sua cabeça responde por isso. Continue a manter-me informado.

O general desligou, encolhendo os ombros: “Sua cabeça responde por isso”; essa frase constava agora de tôdas as mensagens que ele enviava a seus subordinados. Repetia-se conforme as ordens superiores, diligenciando além disso pronunciá-la com convicção, embora a julgasse insensata. Sabia perfeitamente que, sucedesse o que sucedesse, não mais poderia enviar reforços a parte alguma. Havia três dias que os russos vinham atacando com recursos fabulosos, partindo das cabeças de ponte que já possuíam a oeste do Oder e do Neisse. As bombas e obuses pulverizavam as posições fortificadas construídas durante o inverno. O obstáculo mais sério ao avanço russo era constituído pela natureza do terreno entre o Oder e Berlim — matagais e pântanos, — e pelo material destruído, as ruínas das casas e as colunas de refugiados que atravancavam as estradas.

As forças que guardavam o pilar da ponte destruída ao sul de Stettin, cerca de mil homens, eram compostas das Juventudes Hitleristas e de policiais mobilizados apenas alguns dias antes. Elas estavam entrincheiradas nas ruínas de uma aldeia, com alguns pequenos postos disseminados nos arredores sobre as dunas arenosas. A fim de economizar munições, os homens tinham ordem de só atirar se o inimigo tentasse desembarcar na margem ocidental.

Os russos não tentavam ainda desembarcar, mas preparavam-se para isso sem esconder sua intenção. Durante todo o dia 19 o chefe da defesa, um oficial de polícia já idoso, estivera-os observando com o binóculo. Ao cair da noite escolheu como sentinelas os dois homens que se lhe afiguraram mais destemidos, não policiais e sim membros das Juventudes Hitleristas, com ordem de avisar se os russos abandonassem sua ilha para avançar contra a margem oeste.

Em tal caso, que poderiam fazer suas tropas? Alvejar os russos com tiros de carabina e metralhadora, enquanto os russos sem dúvida utilizariam canhões. O oficial lembrava-se da frase do general: “O senhor responderá com sua cabeça”. Quase não dormiu nessa noite.

Acabava apenas de fechar os olhos, às seis da manhã, quando o primeiro disparo de canhão o acordou. Não teve de pensar nos prós e nos contras, nem de pensar se devia ou não sacrificar suas tropas, porque, ao sair do porão que lhe servia de P.C., não viu ninguém. Uma chuva de obuses desabava sobre a aldeia em ruínas e sobre as dunas em redor. Toda a margem ocidental desaparecia na fumaça e na areia erguida.

O oficial correu através dessa nuvem para as suas posições avançadas. Achou atrás de uma metralhadora uma dezena de membros das Juventudes Hitleristas disparando na direção do rio. Viam-se na água mais de cinquenta lanchões e barcas a remos que avançavam, carregados de russos. Os clarões da sua artilharia iluminavam a margem em frente e a ilha.

— É inútil fazerem-se matar! — gritou o oficial ao chefe do pequeno posto. — Recuem!

O outro respondeu-lhe por cima do ombro:

— Dentro de um minuto não teremos mais munições.

O oficial decidiu ficar com seus homens. Daí a um minuto, quando a metralhadora deixou de atirar, todos abandonaram a posição e se retiraram como puderam, por entre as explosões, em direção a um pequeno bosque, para sueste. Os russos alcançaram a margem.

De acordo com as ordens, o oficial de polícia teria de participar ao corpo de exército que sua posição fora tomada. Mas como as ordens diziam ao mesmo tempo que a sua cabeça respondia pela manutenção dela, o oficial entendeu que seria uma estupidez fazer essa comunicação. Preferiu afastar-se cada vez mais e ir juntar-se a uma das vagas de fugitivos que marchavam para o Oeste.

Desse modo, o desembarque dos russos na margem esquerda do Oder, sul de Stettin, só chegou ao conhecimento do Grupo de Exércitos pelas duas horas da tarde. O general comandante do III Exército blindado recebeu então um telefonema:

— Mande executar o oficial responsável pelo abandono e contra-ataque.

— Contra-atacar com quê? — volveu o general. — Não disponho de um homem no setor!

— Uma unidade de SS estrangeiros foi posta à sua disposição. Estará em linha de um momento para outro. Firme o seu contra-ataque por uma ação de blindados.

Os Waffen SS chegaram com efeito pelas três da tarde. Eram valões e compunham um batalhão, exatamente seiscentos e cinquenta homens. Vários milhares de russos já tinham atravessado a zona de areia e estavam instalados numa crista, seis quilômetros a oeste do rio. O general especificou ao chefe do batalhão a ordem de contra-ataque :

— Executará uma breve preparação de artilharia, lançando-se depois ao ataque da crista. Meus tanques o apoiarão. O senhor mesmo deverá executar a preparação de artilharia, pois eu não tenho canhões no setor.

— Perfeitamente — respondeu o oficial, — mas sabe o senhor quantos tiros

as nossas peças podem disparar, segundo as ordens? Um obus por dia e por boca de fogo. No que respeita ao lança-granadas pesados, dois tiros por dia.

— Atire com o que tiver e em seguida lance-se ao assalto. Faça o que estiver ao seu alcance.

— Muito bem — concordou ainda o chefe do batalhão. — Quantos tanques nos apoiarão?

— Seis.

Parece-me completamente inútil descrever a ação que se seguiu. Qualquer um pode facilmente imaginá-la se acrescentarmos que os valões procuraram realmente executar as ordens e que apenas um resultado foi obtido: dos seiscentos homens lançados ao assalto, trinta e cinco voltaram incólumes. Os outros seiscentos e quinze, ou seja, 94%, foram mortos ou feridos. Nestas condições foi ordenado e executado um dos últimos contra-ataques, talvez o derradeiro, em direção a leste, na frente do Oder, diante de um inimigo dispondo de recursos talvez nunca vistos no curso da História.

Devemos agora deixar de pronunciar as palavras: “frente oriental”. De norte a sul os russos avançavam a toda a velocidade entre ilhas ou ilhotas de tropas alemães impedidas de recuar por falta de meios. Uns poucos grupos resistem ainda, do lado de Francfort (Oder) e de Wriesen. Se dermos um olhar ao mapa, veremos que enquanto os exércitos de Rokossovsky, que acabam de atravessar o Oder ao norte e ao sul de Stettin, investem contra Lübeck, os de Jukov e Koniev engatilham seu movimento de cerco da capital alemã. Vai começar a batalha de Berlim. Já a linha de defesa a leste foi cortada, tanques russos alcançam Ring, a famosa autoestrada que rodeia a cidade.

A Oeste não há mais linha de frente que a Leste. Os blindados aliados circulam na Alemanha quase como querem. Sua progressão para leste é agora mais uma questão de reabastecimento, de desentulho de ruínas e também de diplomacia (em Ialta, Roosevelt prometeu a Stalin que os russos seriam os primeiros a entrar em Berlim) que uma questão militar.

Desde 1 a 20 de abril os aliados fizeram 900 mil prisioneiros, entre eles quarenta generais. Os generais alemães que não se renderam consultam os

mapas onde estão indicados os locais de sessenta divisões da Wehrmacht, que em conjunto mal correspondem a vinte divisões de efetivo normal. No intuito de anular o vácuo resultante do cerco e da rendição dos dois Exércitos do Ruhr, Hitler ordenou a constituição de um novo Exército, o XI, à frente do qual colocou o general Wenck. Apenas formado com efetivos heterogêneos, o Exército Wenck foi cercado, a 18 de abril, nos pinheirais das montanhas do Harz. Wenck, todavia, conseguiu escapar.

— Dê-lhe outro Exército! — ordenou Hitler a Jodl. — Wenck tomará posição sobre o Elba.

Jodl aquiesceu — ele sempre diz que sim ao seu Führer, — e até mesmo atribuiu um novo número ao novo Exército de Wenck: XII Exército. Mas, tão incapaz como qualquer outro ser humano de extrair alguma coisa do nada, constituiu o XII Exército tirando efetivos das forças que ainda existiam ao longo do Elba.

Os dirigentes do III Reich tinham-se visto obrigados, a partir de certo momento, a encarar essa invasão do território nacional pelo leste e pelo oeste. O recrutamento dos Volksgrenadiers, e depois a criação dos soldados de braçadeiras do Volkssturm, haviam marcado duas fases da mobilização total. “Não capitularemos jamais — dissera Hitler. — Mesmo vencidos militarmente, a nação alemã continuará a fustigar o invasor”. Os atores dessa resistência interminável seriam os membros do movimento Wehrwolf, ou seja, do “lobisomem”. O lobisomem, animal fabuloso que pode transformar-se em homem, é um personagem das lendas germânicas.

O Wehrwolf, constituído em fevereiro de 1945, era, segundo os termos empregados por seus criadores, “uma organização nascida do espírito do nacional-socialismo”. Militares e civis, homens, mulheres, rapazes, moças e até crianças, seriam metodicamente instruídos e treinados na sabotagem idas comunicações e dos transportes inimigos, no assassinio de soldados inimigos isolados, no envenenamento das nascentes, fontes e alimentos: “Todo o bolchevista, todo o inglês, todo o americano encontrado em solo alemão constitui uma boa presa para o nosso movimento, que não deve tomar em consideração as restrições impostas aos combatentes das nossas forças regulares”. Himmler ordenara a criação de escolas do Wehrwolf e mandara mesmo distribuir arsênico a alguns grupos.

O programa de luta de morte sem respeito a qualquer lei não foi felizmente aplicado, por assim dizer, em parte alguma. A leste, as populações fugiam diante dos russos. A oeste viam chegar as tropas inimigas com resignação ou alívio: a ocupação era o fim da pior miséria. Por que exporem-se a represálias com uma resistência inútil? Houve apenas alguns atos isolados de sabotagem. O movimento Wherwolf não chegou a sair do domínio da lenda.

Os serviços de Informações aliados tinham também recolhido informações, ou antes boatos, relativos a um “reduto nacional” que seria constituído nos Alpes bávaros. SS e fanáticos nacional-socialistas se entrincheirariam nessas montanhas, em redor de Berchtesgaden, e travariam o derradeiro combate desesperado. De fato, nada foi preparado nessa região. O reduto nacional ficou em estado de vago projeto afagado por Hitler e Himmler. Os generais nunca ouviram falar dele oficialmente. Os tanques da 2 D.B. francesa (divisão Leclerc), operando sob as ordens do general Patch, seriam os primeiros a entrar em Berchtesgaden ao cabo de uma rápida marcha, e a fazer flutuar sua bandeira no ninho da águia deserto. A única resistência desesperada ia verificar-se em Berlim, onde se encontrava Hitler.

Vamos agora assistir à batalha de Berlim, viver alguns episódios possíveis de reconstituir quase exatamente pelos relatos e testemunhos dos sobreviventes. Este confuso e dramático último ato será visto em parte do abrigo sob a Chancelaria.

Diversos relatos foram publicados sobre a vida e os acontecimentos no interior do fabuloso bunker durante a batalha. O mais sério parece-me ser o de Trevor Roper, já citado. Este oficial da informação britânica foi encarregado pelo Intelligence Service, em 1945, de conduzir um inquérito sobre o fim de Hitler. Durante meses ele interrogou os sobreviventes do drama e comparou seus testemunhos. Concorde e faz notar que a incerteza subsiste e subsistirá provavelmente para sempre sobre diversos pontos. Michael A. Musmanno, inquiridor e juiz americano no processo de Nuremberg, cuja narrativa pitoresca me parece infinitamente menos objetiva que a de Trevor Roper, faz a mesma observação, bem como outros historiadores.

Estas considerações levaram-me a utilizar, como de resto fiz em todo o decurso deste livro, mas agora com uma desconfiança ainda maior, apenas os fatos relatados mais ou menos nos mesmos termos por diversos atores,

desdenhando, quando preciso, os pormenores dramáticos ou pitorescos.

É absolutamente normal que persistam diferenças entre os testemunhos, por exemplo, sobre questões de horas ou mesmo de datas. Os moradores do bunker, vivendo continuamente sob luz artificial, deprimidos ou submetidos a uma tensão nervosa extraordinária, tinham apenas uma consciência subjetiva e desigual do escoamento do tempo.

Nem sempre pensavam em consultar o relógio.

Tudo o que se passará no bunker é contado aqui sob a forma de um diário mantido por certo observador tão informado (ainda que fora do tempo) e tão objetivo quanto possível. Creio ser a melhor maneira de apresentar esses episódios com alguma clareza, sem se afastar demais do que poderia ser conhecido da realidade histórica.

20 de abril. — A data de hoje está impressa em vermelho nos calendários alemães; é o quinquagésimo-sexto aniversário de Hitler. Pensa-se saber, no abrigo, que o Führer deixaria hoje Berlim e iria a Berchtesgaden; porém, as más notícias destes últimos dias fizeram-no mudar de propósito; no momento, sua partida não parece provável.

Göring pronunciou um discurso no rádio, aludindo à morte recente do Presidente Roosevelt: “O chefe da coalizão inimiga foi atingido pelo mesmo Destino providencial que permitiu ao Führer escapar do atentado de 20 de julho de 1944, entre os mortos e feridos, a fim de que ele possa terminar sua obra... Um dia a Alemanha florirá como nunca sucedeu antes. Seus campos devastados se cobrirão de cidades e aldeias novas e muito mais belas, habitadas por povos mais felizes. Generosas searas de trigo fornecerão nosso pão cotidiano”.

Hitler levantou-se às 11 horas. A partir do meio-dia começaram a chegar as altas personalidades que vinham apresentar-lhe felicitações pelo aniversário: Göbbels, Dönitz, Jodl, Keitel, Bormann, Ribbentrop, Speer, Göring, Arthur Axmann, chefe das Juventudes Hitleristas, Himmler, o general Krebs, novo chefe de estado-maior do Exército, o general Karl Koller, chefe de estado-maior da Luftwaffe. Acham-se todos alinhados na galeria e Hitler passa diante deles, apertando mãos e falando a todos. Mostrou-se especialmente amável

com Keitel:

— Nunca me esquecerei — disse-lhe ele, — de que o senhor me salvou a vida no dia do atentado.

Göring usava um uniforme escarlate e azul com botões dourados, O Führer parece agora mais velho e doente. Mostra-se curvado, de cabelos quase brancos, o rosto flácido; suas mãos tremem. Não pode ficar muito tempo de pé. Contudo fez o esforço de subir a escada para ir receber no jardim da Chancelaria uma delegação de combatentes da Juventude Hitlerista que lhe foi apresentada por Arthur Axmann. Himmler, Göring e Göbbels acompanharam-no. Hitler agradeceu e felicitou os jovens, entregando-lhes condecorações.

À tarde houve uma importante conferência. Os generais expuseram a situação militar, que não é brilhante. No norte, os ingleses atingiram os arredores de Bremen e de Hamburgo. Na Itália, os exércitos do marechal Alexander penetraram no vale do Pó. Os russos e americanos não param de avançar de leste e do oeste. Não só a distância diminui entre eles, como o Reich se arrisca em breve prazo a ser cortado transversalmente em dois. Todos os ministérios se retiraram para o sul ou estão de malas prontas. Göring, Göbbels, Himmler, Bormann e Krebs procuram convencer Hitler a partir para Berchtesgaden antes que Berlim fique cercada. O Führer confirmou o que já havia ordenado seis dias antes para o caso de a Alemanha ser cortada em duas:

— Comandos separados serão criados nas duas zonas. O grande-almirante Dönitz assumirá o comando de tôdas as forças do norte, e o marechal Kesselring comandará o sul.

E acrescentou:

— Desde já dou plenos poderes militares no norte ao grande-almirante Dönitz.

Mas não fez a mesma declaração a respeito de Kesselring. Talvez tencionasse ir ele próprio assumir o comando no sul. Apesar das instâncias de seus conselheiros, negou-se a informar se sairia de Berlim ou não.

— A Providência resolverá — disse ele.

Göring obteve autorização de partir nessa mesma noite para o sul com seus serviços, deixando o general Koller para o representar.

Após a conferência, Bormann teria dito confidencialmente ao seu secretário:

— O Führer deixará certamente Berlim amanhã, ou depois de amanhã o mais tardar.

Outros acham que ele não se deslocará. Em resumo, ninguém sabe nada.

Alerta aéreo desde o anoitecer. As vagas de mosquitos sucedem-se ininterruptamente.

21 de abril — Göring deixou Berlim esta madrugada às três horas em sua Mercedes. Estava tudo pronto para a sua partida e a dos seus serviços mesmo antes da conferência de ontem. Uma fila de automóveis e caminhões dirigindo-se para Berchtesgaden por Brandeburg, Belzig, Wittenberg e Dresde. Também deixaram Berlim esta noite, Himmler e Speer.

Hitler, que excepcionalmente acordou muito cedo, telefonou ao general Koller no Q.G. da Luftwaffe:

— O senhor sabe que a artilharia russa abriu fogo contra Berlim? No centro da cidade?

— Não.

— Não está ouvindo o canhoneio?

— Não. Estou em Wildpark-Werder.

Hitler afirma que a peça que está atirando deve ser um canhão de longo alcance e grosso calibre, montado em linha férrea. Onde está ele? É preciso atacá-lo imediatamente. Debalde Koller objeta ser quase impossível situar rapidamente um canhão instalado em alguma parte entre o Oder e Berlim, e do qual nem mesmo se conhece o eixo de tiro. O Führer nada quer ouvir.

— Arranje-se. Quero ser informado dentro de dez minutos.

Uma hora depois Koller comunica ter conseguido situar e identificar a bateria russa:

— Não é um canhão de longo alcance, e sim uma bateria de campanha de 100 ou 120. O abrigo do Zoo já iniciou fogo contra ela. Acha-se instalada desde esta manhã em Marzahn...

— Onde?

— Em Marzahn, a doze quilômetros do centro de Berlim.

— Não é possível. O senhor está louco.

Decorre mais uma hora e Hitler torna a chamar Koller:

— Quantos aviões, exatamente, estão empenhados ao sul de Berlim?

— Não posso responder imediatamente a essa pergunta, meu Führer. As ligações com as unidades funcionam mal. Tenho de esperar os informes enviados por motociclistas.

Hitler esbraveja furiosamente e depois pergunta:

— Por que não vieram ontem os aviões a reação dos seus campos perto de Praga?

— A caça inimiga vigia tão de perto os campos que os aviões não podem sair. Seriam destruídos mesmo antes de deixar a pista.

— Nesse caso nunca mais empregaremos os aviões a reação! A Luftwaffe é inútil!

Koller explica que a Luftwaffe, empurrada para um espaço cada vez mais reduzido, faz o que pode. Porém não é mais razoável esperar um êxito decisivo. Dentro de alguns dias não haverá mais aviões.

— Todo o comando da Luftwaffe devia ser enforcado imediatamente! —

berra Hitler.

Durante a conferência matinal, o Führer dá ordens militares. As tropas de Berlim deverão executar um ataque geral sob o comando do Obergruppenführer SS Steiner. Hitler, sentado em frente ao mapa, regula os pormenores da operação. Estafetas são despachados de automóvel e motocicleta. Depois, tudo volta à calma no bunker, o dia decorre com a rotina costumeira. Ouvem-se agora distintamente as explosões dos obuses disparados pelos russos.

Deixemos Berlim e transportemo-nos um momento, nessa manhã de 21 de abril, para um sanatório situado em Hohenlychen, duzentos quilômetros ao norte da capital. Três homens estão sentados a uma mesa, diante de um pequeno almoço. Nenhum dos três é tuberculoso. Reconhecemos imediatamente Himmler, chegado nessa noite de Berlim. A seu lado está Walter Schellenberg, o mais jovem general SS, chefe das Informações da Gestapo.

O terceiro conviva não é um SS, nem sequer um alemão: é o conde Folke Bernadotte, representante da Cruz Vermelha sueca. Bernadotte já veio diversas vezes à Alemanha durante a guerra, arriscando a vida em perigosas viagens de avião e nos bombardeiros, para se encontrar com o chefe da Cruz Vermelha alemã. Schellenberg “encontrou-se” com ele e induziu-o a procurar Himmler, na opinião dele, o único dirigente nacional-socialista capaz de derrubar Hitler e pôr fim à guerra. Bernadotte e Himmler já se encontraram duas vezes, a 12 de fevereiro e a 2 de abril. Ribbentrop soube-o, mas nada disse. Hitler, naturalmente, não soube de nada.

“O rosto de Himmler lembrava-me o de uma hiena escarninha — escreveu Bernadotte. — Quando ele ria, eu estremecia como alguém que escuta a descrição da peste bubônica”. O sueco teve de defender-se dos que o censuravam por haver concordado em parlamentar com o monstro. Contudo, no decorrer das duas primeiras entrevistas, ele procurou obter resultados medíocres mas positivos, como, por exemplo, a libertação de compatriotas seus internados em campos. Himmler nada prometeu. Schellenberg, cujos objetivos são muito mais ambiciosos, instigou Himmler, antes e durante as entrevistas, a resolver-se a agir abertamente contra Hitler, perigoso e enfermo. E tentou convencer Bernadotte a tomar contato com Eisenhower, a conseguir

dele que aceitasse negociar a paz com Himmler.

— Não posso agir por conta própria antes de o Reichsführer SS haver tentado alguma coisa — respondeu o conde. — Pelo menos, ele que me entregue uma mensagem escrita para Eisenhower.

— O senhor vai achar-me sentimental e mesmo absurdo — declarou Himmler, — mas eu jurei fidelidade a Adolf Hitler como soldado e como alemão, e não posso faltar ao meu juramento.

Nesse caso, por que aceitou encontrar-se com o sueco? Está tentado, mas não se atreve a sucumbir. Enfim, as duas entrevistas não deram qualquer resultado. Schellenberg, que não desanima facilmente, continuou a doutrinar seu chefe. Chamou em sua ajuda o professor de Crinis, diretor da secção psicológica do hospital da Caridade, o qual disse a Himmler que, na sua opinião, o Führer devia estar sofrendo da moléstia de Parkinson. Schellenberg ganhou para a sua causa o massagista de Himmler, Kersten, que é também astrólogo. “O Führer morrerá com toda a certeza antes de 7 de maio”, repetiu Kersten ao chefe da Gestapo. Himmler estaria, enfim, convencido da necessidade de agir? Assim o acreditou Schellenberg, ou quis acreditar. Tornou a procurar Bernadotte e assegurou-lhe que o Reichsführer estava agora “decidido”. Eis os três homens outra vez reunidos. Que vai acontecer?

Bernadotte mantém-se na reserva. Himmler começa falar em termos gerais da situação da Alemanha, das esperanças que ainda subsistem. Depois, voltando aos assuntos antes abordados pelo conde, entra em pormenores técnicos relativos à eventual libertação de alguns internados. Alonga-se sobre as dificuldades. Fala de um projeto de libertação das mulheres polacas detidas em Ravensbrück:

— Conviria — diz ele, — obter a aprovação do Führer apresentando-lhe o fato como dirigido contra os russos.

Tudo isso é ridículo. O sueco encolhe os ombros e interrompe a conversa. Himmler deixa-o sair. Mas Schellenberg acompanha o conde até ao automóvel e insiste:

— Nada está perdido. O Reichsführer não tarda a resolver-se...

— O Reichsführer não se convence das realidades — atalha Bernadotte. — Nada mais posso fazer. Ele devia ter tomado nas mãos os negócios do Reich logo após a primeira visita.

Todavia, termina por aceitar o início de uma nova entrevista. Ao regressar para junto do chefe, Schellenberg retoma o sermão. Himmler sacode a cabeça:

— Schellenberg, receio o futuro.

— Mais uma razão para agir.

Himmler não responde. Dir-se-ia uma “alma penada”.

Voltemos a Berlim, ou melhor, a um arrabalde de Berlim, Wildpark-Wender, ao Q.G. do general Koller, chefe de estado-maior da Luftwaffe. Trata-se de um oficial competente, conhecedor do seu ofício, o próprio tipo do militar consciencioso. Manteve um diário de 14 de abril a 1 de maio de 1945: “É um diário de homem de bom senso — escreveu seu tradutor, — extraviado num mundo de loucos. Espanta-se, aliás, com uma candura que raia às vezes pela ingenuidade. Fica-se a pensar no diário de Pepys.” Sem dúvida esse documento dá uma impressão de sinceridade. Vamos ver, auxiliados pelas notas do general Koller, como Hitler organiza e dispõe, se assim se pode dizer, o ataque Steiner, resolvido por ele na manhã de 21, destinado a libertar Berlim.

20,30 h. Hitler chama Koller ao telefone:

— O Reichsmarschall (Göring) mantém um exército particular no Karinhall (*). Cumpre licenciá-lo imediatamente e enviar os homens para as linhas de fogo. Ele não precisa de um exército privado.

Koller — No Karinhall está apenas a divisão “Hermann Göring”, da qual quase todos os homens já foram engajados.

Hitler — Isso não é verdade. Tenho informações muito precisas sobre a existência de poderosas forças no Karinhall. (Desliga).

(Koller chama o Karinhall):

— Quais são os efetivos atuais da divisão Hermann Göring?

— Um batalhão. O resto acha-se na primeira linha.

Koller participa a Hitler que resta apenas um batalhão.

Hitler — Ponha-o imediatamente às ordens do Obergruppenführer Steiner. (Desliga).

Um minuto depois, Hitler torna a chamar:

— Todos os homens da aviação que se encontram entre Berlim e a costa devem participar do ataque que ordenei a nordeste de Herhm.

Koller — Mas, meu Führer, eu não disponho de tropas treinadas para o combate terrestre... E onde se vai realizar o ataque, exatamente?

Nenhuma resposta, Hitler já desligou.

Koller chama o major Freigang, do estado-maior da divisão Herman Göring, e participa-lhe a ordem de Hitler.

Freigang — Sim, ouvi falar de um ataque Steiner em direção ao sul, na região de Eberswald. Mas, por enquanto, Steiner chegou sozinho a Schönwalde, com um oficial. Ignoro completamente quais as unidades que devem participar da operação.

Koller chama o bunker. Ocupado. Hitler deve estar telefonando suas ordens para todos os lados; mas que ordens? Enfim, às 22,30 h, Koller consegue obter na outra ponta da linha o general Krebs.

Koller — Ouça, Krebs, eu tenho ordem de manter meus homens prontos para o ataque, mas onde, diabo, vai ter lugar esse ataque?

Voz furiosa de Hitler ao telefone — Então o senhor ainda duvida das minhas ordens? Acho, todavia, que me expliquei muito claramente! Tôdas as forças da Luftwaffe no setor nove devem imediatamente juntar-se a Steiner, a fim de participarem do ataque terrestre, Todo o comandante que reter suas tropas, o pagará com a vida dentro de cinco horas. O senhor mesmo responderá com a

sua, no sentido de que tudo, até ao derradeiro homem, será empenhado.

Voz de Krebs — Empenhar tudo no ataque, partindo de Eberswald para sul. (E Krebs desliga).

Koller, desanimado, chama o 3 Bureau do Exército:

— Por favor, deem-me alguns pormenores sobre esse ataque Steiner. Qual é o ponto de reunião das tropas? Qual o horário da operação? Onde está Steiner?

— Steiner? Deve estar em Oranienburg, cuidando da constituição do seu estado-maior. Mas ainda não tem tropas. Quando conseguirmos ligação com ele e soubermos das suas intenções, dar-lhe-emos os pormenores.

Koller enxuga o suor da testa. Resolve, no entanto, dar ordens aproximativas, com o intuito de fazer os homens da Luftwaffe participarem do ataque Steiner. Uma parte desses homens será dirigida para Eberswald, outra para Schönwalde. Alguma delas terminará, provavelmente, encontrando o bom destino. Enquanto telefona essas instruções, o telefonista interrompe-o para um chamado do bunker:

— Aqui fala von Below (ajudante de campo do Führer para a Luftwaffe). Informo-lhe que seus aviões devem concentrar sua atividade sobre a brecha aberta pelos russos ao sul de Kottbus.

— Perfeitamente. Qual é a extensão dessa brecha? Indique-me os seus limites.

— Ah! não os conheço. Um momento! O Führer espera igualmente que a unidade Spremberg, que deve participar do ataque, seja reabastecida por via aérea.

— Onde está essa unidade?

— Não sei.

Dessa vez é Koller que desliga. Às 23,30 h, chamado:

— Aqui fala Moszick, chefe dos transportes aéreos. Recebi do bunker ordem de reabastecer pelo ar o grupo Spremberg. Mas ninguém sabe onde se encontra esse grupo.

— A 3 Secção não sabe?

— Não.

Justamente a 3 Secção chama por sua vez.

— Alô, Koller? Confirmamos não sabermos onde se encontra o grupo Spremberg.

Em outra ocasião, aquilo daria vontade de rir. A preparação desse ataque torna-se literalmente uma palhaçada. Koller limita-se a informar Hitler da impossibilidade em que está de reabastecer uma tropa que ninguém sabe onde está. Para sua surpresa, Hitler não reage.

— Esteja amanhã no bunker depois das dez horas por todo o dia — disse-lhe ele. Se por acaso se vir impedido, mande um representante.

Koller responde: “Ja wohl, mein Führer, pensando firmemente consigo que mandará o general Christian, e o irá render mais tarde. “Não é possível deixar alguém no abrigo todo o dia, unicamente para receber insultos”. Dez minutos antes da meia-noite, Hitler torna a chamá-lo:

— Então, como estão as coisas? Que fez o senhor relativamente à participação dos homens da Luftwaffe no ataque Steiner?

Koller informa, esperando com resignação ser interrompido por uma nova explosão de fúria. Mas, nada? Hitler ouve, pede serenamente alguns pormenores. Koller, decididamente pouco diplomata, acrescenta que as tropas da Luftwaffe não têm experiência do combate terrestre, que estão insuficientemente armadas. Chega a dizer que as condições em que foi preparado o ataque Steiner lhe parecem inquietadoras. Inquietadoras? Hitler não acha. Deposita grandes esperanças nele, mostra-se até francamente otimista. Faz a Koller uma breve exposição da situação e termina por estas palavras memoráveis:

— O senhor vai ver, o russo sofrerá a maior derrota, a mais sangrenta derrota da sua história, justamente às portas do Berlim.

Nessa mesma noite, no estúdio subterrâneo da Rádio Hamburgo, um homem sentado diante de um microfone lê um discurso: “A guerra está perdida. O povo alemão, a fim de evitar represálias inúteis e para sobreviver ao desastre, deve entregar incólumes aos aliados todas as usinas, todos os estabelecimentos industriais e instalações ainda não demolidas, todos os campos de concentração e todas as prisões com seus detidos...” Outro homem de pé, ao lado do orador, aprova com a cabeça: Kaufmann, Gauleiter de Hamburg. Quem é o orador? Alfred Speer, ministro da Indústria e do Armamento, chegado de Berlim uma hora antes.

Havia já uns dez dias que ele redigira esse discurso; tinha, na véspera, o maço de folhas na algibeira, no próprio instante em que felicitava o Führer pelo seu aniversário. Speer, assustado com a atmosfera de loucura irrealista que campeava no bunker, decidiu-se, enfim, à rebelião aberta? Ainda não. As palavras que pronuncia diante do microfone são ao mesmo tempo transmitidas ao povo alemão pela voz das ondas. Numa cabine próxima, dois funcionários desconhecidos da rádio, impassíveis, fiscalizam seu registro nos discos.

Terminada a operação, Kaufmann levará os discos para casa. Ele e Speer combinaram que o discurso será imediatamente difundido num dos casos seguintes: se “acontecer alguma coisa a Speer”, O ministro do Armamento não ignora que a Gestapo, e provavelmente também alguns membros do Wehrwolf, conservam os olhos nele. Uma palavra, um gesto do Führer, ou talvez simplesmente uma incursão um tanto mais aparente no campo semiculto contra as destruições, e pode ser o fim de Alfred Speer. Não haveria então mais ninguém para se opor às ordens niilistas. Segundo caso em que o discurso deve ser imediatamente difundido: se o Führer morrer. É inteiramente impossível prever o que acontecerá então, que ordens ainda mais insensatas e imperativas que as de Hitler lançaram Bormann ou qualquer outro; e, por fim, Alfred Speer se sentirá, então, liberto, desligado do juramento que moral e fisicamente já traiu, mas que todavia o obsidia e ainda embaraça.

Bunker da Chancelaria, 22 de abril. — Dönitz partiu a noite passada para Plön, no Schleswig-Holstein, onde instalou seu novo Q.G., deixando em Berlim apenas um oficial de ligação, o almirante Voss.

Manhã calma. Hitler levantou-se às 11 horas. Imediatamente após o almoço começa a mandar telefonar para toda a parte, a fim de obter notícias sobre o desenrolar do ataque Steiner. As primeiras informações são bastante confusas. Doze a quinze mil homens da aviação deviam ter sido reunidos e transportados em caminhões, mas não se sabe para onde.

Os russos avançam pelo sul contra Berlim e Potsdam. As tropas da defesa externa de Berlim teriam sido recuadas para aquém do Havel, isto é, teriam abandonado Potsdam. A capital está quase cercada, apenas subsiste, a nordeste, uma brecha de uns quinze quilômetros.

Todos os que recebem informações se apressam a desligar o telefone e arranjar meios de não ficar na proximidade imediata de Hitler, a fim de evitar perguntas categóricas. Hitler parece muito confiante apesar do rumor cada vez mais forte do canhoneio sobre Berlim. Explica no mapa como Steiner vai apanhar, pelo flanco, os russos de surpresa. Os russos vão refluir em desordem para o Oder, onde os espera o Exército do general Busse, agora no local por ordem de Hitler. (Na realidade, esse Exército está simplesmente cercado). Os generais aprovam sem dizer nada.

Pelas 15 horas, Hitler ordena a abertura da conferência militar. Assistem a ela Bormann, Keitel, Jodl, Krebs, além de dois estenógrafos. O general Christian, o almirante Voss e alguns outros oficiais de ligação esperam numa sala contígua.

Hitler começa por pedir a Krebs um resumo da situação geral, que este empreende sem grande entusiasmo, falando com lentidão e demorando-se em pormenores.

— E o ataque Steiner? — pergunta Hitler. — Diga-me exatamente em que ponto está.

Silêncio geral. Durante pelo menos quinze segundos apenas se ouve o ruído das explosões por cima do abrigo. Os generais fitam o mapa sem se atreverem a erguer os olhos.

— Então? — insiste Hitler. — Exijo que me respondam. Steiner atacou?

Krebs continua mudo. Jodl resolve então sacrificar-se.

— Meu Führer — disse ele com esforço —, Steiner não atacou.

— Mas como?

Jodl tenta explicar em algumas frases. Steiner não deu nenhuma ordem de ataque. Supõe-se que ele não conseguiu reunir seus efetivos. Parece que as tropas da aviação lhe chegaram, mas não as do exército nem as dos SS. Impossível saber se o ataque se realizará, e quando. (O próprio Steiner, depois da guerra, contará o que se passou. Três divisões de reserva que lhe haviam sido prometidas foram desbaratadas ou capturadas no caminho pelos russos; duas divisões tiradas do Grupo de Exércitos do Vístula não conseguiram atravessar para Berlim. “Neguei-me a utilizar os grupos inadmissíveis de soldados reunidos à pressa — declarou esse general SS. — Não queria perder um só homem numa empresa votada desde o começo a um resultado desastroso. O plano de ataque fora assentado em bases só existentes na imaginação dos homens do abrigo da Chancelaria”).

O pior era que, aproveitando a retirada das tropas ao norte de Berlim, os russos haviam irrompido nos bairros setentrionais. Seus blindados entraram na Berlim propriamente dita.

Ouvindo essas palavras, Hitler ficou vários segundos como petrificado e mudo, de olhar e boca meio aberta. Depois tomou-se da mais furiosa cólera que ainda se tinha visto.

— Fui traído pelos SS! — vociferou ele. — Nunca poderia esperar uma coisa dessas! Pelos SS!

Deblaterou longamente contra o exército, contra os SS, contra todo o mundo. Fora abandonado por todos. Os generais eram traidores, os soldados poltrões, todos os alemães ingratos. Nenhum alemão fora capaz de compreender a grandeza da sua obra, ninguém apreciara os seus sacrifícios nem a glória por ele atribuída à nação alemã. Em torno dele apenas houvera traição, covardia, imperícia e corrupção. Hitler esbravejava, seu aspecto era impressionante. Seu rosto flácido tornara-se escarlate. Por fim, muito pálido, desabou na poltrona. Agitou ainda uma vez a mão por cima da cabeça, dizendo que estava

tudo acabado. O Terceiro Reich era um malogro e a seu criador só restava morrer.

— Minhas dúvidas estão agora completamente desfeitas — concluiu. — Não irei para o sul. Quem quiser que vá. Eu ficarei em Berlim e aceitarei o fim quando ele vier.

Ergueu-se ao redor dele um concerto de protestos, rogos e súplicas.

— A Alemanha precisa de vós, meu Führer! — bradou Keitel. — Nunca houve no mundo um homem como vós.

Krebs e Jodl intervieram para lhe dizer que não havia ainda motivo para desesperar, que os exércitos de Schorner e de Kesselring eram ainda fortes. Tudo podia ainda ser salvo. Que o Führer deixasse Berlim imediatamente e fosse para Berchtesgaden dirigir as operações. Hitler abanava a cabeça, os outros repetiam monotonamente seus argumentos. Nesse meio-tempo, os oficiais de ligação tinham chamado Himmler e Dönitz ao telefone, trouxeram um aparelho para diante de Hitler:

— Meu Führer, o Reichsführer quer falar-lhe... O grande-almirante também...

Himmler e Dönitz suplicaram a Hitler que voltasse atrás da sua decisão, saísse de Berlim. Eles lhe enviariam tôdas as tropas, todos os SS e marinheiros de que dispunham ainda. Ribbentrop telefonou por sua vez, dizendo que o grande golpe diplomático tão esperado, a ruptura entre os russos e os anglo-saxões não tardaria a produzir-se. A todos Hitler respondeu que não, desligando mesmo sem ter acabado de os ouvir.

— Ficarei aqui com Göbbels — repetiu ele aos presentes. — Tomarei pessoalmente em mãos a defesa da cidade. Ordeno que lancem imediatamente pelo rádio uma proclamação aos berlinenses, anunciando-lhes minha determinação de ficar com eles até ao fim, suceda o que suceder.

Em seguida, levantou-se para se dirigir aos seus aposentos privados, dando fim à conferência. Os assistentes passaram para a outra parte do abrigo, onde estavam os adjuntos e secretários que foram postos ao corrente do que se

passara. Todos se mostravam grandemente emocionados, divididos entre a estupefação, a indignação e o desânimo. As palavras de Hitler haviam causado o efeito de uma catástrofe, mais impressionante ainda que a catastrófica situação atual.

Uma vez nos seus aposentos, Hitler mandou chamar Göbbels, e em seguida a sra. Göbbels e os filhos, que se encontravam nos porões do Ministério da Propaganda.

— De agora em diante ficarão morando comigo neste abrigo — disse-lhes ele.

Puseram-se a falar do futuro. Göbbels declarou que ficaria também em Berlim até ao final, e se suicidaria. Sua esposa, tendo mandado afastar um pouco as crianças, afirmou que imitaria o marido: envenenaria os filhos, suicidando-se a seguir. Hitler não quis, a princípio, ouvir falar desse projeto abominável, mas ela repetiu que estava resolvida.

O Führer ordenou a destruição de todos os seus papéis pessoais. Seu ajudante de campo regou-os com gasolina e queimou-os no jardim da Chancelaria. Jodl e Keitel receberam ordem de partir para Berchtesgaden.

Depois Hitler chamou ao seu gabinete Eva Braun, suas duas secretárias e sua cozinheira.

— Vão trocar de roupa — disse-lhes ele. — Dentro de duas horas partirá o avião que as vai levar. Eu fico aqui para morrer, vocês devem retirar-se antes que seja tarde demais.

— Sabes perfeitamente que ficarei contigo replicou Eva Braun. — Vim para aqui com essa intenção.

As três outras mulheres também se negaram a partir.

Às 19 horas realizou-se uma segunda conferência, reunindo apenas Hitler, Jodl e Keitel. Estes dois generais relataram-na em termos um pouco diferentes, mas suas versões concordam nos pontos essenciais.

Hitler tornou a repetir que ficava para defender Berlim até à derradeira extremidade.

— Quando a cidade cair, mato-me.

Os dois generais protestaram como já haviam feito na conferência anterior, mas igualmente em vão.

— Tomei uma posição bem determinada — declarou Hitler —; não posso mais mudá-la.

Jodl e Keitel perguntaram-lhe então quais eram suas ordens. Embora pessoalmente desiludido com a situação, ele continuava chefe de tôdas as forças armadas do Reich e não podia enviar seus generais sem ordens para o sul.

— Não tenho nenhuma ordem a dar — respondeu Hitler. — Se quiserem, poderão pedi-las ao Reichsmarschall (Göring).

Esta declaração sensacional alarmou os dois generais. Tão depressa eles se refizeram da emoção, protestaram juntos que “nenhum soldado alemão concordaria em bater-se sob as ordens do Reichsmarschall”.

— O caso agora não é de lutar — volveu Hitler. — Não há mais recursos para isso. Trata-se agora de negociar, e isso Göring fará melhor do que eu.

Tal foi a segunda declaração sensacional, que outra vez abalou os generais. Eles nem sequer reagiram quando Hitler, menos de um minuto depois de haver dito que não restava mais nada para lutar, lhes pediu que examinassem com ele a maneira como Berlim podia ainda ser socorrida. Debruçaram-se com Hitler mais uma vez sobre o mapa — a derradeira.

A última força alemã relativamente próxima e aparentemente disponível é o XII Exército do general Wenck, constituído alguns dias antes (com efetivos tirados dos dois Exércitos vizinhos) e que deve ter tomado posição no Elba, lado ocidental. Ficou resolvido que ele faria simplesmente meia volta e marcharia para Potsdam e Berlim. Todos os pormenores dessa operação foram longamente discutidos e assentados. O próprio Keitel levaria ordens a Wenck,

enquanto Jodl iria assumir o comando do estado-maior supremo (OKW) agora instalado em Krampnitz, nos arredores a oeste de Berlim. Krebs permaneceria no abrigo como conselheiro militar do Führer. O general Wedling era nomeado comandante militar de Berlim. A segunda conferência terminou com estas decisões. Eram oito horas da noite.

Keitel queria ir imediatamente ao encontro de Wenck, mas Hitler insistiu para que o general comesse alguma coisa antes de uma viagem bastante longa e provavelmente difícil. Assistiu à sua refeição mostrando-se perfeitamente calmo e muito agradável. Não fossem as enfermidades físicas e julgar-se-ia Hitler nos belos dias de paz em Berchtesgaden. O Führer recomendou pessoalmente aos criados que preparassem um lanche para a viagem do general: sanduíches, vinho, chocolate, meia garrafa de conhaque.

Keitel e Jodl abandonaram o abrigo juntos, pouco depois. Várias outras retiradas se verificaram durante a noite e pela madrugada, entre as quais a do médico pessoal de Hitler, Theodor Morell. O Führer recebeu suas despedidas mais que friamente.

— Não preciso mais das suas drogas para me curar — disse-lhe ele.

— Ficarei em Berlim e aceitarei o fim quando ele vier — declarou Hitler.

Os membros da sua roda, que acabam de deixar o bunker e se dirigem de automóvel para a brecha ainda aberta a noroeste, não levam muito tempo a convencer-se de que o fim está próximo. Poder-se-ia mesmo dizer que o fim já chegou. Por sobre a cidade em ruínas, o céu mostra-se completamente vermelho. Os cilindros brancos dos projetores da D.C.A. parecem mais guiar os aviões inimigos que buscá-los. As sireias uivam a pequenos intervalos: não há mais sinal de fim de alerta, ainda um bombardeio não terminou e já outra vaga chega. Não mais se distinguem as explosões das bombas das dos obuses e do estrondo dos desmoronamentos.

As Mercedes dos altos personagens rodam aos solavancos por entre as paredes calcinadas, bruscamente obrigadas a parar por uma montanha de escombros ou porque não há mais rua, apenas um gigantesco buraco cheio de água onde os clarões se refletem. Meia volta, é preciso contornar um bloco de ruínas, enveredar por outros corredores de fogo.

Hitler permanece “no meio dos berlinenses”, mas o abrigo da chancelaria é como uma couraça subterrânea, bem protegida, arejada, ainda provida de tôdas as comodidades, ao passo que os berlinenses se amontoam nos porões e nos abrigos casuais, sacudidos pelas explosões, iluminados a vela ou completamente às escuras.

Desde 20 de abril não há mais água corrente, nem gás, nem eletricidade. As pessoas vão buscar água às crateras transformadas em lagos pela ruptura dos encanamentos. Nos porões e abrigos acham-se não apenas civis, homens, mulheres e crianças, mas também militares, soldados e membros do Volkssturm, que abandonaram sorrateiramente as linhas para ir ver o que sucedera às famílias, correndo o risco de serem apanhados e executados pelos SS e pelos Feldgendarmes.

O alvorecer do dia 23 chega sem que pare o bombardeio ou o canhoneio, sem que se verifique no inferno berlinense outra mudança além da cor da fumaça negra que substitui o imenso clarão vermelho. Entretanto, mesmo antes do fim dessa mudança de cor, muito antes de clarear o dia, a meia luz indecisa mostra-nos nas ruas devastadas um espetáculo extraordinário: diante dos armazéns ou do que deles resta, ou diante dos locais que são estabelecimentos, pessoas fazem fila.

O serviço de reabastecimento continua a funcionar. Teatros, salas de concerto, cafês, foram transformados em centros de distribuição. Aí, enquanto as sereias continuam a uivar, e as bombas continuam a cair sobre a cidade, empregados destacam tickets. As pessoas da fila aceitam arriscar a vida para obterem magras rações de pão negro e alimentos-ersatz, que talvez lhes permitam sobreviver. Por vezes, a explosão de um projétil ceifa metade da fila, a outra metade continua firme, com os feridos leves recusando-se a abandonar o lugar. Outras vezes é o edifício do centro de distribuição que desaba, matando os funcionários. Um minuto depois os sobreviventes da fila arremessam-se para assaltar os estoques desmantelados.

Quando examinamos os relatos e depoimentos sobre os últimos dias de Berlim, constatamos que houve de tudo no seio daquele inferno: ordem e caos, intrepidez e covardia, solidariedade e lei da selva. É verdade que soldados se escondiam e desertavam, mas também é verdade que outros travavam com heroísmo o combate desesperado.

A 23 de abril, dia de S. Jorge, outrora o patrono do exército imperial, as tropas soviéticas entraram na Berlim propriamente dita, tomando o bairro de Pankov, cinco quilômetros ao norte do centro. As tropas de defesa incluíram homens da Wehrmacht, dos Waffen SS, membros do Volkssturm. Apesar do martelamento de artilharia e aviação os russos não avançavam como queriam. Os canhões e aviões soviéticos eram obrigados a não bombardear a proximidade imediata das tropas que progrediam, e justamente aí, na orla da invasão, se aferravam grupos de defensores

Os mais teimosos eram os Waffen SS e as Juventudes Hitleristas. Entrincheirados nas ruínas, atiravam com metralhadoras e morteiros contra os tanques russos encalhados nos escombros; os tanques eram, por vezes, obrigados a recuar, a guiar pelo rádio os aviões e o tiro dos canhões para esses ninhos de resistência. Grupos escondidos e silenciosos durante horas, atacavam de repente os invasores pelas costas.

Viam-se moças de dezessete anos atirando de Panzerfaust contra os tanques, a poucos metros, antes de serem abatidas.

São esses grupos de combatentes heterogêneos, mal armados, sem ligações entre si, não recebendo por assim dizer mais ordens, que vão continuar a luta por vários dias, obrigando os russos a progredir palmo a palmo entre as ruínas, à custa de sete mil mortos — enquanto nos porões — três milhões de berlinenses esperam o fim.

Quando a gente se aplica a escutar, o ouvido aguça-se prodigiosamente. Os moradores dos porões conhecem desde há muito o ruído da explosão das bombas, e em poucos dias aprendem a distinguir sem hesitação o dos obuses. O tiro dos morteiros e das metralhadoras revela-lhes que a batalha se aproxima. Certo dia, percebem uma explosão nunca ouvida: ninguém ousa pensar que se trata de uma granada inimiga, e todavia é isso mesmo. Ainda o crepitar das metralhadoras, um tropel de tanques na rua. Em seguida, ordens gritadas numa língua desconhecida. Desta vez têm de render-se à evidência: os russos chegaram.

Creio que podemos colocar aqui o intermédio Göring, e devemos mesmo fazê-lo porque a queda vertical desse mastodonte data de 23 de abril.

Hermann Göring apareceu pouco nesta narrativa pela simples razão de que nunca esteve junto de Hitler e dos chefes do O.K.W. durante a última parte da guerra e nunca foi consultado sobre as grandes decisões militares ou políticas. Göring parece ter-se dado muito bem com esse afastamento e não ter feito nada para reviver seu prestígio. Desde 1941, considerava-se como uma personalidade mundial interessante em si mesmo, uma espécie de astro autônomo evoluindo fora da órbita do Führer.

Fabulosamente rico, residia a maior parte do tempo na sua vasta propriedade do Karinhall, no Schorfheide, onde levava uma vida de sátrapa, vestindo fardas cada qual mais extraordinária — uniforme azul-celeste de marechal do Império com bastão de ouro e marfim incrustado de pedras preciosas, veste branca de doge veneziano, traje de antigo rei teutônico em pele de leopardo com barrete ornado de chifres, curtos calções de couro e pequeno dólma multicolor com adornos de prata de barão bávaro, e cachimbo de louça de tubo interminável — dando recepções e caçadas monumentais, acumulando pinturas de mestres, joias e antigas cruzes de bispos.

Hitler não se privava de fazer alusões desaprovadoras a esse exibicionismo à Nero, e seu séquito não lhe perdia uma palavra. Contudo, um fato de extrema importância subsistia: Göring levava para toda a parte consigo um pequeno cofre de aço contendo o texto original de uma lei datada de 29 de junho de 1941, assinada por Adolf Hitler e assim redigida: “Se algum dia eu for coagido em minha liberdade de ação, ou eliminado por um motivo qualquer, o Reichsmarschall Hermann Göring tornar-se-á meu substituto — ou melhor — meu sucessor em tôdas as minhas funções no Estado, no Partido e na Wehrmacht.”

Em 23 de abril, o general Koller deixou Berlim com o assentimento de Jodl e dirigiu-se de avião a Berchtesgaden a fim de expor a situação a seu superior hierárquico, Hermann Göring, e lhe participar as resoluções tomadas na conferência de 22.

Koller inteirara-se de tudo minuciosamente, primeiro pelo seu oficial de ligação, general Christian, depois por Jodl. Disse a Göring que Hitler resolvera permanecer em Berlim até ao final, morrer lá, e concluiu repetindo a declaração do Führer e Jodl e a Keitel: “Tratando-se de negociar, Göring o fará melhor do que eu”.

Göring ergueu as sobrancelhas. Parecia evidente que uma página da história da Alemanha acabava de ser virada pelo próprio Führer, e que competia agora ao Reichsmarschall aparecer em cena, no primeiro plano. Mas não faltavam prudência e mesmo desconfiança àquele elefante:

— O senhor sabe se Hitler continua vivo? — perguntou ele. — Ele pode muito bem mudar outra vez de decisão. Não terá, neste meio-tempo, designado Bormann para lhe suceder?

Koller respondeu ter deixado Hitler vivo, mas que já haviam decorrido dez horas depois da sua saída de Berlim. As últimas vias de acesso à capital podiam ser cortadas de um momento para outro, talvez já o estivessem. Não se podia afastar a hipótese de uma súbita mudança de resolução do Führer, o que não seria a primeira vez.

— Todavia — concluiu o general, — compete ao senhor marechal agir. Por sua decisão de ontem o Führer constituiu-se comandante de Berlim e praticamente eliminou-se a si mesmo do governo e do alto-comando da Wehrmacht.

Göring sacudiu a cabeça:

— As relações entre o Führer e eu há muito tempo que andam tensas. Receio muito que ele tenha designado Bormann para o representar e lhe suceder, e Bormann é meu inimigo mortal. Aguarda apenas o momento favorável para me derrubar. Se eu agir agora vão me acusar de traição, e se não fizer nada serei censurado por ter ficado inativo no instante mais grave.

Mandou chamar seu ajudante-de-campo.

— Traga-me a lei da sucessão.

O pequeno cofre de aço foi aberto; Göring leu o texto em voz alta diante de Koller e do Reichsleiter Bouhler, que assistia à entrevista.

— Parece-me tudo muito claro — disse Bouhler.

— Muito claro — repetiu Koller. — O assunto está categoricamente

regulado.

— Essa é também a minha opinião — tornou Göring, — mas várias precauções são preferíveis a uma. Façam vir aqui o ministro Lammers.

Esse Lammers era diretor da Chancelaria e perito oficial em direito internacional. Informado do caso, leu o texto com a maior atenção.

— A lei de 29 de junho de 1941 acha-se plenamente em vigor — declarou ele. — Legalmente, não necessita de segunda promulgação. Conserva todo o seu valor. O Führer não dispôs de outro modo, caso contrário eu teria sido informado. Ele nada faria, em matéria legal, sem mim.

Tudo parecia cada vez mais claro, porém Göring hesitava ainda.

— Eu creio que não posso agir independentemente — observou ele, — a não ser no caso de Hitler se ver privado de qualquer comunicação com o exterior. Que lhes parece?

— Se deseja ter completa certeza — opinou Koller, — envie um telegrama a Hitler e faça-lhe claramente a pergunta. Ele não poderá ofender-se, pois foi quem o colocou nesta situação.

— É uma idéia!

Göring pôs-se imediatamente a redigir um texto: dir-se-ia um monólogo de ator dramático, um trecho de libreto de ópera.

— Não senhor marechal — interveio Koller. — Lembre-se de que só pelo rádio poderemos comunicar com Berlim. O telegrama tem de ser cifrado, e só uma curta e muito explícita mensagem poderá passar.

— Está bem — admitiu Göring; — redija-a com meu ajudante.

Foi esta a redação final: “Meu Führer! Dada a sua decisão de permanecer em seu posto na fortaleza de Berlim, aprova que eu assumo desde agora toda a direção do Reich, dispondo de plenos poderes no interior e no exterior como seu delegado, conforme seu decreto de 29 de junho de 1941? Se nenhuma resposta me chegar até às dez horas desta noite, considerarei que o senhor

perdeu sua liberdade de ação, e, preenchidas as condições fixadas em seu decreto, passarei a agir no interesse da nossa pátria e do nosso povo”.

Depois de lida e aprovada, Göring pediu que lhe fosse acrescentado este final: “Sem dúvida conhece os sentimentos que me movem nesta hora, a mais grave da minha vida. Não tenho palavras para os exprimir. Deus o proteja e ajude a despeito de tudo. Seu leal: Hermann Göring”. Assim se fez. A mensagem foi cifrada e transmitida ao abrigo da Chancelaria pelo rádio da Luftwaffe.

Göring mandou ainda expedir mais quatro telegramas. Ao coronel von Below: “Queira esforçar-se para que a mensagem do Reichsmarschall seja submetida ao Führer no texto anexo, e procure persuadir o Führer a deixar Berlim”. A Keitel e Ribbentrop: “Se não receber ordem em contrário do Führer ou do Reichsmarschall, procure juntar-se a este último amanhã.” E enfim, a Bormann: “Comunico-lhe que o Reichsmarschall enviou um rádio-telegrama ao Führer. Peço-lhe empregar toda a sua influência para convencer o Führer a sair de Berlim”. A Bormann, o inimigo mortal! Era impossível mostrar-se mais prudente e diplomata.

Uma vez expedido esse correio, Göring pareceu aliviado, muito bem disposto e mesmo otimista. Convidou Koller e Bouhler para almoçar e pôs-se a falar com animação de tudo o que teria oportunidade de fazer se Hitler desse a sua aprovação ou não respondesse:

— Estou resolvido a agir rapidamente e com energia. Capitularei imediatamente diante dos ocidentais, mas não diante dos russos. Creio que me farei levar amanhã à presença de Eisenhower. Estou persuadido de que, numa conversa de homem para homem, obterei sem demora um acordo com ele. Meu caro Koller, depois do almoço lhe darei as ordens necessárias para que me seja possível empreender essa viagem quanto antes. Gostaria também que me redigisse duas proclamações, uma a Wehrmacht e outra ao povo alemão, com este sentido geral: os russos devem acreditar, depois desta proclamação, que continuaremos lutando a leste e a oeste, mas os ingleses e americanos deverão compreender que não pensamos mais em defender-nos a oeste, e sim apenas contra os soviéticos. Devemos dizer aos nossos soldados que a guerra prossegue, mas dar-lhes ao mesmo tempo a impressão de que ela não tardará a acabar e em condições muito mais favoráveis para nós do que até aqui...

O general Koller, que anotara tôdas estas palavras, ficou de garfo no ar.

— Tudo isso é muito bonito, senhor marechal, mas conseguir ligar estas idéias artisticamente entre si, é uma obra-prima de diplomacia que me sinto incapaz de levar a cabo.

Göring esvaziou tranquilamente o copo:

— Não disponho de mais ninguém no momento, Koller; é preciso tentar.

Falou em seguida da composição do ministério que deveria constituir:

— Antes de mais nada eliminarei Ribbentrop. Gostaria eu mesmo de assumir a pasta dos Negócios Estrangeiros, mas temo que as grandes tarefas que me esperam em outros setores mo impeçam.

Como todos os temperamentos dilatados e cíclicos, Göring vivia já o presente e o futuro imediato, sem pensar um momento que Hitler podia responder desfavoravelmente ao seu telegrama; parecia mesmo ter esquecido a existência de Bormann.

Antes do processo de Nuremberg, o nome de Martin Bormann era praticamente desconhecido fora da Alemanha, e mesmo na Alemanha pouco se falava dele. Em 1941 os jornais haviam publicado uma breve informação, anunciando que ele fora nomeado Chanceler do Partido substituindo Rudolph Hess. Depois disso mais nada, ou quase nada. Nenhum artigo sobre Martin Bormann, nenhuma fotografia dele. Quando os investigadores de Nuremberg as desejaram, houve a maior dificuldade em reunir algumas.

Essa obscuridade não era de modo algum proveniente de desfavor, mas antes desejada pelo personagem. Bormann era uma toupeira, porém uma toupeira que via claro. Toda a sua carreira consistira de encaminhamentos subterrâneos, e mesmo quando ele alcançou junto de Hitler uma posição que lhe conferia temível poder, não cessou de velar para que, no exterior, sua importância parecesse mínima.

Sua primeira investida ao poder consistira em comprar terrenos à volta de Berchtesgaden quando se espalhou o rumor de que Hitler ia construir ali. Os

terrenos valorizaram-se, Bormann enriqueceu, e ganhou a simpatia da famulagem de Berchtesgaden prodigalizando presentes e gorjetas. Este meio é bastante seguro quando se tem paciência. O nome de Bormann terminou por ser favoravelmente conhecido de algumas pessoas do círculo do Führer, e Rudolph Hess tomou-o como secretário.

Algum tempo depois, ainda secretário de Hess, Bormann foi nomeado conselheiro financeiro privado de Hitler. Começou então a solapar pacientemente a influência de seu primeiro patrão junto do Führer, que por fim o tomou de Hess em princípio de 1941, para ficar com ele:

— O senhor será meu secretário particular.

Em 11 de maio de 1941, quando Rudolph Hess voou para a Escócia, seus dois ajudantes de campo foram presos. Quanto a Bormann foi nomeado... seu sucessor: Chanceler do Partido.

Conforme dissemos, ele não se prevaleceu absolutamente desse título, que o tornava a terceira pessoa do Reich, para se atribuir mais brilho. Pelo contrário, empenhou-se em continuar sendo o fiel e infatigável secretário. Nenhuma outra política, aparentemente, que a de sua presença. Bormann adotara o ritmo de vida anormal de Hitler. Ficando de pé até às cinco horas da manhã, levantando-se às onze horas, estava sempre presente, sempre à disposição. Este meio também é seguro.

Bormann não assinava pessoalmente nenhuma ordem, porém muitas ordens assinadas por Hitler eram o resultado de um longo cerco, de pacientes insinuações. Que desejava, por fim, conseguir a eminência parda? Nada mais, parece, que esse poder oculto — e nada menos que a totalidade desse poder.

Uns após outros, os membros do séquito de Hitler viam sua influência baixar, a menos que concordassem em fazer sua corte a Bormann, em passar através dele. Göbbels conservou integralmente sua posição junto de Hitler sem se importar com Bormann. Este via-o tão sólido que nada empreendeu contra ele. Odiava Himmler, em quem certamente vira um rival perigoso. Acredita-se que contribuiu muito para decidir Hitler a nomeá-lo Comandante do Grupo de Exércitos do Vístula: chefe militar, o grande senhor da Gestapo teria de afastar-se do sol para desempenhar suas funções, e Bormann previu que ele se

mostraria abaixo da tarefa, o que aconteceu. Vemos por aqui quanto ele era um indivíduo tortuoso.

Normalmente, Göring, já afastado, não poderia fazer-lhe sombra. Mas Bormann odiava Göring tanto quanto odiava Himmler, por outros motivos: por causa da diferença fundamental entre seus dois temperamentos. A toupeira não podia suportar a existência do sátrapa, que gozava plenamente a vida e para quem o poder fora apenas o meio de chegar aos prazeres e às honrarias.

Em 23 de abril de 1945, quando o radiograma de Göring chegou ao bunker, o fiel secretário meteu-o no bolso. Von Below teve a ingenuidade de lhe mostrar a mensagem que também lhe fora enviada: Bormann pediu-lhe para ler a e não lha devolveu mais. Esperou duas ou três horas, e, num momento em que sentiu Hitler nervoso, inquieto, irritável, entregou-lhe o radiograma do Reichsmarschall.

— Repare — acrescentou ele, — Göring pede-lhe uma resposta antes das dez horas: é um ultimatum.

A palavra produziu em Hitler exatamente o efeito esperado. Bormann imediatamente lhe atíçou a cólera, lembrando-lhe que o Reichsmarschall fora suspeito, seis meses antes, de haver tentado entrar em negociações com os aliados.

— Ele só quer o poder para retomar essa tentativa.

— Sem dúvida — gritou Hitler. — Göring é um traidor!

Hitler esquecia ter sido o próprio Göring quem o informara de vários contatos que pessoas sem categoria oficial haviam ensaiado junto dele por parte da Suécia, no outono de 1944, e que o próprio Hitler pronunciara na véspera duas frases muito significativas: “O caso agora não é de lutar. Não há mais recursos para isso. Trata-se agora de negociar, e isso Göring fará melhor do que eu”.

Mas agora, Göring que, no entanto, tomava a precaução de consultar seu Führer e lhe suplicava que saísse de Berlim, era um traidor! “Viciado em drogas entorpecentes, libidinoso, hipócrita e mentiroso”, eis o que continuava sendo. O acesso de cólera de Hitler foi tão violento quanto o da véspera.

Bormann não esperou o fim dele para rogar ao Führer que examinasse as consequências da “traição do Reichsmarschall”. Dois telegramas assinados por Hitler foram sucessivamente despachados para Berchtesgaden. O primeiro terminava por um contrassenso: “Eu próprio marcarei o instante em que a lei de 29 de junho entrará em aplicação (**). Não perdi minha liberdade de ação e proíbo qualquer iniciativa de sua parte”. O texto do segundo era este: “O que o senhor fez merece a morte. Contudo, em atenção aos seus consideráveis méritos no passado, não insistirei em submetê-lo a julgamento se o senhor se demitir voluntariamente de tôdas as posições que ocupa. Caso contrário, tomarei medidas diferentes”.

Ao mesmo tempo foi enviada ordem ao chefe SS de Berchtesgaden para prender Göring pelo crime de alta traição. Seu estado-maior e seus conselheiros deviam igualmente ser presos ou detidos em seus aposentos.

No dia seguinte, o rádio de Berlim anunciou que o Reichsmarschall fora demitido de todos os seus cargos por motivo de saúde. Os habitantes de Berlim cujo bairro não fora ainda ocupado pelos russos e ouviram a notícia, concluíram sem dúvida e muito acertadamente que o desmoronamento do regime estava cada vez mais iminente.

O fim do intermédio Göring constitui uma espécie de filme-em-série que ainda hoje se mostra muito difícil de reconstituir exatamente através das mensagens contraditórias, das idas e vindas, dos quiproquós da desordem e da confusão na Alta-Baviera. É possível, contudo, reter algumas cenas e imagens pitorescas.

Em meio ao espanto da prisão, o chofer do Reichsmarschall correu para uma criada de quarto:

— Depressa, Frau Göring está pedindo o seu cofre de joias!

Logo que teve o cofre em mãos desapareceu, ninguém mais o tornou a ver.

Göring está guardado à vista, em sua casa e com sua família. Ninguém sabe o que vai acontecer. Daí a dois dias bombardeio imprevisto. Guardas SS e detidos correm para o abrigo de Berghof, o Reichsmarschall de pijama. Ao saírem, Berchtesgaden transformara-se em paisagem lunar. Tinham

desaparecido as casas.

— O Reichsmarschall ficará no abrigo subterrâneo — declarou o chefe dos SS.

Göring protestou. A atmosfera dos bunkers não lhe agradava. Transferiram-no com os seus para outra localidade da Baviera, Mauterndorf, onde ficou vários dias, protestando sempre, clamando contra Koller “que o traiçoeira não lhe dando exatamente conta da situação em 23 de abril”. Pobre Koller!

Göring, felizmente para sua tranquilidade, ignora que o Standartenführer Brause, chefe dos SS que o guardam, tem no bolso um telegrama, desta vez assinado por Bormann: “A situação em Berlim está cada vez mais séria. Se Berlim e nós próprios cairmos, todos os traidores de 23 de abril devem ser exterminados”. Berlim cairá, porém Brause, prudentemente, não exterminará ninguém.

Por outro lado, Kesselring resolve nessa altura “relaxar a prisão” do Reichsmarschall. É tempo, os americanos chegam! Göring escreve uma carta destinada a Eisenhower. Mas os russos chegam também! Koller manda buscar o Reichsmarschall, que em Mauterndorf se arrisca a cair nas mãos deles. Bruscamente acabam as notícias sobre o Reichsmarschall, ei-lo desaparecido. Não, tornam a encontrá-lo; aparece todo sorridente, acompanhado de um general americano que o tirou de um engarrafamento de estrada.

Outra cena: Göring surge no terraço de um hotel de Katzbühl, cada vez mais radiante, segurando uma taça de champanhe e cercado de oficiais americanos. Estes serão asperamente censurados pela sua complacência, aliás explicável por um fenómeno psicológico velho como o mundo: os gordos inspiram confiança. “Oxalá eu tenha sempre junto de mim homens carnudos e viçosos, desses de rosto corado e que dormem à noite”, diz Júlio César de Shakespeare. Göring conseguiu amansar até os carcereiros de sua última prisão, e talvez fosse um daqueles que, fechando os olhos, deixam passar o veneno como último favor.

Sem dúvida, Göring não traiçoeira Hitler, e este, no íntimo, sabia disso. Contudo, foi despedido, destituído, degradado, e o Führer, ainda vivo, deixou Bormann enviar o telegrama que o condenava à morte.

Alfred Speer, esse sim, traíra o seu Führer. Deliberadamente durante meses, expedira ordens contrariando as determinações de Hitler, e este soubera-o. Speer nada negou quando o Führer o acusou de sabotar suas ordens. Suspenso apenas por alguns dias, não cessara a sua campanha antidestrutiva, prosseguindo-a com os meios de que dispunha, e Hitler não o ignorava. Todavia, Speer não foi incomodado. Ver-se-ia coisa melhor ainda.

Quando mandou gravar seu discurso em Hamburgo, e tomou disposições para que o texto fosse difundido em qualquer circunstância, Speer inteirou-se de que Hitler resolvera permanecer em Berlim até ao final e aí morrer. No lugar dele e tendo feito o que ele fez, que teria qualquer de nós pensado segundo toda a probabilidade? “Bem, agora só resta esperar a queda de Berlim e a morte do gênio mau. Com algumas precauções, estarei pelo menos fora do seu alcance”. E que fez Speer? Em 24 de abril dirigiu-se a Berlim.

Como não podia mais alcançar a capital pela estrada, foi até um aeroporto situado a 240 quilômetros de Berlim, Rechlin, onde tomou um avião de treinamento que o levou a Gatow, aeródromo ocidental da capital ainda em mãos dos alemães. O campo estava bombardeado, as instalações já em sua maior parte destruídas. A fumaça dos incêndios escurecia o céu para leste.

— Como poderei ir até ao abrigo da Chancelaria? — perguntou Speer ao comandante do aeródromo.

— Não conseguirá. Berlim está cercada.

— Dê-me um avião.

— A viagem será extremamente perigosa. O senhor tem sete possibilidades contra dez de ser abatido pelos caças russos; além disso, tem cinco probabilidades contra dez de não encontrar um ponto conveniente para descer nas proximidades da Chancelaria.

— Desejo tentar.

O comandante deu-lhe finalmente um Fieseler-Storch com seu piloto. O Fieseler-Storch era do tipo pequeno que servira para o rapto de Mussolini na montanha do Gran Sasso. Speer voou sobre as ruínas e os incêndios, por entre

os enxames de caças russos, e o piloto conseguiu pousar o avião no Eixo-Leste-Oeste, a grande alameda que leva ao centro de Berlim. Speer correu para a Chancelaria. Desceu ao bunker. Hitler recebeu-o imediatamente.

— Meu Führer, preciso falar-lhe’.

E Speer confessou-se. Expôs “longamente a Hitler o que havia feito nesses últimos tempos”, sem nada omitir.

Hitler ouviu-o. Speer viu-o “profundamente emocionado com aquela franqueza”. Quando o ministro acabou sua confissão, nada sucedeu: acesso de fúria, prisão ou destituição. Hitler disse simplesmente que agora tudo estava perdoado, esquecido. Não se devia mais falar nisso.

Os interrogadores de Nuremberg teceram longas considerações sobre esta surpreendente misericórdia. O professor von Hasselbach consagrou-lhe várias páginas no estudo médico-psiquiátrico que escreveu sobre Hitler. “Hitler, diz ele, podia odiar ferozmente em certos domínios, tudo perdendo ou quase tudo àqueles que estimava”.

Em próprio emiti algumas hipóteses sobre o comportamento de Hitler a respeito de Speer. Ele considerava-o um artista — chamou-lhe mesmo um dia “o maior gênio de todos os tempos” — e também se considerava um artista. Além disso lisonjeou-o e comoveu-o sem dúvida aquela confissão de Speer.

O ministro ficou oito horas no abrigo, de 23 de abril às 20 horas até 24 às quatro horas da madrugada. No decorrer de outra conversa tentou, com Bormann e Ribbentrop, convencer Hitler a sair de Berlim. Hitler negou-se com firmeza, repetindo e completando o que dissera a Keitel e Jodl:

— Não sairei do abrigo para ir buscar a morte nas barricadas, pois me arriscarei a ser apenas ferido e apanhado pelos russos. Matar-me-ei aqui com um tiro de revólver. Meu corpo não deverá cair nas mãos do inimigo, que o utilizaria para fins de propaganda. Tomei disposições para que meu corpo seja queimado.

Speer assistiu também à entrega do telegrama de Göring por Bormann, à cólera que se lhe seguiu e à redação das mensagens destituindo o

Reichsmarschall. O paralelo entre o tratamento infligido aos dois “traidores” é manifesto.

Depois de deixar o bunker, Speer conseguiu reunir-se a Dönitz em seu Q.G. de Plön. Só depois da morte de Hitler se sentiu, enfim, completamente desligado. Concordou em fazer parte do governo provisório do grande-almirante, e mandou difundir, a 3 de maio, o discurso em que recomendava ao povo alemão não apenas nada destruir, mas trabalhar no reparo de tudo e prosseguir nos trabalhos agrícolas. Foram essas as primeiras palavras sensatas ouvidas desde muito pelo povo alemão extenuado.

A 24 de abril, tarde da noite, o general de aviação Ritter von Greim, comandante da 6 Frota Aérea, recebeu em seu Q.G. de Munique um telegrama chamando-o ao bunker da Chancelaria, por ordem de Hitler.

— Que significa isto? — pensou ele. — Por que uma ordem do Führer e não do Reichsmarschall?

O general von Greim não ouvira o comunicado do rádio de Berlim anunciando que o Reichsmarschall fora demitido de todos os seus cargos por motivos de saúde. E, aparentemente, ninguém em torno dele conhecia a notícia. Resolveu telefonar ao general Koller, que sabia em Berchtesgaden.

— Fui chamado pelo Führer a Berlim — disse ele. — Sabe do que se trata?

— Sei — respondeu Koller. — O senhor vai decerto ser nomeado comandante-chefe da Luftwaffe.

— Comandante-chefe? Que está dizendo? E o Reichsmarschall?

— Sucederam coisas muito graves. Não posso explicar-lhas pelo telefone.

— Mas, enfim, não pode acrescentar mais nada?

— Não. Só pelo teletipo, se quiser.

— De acordo, mas não demore. Pretendo partir dentro de duas horas para Rechlin.

Von Greim dirigiu-se ao teletipo. À medida que a mensagem ia sendo impressa, seus olhos arregalavam-se. Interrompeu Koller para lhe fazer algumas perguntas, às quais este respondeu. A conversa tele-escrita durou hora e meia. No fim, von Greim estava a par de todos os acontecimentos.

Não pôde partir tão depressa quanto previra, porque os aviões preparados para ele em dois aeródromos perto de Munique foram destruídos por bombas mal saíram dos hangares. Levantou voo na manhã seguinte, aproveitando uma acalmia aérea, e dirigiu-se a Berchtesgaden, que encontrou devastada. Koller estava preso no quarto de uma casa poupada. Von Greim, todavia, conseguiu visitá-lo.

— Como foi que o deixaram comunicar-se comigo esta noite? — perguntou.

— O Reichsmarschall devia ter ficado junto do Führer em Berlim — disse von Greim. — Sua conduta de anteontem é censurável.

— Não sou dessa opinião — respondeu Koller.

Seguiu-se uma discussão, sem outro interesse que o de levar à redação, por parte de Koller, de um relatório muito circunstanciado dos fatos anteriores. Von Greim prometeu levar consigo esse relatório e entregá-lo ao Führer. Tornou a partir para Munique, de onde enfim voou, no dia 26 muito cedo, para Rechlin, a bordo de um bombardeiro e acompanhado de uma mulher baixinha.

Digamos mais exatamente: de uma mulher de pequena estatura. O entusiasmo dos espectadores que outrora haviam aclamado Hanna Reitsch por ocasião dos meetings e corridas da aviação em que ela se exibira, continuou sempre crescendo diante daquela criaturinha de olhos azuis que saltava jovialmente do seu avião e recebia graciosamente o seu ramo de flores.

Hanna Reitsch, piloto de provas por ofício, fora a primeira a atravessar os Alpes em planador. Arrebatara prêmios de acrobacia em diversos países, surpreendendo os espectadores das corridas de Cleveland, nos Estados Unidos, em 1938, com sua audácia. O Instituto Alemão de Pesquisas Aeronáuticas utilizara-a em numerosas experiências, sobretudo para experimentar um método de atravessar barragens de balões. Hanna Reitsch teve certa vez seu aparelho destruído numa queda. Tão depressa se curou dos

ferimentos, recomeçou a voar.

Von Greim, chamado ao bunker, pediu-lhe que o acompanhasse:

— Receio muito não poder pousar o avião em Berlim. Creio que o único meio de lá chegar será utilizando um dos helicópteros atualmente existentes em Rechlin. Sucede que eu não sei pilotar essas máquinas, e a senhora sabe. Consentiria em ser meu piloto?

— Com muito prazer.

Hanna Reitsch e von Greim chegaram, portanto, juntos a Rechlin. O general pediu um helicóptero.

— Não temos mais nenhum — respondeu-lhe o comandante do aeródromo.
— O único de que dispúnhamos foi danificado esta manhã.

— Diabo! — volveu von Greim, — no entanto preciso alcançar Berlim e pousar lá. Fui convocado pelo Führer.

— Já tivemos um viajante para Berlim anteontem: o ministro Speer. Ele foi e voltou. Mas a viagem vai-se tornando mais difícil de hora em hora. Enfim, o senhor pode tentar chegar a Gatow, e de lá ver o que pode fazer. Se quiser porei à sua disposição o sargento-chefe que pilotou Alfred Speer. É um ás. Poderei também dar-lhe caças de escolta. Mas terá poucas probabilidades de escapar se o senhor mesmo não tomar um caça. Proponho-lhe um Focke Wulf 190.

O Focke Wulf 190 é um monoplace podendo transportar a rigor um passageiro. Significava isso não haver lugar para Hanna Reitsch. Aliás, sua ajuda tornara-se inútil, visto não haver helicóptero. A criaturinha protestou indignadamente junto ao general:

— Eu sou seu piloto particular e faço questão de o acompanhar até ao fim! Talvez encontremos um helicóptero em Gatow. Conheço o Focke Wulf 190, posso perfeitamente alojar-me na cauda. Não ocupo mais lugar que duas valises.

Von Greim deixou-se convencer. Uma fenda foi praticada na cauda do aparelho. “O senhor precisava conhecer a estrutura daquela casinhola de cachorro, cujo caverna me cortava as ilhargas como facas — declarou mais tarde Hanna Reitsch. — Depois de me introduzir lá com dificuldade, fiquei como uma lagarta de tanque dobrada. Nunca seria capaz de sair dali sozinha. Era um verdadeiro caixão e eu só fui por fidelidade a von Greim, que todos admiramos por sua conduta e maneiras”. Na realidade, ela insistira em ser levada, excitada por uma forte curiosidade feminina. Devemos confessar que a curiosidade feminina, levada a esse ponto, pode ser chamada de outro nome.

O Focke Wulf levantou voo, escoltado por quarenta caças. A formação foi atacada várias vezes por caças russos em viagem, e uma boa parte da escolta foi derrubada. Dentro do seu caixão volante, Hanna Reitsch ouvia sem nada ver o crepitar das rajadas, e mesmo o assobio das balas que varavam as asas do Focke Wulf. Por sorte, a carlinga não foi atingida.

Quando o aparelho aterrissou em Gatow, a artilharia russa bombardeava. O piloto esgueirou-se habilmente entre as explosões. A toda a pressa, Hanna Reitsch foi extraída de sua prisão. A fumaça dos incêndios de Berlim estendia-se até ao campo. Todos correram para um abrigo.

— Há por aqui um helicóptero? — perguntou o general.

Nenhum helicóptero. Von Greim tentou então ligar para a Chancelaria: o telefone estava cortado. Que fazer? Não era possível retomar o Focke Wulf para ir pousar entre as ruínas de Berlim: ele descia muito depressa e exigia espaço demasiado.

— O único avião com o qual se poderia tentar a operação — disse o chefe do aeródromo, — é o pequeno Fieseler-Storch que já serviu ao ministro Speer. Mas admitindo que esse aparelho atinja o centro de Berlim sem ser derrubado, a aterrissagem constituiria uma empresa perigosa.

— Eu pilotarei — disse Hanna Reitsch.

— Não — replicou o general, — pilotarei eu. De resto, o avião é monoplace.

— Posso viajar como contrapeso em qualquer avião monoplace.

— A decolagem não será tão fácil — continuou o chefe do aeródromo. — Os caças russos cruzam constantemente sobre nós.

— Nossos caças de escolta também cruzam sobre nós esperando minhas ordens — declarou von Greim. — Mande-os pelo rádio cobrir o campo enquanto o Storch estiver decolando. Eles que se encarreguem dos caças russos durante alguns minutos. Em seguida, liberdade de manobra para eles: eu me arranjaréi. Hanna Reitsch irá comigo se puder embarcar como sobrecarga.

Assim se fez. Von Greim tomou os comandos do pequeno aparelho enquanto a aviadora se mantinha atrás dele, de pé mas curvada e de joelhos dobrados. Eram trinta quilômetros a percorrer.

Von Greim voava tão baixo quanto possível. Qualquer aparelho em voo alto se torna muito visível, podendo ser atacado pelos caças e a D.C.A.; o avião em voo raso é quase sempre invisível para os caças e passa sobre as baterias com tal velocidade angular que os artilheiros não podem apontar seus canhões.

O lençol do lago Havei desfilou durante alguns segundos justamente por baixo das rodas do Storch, em seguida veio a massa verde do Grönewald. Von Greim foi envolvido em relâmpagos e fumaça como no âmago de um tiroteio infernal. Não era a D.C.A. russa que disparava contra eles, mas tanques russos e infantaria.

Os dois viajantes viam os tanques e as caras dos russos que disparavam contra eles. Von Greim evoluía em ziguezague entre as árvores com uma habilidade acrobática. Um clarão ofuscante iluminou o interior do aparelho.

— Fui atingido! — gritou o general. — Meu pé direito...

De onde estava, Hanna Reitsch não podia ver os pés do general. Talvez fosse uma perna quebrada. De qualquer modo, ele ia ficando cada vez mais pálido. Hanna Reitsch procurou alcançar os comandos.

— Eu posso manobrar — disse-lhe Greim.

E desmaiou. “Nossa salvação — contou depois a aviadora, — foi que seu pé esquerdo não pisava o comando do leme: tinha caído para o soalho do avião; o leme continuava livre ao vento”. O Storch prosseguiu direto para o centro de Berlim. Hanna Reitsch debruçou-se sobre o ombro do general e segurou o comando do leme. Os russos continuavam atirando contra o aparelho, os reservatórios foram atingidos; a gasolina escorria dos dois lados. O avião que Hanna Reitsch agora conduzia justamente por cima das casas, voava entre fumaça e labaredas. A aviadora esperava a explosão em cada fração de segundo. Von Greim abriu os olhos, disse: “Valente capitã!” e tornou a desmaiar.

Como descobrir a Chancelaria do Reich no meio daquela fornalha? Hanna Reitsch pilotava como podia por cima do ombro do general prostrado. “Identifiquei a torre de rádio. Dessa torre eu conhecia a direção para o refúgio-abrigo do Zoo e identifiquei também o hospital onde fora tratada de um ferimento no braço. Manobrei em direção à coluna da Vitória que fica para além do Zoo na grande avenida central de Berlim. Justamente quando as últimas gotas de gasolina escapavam dos nossos tanques furados, avistei a porta de Brandeburg, empurrei a alavanca e descemos ao pulos na rua. Até que enfim, tínhamos chegado”.

Hanna Reitsch conseguiu tirar o general do avião desmantelado, estendeu-o no chão. À sua volta, que espetáculo! Nem um ser vivo. Nada além de ruínas, montes de entulho, restos de casas em chamas com os tetos negros de fumaça. Árvores nuas, esturricadas. No alto da colossal porta de Brandeburg, ainda de pé, crivada de estilhaços, quatro cavalos mutilados arrebatavam o carro de uma Vitória desaparecida. O conjunto formava uma estranha visão, uma cena de filme surrealista em que perfeitamente se entrosava o grupo singular composto da carcaça de avião, do general estendido e do miúdo perfil vestido de couro, de rosto feminino.

Hanna Reitsch viu subitamente um caminhão desembocar de uma avenida de entulho. Avançava devagar, aos solavancos, também fantasmagórico, pois o ruído de seu motor não mais se ouvia no grande estridor reinante. A aviadora agitou os braços, o veículo parou. Um homem desceu dele e veio ao seu encontro. Minutos depois os dois viajantes chegavam à Chancelaria, desciam a escada do bunker. Foram recebidos com tanta curiosidade e tantas perguntas

como se estivessem chegando de outro planeta.

Logo que Greim foi medicado e tratado na enfermaria, Hitler veio visitá-lo.

— Estou-lhe grato pelo que fez — disse-lhe ele. — Mesmo um soldado tem o direito de desobedecer a uma ordem que lhe parece inexequível. Sabe por que o chamei aqui?

— Não, meu Führer.

— Porque Hermann Göring me traiu e traiu sua pátria.

Hitler entrou em pormenores, repetindo aquilo a que chamava a abominável conduta do ex-Reichsmarschall para com ele. Tinha lágrimas nos olhos.

— E agora — concluiu, — nomeei-o marechal e entrego-lhe o comando-chefe da Luftwaffe do Reich alemão. O senhor vai descansar um pouco e depois torna a partir a fim de assumir seu comando.

Hitler não parecia dar-se conta de que um simples telegrama teria bastado para anunciar a von Greim a sua nomeação, e que desse modo teria sido poupada a vida de diversos pilotos da escolta. Não parecia ter nenhuma idéia do que representava a empresa de chegar até à Chancelaria ou sair dela.

Bunker da Chancelaria, 27 de abril. — Ontem o Führer ditou uma ordem segundo a qual o O.K.W. continua responsável perante ele pela conduta geral das operações. Enumerou todos os Grupos de Exércitos cujo comando ainda detém por intermédio do O. K. W., sem omitir os da Noruega, da Dinamarca, do Vístula, da Prússia Oriental e da Curlândia. Ninguém aqui tem notícias desses Exércitos há vários dias, nem sabe como comunicar com eles. Enquanto isso, os russos e americanos efetuaram ontem sua junção em Torgau!

A noite passada, Hitler mandou chamar Hanna Reitsch ao seu gabinete. Disse-lhe esperar ainda que o exército de Wenck pudesse libertar Berlim, mas acrescentou que em caso de insucesso Eva Braun e ele haviam tomado tôdas as disposições para se matarem e fazerem incinerar seus corpos. No fim da conversa entregou à aviadora um frasquinho de veneno para ela e outro para von Greim.

Os obuses russos começaram a cair sobre a Chancelaria. Ouve-se perfeitamente o ruído das explosões e dos desabamentos.

Hanna Reitsch ensina canções aos filhos de Göbbels (são seis, meninos e meninas, com a idade de três a doze anos); eles vão depois cantá-las a seu “tio” Hitler e ao general Greim, sempre estendido. Os gestos e vozes dessas crianças despreocupadas, prometidas à morte, põem no abrigo uma nota de alegria pungente. Elas não se assustam com os bombardeios e acreditam que nada pode acontecer-lhes enquanto estiverem juntos do “tio”. Este disse-lhes que os soldados não tardariam a chegar para expulsar os russos, e que elas, crianças, poderiam então brincar no jardim.

No começo da tarde, telefonema do general Koller dirigido ao marechal von Greim. Depois de felicitar o marechal pela sua promoção, o general perguntou-lhe a quem devia transmitir suas funções de chefe de estado-maior da Luftwaffe.

— Que me está dizendo, Koller! — exclamou von Greim. — O senhor continua meu chefe de estado-maior. Nada posso fazer sem sua ajuda.

— Mas eu estive preso três dias! Só fui libertado porque chegou uma ordem convocando-me a Berlim.

— Foi chamado a Berlim? Mas, antes de mais nada, onde está o senhor.

— Numa floresta, perto de Fürstenberg. Aqui se encontra agora o O.K.W. Almocei com Dönitz, Himmler, Jodl e Keitel. Não sei como chegar até Berlim. Gatow foi tomado pelos russos...

— Ignorava inteiramente que o senhor houvesse sido convocado — continuou von Greim. — Deve haver algum mal-entendido. Não tente de forma alguma vir aqui. Se por um acaso extraordinário conseguisse passar, não lograria tornar a partir. Eu quase não tenho mais esperança de sair daqui, e nada adianta ficarmos ambos bloqueados.

O general exprime ao marechal seu pesar por o saber ferido e impedido de assumir efetivamente o comando. E acrescenta:

— Não iremos colaborar por muito tempo, senhor marechal. Somos agora completamente impotentes no ar. É o fim!

— Tenha fé! — bradou von Greim. — O importante é não perder a confiança, tudo pode ainda terminar muito bem. O Führer tem passado muito tempo ao meu lado e falou-me de tudo. Meu encontro com ele, o contato da sua força surpreendente devolveram-me uma energia extraordinária. É um autêntico banho de Juventa.

Na outra ponta do fio, Koller parecia um tanto sufocado(***)

No fim da tarde, Hitler mandou que lhe trouxessem seu “cunhado” Fegelein, marido de Gretl Braun, irmã de Eva. Representante pessoal de Himmler no Q.G. do Führer, Fegelein residia ultimamente num dos abrigos-anexos da Chancelaria. Quando o Führer o reclamou, telefonaram para todos os abrigos sem conseguirem encontrá-lo. Desaparecera. O Standartenführer SS Högl recebeu ordem de ir à cidade com uma escolta armada e procurá-lo por toda a parte. Högl não teve de procurar muito: Fegelein estava em casa, tranquilamente deitado na cama, vestido de civil. Explicou a Högl que escolhera sobreviver e desejava encontrar uma avião que o levasse para junto da família na Baviera.

— Antes disso precisa obter a autorização do Führer — disse-lhe Högl.

Sem se desconcertar, Fegelein pegou no telefone e chamou sua cunhada Eva Braun, a quem participou suas intenções:

— Quer ter a amabilidade de explicar tudo ao Führer e conseguir dele que me mande dar um avião? Gretl está para dar à luz, e eu naturalmente gostaria de ficar junto dela.

Mostrou-se vivamente surpreendido ao ouvir Eva Braun responder-lhe que sua conduta era vergonhosa e que ele devia dirigir-se ao bunker imediatamente se não queria ser considerado traidor. Fegelein resolveu-se então a acompanhar os SS.

Ao chegar ao bunker, Hitler disse-lhe que só o receberia vestido com seu uniforme de Gruppenführer. Fegelein trocou de roupa e apresentou-se. Hitler

atirou-se a ele, esbofeteou-o e injuriou-o, chamando-lhe covarde, porco e verme de estrumeira. Por fim, arrancou-lhe as condecorações e degradou-o. Fegelein ficou guardado à vista num quarto do andar superior.

Bormann passa quase todo o tempo a escrever. Se algum dos habitantes do abrigo trocou algumas palavras com o Führer, ele vai procurá-lo e interroga-o sobre tudo o que foi dito, e em seguida regressa à sua mesa. Segundo ele, o diário que está escrevendo “ficará entre os maiores capítulos da história da Alemanha”. Pretende haver previsto tudo para que esses papéis sejam retirados do bunker no último instante.

28 de abril — A noite passada foi sinistra. Ninguém dormiu. O estrondear do bombardeio por cima do abrigo torna-se formidável. Os obuses caem sobre a Chancelaria com uma precisão inquietadora.

No decorrer da noite, Hitler reuniu toda a gente para uma espécie de ensaio geral dos suicídios. Cada qual teve de explicar como se mataria e que disposições tomara para que seu cadáver fosse destruído. Todos pronunciaram uma curta declaração de fidelidade perpétua ao Führer e à Alemanha. A entrada do primeiro soldado russo no abrigo será o sinal para o suicídio geral.

Após esses preparativos macabros, todos estavam persuadidos de que nenhuma esperança subsistia mais, porém na manhã seguinte Hitler tornou a falar do exército Wenck, que deve ir libertar Berlim. Explicou a manobra deslocando alfinetes no seu mapa, depois segurava o mapa com as mãos úmidas de suor a fim de o mostrar aos presentes, recomeçando as explicações. Por fim expediu sucessivamente diversos telegramas prementes a Keitel, perguntando-lhe o que estava fazendo esse exército, se ele operara sua junção com o IX, etc....

29 de abril, duas horas da madrugada. — Um lance teatral se verificou ontem, dia 28, às 21 horas. Um funcionário do Ministério da Propaganda, chamado Heinz Lorenz, apresentou-se no bunker e entregou ao criado de quarto Linge um envelope destinado ao Führer. Momentos depois este surgiu à porta do seu gabinete espumando de raiva, com o rosto congestionado e quase sem poder falar. O envelope continha a tradução de uma emissão da rádio britânica, BBC Home Service, anunciando que Himmler propusera ao conde Bernadotte a capitulação do Reich (****).

A cólera de Hitler ultrapassou tudo quanto se vira até então. “Como pôde ele fazer-me isso! — gania. — A mim!” Bormann, Göbbels e os demais fizeram coro, rompendo nas piores injúrias contra o traidor Himmler.

Sempre espumando, Hitler mandou comparecer Fegelein, que entrou levantando os braços e pedindo perdão para um instante de fraqueza!

— É isso mesmo! Compreendo agora por que o ataque Steiner não se realizou: foi Himmler que o sabotou, impediu! E você sabia disso, Gruppenführer SS! E também compreendo por que você desertou do abrigo: fazia parte da conjuração de Himmler!

Fegelein protestou que nunca ouvira falar em conjuração, mas interrogado depois num quarto, provavelmente pelo Gruppenführer Müller, teria confessado não ignorar que Himmler estava em entendimentos com Bernadotte. Depois de um julgamento sumário, foi levado para fora do abrigo por guardas SS e fuzilado no jardim da Chancelaria.

Hitler pareceu mais calmo com essa execução. À meia-noite e quinze foi conversar com von Greim que deverá tentar sair de Berlim esta noite com Hanna Reitsch, a fim de ir assumir efetivamente o comando da Luftwaffe. Após várias tentativas infrutuosas, um sargento-pilôto conseguiu pousar um Arado 96 perto da porta de Brandeburg. Se não for destruído antes, von Greim e Hanna Reitsch o tomarão.

Von Greim começou protestando que desejava ficar até ao fim junto de Hitler, mas este insistiu para que ele tentasse partir e deu-lhe suas ordens. Em resumo, eram estas: 1) organizar um ataque aéreo contra os russos, de modo a permitir ao Exército Wenck abrir uma brecha em suas linhas e vir libertar Berlim; 2) providenciar a prisão do traidor Himmler.

Apenas conhecida a notícia da possível partida dos dois aviadores, toda a gente se pôs a escrever cartas que eles deviam levar. Além de um importante correio oficial destinado à Chancelaria do Partido em Berchtesgaden e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, agora instalado em Fuschl, perto de Salzburg, havia numerosas cartas particulares destinadas às famílias dos habitantes do abrigo. Eva Braun escreveu a sua irmã Gretl Fegelein, mas não aludiu à execução do marido desta.

Quando Hanna Reitsch e von Greim — este servindo-se de um par de muletas, subiram lentamente a escada para sair, todos lhes grilaram: “Boa sorte! Boa viagem!” Fato curioso, a entrega das cartas, as despedidas, a partida produziram um efeito reconfortante na população do bunker.

Um auto blindado esperava diante da porta da Chancelaria. Os dois viajantes subiram e o veículo pôs-se a rodar lentamente, de faróis apagados, pelo asfalto arruinado. Não havia necessidade de faróis, o céu esbraseado iluminava suficientemente. O auto passava às vezes diante de um incêndio próximo. Era difícil compreender como aquela cidade podia continuar a arder assim depois de vários dias.

No fundo do ribombar contínuo destacava-se o rumor das explosões e das metralhadoras. Os dois viajantes não diziam palavra, cada qual pensando consigo que seria um milagre encontrar um avião ainda em condições de decolar.

A porta de Brandeburg apareceu, e os viajantes avistaram o pequeno avião pousado no meio da avenida Unter den Linden. Parecia intacto. Alguns homens estavam de pé a seu lado.

Dessa vez não era possível a von Greim pilotar. Içaram-no para bordo do Arado. Quando a aviadora ia subir por sua vez, começaram a cair obuses em redor. Voavam pedras e estilhaços.

— Impossível tentar partir agora — disse o oficial que comandava a guarda do avião. — É melhor ir para um abrigo.

Desceram o marechal. Nem sequer era possível procurar um abrigo com aquele ferido de muletas. Todos se refugiaram numa cratera.

Após alguns minutos sobreveio uma acalmia.

— Vamos agora! — disse Hanna Reitsch.

O ferido foi de novo içado, mas os obuses recomeçaram imediatamente a chover. Tiveram de descer outra vez o marechal e de correr para a cratera. Hanna Reitsch olhava para o lado do avião, frágil inseto que o sopro das

explosões fazia estremecer. Quem seria destruído primeiro: os viajantes ou o avião?

Seguiu-se uma nova acalmia, dessa vez bastante longa para que o marechal e Hanna Reitsch pudessem instalar-se. A aviadora tomou os comandos, ligou o contato. A hélice girou, o Arado pôs-se em movimento. Hanna Reitsch fê-lo descrever um gancho para evitar uma grande cratera, depois meteu pela Unter den Linden. Era maravilhoso sentir o motor responder poderosamente ao acelerador. A aviadora sentiu que o Arado decolara.

Debaixo dele, um mar de fogo. Em frente e por cima, nuvens avermelhadas. Hanna Reitsch percebeu quase imediatamente vivos clarões esburacando essas nuvens: as baterias russas alvejavam o aparelho. O piloto feminino, com mão serena e hábil, fê-lo subir e descer, descrever ziguezagues. A orla do mar de fogo apareceu, Hanna Reitsch empurrou a alavanca dos gases. O arado respondeu docilmente, elevando-se. Diante dele estendia-se, enfim, a noite escura.

Às quatro horas da madrugada, Hanna Reitsch avistou, ainda longe pela frente, um lençol de água prateado pela aurora.

— É o lago Mueritz — disse ela a von Greim. — Estamos chegando a Rechlin.

Fez piscar os sinais de reconhecimento. No chão brilharam luzes através da neblina. Hanna Reitsch diminuiu os gases, manobrou para aterrissar.

Foi do abrigo do aeródromo de Rechlin que von Greim telefonou sua primeira ordem de comandante-chefe da Luftwaffe: empregar todos os aviões disponíveis e abrir nas linhas russas uma brecha para o Exército Wenck. Enquanto ele telefonava aquilo, os oficiais em redor olhavam-no sem nada dizer. E von Greim não tardou a compreender, pelas respostas de seus subordinados, que essa primeira ordem seria também a última. Não havia praticamente mais aviões disponíveis. Nem havia mais Exército Wenck.

Wenck executara sua meia volta no Elba e marchara para leste, de acordo com as ordens trazidas por Keitel. Marchara para leste a fim de proteger tanto quanto possível os civis que fugiam diante dos russos. Em Beelitz repelira os

blindados russos de ponta e libertara três mil feridos, que foram assim enviados para o Oeste — para os americanos. Esses homens tinham-no aclamado. Nas proximidades de Potsdam libertou o Exército Reimann (IX), cercado pelos russos, o qual, por sua vez, recuara também para o Oeste. Todos para o Oeste, tal era a idéia de Wenck, sem dúvida uma idéia sensata. Não houve, um momento sequer a intenção de obedecer até ao fim às ordens recebidas, ou seja, tentar “libertar Berlim”, loucura rematada. Realizara a manobra salvadora, também ele batera em retirada para o oeste. Aliás, não poderia ter feito outra coisa. Os russos chegavam poderosos, premiam-no, deslocavam suas forças. E foi assim que, refluindo para o Elba, o Exército Wenck deixara de existir.

Um momento acabrunhado por essas notícias, von Greim refez-se e passou à execução do segundo item da missão: prender Himmler. Este encontrava-se então no Q.G. de Dönitz em Plön, não longe de Lübeck. Alcançar Lübeck em pleno dia, de avião não era empresa fácil. Não se tratava agora de evitar os caças russos, mas os americanos que circulavam sobre o território alemão exatamente como queriam.

— Creio que poderei escapar-lhes se tomarmos um avião mais lento que o Arado — disse Hanna Reitsch ao marechal.

— Como, um avião mais lento?

— Sim. Visto não termos aqui aviões mais rápidos que os caças americanos, precisamos de um que seja bem mais lento e possa virar num espaço reduzido. Voarei baixo, entre as árvores, e se um de seus bólides me avistar, escondo-me, se for necessário pouso, enquanto ele, lançado em sua trajetória, me ultrapassará. Um aparelho lento manobra depressa e num raio menor.

Von Greim rendeu-se à opinião de seu piloto. Havia três dias que Hanna Reitsch lhe vinha dando suficientes motivos para nela confiar. Ambos partiram assim a bordo de um Bücker 181.

A aviadora mantinha-se longe das estradas, das vias férreas, evitava aproximar-se de tudo o que representasse algum interesse para os caças-bombardeiros americanos. Quando avistava uma floresta, um bosque, dirigia-se para lá, raspando pelas árvores. Ainda encontraram alguns rápidos aviões

americanos, mas estes não os notaram.

Em Lübeck deixaram o avião e saltaram para um automóvel. A caminho de Plon! Aí encontraram Dönitz, Jodl, Keitel e Himmler. Este não pareceu muito impressionado quando o marechal lhe comunicou as maldições do Führer. Ele e os demais ouviram com indiferença a ordem de prisão. Von Greim compreendeu a impossibilidade de executar semelhante ordem, ninguém parecia disposto a encarregar-se dela. A única questão de interesse no momento era saber como conseguir que Eisenhower aceitasse negociar. Hanna Reitsch contou haver feito pessoalmente a Himmler violentas acusações, que pareciam deslizar sobre a sua pele de crocodilo.

O marechal e a aviadora ficaram alguns dias em Plon, depois dirigiram-se a Koniggrätz, a Graz e a Zell-am-See a fim de levar as mensagens do Führer a Kesselring, comandante-chefe no sul, e ao general Schorner, cercado na Boêmia com várias divisões. Quando entregaram essas mensagens, elas não tinham mais que um interesse histórico, pois Hitler já estava morto.

Em Zell-am-See, von Greim tornou a encontrar Koller quando a capitulação geral já estava em curso. Koller descreveu o marechal arrastando-se de muletas, completamente desmoralizado e desorientado. Von Greim falava em envergar trajes civis e ir esconder-se nas montanhas. Por fim, aprisionado, envenenou-se no hospital de Salzburg. Koller também foi preso e ficou dois anos e meio em cativeiro. Hanna Reitsch, detida, foi interrogada durante semanas e meses pelos inquiridores aliados, especialmente sobre o que sabia a respeito do fim de Hitler. Suspeitava-se que ela o tivesse ajudado a evadir-se do bunker. Posta por fim em liberdade, foi viver na pequena cidade de Oberursel, perto de Francfort. Publicou o relato de suas aventuras no News Chronicle em 1945.

No instante em que von Greim transmitiu a ordem de Hitler de abrir uma brecha nas linhas russas com a aviação, a bandeira vermelha dos soviéticos flutuava sobre três quartas partes de Berlim. Os pequenos cavalos dos cossacos escalavam os montes de escombros, entre os restos de paredes cobertas de cartazes mostrando a derradeira proclamação de Göbbels: “Todo o alemão deve defender a sua capital. As hordas vermelhas serão detidas”. Todos os habitantes masculinos entre dezessete e setenta anos receberam ordem de se armarem com granadas e carabinas, e combater até à morte atrás

das barricadas. Quantos lutaram e quantos se esconderam, impossível saber. Vinte e sete mil soldados da Wehrmacht depuseram as armas e foram enviados ao cativeiro. Cadáveres de desertores, presos pelos Feldgendarmes e SS, pendiam das árvores e dos postes de iluminação. Os russos atiravam à queima-roupa contra as barricadas; os canhões de 77, 85, 122 e 203 martelavam a cidade, onde a população deixava por momentos os porões e abrigos para ir pilhar o que ainda restava nos armazéns e depósitos arrombados. Nos bairros conquistados, viam-se filas de espera de soldados asiáticos, não diante dos depósitos de víveres, mas à porta dos porões onde mulheres eram violadas. Os mortos desfilavam lentamente pelo Spree e pelos canais.

O único lugar onde os alemães combatiam ainda na periferia de Berlim era Pichelsdorf, junto ao Havel. Aí, rapazes de doze até dezoito anos, membros das Juventudes Hitleristas, defendiam-se com carabinas, metralhadoras e Panzerfausts contra os russos que os atacavam com tanques, canhões e aviões. Pretendia-se manter um acesso à capital para o Exército Wenck. O Exército Wenck deixara de existir, mas esses defensores não o sabiam. Hitler não queria sabê-lo, e as Juventudes Hitleristas deixavam-se matar no local para executar sua ordem. De cinco mil desses rapazes, apenas quinhentos sobreviveram.

Um sol quente brilha através da fumaça. No Tiergarten, outrora um dos mais belos parques do mundo, os incêndios queimam as árvores magníficas, ressecam os rododendros em flor. O ar está envenenado pela putrefação dos cadáveres de animais ferozes vindos com grandes dispêndios de tôdas as partes do mundo, agora mortos de fome ou pelos projéteis.

A batalha de Berlim trava-se em três níveis: no ar, onde alguns pilotos alemães vêm por vezes empenhar-se com os caças russos em combates desesperados, ou tentar lançar víveres e munições aos últimos sitiados; no chão e também no subsolo da cidade, nos subterrâneos do metrô. Aí se desenrolam lutas pavorosas, quase cegas, a tiros de carabina, metralhadora e à facada.

Alguns subterrâneos são campos de batalha, outros, abrigos onde os feridos se amontoam numa promiscuidade e numa desordem indescritíveis, militares e civis à mistura, com, não raro, feridos russos pelo meio. Waffen SS despem-

se, ficam nus e apoderam-se das roupas e papéis de identidade dos civis mortos, para tentar fugir à execução após a batalha, e alguns assim escaparão, pelo menos os últimos recrutados, os que não tiveram tempo de marcar sob a axila a tatuagem indicando seu grupo sanguíneo. Religiosas, mulheres e moças cuidam desses feridos, alemães e russos, conforme podem, em condições pavorosas.

Em 29 de abril, Hitler, inteirado de que os russos estão avançando por um subterrâneo do metrô, que passa sob o Spree, manda inundar o subterrâneo.

— Mas há feridos lá dentro! — objeta-lhe Krebs.

— Pior para eles!

A ordem é executada, uma avalanche líquida sepulta os feridos, ao mesmo tempo que um batalhão de russos.

O círculo de ferro e fogo estreita-se cada vez mais. Há canhões russos instalados à porta de Halle, a mil e quinhentos metros da Chancelaria. Atiradores subiram ao telhado do Hotel Adlon, a trezentos metros do jardim.

Aqui, o templo do nacional-socialismo que deveria testemunhar a glória de Hitler através dos séculos, jaz em escombros entre poças de água e colunas derrubadas. De pé resta apenas um bloco de cimento flanqueado por duas pequenas torres redondas: o abrigo que protege a escada por onde se desce ao bunker.

Bunker da Chancelaria, 29 de abril, meia-noite. — É lícito perguntar se o sistema de ar condicionado do abrigo continua a funcionar normalmente, pois todo o mundo se sente deprimido. Talvez a tensão nervosa seja uma das causas. Há muito tempo que os moradores do abrigo não conhecem mais dia nem noite, dorme-se alguns instantes quando se pode. Não se tem qualquer noção particular do correr do tempo, olha-se para o relógio sem compreender; temos de concentrar-nos e refletir para saber em que dia estamos. Experimentemos, contudo, relatar os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas, respeitando quanto possível a cronologia.

Na noite passada, depois da partida de von Greim e Hanna Reitsch, espalhou-

se a notícia no abrigo de que o casamento do Führer com Eva Braun ia ser celebrado logo. Göbbels já teria mandado chamar Walter Wagner, Gauleiter de Berlim, para desempenhar as funções de oficial do registro civil. Esse Wagner, que ninguém conhecia aqui, apareceu com o uniforme do Partido, trazendo a braçadeira do Volkssturm.

A cerimônia teve lugar na sala dos mapas. Eva Braun usava um vestido de tarde em seda escura, de corpinho sem mangas. Hitler envergava o seu capote cinzento de campanha, e calças também escuras. Göbbels e Bormann eram testemunhas.

As formalidades, obedecendo ao processo do tempo de guerra, foram muito rápidas. Em resposta às perguntas do Gauleiter, os dois noivos declararam, um após outro, ser de pura raça ariana, isentos de qualquer doença hereditária e que desejavam casar-se sem demora. Suas declarações foram registradas e ambos assinaram o livro de registro. Como a recém-casada começasse a escrever Eva B, o Gauleiter deteve-a sorrindo. Ela então riscou o B e assinou: Eva Hitler, em solteira Braun. O Führer assinou em seguida, e depois as testemunhas.

Os recém-casados dirigiram-se então para a galeria das conferências onde os esperavam os generais presentes em Berlim e alguns secretários, aos quais apertaram a mão. Em seguida recolheram-se aos seus aposentos, onde fizeram sozinhos sua refeição nupcial.

Terminada a refeição, o Führer convidou para esses aposentos Bormann, Göbbels e sua esposa, mais suas duas secretárias frau Christian e frau Junge, e ofereceu-lhes champanhe. Essa pequena recepção prolongou-se por duas fartas horas, sendo, entretanto, convidadas algumas outras pessoas. O Führer parecia calmo. Evocaram-se felizes e antigas recordações. Depois, quando Hitler aludiu ao seu próximo fim, o ambiente tornou-se melancólico.

Enquanto os outros continuavam a conversar, o Führer retirou-se para um gabinete contíguo com frau Junge, a quem começou ditando suas últimas vontades. Ditou dois textos diferentes: um testamento político e um testamento pessoal.

Eis, em resumo, a substância dos parágrafos mais importantes do testamento

político: “Eu não desejei a guerra em 1939, ninguém na Alemanha a queria. Ela foi desejada e provocada exclusivamente por políticos internacionais de origem judia ou trabalhando pelos interesses judeus. Estando agora a guerra perdida, quero partilhar a sorte que milhares de outros aceitaram e ficarei em Berlim até constatar que a residência do Führer não pode mais ser defendida. Porém, como não estou disposto a cair nas mãos de um inimigo que deseja divertir as multidões históricas com um novo espetáculo, desertarei da vida voluntariamente. Antes de morrer, expulso do Partido o ex-marechal do Império Hermann Göring e anulo todos os direitos que lhe conferia o decreto de 29 de junho de 1941. Designo em seu lugar o grande-almirante Dönitz como presidente do Reich e chefe supremo das forças armadas. Expulso igualmente do Partido e de todos os cargos e funções que ele possuía o ex-Reichsführer SS e ministro do Interior Heinrich Himmler. A fim de que o povo alemão tenha um governo de homens honrados que continuem a guerra por todos os meios, designo aqui os titulares das dezenove pastas do próximo governo(****). (Segue-se a lista. Entre os nomes conhecidos destacam-se os de Göbbels, Bormann, Seyss-Inquart, marechal Schörner, von Greim e doutor Loy. Alfred Speer é substituído por seu adjunto Saur; Seys-Inquart substitui Ribbentrop). Embora Göbbels e Bormann tenham manifestado desejos de partilhar o meu destino, devem sobreviver para prosseguir a construção do Estado nacional-socialista. Todos os ministros acima nomeados deverão antes de mais nada manter o rigor das leis raciais e resistir inflexivelmente à judiaria internacional, envenenadora de tôdas as nações”.

O testamento pessoal começa por esta declaração: “Embora não tenha acreditado poder, durante os meus anos de luta, aceitar a responsabilidade de contrair um casamento, resolvi hoje, antes de morrer, tomar por esposa a mulher que, depois de muitos anos de fiel amizade, veio por sua própria vontade para esta cidade já quase cercada, partilhar do meu destino. Ela morrerá comigo, segundo seu próprio desejo, na qualidade de esposa. Esta morte compensará tudo o que ambos perdemos no curso da minha vida, totalmente consagrada ao serviço do meu povo”.

Aqui está a substância do resto: Hitler lega seus bens pessoais ao Partido, salvo a coleção de quadros que irá para “sua cidade preferida” Linz, à beira do Danúbio. Indica Martin Bormann como seu executor testamentário, autorizando-o a entregar a seus parentes algumas lembranças pessoais, “ou o

necessário para lhes permitir levarem uma vida pequeno-burguesa”. Enfim, repete que Eva Braun e ele desejam ser incinerados logo após a morte no lugar onde ele cumpriu a maior parte da sua tarefa cotidiana durante os doze anos que consagrou ao serviço do seu povo”.

Os dois testamentos foram datilografados em três exemplares. Depois de assinados por Hitler e por várias testemunhas, entre as quais Göbbels e Bormann, Hitler retirou-se para descansar um pouco.

Bormann expediu ao seu representante em Berchtesgaden um radiograma ordenando, no caso da queda de Berlim, a exterminação dos “traidores de 23 de abril”, isto é, Göring em primeiro lugar,

Göbbels retirou-se também para o seu quarto, onde redigiu seu testamento intitulado: “Anexo ao testamento político do Führer”. Expõe que se vê forçado, pela primeira vez em sua vida, a desobedecer a Hitler. “Neste delírio de traição que cerca o Führer nos dias mais críticos da guerra, é necessário que ele encontre alguém para ficar incondicionalmente a seu lado até à morte. Diz que toma essa decisão de pleno acordo com a esposa e em nome de seus filhos “jovens demais para se exprimirem eles próprios, mas que certamente aceitariam esta decisão sem reservas caso fossem maiores”. Göbbels assinou o texto exprimindo suas verdadeiras vontades às 5,30 h da manhã.

À 8 horas foram convocados os mensageiros encarregados de levar uma cópia do testamento político do Führer a Dönitz e outra ao marechal Schörner. Eram o major Johann Meier, o Standartenführer Wilhelm Zander e Heinz Lorenz, funcionário do Ministério da Propaganda, o mesmo que trouxera a tradução da emissão da BBC anunciando que Himmler tentara entrar em negociações com os aliados.

Lorenz recebeu também uma cópia do testamento de Göbbels para entregar a Dönitz.

Os três homens devem dirigir-se para o Oeste, atravessar o Tiergarten e Charlottenburg, alcançar Pichelsdorf, na extremidade norte do lago de Havel, e daí tentar infiltrar-se pelas linhas russas. A missão é perigosa. No abrigo, muitos duvidam que ela possa ser cumprida.

Bormann guardou em seu poder um exemplar do testamento político, e não deu a conhecer o que tencionava fazer quando chegasse o fim.

Os radiogramas do abrigo eram até aí telefonados para uma torre de D.C.A., que tinha uma antena suspensa por um balão. Ao meio-dia o balão foi destruído. Tôdas as comunicações entre Berlim e o mundo exterior ficaram cortadas.

Apesar destes preparativos macabros, a rotina continuou por uma parte do dia. Às doze horas houve uma conferência para exame da situação. Soube-se apenas, por estafetas, que os russos continuavam avançando por todos os lados em Berlim. Krebs perguntou ao Führer se ele autorizava três dos generais presentes (von Loringhoven, Boldt e Weiss) a deixarem a capital para tentarem juntar-se ao Exército Wenck.

— Concedido — respondeu Hitler.

Os três generais receberam ordem de dizer a Wenck que se apressasse, pois a Chancelaria estava prestes a cair. Na verdade ninguém sabe onde está o XII Exército, nem mesmo se ele existe ainda.

Às 16 horas reuniu-se outra conferência. Von Below pediu por sua vez para ser autorizado a partir.

— Concedido — tornou a responder Hitler. — Apronte-se para partir depois da conferência desta noite. Eu lhe entregarei um pós-escrito ao meu testamento, que o senhor cuidará de fazer chegar a Dönitz.

Instantes depois, Linge entrou com uma folha datilografada que entregou a Hitler. Mais uma notícia dramática: Benito Mussolini está morto. Capturado pelos guerrilheiros italianos quando tentava fugir para a Suíça, o Duce foi executado a tiros de metralhadora pelas costas. Sua amante Clara Petacci, que fugia com ele, também foi executada. Seus cadáveres, depois de arrastados pelas ruas, foram pendurados pelos pés.

Hitler mostrou-se vivamente emocionado e em seguida declarou:

— Não farão a mesma coisa conosco.

Repetiu então a ordem de queimarem seu corpo e o de Eva Braun “de maneira que não restasse deles o menor vestígio”.

Depois mandou matar seu cão alsaciano, Blondi. O professor von Haase, antigo cirurgião do Führer, veio aplicar uma injeção no animal. Dois outros cachorrinhos foram mortos pelo sargento que cuidava deles.

Às 22 horas, terceira conferência. Poucas novidades. O destacamento das Juventudes Hitleristas continua resistindo em Pichelsdorf. Wendlin declarou que, em sua opinião, os russos atingiriam a Chancelaria em 1 de maio.

Von Below partiu após a conferência. O pós-escrito que Hitler lhe entregou consiste numa despedida pessoal às forças militares alemãs. A Marinha é louvada sem reservas, a Luftwaffe desculpada de não ter feito mais a despeito da sua valentia: foi o traidor Göring que não soube manter sua superioridade inicial. Quanto à Wehrmacht, compõe-se de duas espécies: a dos simples soldados que lutaram corajosamente, e nos quais Hitler se felicita por haver confiado sempre, e a dos generais que resistiram aos seus pontos de vista estratégicos, conspiraram contra a sua política e traíram sua pessoa. O propósito das futuras forças armadas deve ser sempre conquistar territórios a leste para o povo alemão.

Decorridos apenas alguns instantes, chega um som de música vindo da copa. Alguém foi ver. Criados e ordenanças tinham posto a funcionar um gramofone, casais dançavam. Convidados a mostrar um pouco mais de decência naquelas circunstâncias, nem sequer responderam e continuaram.

30 de abril — Às 2,30h da manhã ordem do Führer: ele quer despedir-se de todos, ninguém deverá recolher-se antes dessa cerimônia.

Cerca de vinte pessoas, homens e mulheres, foram convocados. Quando estavam reunidos na galeria, Hitler entrou acompanhado de Bormann. Parecia distraído, extremamente cansado, de olhos baços. Percorreu a galeria em silêncio, apertando silenciosamente a mão de todos. Várias mulheres dirigiram-lhe algumas palavras, mas ele nada respondeu ou fê-lo por um murmúrio ininteligível.

Logo que ele deixou a galeria, todos se puseram a falar. A conclusão de todas

as conversas era que o Führer se mataria de um momento para outro.

No começo da manhã, para surpresa geral, ele ordenou uma conferência militar. Os generais leram seus relatórios, que nada continham de novo ou de preciso.

Pelas 13 horas, um pormenor significativo mostrou no entanto aos moradores do abrigo que o Führer não renunciara aos seus intentos e que o desenlace estava próximo: o Sturmbanhnführer Günsche, adjunto SS de Hitler, acabava de ordenar ao oficial encarregado dos transportes que mandasse trazer duzentos litros de gasolina para o jardim da Chancelaria. Só conseguiram encontrar cento e oitenta litros.

O Führer almoçou às 14 horas, na companhia de suas duas secretárias e da cozinheira. Eva Braun ficara em seu quarto. Conversas comuns, Hitler sereno.

Nova cerimônia de despedidas se verificou depois do almoço. Estavam presentes quinze pessoas. Hitler e Eva Braun apertaram-lhes a mão, mais uma vez; em seguida, regressaram aos seus aposentos. Os assistentes foram convidados a retirar-se, salvo Göbbels, Bormann, Krebs, Burdorf e Günsche, que ficaram na galeria. Deviam ser mais ou menos 15,25 h. Arthur Axmann, chefe das Juventudes Hitleristas chegou nessa altura. Os outros fizeram-lhe sinal para ficar em silêncio e esperar com eles. Por cima do bunker o bombardeio continuava incessante.

Subitamente, ressoou um tiro, vindo dos aposentos do Führer. Ninguém se moveu. Todos esperavam um segundo tiro. Nada. Decorreu um momento. Como nada acontecesse, Axmann, seguido de Göbbels, encaminhou-se para a porta do apartamento e abriu-a.

Hitler estava estendido no divã. Dera um tiro na boca, seu sangue manchava o divã.

Eva Braun jazia estendida a seu lado, morta. Não fizera uso do revólver, tendo apenas tomado veneno.

Eram 15,30 h.

Axmann e Göbbels ficaram alguns minutos na saleta, depois saíram.

Linge e dois SS vieram buscar o cadáver do Führer. Enrolaram-no numa colcha, escondendo-lhe a cabeça despedaçada, e levaram-no para fora. Na passagem pela galeria diversas pessoas identificaram as pernas de Hitler, de calças pretas, que ultrapassavam a coberta.

Bormann foi buscar o corpo de Eva Braun e entregou-o a um SS, que também o levou para fora. A morta, intacta, não fora envolvida.

Apesar das precauções tomadas, dois ou três guardas SS viram transportar os dois corpos, que foram colocados lado a lado no jardim, a poucos passos da abertura da escada, e regados de gasolina.

Nesse instante começaram a cair obuses, e os assistentes tiveram de se refugiar debaixo da porta. Günsche embebeu um pedaço de pano em gasolina, tocou-lhe fogo e atirou sobre os corpos que logo ficaram envoltos em chamas. Os assistentes, em posição de sentido, fizeram a saudação hitlerista, e em seguida voltaram ao abrigo.

Hitler estará realmente morto? Ou teria conseguido fugir do bunker, sair de Berlim e finalmente ganhar a Argentina ou qualquer outro país?

A pergunta tem sido repetida, discutida, controvertida em inumeráveis artigos de jornais e revistas e vários livros. Diversos inquéritos foram feitos. Os dois inquéritos oficiais, o de Jukov e o do Intelligence Service (conduzido por Trevor Roger), terminaram em conclusões opostas. Os russos sustentaram por longo tempo que Hitler sobrevivera e estava foragido.

Seus representantes informaram que as testemunhas interrogadas por eles diziam haver jurado a Hitler que se caíssem nas mãos dos inimigos diriam ter visto queimarem seu corpo e o de Eva Braun. “Mas, na realidade — teriam acrescentado essas testemunhas, — nunca vimos os corpos nem fogueira alguma”.

Artur Axmann, que ficou na zona ocidental, confirmou sua versão do fim de

Hitler. Mas disse também haver visto o cadáver de Bormann na Invalidenstrasse, quando duas outras testemunhas declararam tê-lo visto noutro local. Em quem acreditar? Os russos concluíram que Axmann mentira nesse ponto, e que, portanto, nada do seu depoimento era válido.

Sempre segundo os investigadores russos, os destacamentos soviéticos que chegaram ao jardim da Chancelaria a 2 de maio, encontraram os cadáveres meio carbonizados de Göbbels, sua esposa e os corpos enterrados de seus seis filhos, porém nenhum vestígio dos de Hitler e Eva Braun. Por quê? Também nenhum vestígio de cova regada de gasolina no local indicado como o da incineração.

“Hitler fugiu de Berlim — disseram os russos na época. — Conseguimos estabelecer de maneira irrefutável que um pequeno avião deixou o Tiergarten na madrugada de 30 de abril, levando três homens e uma mulher. Os dois pilotos de Hitler, Baur e Beetz, desapareceram. Não foram encontrados entre os americanos nem entre nós.

O inquérito de Trevor Roper é posterior ao dos russos. Só começou em setembro de 1945. Trevor Roper é tão afirmativo quanto seus contraditores.

Sempre que o relatório russo alude a importantes declarações de testemunhas, estas não são nominalmente citadas. Outras testemunhas, que ficaram na zona ocidental, sempre afirmaram haver assistido à incineração dos corpos de Hitler e Eva Braun.

O bombardeio, que continuou após a incineração, pode muito bem ter destruído qualquer vestígio dos corpos de Hitler e Eva Braun. De fato, quando os russos chegaram ao jardim da Chancelaria, este achava-se completamente revolvido e semeado de buracos. Além disso, uma maxila teria sido encontrada no jardim pelos russos e mostrada ao assistente do dentista do Führer, que declarou ser a de Hitler. O dentista e sua esposa desapareceram logo depois. Restos das roupas de Eva Braun e sua esposa desapareceram logo depois. Restos das roupas de Eva Braun também teriam sido encontrados, em dezembro de 1945, durante as buscas levadas a efeito por uma comissão mista russo-ocidental. Os russos apoderaram-se deles, e no dia seguinte proibiram a entrada no jardim aos delegados ocidentais.

A quem me perguntasse se, pessoalmente, havia formado alguma opinião a respeito, eis a minha resposta: “Apesar dos pontos obscuros que a certos respeitos nunca foram dissipados, creio bem que Hitler esteja morto”.

Em primeiro lugar, por motivos psicológicos. Supondo que as testemunhas, doutrinadas, tivessem jurado contar uma fábula em vez da verdade, parece-me impossível que viessem a concordar sobre tantos pormenores, e que seus relatos se adequassem tão bem (excetuadas algumas divergências de hora, explicáveis pelo momento e pela atmosfera do bunker) a tôdas as circunstâncias que precederam a morte de Hitler. Esse final apresenta-se como a conclusão normal e perfeitamente real do drama. Mesmo as imperfeições e as repetições — duas cerimônias de despedida, Hitler mantendo conferências mesmo depois que declarara estar tudo acabado, — têm o seu tom de verdade.

Mas sobretudo, que algumas testemunhas hajam mentido ou se tenham enganado em pormenores, isso parece-me pouco importante ao lado deste fato realmente considerável: Göbbels e sua esposa mataram-se, depois de haverem matado os filhos administrando-lhes injeções.

Os cadáveres dessas oito pessoas foram encontrados e oficialmente identificados. Ora, parece-me psicologicamente evidente que, se Hitler tivesse podido escapar de Berlim levando alguém consigo — “um avião conduzindo três homens e uma mulher”, como disseram os russos, — teria levado Göbbels. Göbbels de preferência a qualquer outro.

Não se concebe que o casal Göbbels pudesse entregar-se à horrível matança de seus seis filhos antes de se exterminar a si próprio, se não soubesse Hitler morto. Magda Göbbels dissera várias vezes diante de testemunhas e escrevera-o: “A vida não valerá a pena de ser vivida no mundo que vier depois de Hitler e do nacional-socialismo”. Hitler fugido, sobrevivendo em alguma parte, sempre subsistiria uma luz de esperança para o futuro, e essa luz impediria ao menos o assassinio das crianças. Para o casal Göbbels a vida não tinha mais sentido, por que a tragédia alcançara seu termo: o suicídio de Hitler.

Por isso relatei os acontecimentos do bunker como se se tratasse de uma realidade e não de uma fábula.

Aliás, o volume XI da Enciclopédia Soviética, aparecido em 1952, contém, no artigo Hitler, a frase seguinte: "Receoso da justa ira do povo, Hitler suicidou-se a 1º de maio de 1945, conforme o indicou o comunicado do alto-comando alemão. A controvérsia parece encerrada".

Quando Göbbels e os que acabavam de saudar os dois cadáveres em chamas voltaram ao abrigo, encontraram quase tôdas as pessoas fumando. Isso nunca se vira. O Führer nunca tolerara à sua volta sequer a suspeita do cheiro de tabaco. Não havia meia hora que estava morto e já todos acendiam cigarros. Era uma espécie de desaforo.

Não houve qualquer cerimônia, discurso algum. "Ninguém mais falou de Hitler depois da sua morte — declarou Frau Junge. — Ninguém". Ninguém mais aludiu aos frascos de veneno generosamente distribuídos, que permitiriam a todos acompanhar fielmente o Führer na morte. Tinha-se a impressão de que uma página fora virada e outra coisa podia começar. Para a maioria dos habitantes do abrigo, o único pensamento era este: "Como sair daqui? Como tentar deixar Berlim?"

Os altos responsáveis deveriam, contudo, aproveitar as consequências do episódio histórico que acabava de verificar-se. O temperamento tortuoso de Bormann ia manifestar-se ainda uma vez. Ele começou por enviar a Dönitz um telegrama ambíguo(*****) : "Grande-Almirante Dönitz, o Führer designou-o como seu sucessor, em lugar do ex-marechal do Império Göring. Os documentos acham-se a caminho para aí. Digne-se tomar imediatamente as medidas que a situação requer. Bormann".

Dönitz dirigiu sem resposta a Hitler, que continuava supondo vivo: faria todo o possível para libertar Berlim, mas se o Destino o constrangesse a governar o Reich, na qualidade de sucessor do Führer, continuaria a guerra "até um final digno da luta heróica e sem precedentes sustentada pelo povo alemão".

Bormann prosseguiu seus desígnios, vamos ver quais, fazendo adotar, na noite de 30 de abril, durante uma conferência que manteve com Göbbels, Krebs e Axmann, uma decisão a priori um tanto surpreendente, partindo dele: a de procurar entrar em negociações com os russos.

Fez-se o contato pelo rádio com o Q.G. soviético, ao qual foi dirigida uma

mensagem: “Concordaria o marechal Jukov em receber um representante do governo alemão?” A resposta foi: sim. A meia-noite Krebs deixou o abrigo, levando uma carta assinada por Göbbels e Bormann. Os signatários informavam o marechal soviético da morte de Hitler e autorizavam o portador a negociar um armistício ou uma trégua. Contudo, a decisão definitiva devia ser retificada pelo almirante Dönitz, sucessor do Führer.

Eis qual era, muito provavelmente, o plano de Bormann: obter um armistício dos russos, voar para o Q.G. do Dönitz, chegar lá como o deu-ex-machina salvador da situação e tornar-se assim de importância capital.

Mas, no dia seguinte às onze horas, Krebs não havia ainda regressado. O belo projeto desvanecia-se. Bormann decidiu enviar a Dönitz um segundo telegrama, ainda não completamente explícito: “Grande- almirante Dönitz, o testamento está em vigor. Irei juntar-me ao senhor quanto antes. Até então, no meu entender, o testamento não deve ser tornado público. Bormann”.

Krebs reapareceu ao meio-dia, trazendo uma resposta desfavorável: os russos exigiam uma rendição incondicional e a entrega de todas as pessoas que se encontravam no abrigo. Göbbels achou então que todo o equívoco devia ser desfeito, e telegrafou ele próprio a Dönitz: “O Führer morreu ontem às 15,30 h. Um testamento datado de 29 de abril designa-o como presidente do Reich”. Seguiam-se os nomes dos principais ministros indicados por Hitler. Göbbels terminava assim: “O Reichsleiter Bormann conta partir hoje para aí, a fim de lhe dar conta da situação. O momento e o modo de anunciar o fato à imprensa e às tropas são deixados à sua escolha. Acusar recebimento. Göbbels”.

Às nove e meia da noite, o locutor da Rádio Hamburgo anunciou que o povo alemão ia ser informado de “uma grave e importante notícia”. Seguiram-se alguns lentos compassos do “Crepúsculo dos Deuses”. Por fim o povo alemão — ou mais simplesmente os ouvintes à escuta nos porões, enquanto as bombas continuavam a cair, — inteiraram-se de que o Führer morrera combatendo até o fim contra o bolchevismo. Às dez horas e vinte minutos, Dönitz repetiu pessoalmente a notícia pelo rádio, e anunciou que sucedia ao Führer, “morto em combate à frente de suas tropas”. Dönitz conhecera a intenção do Führer de se suicidar, e sem dúvida não acreditava que ele houvesse morrido em combate à frente das suas tropas. Mas desejava poupar o moral do povo alemão, bem como o das tropas, visto que a guerra ainda não terminara.

Göbbels, em seu telegrama a Dönitz, mencionara seu nome entre os dos ministros designados, porém não desejava ser ministro. Para ele tudo acabara, sua resolução era inabalável.

Os seis filhos de Göbbels foram envenenados por meio de injeções. A mãe disse-lhes que lhes ia administrar um remédio para os fazer dormir enquanto eram levados para casa, mas parece que a mais velha, Helga, compreendeu e se recusou. Não vale a pena demorarmos-nos neste horror.

Göbbels e a esposa subiram depois lado a lado a escada do bunker sem pronunciar uma palavra. Göbbels matou-se com um tiro de revólver, a esposa quebrou entre os dentes uma ampola de veneno. Os dois corpos foram regados de gasolina e queimados. Como já dissemos, a incineração foi incompleta. Os corpos das crianças foram metidos em caixões e enterrados no jardim.

Eis agora os derradeiros momentos da estranha vida no bunker, no dia 1 de maio à noite. Toda a gente se prepara para tentar a evasão. Estabeleceu-se um plano: a saída realizar-se-ia em grupos sucessivos; primeiro tentariam alcançar, através de porões e subterrâneos, a estação do metropolitano da Wilhelmplatz; daí, marchando por baixo da terra e acompanhando os trilhos, até a estação Friederichstrasse, onde subiriam à superfície; diligenciariam então atravessar o Spree, e em seguida abrir caminho através das linhas russas na direção noroeste. Uma vez chegados aos arredores, os fugitivos “tentariam individualmente alcançar o Q.G. alemão ou um refúgio pessoal”.

Tentarão a fuga não apenas os habitantes do bunker do Führer, mas também os dos abrigos anexos e circundantes. Várias centenas de pessoas foram reunidas no depósito de carvão da Chancelaria a fim de receber as últimas instruções. Os grupos seriam enquadrados e protegidos por militares armados de revólveres, carabinas e metralhadoras.

Em princípio, é Bormann quem dirige as operações. Na realidade, conforme depôs uma testemunha, “não existia mais comando, todos corriam de todos os lados como frangos assustados”.

Às onze horas um primeiro grupo, incluindo a maioria dos habitantes do bunker, saiu. Bormann fez parte do segundo grupo, que deixou a Chancelaria logo depois. Pouco importa a Bormann que o êxodo comece em desordem: ele

tem na algibeira um exemplar dos testamentos do Führer, conta chegar com eles ao Q.G. de Dönitz e lá fazer valer seus direitos. Por fim, chega a vez do quinto grupo. Os últimos habitantes do bunker vão abandonar sua couraça subterrânea, onde tudo se encontra em desordem, com os tapetes cobertos de pontas de cigarros. Os últimos? Não todos. Três homens lá ficarão: dois generais, Krebs e Burgdorf, e o chefe da guarda SS. Esses três decidiram morrer. Minutos depois vão matar-se a tiros de revólver.

Como era fácil prever, mal os grupos saíram dos subterrâneos, apenas alcançaram o braseiro esburacado que era Berlim, dividiram -se, separaram-se em grupos menores. Os fortes e audaciosos não trepidaram em deixar para trás os fracos e as mulheres, a fim de tentarem a aventura com maiores possibilidades.

Podemos ainda seguir um momento os itinerários desses grupos de cinco ou seis homens que progrediam entre os incêndios, contornavam as barragens, caminhando atrás dos tanques alemães que por milagre ainda existiam, lutavam ainda. Depois, essa derradeira solidariedade rompeu-se por sua vez ou então os homens separaram-se voluntariamente, e, cada qual por si, não passam agora de perfis isolados, sombras fugidias um segundo avistadas aqui ou além, mortos deixados pelo caminho, desaparecidos que nunca mais serão vistos.

Um SS vestido de civil atravessa o Spree, esconde-se todo um dia debaixo de um viaduto entre mulheres iugoslavas — Berlim é a própria Babel, — com as quais soldados russos festejam alegremente a queda de Berlim; os russos terminam prendendo-o. Outros ficarão escondidos durante semanas nos porões e nas ruínas, outros ainda conseguirão passar por trabalhadores estrangeiros e alcançar a zona ocidental.

Axmann chegou a essa zona depois de ter estado escondido seis meses nos Alpes Bávaros. Vira Bormann estendido morto numa rua de Berlim, mas o fogo dos russos impedira-o de examinar detidamente esse cadáver que outros disseram ter visto em ponto diferente. O fim de Bormann continua misterioso — um dos exemplares do testamento de Hitler desapareceu com ele.

E os dois outros exemplares? Dönitz nunca recebeu o dele, nem Schörner. Os portadores desapareceram, só foram encontrados mais de seis meses depois do fim da guerra. Ao cabo de uma odisseia movimentada, conseguiram passar

para a zona ocidental como trabalhadores estrangeiros. Dönitz já havia então capitulado, a Alemanha inteira estava ocupada e os três mensageiros entenderam que sua missão perdera o sentido. Um deles, Zander, escondeu os documentos no fundo de uma mala, mandou espalhar entre os amigos o boato de que morrera, arranjou papéis falsos e empreendeu uma nova existência sob o nome de Wilhelm Paustin. O segundo, Johann Meier, enterrou muito simplesmente os papéis no jardim de sua casa particular na Westfalia, e não falou a ninguém de sua missão. Foi o terceiro que falou, Lorenz, o jornalista. Não pôde conter a língua, fez alusões, confidências. Graças à sua indiscrição, os aliados descobriram os documentos históricos.

A 2 de maio, Dönitz transportou seu Q.G. de Plön para Flensburg, na fronteira dinamarquesa. Constituiu seu novo ministério sem se preocupar com as diretivas de Hitler levando consigo Speer cujo discurso foi radiodifundido. Em 3 de maio, o sucessor de Hitler mandou o almirante von Friedeburg apresentar as primeiras ofertas de rendição a Montgomery.

Himmler também transferira seu P.C. para Flensburg, e também ele queria negociar com Montgomery. Cercado de seu estado-maior SS, continuava a julgar-se uma potência. Suas últimas ilusões dissiparam-se quando recebeu uma carta de Dönitz dizendo-lhe que decidira prescindir daí em diante de sua ajuda como Reichsführer SS, e ministro do Interior e da Polícia, e agradecendo-lhe secamente os serviços que prestara ao Reich. Himmler escreveu uma carta a Montgomery e esperou diversos dias pela resposta, que naturalmente não chegou. Foi finalmente dar-se a conhecer a um posto militar britânico onde, após terem hesitado reconhecê-lo, o revistaram e trataram com rudeza.

— Abra a boca — disse-lhe o médico inglês.

Como Himmler não obedecesse, o médico estendeu a mão. O ex-grande chefe da Gestapo apertou então as maxilas e quebrou a ampola de veneno colocada atrás dos dentes. Morreu em poucos segundos.

As negociações de rendição levaram vários dias. As forças alemãs da Itália foram as primeiras a capitular em 2 de maio. A 4 Montgomery aceitou a rendição das tropas da Holanda, Alemanha do Norte e Dinamarca. Outros Grupos de Exércitos renderam-se no dia seguinte.

Eisenhower exigia de Dönitz a capitulação geral incondicional resolvida em 1943, por ocasião da conferência de Casablanca pedida por Roosevelt. Dönitz e Jodl tentavam ganhar tempo, a fim de transferirem o maior número de tropas para as linhas anglo-americanas. Eisenhower mandou dizer a Jodl que, se ele não renunciasse imediatamente a qualquer manobra dilatória, fecharia a frente ocidental em todo o seu comprimento e “daria ordem para que mais nenhum refugiado alemão fosse admitido nas linhas aliadas”.

Dönitz deu então a Jodl e a Friedeburg poderes para assinarem a capitulação incondicional de todas as forças militares alemãs. Seus dois representantes dirigiram-se ao Q.G. de Eisenhower, instalado em Reims.

A assinatura teve lugar a 7 de maio de 1945, às 2,41 h, no edifício da Escola Profissional. A convenção de armistício, que devia tornar-se efetiva em 8 de maio às 23,01 h, hora da Europa Central, esclarecia, entre outros dispositivos, que esse ato de rendição incondicional não “prejudicava qualquer instrumento geral de rendição imposto por ou em nome das Nações Unidas e aplicável à Alemanha e às forças armadas alemãs em sua totalidade, e que viesse a substituir esse documento”. Era realmente a capitulação absoluta.

Numerosos militares e marinheiros de alto posto, americanos e britânicos, estiveram reunidos na sala. Eisenhower não se encontrava presente. Jodl e Friedeburg entraram em companhia do general Bedell Smith, chefe de estado-maior de Eisenhower. Os dois alemães assinaram, e em seguida Bedell Smith, em nome do chefe supremo dos exércitos aliados. Assinaram ainda como testemunhas: o general Ivã Susloparov, chefe da missão militar russa na França, e o general Sevez, representante do estado-maior francês.

Em alguns minutos, todos os documentos e anexos foram rubricados. Jodl pronunciou então uma breve alocução: esperava que seu país, que ganhara mais e perdera mais que qualquer outra nação durante essa guerra, fosse tratado com generosidade; o povo alemão e os exércitos alemães entregavam-se aos vencedores para o melhor e para o pior.

Vieram dizer-lhe que o chefe supremo aliado desejava vê-lo em seu gabinete. Jodl dirigiu-se para lá. Eisenhower mandou-lhe perguntar pelo intérprete se havia compreendido (realized) plenamente as cláusulas do documento que acabava de assinar. Jodl respondeu:

— Já.

Eisenhower disse ainda algumas palavras ao intérprete, que traduziu: Jodl era pessoalmente responsável pela execução de todas as cláusulas, incluídas as relativas à capitulação perante o governo soviético.

— É tudo o que tinha a dizer-lhe.

Jodl saudou e retirou-se. Dessa vez tudo estava realmente acabado.

Pelo menos talvez Eisenhower assim o imaginasse nesse minuto. Mas o rio da História nunca para de correr, e seu curso é caprichoso.

* Propriedade de campo de Göring.

** Esta lei fora promulgada justamente para o caso em que Hitler se visse impedido de fazer alguma coisa.

*** “Santo Deus, estamos numa casa de loucos!”, anotou Koller em seu diário a propósito dessa conversa. — “A gente acaba por duvidar das suas idéias mais sensatas.”

**** A notícia era verdadeira. Himmler resolvera, enfim, dar o salto, mas o alto comando aliado não aceitou entrar em negociações com ele.

***** Hitler usurpava assim os poderes de seu sucessor, mas essa era apenas mais uma irregularidade.

***** Por que via, nunca pude sabê-lo. O balão que sustentava a antena de rádio fora abatido no dia 29 pela manhã. Talvez conseguissem tê-lo substituído. De qualquer modo, foi encontrado outro meio de omissão, pois o telegrama chegou ao seu destino, bem como a resposta. Parece, segundo certas testemunhas, que as comunicações só foram interrompidas durante o dia 29.

